TÁSSIA BEATRIZ TAVARES DA SILVA

N. USP 7636541

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

DEPARTAMENTO DE DIREITO PENAL, MEDICINA FORENSE E CRIMINOLOGIA

Por um sistema penal dialógico: as contribuições de David Bohm para uma nova forma de pensar as situações problemáticas e a punição

Orientadores: Professor Sênior Alvino Augusto de Sá (*in memoriam*) e Professor Titular Sérgio Salomão Shecaira

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE DIREITO
SÃO PAULO
2020

TÁSSIA BEATRIZ TAVARES DA SILVA
N. USP 7636541

Por um sistema penal dialógico: as contribuições de David Bohm para uma nova forma de pensar as situações problemáticas e a punição

Dissertação de Mestrado apresentada à banca examinadora do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, vinculado ao Departamento de Direito Penal, Medicina Forense e Criminologia, sob orientação do Professor Sênior Alvino Augusto de Sá (*in memoriam)* e Professor Titular Sérgio Salomão Shecaira.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE DIREITO
SÃO PAULO
2020

Catalogação da Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo

Silva, Tássia Beatriz Tavares da
Por um sistema penal dialógico: as contribuições de David Bohm para uma nova forma de pensar as situações problemáticas e a punição ; Tássia Beatriz Tavares da Silva ; orientador Sérgio Salomão Shecaira -- São Paulo, 2020.
216
Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Direito Penal, Medicina Forense e Criminologia) - Faculdade de Direito, Universidade de São Paulo, 2020.

1. Criminologia. 2. Diálogo. 3. David Bohm. 4. Criminologia Clínica de Terceira Geração. 5. GDUCC. I. Shecaira, Sérgio Salomão, orient. II. Título.

Nome: SILVA, Tássia Beatriz Tavares da

Título: Por um sistema penal dialógico: as contribuições de David Bohm para uma nova forma de pensar as situações problemáticas e a punição

Dissertação apresentada à Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Direito.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Ao Professor Alvino, na certeza de que meu amor, gratidão e saudades chegam aos céus, onde certamente está, na presença de Maria Santíssima.

Ao Bruno, que com a alegria de sua presença vai costurando a minha rotina.

PHGD

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus e à Maria Santíssima, a quem confio diariamente minha vida e meus sonhos, e que me conduzem pelo melhor caminho. Juntamente, agradeço aos meus santos amigos, Santo Antônio, Santa Terezinha e Santo Inácio de Loyola, ao meu anjo da guarda e a São Miguel Arcanjo, por intercederem por mim a todo momento. Sem a luz da fé minha trajetória simplesmente não faria sentido.

Ao querido professor Alvino, que com sua alegria, simplicidade e fé deixou, além de um legado intelectual de valor inestimável, um exemplo de vida e de família que levarei para sempre em meu coração. Professor, ainda não acredito que o senhor não lerá meu texto pronto.

Ao professor Sérgio Salomão Shecaira, que com tamanha generosidade acolheu não só a mim, mas a todos os orientandos órfãos do professor Alvino, e, com seu enorme conhecimento e sabedoria, conduziu-nos na conclusão de nossos trabalhos.

Às brilhantes professoras Ana Gabriela Braga e Lídia dos Reis Amaral Prado, que tanto contribuíram para o trabalho na leitura atenta e generosa que fizeram durante a minha banca de qualificação.

Ao GDUCC, a todas as pessoas que passaram pelo grupo nos anos em que o vivi de forma intensa. O grupo foi, para mim, um oásis na faculdade de direito. Cada participante do grupo, acadêmico ou preso, me fez enxergar partes em mim que antes desconhecia, me ajudou a desvendar um mundo novo e deu um sentido muito mais humano aos meus estudos. A crença que o diálogo pode sim ser um caminho me motiva a continuar estudando e trabalhando por uma sociedade mais livre e justa, no sentido mais profundo.

Em especial, a cada coordenador adjunto do GDUCC com quem pude dividir experiências, medos, angústias, dúvidas, alegrias, significados, *insights*, entusiasmo e crença no trabalho realizado. Vocês foram uma das mais férteis fontes de inspiração para essa dissertação. Seremos sempre a TRUPE do professor Alvino.

Ao Instituto Brasileiro de Ciências Criminais (IBCCrim), notadamente aos amigos da coordenação do Laboratório de Ciências Criminais, especialmente na pessoa da Natália,

com quem tanto aprendi, não apenas sobre Criminologia, mas, principalmente, sobre trabalho em grupo, doação e companheirismo, durante o meu primeiro ano de mestrado.

Ao meu tio Fernando, tia Luciane e Letícia, que foram minha família em São Paulo quando eu, recém-formada e sem um real no bolso, decidi que iria continuar 'só estudando' por mais algum tempo. Sem a acolhida generosa de vocês, certamente eu não teria chegado até aqui. Minha gratidão será eterna.

Aos meus queridos amigos do Ministério Público, com quem tenho a grande sorte de dividir minha rotina. Apesar dos dramas diários, normais à condição humana, com vocês tudo é conduzido com muito bom humor. Vocês tornam meus dias mais leves e me ajudaram nesta trajetória muito mais do que imaginam.

Aos meus amigos de Facvldade, com quem tive a sorte de dividir minha graduação e com quem sigo dividindo minha vida. Vocês são ombro amigo, palavra acolhedora e muita inspiração para mim. Eu nem acredito que tive a sorte de conhecer tantas pessoas boas em uma turma.

Aos meus amados amigos de São João da Boa Vista, minha cidade natal, sempre tão motivadores e pacientes comigo, apesar de minhas ausências durante os estudos. Estar com vocês é como estar em casa.

À Silvia, que com seu profissionalismo, conhecimento e humanidade tanto me ajudou nesta caminhada.

Ao Bruno, o melhor companheiro de aventuras que a vida poderia ter colocado em meu caminho. Obrigada por tanto incentivo, conversas, críticas, revisões, indicações de bibliografia e, principalmente, tanto companheirismo e generosidade. Não consigo imaginar essa trajetória sem o seu apoio.

À minha nova família, especialmente minha sogra Rosely, por serem sempre tão amáveis e acolhedores comigo.

Aos meus pais, por serem, desde sempre e todos os dias, meus maiores exemplos de força, perseverança, lealdade, honestidade e fé. Vocês, juntos, cada um a seu modo, me ajudaram e me ajudam, a cada dia, a buscar o meu melhor, a me esforçar por meus sonhos e

a acreditar que sempre sou capaz de alcançar qualquer objetivo, com muita determinação, trabalho sério e fé em Deus.

Aos meus irmãos, Thadeu e Filipe, e à Gabi, o amor fraternal que nos une é e sempre foi mola propulsora dos meus sonhos. Às vezes acho que torço mais pela felicidade de vocês do que pela minha, mas, como sei que esse sentimento é recíproco, sigo assim, com o coração certo de que nada nunca nos separará. Obrigada por, em mais essa trajetória, terem se mostrado felizes e orgulhosos por minhas conquistas.

À minha avó Dirce, por ter sido, desde que eu era muito nova, um exemplo sem igual de vigor e alegria, sempre me incentivando a estudar e ser independente.

À minha família, pelo legado na luta pelo direito e pela justiça.

“O que quero fazer é entender. Quero ter um diálogo com pessoas diferentes para descobrir, para compartilhar o que estão pensando, para participar. Sinto que o pensamento humano tende a focar demasiadamente e limitar cada um a um pequeno espaço. É importante ser capaz de se comunicar e dialogar, ouvir cada um e todos. Ao ouvir e compartilhar visões, talvez possamos ir além delas.” (David Bohm, 1996)

“Portanto, não são os títulos outorgados pela Academia e demais instituições que me garantem a continuidade da vida. O título que me garante a continuidade da vida é o de conversador da Praça da Sé. Aliás, nem se trata de título, mas de um modo de ser, de agir, de viver. A vida não necessita de títulos. Às vezes, os títulos podem até colocá-la em risco.” (Alvino Augusto de Sá, 2013)

RESUMO

SILVA, Tássia Beatriz Tavares da. *Por um sistema penal dialógico: as contribuições de David Bohm para uma nova forma de pensar as situações problemáticas e a punição*. 2020. 216 f. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Direito, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

A presente pesquisa analisará a obra do físico teórico David Bohm com a finalidade de encontrar as relações e possíveis contribuições para a Criminologia Clínica de Terceira Geração. Para isso, num primeiro momento buscar-se-á compreender as bases da teoria da ordem implicada, do referido autor. Posteriormente, investigar-se-á de que maneira tal teoria é aplicada aos fenômenos sociais, culminando no estudo do diálogo em David Bohm. Após, analisar-se-á se a criminologia pode ser entendida como uma questão social paradoxal, no sentido bohminiano. Os estudos da Criminologia Clínica de Terceira Geração serão, neste ponto, aprofundados, demonstrando-se a compatibilidade entre as teorias de David Bohm e de Alvino Augusto de Sá. A pesquisa passará à investigação do diálogo desenvolvido por Alvino Augusto de Sá, como principal método para seu modelo de reintegração social. Por fim, o Grupo de Diálogo Universidade-Cárcere-Comunidade será analisado a partir da teoria de David Bohm, buscando-se paralelos entre os conhecimentos, bem como possíveis contribuições do físico teórico à criminologia.

Palavras-chave: Criminologia. Diálogo. David Bohm. Criminologia Clínica de Terceira Geração. GDUCC.

ABSTRACT

SILVA, Tássia Beatriz Tavares da. *For a dialogical criminal system*: *David Bohm's contributions to a new way of thinking problematic situations and punishment*. 2020. 216 p. Thesis (Master's degree). Faculty of Law, University of São Paulo, São Paulo, 2020.

This paper aims to analyze theoretical physicist David Bohm's theory, seeking its relation and possible contributions to Clinical Criminology of Third Generation. In order to accomplish it, Bohm's theory on the *implicated order* will be investigated, as well as its relations to social phenomena and to the study of dialogue. Subsequently, it will be analyzed whether criminology might be understood as a paradoxical social question. Clinical Criminology of Third Generation's studies will be deepened to the point of establishing links between such theory and David Bohm's thoughts. *Dialogue* appears, in this context, as a thread, since it is both the essence of Bohm's system of thought, and Alvino Augusto de Sá's foundation for his model of social reintegration. Finally, GDUCC (Group of Dialogue University-Prison-Community) will be analyzed in light of Bohm's theory, seeking parallels between Bohm's and Sá's dialogical groups, as well as possible Bohm's contributions to criminology.

Keywords: Criminology. Dialogue. David Bohm. Clinical Criminology of Third Generation. GDUCC.

Sumário

I. INTRODUÇÃO 14

PARTE I

FÍSICA E DIÁLOGO

1. EM BUSCA DA TOTALIDADE 25

1.1. Palavras iniciais 25

1.2. A realidade fragmentada 28

1.2.1. A importância da linguagem 34

1.2.2. Questões epistemológicas: as teorias e a *"realidade como um todo"* 36

1.2.3. Os atos de percepção 44

1.2.4. Fragmentação na física 50

1.3. As noções de ordem 55

1.3.1. A busca pela *totalidade*: a ordem implicada 58

1.3.1.1. O holomovimento 65

2. O DIÁLOGO EM DAVID BOHM 70

2.1. Diálogo como estabelecimento da ordem 70

2.1.1. As questões do pensamento 79

2.1.1.1. Problema e paradoxo 89

2.1.1.2. A suspensão dos pressupostos 94

2.1.2. Os grupos de diálogo 103

2.2. BUBER e o diálogo como sentido de vida 108

2.3. Abordagens dialógicas na educação 112

PARTE II

CRIMINOLOGIA E DIÁLOGO

3. O DIÁLOGO EM DAVID BOHM: UMA POSSÍVEL CATEGORIZAÇÃO ÚTIL À CRIMINOLOGIA 118

4. POR UMA CRIMINOLOGIA DIALÓGICA 122

4.1. A criminalidade enquanto uma questão social complexa e paradoxal 123

4.2. A Criminologia Clínica de Inclusão Social e o diálogo na Criminologia 129

4.2.1. Do etiquetamento ao ator situado e as inter-relações sociais 140

4.2.1.1. Ator situado 149

4.2.1.2. Ator situado e desenvolvimento moral 152

5. A EXPERIÊNCIA DO GDUCC 157

5.1. Narrativa de um encontro qualquer 160

5.2. Análise do GDUCC a partir das categorias elaboradas 162

III. CONCLUSÃO 199

IV. Referências Bibliográficas 207

I. INTRODUÇÃO

A criminologia passa por um processo de afirmação de seus pressupostos e marcos enquanto ciência, assim como já aconteceu em relação a muitas outras áreas do conhecimento. Nesse processo de afirmação de categoria científica, muitas vezes a opção pela *fragmentariedade* faz com que soluções com enfoques unilaterais ganhem força e sobressaiam como as únicas possíveis. Esse movimento não parece estranho quando olhamos para a palavra *ciência*, oriunda da raiz latina *scientia*, que significa *cortar*. Todavia, apesar de a ideia de ciência remeter, etimologicamente, a um conhecimento dividido, seu objetivo central, de acordo com o pensamento de DAVID BOHM, deve ser encontrar as partes certas para ver o todo.

A partir das bases da teoria sobre a realidade, a ciência e o diálogo desenvolvida pelo físico teórico DAVID BOHM, buscar-se-á a possibilidade de um olhar *novo* e *total*, que poderá possibilitar caminhos e saídas *impensáveis*. *"O pensamento pode mudar e ampliar seu entendimento sobre o mundo*"[1], diz BOHM, firme na convicção de que a realidade é uma totalidade indivisível na qual todas as partes estão entrelaçadas. Neste trabalho, procurar-se-á, na linha traçada pelo autor, caminhar em direção a formas sempre mais abrangentes de encarar a realidade.

Pode-se, então, iniciar os questionamentos perguntando: *o que é olhar para um fenômeno social de forma total?* Na busca de responder a tal pergunta, tratar-se-á, no presente texto, da possibilidade de crescente tomada de consciência através do diálogo. E, voltando o olhar à criminologia, indagar-se-á como esta ciência pode incorporar tal abordagem ao lidar com os paradoxos sociais com os quais está envolvida.

Inicialmente, deve ser dito, a escolha de um autor que desenvolve, dentro da física teórica, uma teoria filosófica, que tem como objetivo único e final o conhecimento da verdade, levará a percorrer campos não convencionais para os trabalhos desenvolvidos na criminologia atualmente. Talvez existam questionamentos sobre até que ponto a filosofia e suas abstrações podem, de fato, contribuir para uma realidade social tão cruenta e desumana como aquela que se vive nos cárceres brasileiros. De todo modo, não há dúvida de que existem modos diferentes de se encarar a realidade, e BOHM ensina que uma dessas formas

---

[1] OLIVEIRA, Cínthia Roso. *A importância da percepção total para David Bohm*. Disponível em <http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/semanadefilosofia/XI/4.pdf>, p. 5.

é abrir mão dos posicionamentos imutáveis e caminhar rumo a uma criatividade que pode ser realmente inovadora. Tentar-se-á traçar tal caminho.

Na *primeira parte* da pesquisa, dois pontos principais serão tratados: a noção de realidade e as relações entre física e diálogo, com base na obra de DAVID BOHM. De acordo com BOHM, o diálogo é um processo multifacetado que leva ao questionamento profundo de pontos de vista em relação à cultura, aos significados e à identidade[2]. É possível, portanto, através do diálogo, questionar a ordem imposta nos diferentes âmbitos da vida humana em sociedade e investigar a perspectiva de uma humanidade mais digna, já que sua atividade pode ser entendida como a de ver as coisas tão sem preconceito e tão claramente quanto possível.

Já de início, é importante ter em mente que o autor, em sua teoria sobre a *totalidade e a ordem implicada*, desenvolve um conceito de física teórica e filosofia no qual propõe uma nova visão de mundo e uma nova maneira de se relacionar com as grandes questões da humanidade, conceito este que desafia, e muito, o costumeiro caminho apresentado para a superação dos conflitos sociais. Os problemas costumam ser resolvidos a partir do pensamento e da racionalidade, mas, segundo o autor, é exatamente aí que eles são criados, pois se fragmenta a realidade de acordo com crenças e percepções pessoais. Por isso, é necessário entender qual o processo de criação das situações problemáticas, a maneira como são encaradas e como são narradas, e, então, novos caminhos poderão ser abertos, trajetórias que não repitam, de forma viciada e pouco refletida, aquilo que mais se deseja superar.

A obra de DAVID BOHM provoca a reflexão sobre como os conceitos a respeito da realidade têm sido construídos, tanto no senso comum, quanto na ciência, e sobre como se pode caminhar por trilhos diferentes, alcançando uma *terceira via*. Segundo o autor, é a partir de uma abertura ao outro, ao diferente, àquilo que mais tira o ser humano de sua segurança e o leva a lugares que o deixam pouco amparado, que se poderá agir criativamente. E é, então, a partir dos *insights* criativos que as situações problemáticas poderão ser superadas. Por outro lado, se não houver abertura à criatividade, os mesmos erros continuarão sendo repetidos.

---

[2] BOHM, David. *Diálogo: comunicação e redes de convivência.* São Paulo: Palas Athena, 2005.

No presente trabalho, a teoria de BOHM se coloca frente a frente com a maneira como a humanidade está acostumada a enfrentar seus problemas e apresenta uma forma desafiadora de encarar a realidade, a partir da abertura para o diálogo. A ideia de visão total poderá levar a uma nova maneira de enxergar questões criminológicas e conduzir a uma crítica à forma como usualmente se tenta resolver os problemas nos contextos sociais mais problemáticos e preocupantes.

Na *segunda parte* da pesquisa, a teoria de BOHM será apresentada em forma de categorias, de maneira a torná-la mais concreta e palpável para os passos seguintes da pesquisa. Buscar-se-á, então, a identificação, a partir da Criminologia Clínica de Terceira Geração, da possibilidade de um olhar *total* para a criminologia, e, por fim, tratar-se-á dos pontos em que o diálogo desenvolvido no cárcere pelo *Grupo de Diálogo Universidade Cárcere Comunidade* (GDUCC) se aproxima e se afasta dos conceitos apreendidos de BOHM – e, principalmente, sugerir-se-ão possíveis avanços ao grupo a partir da incorporação de alguns postulados teóricos do físico.

Desde logo, é importante ter em mente que o sistema penal, conforme bem sabido, configura o ramo essencialmente punitivo do direito. Na lição de PIRES, a afirmação das normas, sobretudo a partir do séc. XVIII, é concebida de forma hostil e negativa, e o transgressor é encarado como inimigo de todo o grupo[3]. As penas são vistas como a possibilidade de se devolver o mal ao agressor, ao passo que supostamente trariam um benefício, ainda que imaterial, de confiança na norma e estabilização da ordem social. Há a exclusão de qualquer outra medida que não seja a sancionatória. A ofensa, nesta perspectiva, não pode ser reparada por qualquer ação positiva.

Nesse sentido, a unilateralidade do sistema penal, que silencia os sujeitos envolvidos na situação problemática e coloca o estado-juiz na condição de grande detentor do poder de solucionar os conflitos – aquele que pode pacificar o que foi socialmente desorganizado –, mostra o quanto se roubou a complexidade do conflito social, reduzindo tudo a um único momento, uma única escolha, uma imposição vertical, por meio da força, de uma pretensa solução. Esse diagnóstico muito diz sobre a forma como os problemas em sociedade são enfrentados – e, é claro, sobre a sociedade em si.

---

[3] PIRES, Álvaro. *A racionalidade penal moderna, o público e os direitos humanos.* Novos Estudos – CEBRAP. N. 68, março de 2004, p. 39-60.

Há, porém, a possibilidade de outros caminhos serem trilhados. A mudança passa também, como destaca BOHM, pela linguagem. Um importante passo nesse sentido, por exemplo, é a preferência pela expressão *situação problemática*, ou *comportamento socialmente problemático*, em detrimento de *crime* – uma vez que o termo *crime* carrega em si uma série de pressupostos, ao passo que o termo *situação problemática* indica uma abertura à complexidade. O comportamento socialmente problemático pode ser encarado, nas palavras de ALVINO AUGUSTO DE SÁ, como consequência de *"uma forma problemática de inserção do indivíduo – seu autor – no tecido social e na malha das interações sociais. No entanto, atente-se para o fato de que o autor deste comportamento não é o único responsável por ele. Todo o contexto, toda a malha das interações sociais é corresponsável"*[4]. Sendo assim, justifica-se a preferência pela utilização, no título da presente dissertação e em seu desenvolvimento, da expressão *situações problemáticas* e outras equivalentes. Sobre o tema, traz-se ainda a lição de HULSMAN:

> "Chamar um fato de 'crime' significa... se limitar ao estilo punitivo – ao estilo punitivo da linha sócio-estatal, ou seja, um estilo punitivo dominado pelo pensamento jurídico, exercido com uma distância enorme da realidade por uma rígida estrutura burocrática. Chamar um fato de 'crime' significa se fechar de antemão nesta opção infecunda. Para mim não existem nem crimes nem delitos, mas apenas situações problemáticas."[5]

Enriquecendo ainda mais o cenário, PIRES, ao tratar do fenômeno usualmente chamado *crime*, sustenta que este *"é uma realidade construída pelo sistema penal, mas também que é um objeto-incorporado [objet-imbriqué], um objeto-relacional que autoriza, sob certas conduções, sua apreensão sob uma das três formas seguintes"*, e enumera, traçando um panorama das três formas de se encarar o fenômeno delitivo: *"(i) como comportamentos e situações problemáticas; (ii) como processos de definição e de construção da realidade-crime; (iii) como o estudo de uma relação social total, ao integrar a análise de certas formas de comportamento à análise dos tipos de reação social."*[6].

---

[4] SÁ, Alvino Augusto de. *GDUCC: uma estratégia de reintegração que visa à inclusão social.* In: GDUCC – Grupo de Diálogo Universidade-Cárcere-Comunidade: uma experiência de integração entre a sociedade e o cárcere. Coord.: SÁ, Alvino Augusto de, et. al. Brasília: Ministério da Justiça, 2013, p. 30.
[5] HULSMAN, Louk; CELIS, J. B. *Penas perdidas*. Niterói: Luam, 1993, p. 100-101.
[6] PIRES, Alvaro. *La criminologie et ses objets paradoxaux*. In: Revue Déviance et Société, 17(2), p. 129-161, 1993, p. 134.

Quando se abandonam visões simplórias e o crime passa a ser visto em sua complexidade intrínseca, como um comportamento socialmente problemático ou como uma situação problemática, o foco deixa de ser exclusivamente seu autor, e passa a envolver todo o processo de interação do sujeito em sociedade, a forma como a própria comunidade produz e reproduz violências, terror e caos. Só assim, num processo de aceitação da *corresponsabilidade*, é que se passa a ser possível ver que *"no âmago do processo de revisão dessa forma de inserção problemática está a retomada de experiências refletidas e significativas de relações por meio de experiências de diálogo."*[7].

Sendo assim, com um olhar que se pretende tão *total* quanto se é possível alcançar, serão discutidas as possibilidades de construção de um sistema penal integral e dialógico. O diálogo, visto como o grande propulsor de abertura, a partir da lente da transdisciplinaridade, permite, em última análise, buscar em todo conhecimento uma forma de construir algo novo, algo que se afaste da lógica penal imposta: uma lógica da punição, do sofrimento, da separação, da batalha e do silenciamento.

Vê-se que o cárcere impõe condições que se coadunam à lógica penal dominante, que se alinham com a credibilidade dada ao dever de punir do Estado como meio válido para a afirmação das normas. De outro lado, conforme se caminha em direção ao encontro do *outro*, consegue-se enxergar suas atitudes de maneira muito mais sutil e, ao mesmo tempo, complexa. É com esse enfoque que SÁ, baseado em DEBUYST, propõe a análise dos sujeitos enquanto *atores situados.*

Entende-se como *ator situado* – e a conceituação, aqui, se limitará a breves linhas, uma vez que o tema será retomado à frente – o indivíduo levando em consideração não apenas sua personalidade, mas também sua família, grupos sociais a que pertence, empreendedores morais que atuam sobre ele, as leis que regem (ou deveriam reger) a sua conduta e como essas leis são aplicadas, as vítimas e todo o contexto imediato no qual o crime é cometido. Enfim, é preciso considerar o indivíduo, toda a sua complexidade interna e de suas relações. Há nesses cenários corresponsabilidades múltiplas, e a do autor é apenas uma delas[8].

---

[7] SÁ, Alvino Augusto de. *GDUCC: uma estratégia de reintegração que visa à inclusão social, op. cit.*, p. 30.
[8] SÁ, Alvino Augusto. *Criminologia clínica e execução penal – proposta de um modelo de terceira geração.* São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2015, p. 274-284.

Nesse contexto, a partir dos conceitos da Criminologia Clínica de Terceira Geração – uma teoria complexa de conhecimentos interdisciplinares –, é possível erigir um todo estruturado para uma mudança radical de olhar sobre o direito penal e sobre o punir, ressaltando os seus principais pontos e baseando-se neles para, ao jogar luz sobre os conceitos desenvolvidos por DAVID BOHM, investigar as possíveis contribuições do físico teórico para a criminologia.

As situações problemáticas configuram um fenômeno social extremamente complexo, que envolve desde as instituições até os sujeitos individualmente considerados. Questões de grande importância são trazidas pela criminologia contemporânea, como o questionamento das instituições, colocando em xeque a neutralidade das leis, dos agentes de segurança e do próprio judiciário, bem como o olhar para os diversos sujeitos envolvidos nas situações de criminalidade, como o autor do delito, a vítima e toda a comunidade.

O diálogo aparece, neste cenário, como possibilidade de rompimento da ordem estabelecida e criação de um novo paradigma. Nesse sentido, o trabalho propõe uma renovação no olhar para os paradoxos sociais, notadamente aqueles que desembocam no sistema penal, tendo como base uma teoria sobre a realidade e o diálogo desenvolvida a partir da perspectiva acurada de um dos físicos teóricos de maior relevo no século XX. E ao final, a pesquisa teórica deságua em análises concretas de um exemplo real de grupo dialógico atuante em unidades prisionais: o GDUCC, grupo que, ao ser encarado com base nos aportes teóricos trazidos por BOHM, pode ser mais profundamente compreendido e, quem sabe, ainda mais enriquecido.

II. METODOLOGIA

A criminologia clínica, área do saber na qual a presente dissertação se enquadra, baseia-se nos conceitos e conhecimentos da psicologia, psicanálise, psiquiatria, serviço social, e também da sociologia e ciências jurídicas. É, portanto, interdisciplinar.

Mas não para por aí. SÁ ainda propõe que o conhecimento necessário para se bem construir a criminologia clínica também depende de saberes não científicos: não se trata, portanto, apenas de interdisciplinaridade, mas sim de transdisciplinaridade[9], que, segundo o

[9] SÁ, Alvino Augusto de. *Criminologia clínica e execução penal – proposta de um modelo de terceira geração, op. cit.*

autor "*nos dá um referencial teórico mais adequado para abordar a questão da reintegração social dos internos, enfim, para enfrentar a dialética da retomada do diálogo com os mesmos e do resgate das relações, dentro de um paradigma de simetria de papeis e de poderes*"[10]. Isso quer dizer que se busca a transposição das fronteiras das disciplinas, uma renovação do pensamento, do espírito, da ciência e da cultura.

A transdisciplinaridade pode ser entendida como uma proposta científica em que os fenômenos são encarados de forma global. Trata-se de um agir consciente e disciplinado, desenvolvido numa relação intersubjetiva entre as pessoas e dialética entre os indivíduos e o mundo em que vivem, abrindo-se, essencialmente, a novos questionamentos, e, consequentemente, a novas descobertas[11]. Segundo PRADO, o saber transdisciplinar "*caracteriza-se por ser obtido a partir da predisposição para um encontro entre diferentes pontos de vista (diferentes consciências), o que pode levar, criativamente, à transformação da realidade*"[12].

Essa forma de fazer ciência vai além da interdisciplinaridade, pois supera a interdependência de conhecimentos, supondo uma revisão dos próprios valores do pesquisador, não no sentido de negá-los, mas de assumir seus limites e, a partir de outras histórias e subjetividades, repensá-los, colocando par a par posições contrárias, sem a pressão de reduzi-las a uma síntese [13]. A propósito, SÁ:

> "eu interpretaria a transdisciplinaridade, dizendo que o encontro que a mesma promove entre as pessoas não é somente ao nível de conhecimentos, baseado numa facilitação de atitude, mas é um encontro de compreensão mútua, ao nível de valores, de ética e de cultura. Neste sentido, também aqui haveria uma real transformação emancipatória, porém não só no sentido do indivíduo se emancipar do apego a seus conceitos e conhecimentos, mas também (e isto é mais difícil) de se emancipar de seu apego defensivo à sua história, à sua subjetividade, a seus valores, à sua ética e à sua cultura."[14]

---

[10] SÁ, Alvino Augusto. *Transdisciplinaridade e responsabilidade da academia na questão penitenciária*. Revista Transdisciplinar de Ciências Penitenciárias, 2(1):15-32, Jan-Dez/2003, p. 19.
[11] Idem. Ibidem, p. 20-21.
[12] PRADO, Lídia Reis de Almeida. *O juiz e a emoção: aspectos da lógica da decisão judicial.* Campinas: Millennium Editora, 2003, 2ª ed, p. 3.
[13] SÁ, Alvino Augusto. *Transdisciplinaridade e responsabilidade da academia na questão penitenciária*, op. cit., p. 22-23.
[14] Idem. Ibidem, p. 23.

É fundamental, desde o início da pesquisa, que se busque entender como ela será construída, quais seus objetivos e limitações. Nesse sentido, entender a metodologia é uma maneira de tornar esses aspectos mais claros. Ao tratar do método de pesquisa a ser utilizado no presente trabalho, é importante discutir as diferenças das pesquisas desenvolvidas na conhecida ciência moderna, que, segundo alguns autores, durou até meados do séc. XX, e a ciência que parece vir surgindo desde então.

A primeira é aquela ciência que objetiva a criação de um conhecimento a partir de uma busca racional e lógica por respostas e saberes. O empirismo é, portanto, a ferramenta metodológica mais utilizada[15]. O que se pretendia na modernidade era retirar aquilo que havia de subjetivo na pesquisa, pois a intenção era construir um conhecimento com pureza metodológica, para que os resultados fossem confiáveis, para que se alcançasse a verdade e, por isso, não se vislumbravam outros caminhos, outros modos de se fazer ciência[16].

Mas tal pensamento, de acordo com lição clássica de WEBER, relaciona-se com aquilo que chama de "*desencantamento do mundo*"[17]: "*o desencantamento fez-nos mergulhar em um mundo previsível, sem mitos ou folclores, sem um sol que é também um deus, sem animais sagrados ou florestas almadas*"[18]. A modernidade, tão ligada a um mundo *desencantado*, levou a ciência a identificar-se, com ênfase excessiva, na fragmentariedade e nos conhecimentos recortados. As tragédias de tal forma de encarar a vida se fizeram valer.

RODRIGUES intitula o pesquisador transdisciplinar como um *resgatador de esperança*, porque "*propõe a ressurreição do sujeito que resiste, apesar de tudo, a qualquer tipo de dogma, de atitudes ideologizadas, para construir os projetos do futuro. Trata-se de uma atitude e de uma visão cujo sentido consiste em superar-se, ultrapassar os limites do próprio sentido*"[19]. É com essa perspectiva de busca de um novo olhar sobre o que é ciência e um modo alternativo de fazê-la que, a partir da segunda metade do séc. XX, há o início da afirmação das raízes da ciência pós-moderna, com os métodos qualitativos. Caminha-se para

---

[15] PENNA, Eloisa M. D. *O Paradigma Junguiano no Contexto da Metodologia Qualitativa de Pesquisa*. São Paulo: Psicologia USP, 2004, p. 73.
[16] BRACCO, Bruno Amabile. *Carl Jung e o Direito Penal*. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2013, p. 5-6.
[17] A conhecida formulação weberiana sobre o desencantamento do mundo pode ser encontrada em: WEBER, Max. *Ciência e Política – Duas Vocações*. São Paulo: Cultrix, 2004. Em síntese, Weber faz referência a uma forma de vida ocidental que excluiu de seu âmbito valores, mágicos, divinos ou metafísicos, levando o ser humano a guiar-se integralmente pela ciência e pela técnica.
[18] BRACCO, Bruno Amabile. *Carl Jung e o Direito Penal*, op. cit., p. 24.
[19] RODRIGUES, Maria Lúcia. *Caminhos da transdisciplinaridade – fugindo a injunções lineares*. Disponível em: <http://www.nemesscomplex.com.br/conteudos?id=22/caminhos_da_transdisciplinaridade_-_fugindo_a_injuncoes_lineares> Acesso em: 19.12.2019.

uma nova racionalidade, diferenciada por sua busca, que não é mais a da verdade absoluta e a construção de um conhecimento inabalável. Assim, os pressupostos básicos da ciência moderna são colocados em xeque.

Em realidade, a origem de tal pensamento crítico em relação a um cientificismo fragmentário é mais remota e está ancorada no séc. XVIII, na filosofia kantiana. Há, assim, um questionamento das bases do conhecimento científico, a busca por uma "*desdogmatização da ciência*". As principais características desse movimento, segundo PENNA, são: *"pluralidade de pontos de vista, diversidades de epistemologias e métodos, aceitação de paradoxos e contradições, inevitabilidade de imprecisão e incerteza, ênfase na relatividade dos parâmetros e na polivalência de significados, concepção de verdade transitória e relativa, valorização do auto-conhecimento e, por conseguinte, da subjetividade na aquisição e na produção do conhecimento e integração da individualidade na coletividade"*[20].

Uma das novidades trazidas pela pesquisa qualitativa é que ela enfatiza as experiências significativas do pesquisador, a sua relação íntima com aquilo que é estudado. Busca-se quebrar, portanto, o distanciamento entre aquilo que se estuda e aquele que estuda, para que os dois componentes da pesquisa, o "o quê" e o "quem", construam juntos os saberes. Assim, PENNA esclarece:

> "A pesquisa qualitativa caracteriza-se como uma abordagem interpretativa e compreensiva dos fenômenos, buscando seus significados e finalidades. Essa metodologia baseia-se numa perspectiva epistemológica em que o conhecimento resulta de processos dinâmicos que fluem dialeticamente. (...) Do ponto de vista metodológico, os fenômenos são considerados em função do contexto em que são investigados; tanto a objetividade quanto a subjetividade são considerados, sendo que a intersubjetividade se configura como a melhor posição possível do pesquisador diante do conhecimento e de seu objeto de investigação."[21]

Neste ponto, importante destacar a participação desta pesquisadora no grupo de diálogo abordado na pesquisa. No ano de 2012, como aluna da Faculdade de Direito da

---

[20] PENNA, Eloisa M. D. *O Paradigma Junguiano no Contexto da Metodologia Qualitativa de Pesquisa*, op. cit., p. 74.
[21] Idem. Ibidem, p. 80.

Universidade de São Paulo, participou, pela primeira vez, do GDUCC. Depois, em 2015, retornou ao grupo como coordenadora adjunta, posição na qual se manteve durante cinco semestres, participando ativamente de todas as atividades do grupo, as quais serão descritas em momento oportuno. A partir do segundo semestre de 2017, apesar de não participar ativamente das atividades do grupo, manteve forte contato, participando de reuniões, encontros e seminários, preservando, sempre latente, o desejo de retornar ao grupo de maneira mais ativa. Evidente, portanto, que muitas questões abordadas sobre o grupo serão trazidas a partir de um conhecimento pessoal e vivencial, mas, sempre que possível, devidamente fundamentadas em livros e artigos publicados.

Por fim, o levantamento bibliográfico levou em consideração as principais obras do autor a ser estudado, mas também algumas obras correlatas, que dialogam com o tema e a proposta apresentada. Ao tratar dos temas do sistema penal, como as principais correntes de criminologia clínica, os conceitos de ator situado ou situação problemática, as experiências concretas do GDUCC, entre outros pontos, foram buscados, em primeiro lugar, os principais autores que desenvolvem tais ideias e, secundariamente, autores que discutem e problematizam as teorias apresentadas.

PARTE I

FÍSICA E DIÁLOGO

1. EM BUSCA DA TOTALIDADE

1.1. Palavras iniciais

Inicialmente, importante ter em mente que a presente dissertação se propõe a analisar a teoria de um físico teórico – algo sabidamente pouco usual no campo das ciências jurídicas. É indispensável, portanto, antes de tudo, entender quais as bases científicas em que se fincou BOHM para desenvolver sua teoria sobre a realidade e, como consequência, suas ideias a respeito do diálogo.

Sobre o autor, DAVID BOHM[22] nasceu em dezembro de 1917, nos Estados Unidos, filho de pais judeus imigrantes da Europa. Se graduou em 1939 pela Universidade da Califórnia e continuou por lá seus estudos de pós-graduação no Instituto de Tecnologia, sendo discípulo de Robert Oppenheimer, da escola de física teórica. Em 1939, quando a guerra começou, havia um ambiente político muito intenso, tendo o autor ingressado no partido comunista em 1942, no qual permaneceu por 9 meses.

Durante a guerra, o serviço secreto acreditou que havia uma célula comunista no Laboratório de Radiação de Berkeley, onde Bohm trabalhava. Em 1950, foi citado para dar informações ao Comitê de Atividades Antiamericanas sobre o que havia ocorrido durante a guerra. Por ter se utilizado do seu direito de ficar calado, foi acusado de desacato ao tribunal e ficou preso por 40 dias. No ano seguinte, viajou para o Brasil, exilado. Aqui, lecionou e pesquisou no Instituto de Física da Universidade de São Paulo. Após o período que passou no Brasil, foi para Israel, depois para a Grã-Bretanha e, por fim, Londres, onde viveu até sua aposentadoria, lecionando e pesquisando na Universidade de Londres.

Ao longo de todo esse percurso, o autor desenvolveu, dentro da física quântica, uma física teórica lado a lado com postulados filosóficos. Pode-se afirmar que a principal contribuição quântico-filosófica do autor está presente na *filosofia da ordem implicada*. Em brevíssimas linhas, tal teoria visa a orientar a humanidade para uma nova visão da realidade, diferenciando a ordem implicada (implícita) e a ordem explicada (explícita). A ordem

---

[22] FRANCO, Juan Carlos Ruiz. *David Bohm, um físico heterodoxo.* Disponível em: <http://www.monografias.com/trabajos99/david-bohm-fisico-heterodoxo/david-bohm-fisico-heterodoxo2.shtml> Acesso em: 14.07.2018.

implicada seria aquela que possibilitaria ver a totalidade, por detrás das quase infinitas fragmentações criadas para construir a sociedade que se conhece. A obra de principal alcance sobre o tema é *Totalidade e a ordem implicada*.

A física é uma ciência que tem buscado, como o autor muitas vezes enfatiza, explicar a *realidade como um todo*. Estudar o movimento dos planetas e a expansão das galáxias, bem como o funcionamento e interação das menores partículas existentes, é o meio para compreender, de maneira total, a existência e permanência (ou não) de tudo aquilo que existe e pode ser quantificado, sejam seres vivos, seja o universo inanimado.

É no desenvolvimento de tal ciência, que apresenta um objetivo tão amplo e, ao mesmo tempo, tão cheio de especificidades, divisões, subdivisões, *nanodivisões*, que DAVID BOHM busca uma nova forma de encarar tudo o que existe e, principalmente, aquilo que, a princípio, "não existe". A teoria do autor, como ele diz, não traz uma explicação para *a realidade como um todo* de forma fechada e acabada: não é essa ideia de seus escritos. O que é proposto é uma *forma de enxergar a realidade* e, a partir desta visão, uma forma de *construir conhecimento* sobre toda a existência, seja ela manifesta ou imanifesta, conceitos importantes que serão longamente explorados.

Ademais, importante destacar a influência da visão hegeliana de mundo para os estudos do autor, alicerçada na convicção de que não é possível entender uma porção da existência sem um olhar voltado ao universo como um todo. "*A filosofia de Hegel apresentou ressonâncias muito enriquecedoras para Bohm*", diz CARVALHO, "*que estava imerso no mundo das questões quânticas, da inseparabilidade entre observador e observado, das possibilidades de uma interpretação que fosse mais coerente e que pudesse estabelecer uma inteligibilidade em relação à realidade*"[23].

Iniciar-se-ão os estudos sobre BOHM apontando quais são as críticas do autor ao modo como as ciências, em especial a física, têm desenvolvido seus estudos e suas conclusões, de forma que, neste momento, já se poderão identificar os principais pontos a serem desenvolvidos pelo autor. Em seguida, tratar-se-á da tese central desenvolvida na obra *Totalidade e a Ordem Implicada* e que permeia todos os seus outros escritos, em que se

[23] CARVALHO, Rodrigo França. *Além das nuvens e dos relógios: a percepção da realidade em David Bohm.* SCIENTLE STUDIA, São Paulo. V. 14, n. 2, p. 409-433, 2016, p. 417-418.

propõe uma nova maneira de se enxergar a realidade e a forma como todos os seres se relacionam e interagem.

A partir de então, analisar-se-ão as ideias que envolvem o corpo social, os problemas e paradoxos vividos em sociedade e como as noções de diálogo podem ser um caminho que permite a abertura para a totalidade, uma nova forma de interação e comunicação, que levaria a humanidade, se em algum momento fosse alcançada, a uma maneira complemente inovadora de construir relacionarmos e superar os paradoxos sociais.

Será de extrema importância, neste ponto, a obra *Diálogo: comunicação e redes de convivência*: trata-se do primeiro livro de BOHM voltado exclusivamente para a temática do diálogo. Pode ser visto como uma espécie de guia prático para os interessados no exercício do diálogo, bem como fundamentação teórica das implicações mais profundas da visão de diálogo apresentada pelo autor.

Resta salientar que, no fim, o que se busca é entender, de fato, qual a proposta do autor diante do enfrentamento das questões mais delicadas em sociedade, como a questão da criminalidade. É claro, e importante ressaltar já de início, que não se tem qualquer pretensão de propor uma solução para a questão criminal como um todo. Seria totalmente pretensioso e descabido. O que se busca, por certo, com base nas ideias desenvolvidas a respeito da totalidade da realidade e da função do diálogo na superação de paradoxos, é apontar algumas possíveis propostas, tendo como base a *Criminologia Clínica de Terceira Geração* ou *Criminologia Clínica de Inclusão Social*, que possam somar ao conhecimento já desenvolvido até aqui.

Importante destacar, ainda neste ponto, que o pensamento desenvolvido por BOHM é, essencialmente, uma teoria filosófica. Um ponto marcante, portanto, que voltará a ser apresentado ao longo do texto, é: o autor, na condição de filósofo, acredita na existência de uma verdade. Sobre a busca da verdade, na filosofia, a lição trazida por ARISTÓTELES em sua *Metafísica* deve ser sempre rememorada:

> "A investigação da verdade é, num sentido, difícil e, em outro, fácil. Isso é indicado pelo fato de que, se nenhuma pessoa isolada é capaz de ter uma adequada apreensão dela, não é possível que todos falhemos na tentativa. Cada pensador faz alguma observação a respeito da natureza e, individualmente, pouco contribui ou em nada contribui para a

> investigação; mas uma combinação de todas as conjeturas tem como resultado algo considerável."[24]

E continua:

> "Ademais, é com acerto que a filosofia é chamada de conhecimento da verdade. O objetivo da ciência especulativa é a verdade, ao passo que o da ciência prática é a ação, pois até mesmo quando estão investigando como uma coisa é o que é os cientistas práticos investigam não o princípio eterno, mas sim a aplicação relativa e imediata. Mas não podemos conhecer a verdade independentemente da causa. Ora, toda coisa através da qual uma qualidade comum é transmitida a outras coisas contém ela própria, entre todas essas coisas, o mais alto grau de qualidade (por exemplo, o fogo é o mais quente visto ser a causa do calor em tudo o mais); daí, é também o mais verdadeiro o que faz que todas as coisas derivadas sejam verdadeiras. Portanto, em todos os casos, os primeiros princípios das coisas têm que ser necessariamente verdadeiros acima de tudo o mais, uma vez que não são simplesmente *às vezes* verdadeiros, nem é coisa alguma a causa de sua existência, mas são eles a causa da existência de outras coisas – e tal como cada coisa é no tocante à existência é no tocante à verdade."[25]

Para aqueles que adotam uma postura mais crítica diante dos fenômenos sociais, o texto pode parecer um pouco ingênuo, mas a teoria estudada, acredita-se, não se desloca da realidade, mas oferece uma nova forma de se olhar para ela. Ocorre ainda que, como visto, BOHM foi um homem que sofreu sérias perseguições políticas por defender um projeto político que acreditava que traria benefícios sociais a todos. Isso não o impediu, por outro lado, de transcender o materialismo puro e acreditar que há um caminho que pode levar à concórdia.

1.2. A realidade fragmentada

O homem, no seu desenvolvimento como ser social, quando deixou de ser nômade e passou a se estabelecer com segurança em locais fixos, criou o calendário e deixou de viver

---

[24] ARISTÓTELES. *Metafísica*. Livro II. Trad. Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2012, p. 75.
[25] Idem. Ibidem, p. 76.

o tempo de forma fluida e contínua, precisou se adaptar a divisões. Na medida em que o homem desenvolve o fogo e cessa sua necessidade de se mover sempre para novas áreas em busca de condições climáticas favoráveis, foi preciso demarcar as porções do território que pertenciam a cada grupo. Depois, as demarcações se estenderam aos animais. E às pessoas. Dividimos tudo.

Tais passos foram importantes. O homem pôde se diferenciar da natureza e ganhou autonomia em seu pensamento. Ultrapassou os limites estabelecidos pelo meio-ambiente e, a partir do pensamento criativo e do trabalho prático, conseguiu criar melhores condições de vida e avançar na tecnologia. Contudo, "*esse tipo de habilidade do ser humano em se separar do meio ambiente e dividir e repartir as coisas gerou uma gama de resultados negativos e destrutivos, tendo em vista que o homem perdeu a consciência do que estava fazendo e, consequentemente, acabou prolongando o processo de divisão para além dos limites que funcionavam adequadamente*"[26].

Nas primeiras fases do desenvolvimento da civilização, as visões do homem eram de totalidade. Na Antiguidade, os gregos tinham a noção de *justa medida*, que não era vista no sentido moderno de medição a partir de um objeto externo, mas de uma medida interna profunda, que apresentava um papel essencial em tudo. Manter a *justa medida* era o caminho para se ter uma vida boa, ou seja, quando alguma coisa ultrapassava a medida adequada, "*isso não significava que não estava apenas em conformidade com algum padrão externo do que era correto e, sim, era muito mais, significava que estava em harmonia por dentro, ou seja, que estava pronto para perder sua integridade e se romper em fragmentos*"[27].

Nesse sentido, a *justa medida* é o fundamento de uma visão de mundo harmoniosa, sendo que, se o homem descobri-la e observá-la, poderá viver uma vida ordenada e em harmonia. Assim, a razão ou a proporção essencial das coisas era a estrutura interna total do ser humano, o seu *ser mais interno*[28]. Todavia, a medição passou a ser gradualmente utilizada de forma a ser uma regra imposta de fora. As medições deixaram de ser formas de visão sobre a realidade epassaram a se apresentar como *"'verdades absolutas sobre a realidade como ela é', como se os homens sempre soubessem, e cujas origens eram sempre explicadas mitologicamente como injunções ligadas com os deuses, algo que seria tanto perigoso como*

---

[26] BOHM, David. *Totalidade e a ordem implicada.* São Paulo: Madras, 2008, p. 18.
[27] Idem. Ibidem, p. 35.
[28] Idem. Ibidem, p. 36.

cruel de se questionar"[29]. Foi então que o homem deixou de ser a "medida de todas as coisas", segundo Protágoras dizia.

A objetificação geral da noção de medida, junto com as divisões, aumentou e se consolidou, de forma que hoje os territórios se dividem em nações, as nações em estados e os estados em cidades, sempre a partir de um processo de comparação com algo externo, com um conceito prévio e separado do homem. Os próprios homens se separam por raças e religiões. Em cada canto, surgem mais e mais grupos subdivididos e separados. Essa é, segundo SANTOS, a essência do termo *crise*, palavra de origem grega (*crisis*) que significava separação ou abismo. "*Em todo o campo de existir há crisis, e todos falam em crisis histórica, de consciência, econômica, religiosa, filosófica, estética etc. Abismos abertos, abismos fora do homem, abismos dentro do homem*"[30].

Pode-se concluir que foi necessário que um tipo de pensamento técnico se desenvolvesse, um pensamento literal, que servia a uma sociedade que necessitava de organização, ordem e tecnologia. Todavia, tal pensamento começou a tomar conta de todos os aspectos da vida humana. "*Começou-se, portanto, a tratar tudo como objetos separados, inclusive as outras pessoas. Os indivíduos eram usados como meios para determinados fins*", nas palavras de BOHM[31].

Aliás, a passagem para as cidades, com todas as separações que isto implica, é simbolizada, segundo GUÉNON, pela história bíblica de Caim e Abel, em que "*Caim é representado como agricultor e Abel como pastor. São assim tipos das duas espécies de povos que existiram desde as origens da humanidade, ou pelo menos desde que se produziu nela uma primeira diferenciação: os sedentários, ligados à cultura da terra, e os nômades, à criação de gado*". Prossegue o autor: "*São naturalmente os povos agricultores que, pelo fato de serem sedentários, acabam, cedo ou tarde, por construir cidades; e, de fato, diz-se que a primeira cidade foi fundada pelo próprio Caim*".[32] Com o passar dos séculos,

---

[29] BOHM, David. *Totalidade e a ordem implicada, op. cit.*, p. 37.
[30] SANTOS, Mario Ferreira dos. *Filosofia da crise*. São Paulo: É Realizações, 2017, p. 13.
[31] BOHM, David. *Diálogo: comunicação e redes de convivência, op. cit.*, p. 155. No mesmo sentido: "A dificuldade é, primeiramente, a fragmentação. Todos e cada pensamento são quebrados em pedaços, como esta nação, este país, esta região, esta profissão e tudo o mais. É extremamente difícil interromper isso. E basicamente é isso que acontece, pois o pensamento se desenvolveu de tal forma que afirma não afetar as coisas, somente dizendo como elas são." (BOHM, David. *Arte, diálogo e a ordem implícita*. Entrevista concedida a Louwrien Wijers. In: BOHM, David. *Sobre a criatividade.* São Paulo: Editora Unesp, 2011, p. 131)
[32] GUÉNON, René. *O Reino da Quantidade e os sinais dos tempos.* Trad. Luiz Pontual. São Paulo: Irget, 2015, p. 144-145.

argumenta GUÉNON, o nomadismo, ligado à expansão, ao espaço, à natureza e à comunhão, é devorado pelo sedentarismo, ligado à compressão, ao tempo, à solidificação em cidades e à separação. Caim, portanto, assassinou a totalidade representada por Abel.

Importante entender que há um grande valor na fragmentação, ou seja, na divisão da totalidade em pequenas partes, para o estudo e para o desenvolvimento da ciência. A fragmentação tem suas vantagens, tendo sido importante para a criação de tópicos de estudo, divisão de turnos de trabalho e para a autonomia do pensamento do homem em sua condição de ser não idêntico aos outros animais. Contudo, nas palavras de BOHM,

> "esse tipo de habilidade do ser humano em se separar do meio ambiente e dividir e repartir as coisas gerou uma gama de resultados negativos e destrutivos, tendo em vista que o homem perdeu a consciência do que estava fazendo e, consequente, acabou prolongando o processo de divisão para além dos limites que funcionavam adequadamente. Guiado por uma visão de um mundo próprio fragmentado, o homem passa a agir de tal forma que tenta romper consigo mesmo e com o mundo, para que tudo venha a corresponder com sua forma de pensar."[33]

"*O espírito humano disassocia, separa, afasta, distancia, e sente-se insatisfeito*", escreveu SANTOS. "*A insatisfação cresce, aumenta, avassala, à proporção que abrimos e alargamos as distâncias*"[34]. Quanto mais a sociedade avança, mais o ser humano é instrumentalizado. Pode-se pensar até mesmo na ideia de indivíduo que se tem hoje, em que há um forte impulso para que cada um viva de forma independente. Nesse sentido, os comportamentos médios e frequentes das pessoas são julgados como úteis ou inúteis, ou até mesmo contrários, ao objetivo social. O que se analisa é o que externamente se expressa, os resultados mensuráveis, pois o "*pensamento literal conhece as pessoas por suas funções. Ele é a função que lhe atribuo: um trabalhador, um banqueiro, um isso, um aquilo. Essas condições organizam a hierarquia social – as pessoas são isoladas umas das outras e a participação é muito limitada*"[35].

A tendência fragmentária, portanto, faz parte de um movimento que parte da história do homem. Tal movimento, dentro da ciência, "*oferece ao homem um quadro do mundo*

---

[33] BOHM, David. *Totalidade e a ordem implicada, op. cit.*, p. 18.
[34] SANTOS, Mario Ferreira dos. *Filosofia da crise, op. cit.*, p. 21.
[35] BOHM, David. *Diálogo: comunicação e redes de convivência, op. cit.*, p. 157.

todo como sendo constituído de nada além do que um agregado de 'blocos atômicos de construção' existentes separadamente, proporcionando uma evidência experimental da qual se tira a conclusão de que essa visão é necessária e inevitável" [36]. Desse modo, a ciência reforça a fragmentação e instrumentalização das pessoas segundo as suas funções, se afastando da noção de totalidade. Cada ser individual é fragmentado em vários compartimentos separados que são, muitas vezes, conflitantes, de acordo com trabalhos, desejos, ambições, características físicas e psicológicas, etc[37].

Todavia, segundo BOHM, as funções das pessoas não são tão importantes para manter a sociedade coesa, e deveríamos, na verdade, dar mais atenção ao fato de que "*Individual e coletivamente, juntos, temos uma consciência, que cria a sociedade e a sustenta por meio do pensamento, do intelecto, do sentimento e assim por diante*"[38]. A sociedade não é, portanto, uma realidade objetiva e ponto final. Viver em sociedade requer um senso de responsabilidade com as realidades nas quais se interfere, pois, ao dar prioridade às coisas erradas, como dinheiro, divisões de nações, posições sociais ou políticas, afasta-se do que realmente importa e do que realmente mantém a união.

Assim, a arte, a ciência, a tecnologia e toda obra humana estão divididas em especialidades, cada uma delas considerada separada das outras, como se em essência assim o fossem. Todavia, o ser humano parece estar realmente descontente com tudo isso e com a quantidade de caos gerado. Um sintoma dessa insatisfação são os cada vez mais constantes esforços por *interdisciplinaridade*, vista como uma forma de unir o conhecimento fragmentado pela ciência corriqueira.

No entanto, BOHM faz uma análise não muito otimista desse processo, dizendo que esses novos assuntos contribuíram ainda mais para a separação e fragmentação[39]. Em sua visão, para que o movimento de fragmentação seja superado, é preciso que se entenda que é possível uma visão participativa, que leva ao ilimitado, que é a base de tudo.

Mas a harmonização dos conteúdos não deve ser entendida como uma simples justaposição de fatores, como, por exemplo, muitas teorias pretensamente holísticas insistem em propor. Segundo BOHM, costumamos ver que "*Nas sociedades modernas, a ciência*

---

[36] BOHM, David. *Totalidade e a ordem implicada, op. cit.*, p. 30.
[37] Idem. Ibidem, p. 17.
[38] BOHM, David. *Diálogo: comunicação e redes de convivência, op. cit.*, p. 157-158.
[39] BOHM, David. *Totalidade e a ordem implicada, op. cit.*, p. 17.

tenta até certo ponto ligar-nos ao Cosmo; mas ela é limitada e, de qualquer maneira, a maioria das pessoas não consegue entende-la em seu todo. Portanto, parece que a conexão com a dimensão cósmica até certo ponto se perdeu. Entretanto, creio que as pessoas desejam voltar a ela"[40].

A questão é muito mais sutil, exige um esforço em romper a forma como se costuma pensar sobre o todo o conhecimento e, por isso, deve ser analisada com calma. Ressalta-se, todavia, que tal falta de capacidade de harmonização dos conteúdos leva a humanidade a um grande caos, uma vez que as tentativas de superação de questões problemáticas costumam vir de forma recortada, desprezando fatores decisivos e imprescindíveis ao entendimento dos fenômenos. A fragmentação nos leva a separar coisas que são inseparáveis e, segundo BOHM, no passo seguinte, "*nos levará também à tentativa de unificar o que na realidade não é unificável*"[41].

As leis que explicam o movimento dos planetas podem se relacionar, mas não são exatamente as mesmas que explicam o funcionamento físico dos órgãos de um mamífero, por exemplo. Cada parte da natureza apresenta suas próprias explicações de permanência, movimento e interação. Quando se vai ao médico, não se espera que ele entenda sobre o movimento da órbita de Marte para nos curar de uma pedra no rim. E, de fato, não parece mesmo necessário. Em outras questões, como quando falamos em desastres ambientais ou em doenças como as respiratórias, talvez, em alguma medida, o entendimento de como nos relacionamos com a natureza como um todo, inclusive com o cosmos, e com os outros indivíduos, pode nos trazer respostas muito mais completas.

Chama a atenção a similaridade de tal pensamento com aquele desenvolvido por autores da chamada teoria sistêmica ou ecológica[42]. A ideia de que todos os problemas enfrentados pelo ser humano são, em última análise, facetas de uma mesma crise, a crise de

---

[40] BOHM, David. *Diálogo: comunicação e redes de convivência, op. cit.*, p. 161.
[41] BOHM, David. *Totalidade e a ordem implicada, op. cit.*, p. 31.
[42] "Pode também ser denominado visão ecológica, se o termo 'ecológica' for empregado num sentido muito mais amplo e mais profundo que o usual. A percepção ecológica profunda reconhece a interdependência fundamental de todos os fenômenos, e o fato de que, enquanto indivíduos e sociedades, estamos todos encaixados nos processos cíclicos da natureza (e, em última análise, somos dependentes desses processos)" (CAPRA, Fritjof. *A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos*. Trad. Newton Roberval Eichemberg. São Paulo: Editora Cultrix, p. 16.)

percepção, diante das visões de mundo obsoletas e representações errôneas da realidade[43]. Nesse sentido, argumenta CAPRA:

> "Quanto mais estudamos os principais problemas de nossa época, mais somos levados a perceber que eles não podem ser entendidos isoladamente. São problemas sistêmicos, o que significa que estão interligados e são interdependentes. Por exemplo, somente será possível estabilizar a população quando a pobreza for reduzida em âmbito mundial. A extinção de espécies animais e vegetais numa escala massiva continuará enquanto o Hemisfério Meridional estiver sob o fardo de enormes dívidas. A escassez dos recursos e a degradação do meio ambiente combinam-se com populações em rápida expansão, o que leva ao colapso das comunidades locais e à violência étnica e tribal que se tornou a característica mais importante da era pós-guerra fria"[44].

A forma como os seres humanos vivem e se relacionam pode estar causando, em grande medida, o caos aparentemente insolúvel de nossos dias. Segundo BOHM, "*a fragmentação já se espalhou completamente, não apenas na sociedade, mas especialmente em cada indivíduo; e isso conduz a um tipo de confusão generalizada na mente, que por sua vez cria uma série infinita de problemas, interferindo com a nossa clareza de percepção de maneira tão grave a ponto de bloquear nossa capacidade de resolver a maioria deles*"[45].

Viver de acordo com a noção fragmentária tem conduzido a *crises* (e *crisis*, conforme já dito, significa etimologicamente *abismo* ou *separação*) cada vez mais sérias e urgentes, como a poluição, a destruição da natureza, as desordens políticas e econômicas, além da falta de saúde física e mental dos seres humanos[46]. Por isso, é preciso entender como o ser humano criou esse estado de coisas e, assim, pensar em um outro caminho possível.

1.2.1. A importância da linguagem

---

[43] CAPRA, Fritjof. *A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos, op. cit.*, p. 14.
[44] Idem. Ibidem, p. 14.
[45] BOHM, David. *Totalidade e a ordem implicada, op. cit.*, p. 17.
[46] Idem. Ibidem, p. 18.

O autor discute, de forma extensa e bastante detalhada, como a linguagem, aparentemente neutra, tem um papel central na manutenção da fragmentação. É a partir da linguagem que o pensamento organiza o seu conteúdo e, por isso, segundo BOHM, é fundamental "*dar atenção à própria linguagem (e pensamento) que está sendo usada, de um momento a outro, na pesquisa do funcionamento da própria linguagem, como também em qualquer outra forma de pesquisa que qualquer pessoa se propõe a fazer*"[47].

Assim, a ordem e unificação ou a desordem e fragmentação também tem muito a ver com a linguagem utilizada, uma vez que a linguagem é uma forma específica de ordem com a qual estamos acostumados. A linguagem em si é uma ordem de sons, palavras, estruturas de palavras, frases, bem como gestos e posturas. O significado da linguagem depende da forma como ela é apresentada[48].

A visão de mundo, implicada em cada forma de linguagem, é de suma importância para o pensamento, a comunicação e a organização da sociedade. A forma como se constroem sentenças, com sujeito, verbo e complemento, demonstra como a realidade é concebida de forma fragmentária, que é unida de maneira autoritária para a construção de uma ideia[49]. Nesse sentido, o sujeito e aquilo que ele faz são coisas distintas, separadas, que se relacionam por um pequeno período de tempo e em um determinado espaço.

Os sujeitos são tratados, portanto, como entes abstratos, que não correspondem à realidade. *Porta*, *casa*, *leão* e *onomatopeia* são palavras que se descolaram de um sentido de ação e se ligam, de forma abstrata e, portanto, autoritária, a determinados objetos ou situações. Mas as palavras, ao longo da história do homem, não surgiram do nada. Termos que hoje são abstrações, no início, queriam dizer algo a mais sobre aquele ente. Está neste ponto a importância de entender a etimologia das palavras, pois quando se vai até a raiz daquilo que é dito ou escrito, é possível entender o seu significado como existência significativa perante toda a realidade, ou seja, enquanto movimento.

O autor propõe, então, o RHEOMODO[50] (*rheo* tem origem grega e significa *fluir*), pretendendo uma mudança de atitude em relação às palavras, ou seja, que os sujeitos não tenham mais o papel de destaque, mas que este seja dado aos verbos, "*tendo em vista que o*

---

[47] BOHM, David. *Totalidade e a ordem implicada, op. cit.*, p. 46.
[48] Idem. Ibidem, p. 54-55.
[49] Idem. Ibidem, p. 43.
[50] Idem. Ibidem, p. 41-60.

verbo descreve as ações e os movimentos, que fluem e se fundem uns nos outros, sem que haja severas separações ou rupturas". E continua: "*Além disso, desde que os movimentos estão sempre se alterando de maneira geral, eles não apresentam em si um padrão permanente de forma fixa com a qual as coisas que existem separadamente poderiam ser identificadas*"[51].

1.2.2. Questões epistemológicas: as teorias e a *"realidade como um todo"*

A ciência é tratada com tamanha devoção que é comparada por BOHM à religião da idade moderna[52], uma vez que desempenha o papel de apontar a verdade ao ser humano. Todavia, o desenvolvimento do homem na história e nas ciências levou a uma fragmentação na forma de se olhar e viver a realidade. Nas ciências, passou-se a acreditar que tudo que é real poderia, em algum tempo-espaço, ser capturado pelos sentidos. Foi nesse caminhar que se desconsiderou a existência de uma totalidade harmônica, que rege toda a existência e todas as relações, e seguiu o caminho de negar o sentido da totalidade e mergulhar nas fragmentações.

Todavia, tudo isso tem um preço, e o preço de se querer encontrar a verdade em termos puramente racionais e científicos é o crescimento da fragmentação e, consequentemente, o afastamento de qualquer possibilidade de diálogo. "*A racionalidade científica desnatura a natureza e desumaniza o homem*" [53], escreveu GUSDORF. Como salienta SHIMIZU, o discurso científico é aquele em que a relação entre saber e poder é mais clara, *"desde que o apregoado método científico tem o condão de desqualificar por completo, com vulgares, os discursos advindos de outras formas de saber, tidas como não científicas*"[54].

O comportamento das comunidades científicas em situações de controvérsias tem sido desafiador, pois as diferentes visões estão sempre a se enfrentar, digladiando-se pelo

---

[51] BOHM, David. *Totalidade e a ordem implicada, op. cit.*, p. 43-44.
[52] BOHM, David. *Diálogo: comunicação e redes de convivência, op. cit.*, p. 82.
[53] GUSDORF, Georges. In: JAPIASSU, Hilton. *Interdisciplinaridade e patologia do saber (prefácio)*. Rio de Janeiro: Imago, 1976, p. 19. Apud PRADO, Lídia Reis de Almeida. *O juiz e a emoção: aspectos da lógica da decisão judicial*. 2ª. ed. Campinas: Millenium, 2003, p. 2.
[54] SHIMIZU, Bruno. *Um panorama crítico sobre o pensamento criminológico clínico no Brasil*. In: SÁ, Alvino Augusto de; TANGERINO, Davi de Paiva Costa; SHECAIRA, Sérgio Salomão (coord.). *Criminologia no Brasil: história e aplicações clínicas e sociológicas.* Rio de Janeiro: Elsevier, 2011, p. 200.

posto de maior relevância e reconhecimento. O papel das controvérsias no desenvolvimento da ciência deveria ser o de mostrar a importância das teorias divergentes, não negando o valor individual de cada uma delas, mas ressaltando que as opiniões contrárias apenas conferem uma dimensão mais realista a produtos construídos pela humanidade.

A cada passo no desenvolvimento, novas especialidades e áreas de conhecimento vão surgindo, levando o conhecimento a tornar-se cada vez mais fragmentado. Esse movimento não parece estranho quando olhamos para a palavra *ciência*, originada da raiz latina *scientia*, que significa cortar[55]. Todavia, apesar de a ciência ser um conhecimento dividido, seu objetivo central deveria ser encontrar as partes certas para ver o todo, já que "*só podemos conhecer, como dizia Pascal, as partes se conhecermos o todo em que se situam, e só podemos conhecer o todo se conhecermos as partes que o compõem*"[56], nas palavras de MORIN.

Neste ponto, BOHM traça uma teoria epistemológica. Etimologicamente, *epistemologia* significa discurso (*logos*) sobre a ciência (*episteme*). *"Epistemologia: é a ciência da ciência. Filosofia da ciência. É o estudo crítico dos princípios, das hipóteses e dos resultados das diversas ciências. É a teoria do conhecimento"*[57]. O trecho do diálogo entre BOHM e KRISHNAMURTI[58] apresenta a ideia sobre o desenvolvimento das ciências e das teorias:

> "DB: Isso parece ser necessário para podermos estudar a matéria. A matéria não muda tão depressa, e pode ser separada até certo ponto. Podemos, então, elaborar um modo de observação razoavelmente constante. Ela muda, mas não instantaneamente; pode ser mantida constante, por algum tempo.

---

[55] BOHM, David. *O aparente e o oculto*. Estudos Avançados, 4(8), p. 188-198. Entrevista concedida a Alberto Luiz da Rocha Barros, do Instituto de Física da USP, em 08/03/1983, no Birkbeck College, University of London. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141990000100014>. Acesso em: 17.04.18, p. 192.

[56] MORIN, Edgar. *Da necessidade de um pensamento complexo*. Trad. Juremir Machado da Silva. Disponível em: <http://www.rogerioa.com/resources/Cult1/necessidade.pdf>. Acesso em: 24.07.19, p. 1.

[57] TESSER, GELSON JOÃO. *Principais linhas epistemológicas contemporâneas.* Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40601994000100012>. Acesso em: 15/11/2019.

[58] Sobre a relação dos autores: BOHM, David. *Arte, diálogo e a ordem implícita, op. cit.*, p. 123: "E: O senhor mesmo também estava procurando por outras estruturas de pensamento. Estou falando, agora, a respeito de seus muitos encontros com Krishnamurti, por exemplo. Bohm: Eu conheci Krishnamurti no começo dos anos 1960. Naquela época, interessei-me em entender a coisa toda mais profundamente. Senti que ele estava sugerindo que era possível um contato com esse todo."

> K: Sim.
>
> DB: Chamamos a isso de teoria.
>
> K: Como você disse, teoria significa uma maneira de observar.
>
> DB: É a mesma coisa que "teatro" em grego."[59] (grifos nossos)

Os acadêmicos ou técnicos costumam se acreditar "sem preconceito". No entanto, estão quase invariavelmente embasados em pressupostos teóricos, que nada mais são do que visões de mundo fundamentadas dentro de uma certa perspectiva, pois "*Quando olhamos para o mundo através das nossas visões teóricas, o conhecimento concreto que obtemos será evidentemente moldado e formatado de acordo com nossas teorias*"[60]. Portanto, todos os experimentos e pesquisas são feitos a partir de domínios limitados, sempre deixando espaços em aberto. Se fossem feitos a partir de outros domínios, poderiam ser obtidos resultados que não se encaixassem perfeitamente às teorias anteriormente utilizadas[61]. Por outro lado, nas palavras de BOHM,

> "se considerarmos nossas teorias como 'descrições diretas da realidade como ela é', inevitavelmente trataríamos essas diferenças e distinções como sendo divisões, sugerindo a existência separada de vários termos elementares que surgem na teoria. Portanto, seríamos levados a crer na ilusão de que o mundo é, na realidade, constituído por fragmentos separados e, como já indiquei anteriormente, isso nos faz agir de tal forma que geramos de fato a própria fragmentação contida na nossa atitude em relação à teoria."[62]

Nesse sentido, SÁ nos ensina que o conhecimento crescerá quando, a partir de uma postura crítica, "*tentarmos superar nossos preconceitos e suposições habituais"*[63]. Por isso, na análise clínica de um sujeito, por exemplo, é necessário que o analista entenda que os resultados não serão independentes de seu olhar sobre o mundo e as questões humanas. Segundo FREITAS, "*'a interpretação vem permeada pela subjetividade do analista (bem como pela do analisando)' e, sendo ele, o analista, que intui e constrói, ela é também uma*

---

[59] KRISHNAMURTI, J; BOHM, David. *A eliminação do tempo psicológico*. Diálogos entre J. Krishnamurti e David Bohm. Trad. Claudia Gerpe Duarte. São Paulo: Cultrix, 1985, p. 65.
[60] BOHM, David. *Totalidade e a ordem implicada, op. cit.*, p. 21.
[61]Idem. Ibidem, p. 94.
[62] Idem. Ibidem, p. 23.
[63] SÁ, Alvino Augusto. *Criminologia clínica e execução penal – proposta de um modelo de terceira geração, op. cit.*, p. 114.

criação dele"[64]. A importância de se aceitar esse ponto é sair da pretensa objetividade, que separa sujeito/teoria do objeto de conhecimento científico.

No mesmo sentido, BOHM afirma que a ciência requer uma atitude mental crítica, que afasta o desejo de se estar certo como força dominante e assume *"a crítica de suas ideias segundo os fatos e a lógica, independente de que se goste ou não, quer dizer, não é o seu desejo que determina se o que você diz é verdadeiro"*[65]. Assim, as teorias passam a ser encaradas como maneiras de enxergar o mundo e não como um conhecimento verdadeiro de como as coisas são. A crítica, em vez de dirigida para fora, aponta primordialmente para o próprio sujeito.

A palavra 'teoria' deriva do grego *theoria*, que tem a mesma raiz de 'teatro', e, em uma palavra, significa 'ver'[66]. Então, as teorias não passam de visões, de formas de olhar o mundo. Todavia, podemos ser levados a "*confundir as formas e os contornos induzidos nas nossas percepções pela visão teórica com uma realidade independente do nosso pensamento e a nossa maneira de ver as coisas*" [67]. Nesse contexto, a ciência deixa de se encarar primordialmente como a portadora do conhecimento sobre um mundo totalmente objetivo e passa a entender que as ideias a partir das quais aborda o mundo influenciam nas conclusões.

O cientista aproxima-se da natureza e dos seres humanos com formas fixas e limitadas, confirmando, então, suas teorias limitadas da realidade. BOHM diz, por exemplo, que "*na Antiguidade, os homens acreditavam que as pragas eram inevitáveis, e esse pensamento fez com que se comportassem de tal forma a propagarem as condições responsáveis para que as pragas se espalhassem ainda mais*"[68]. A experiência com a natureza é muito parecida com a experiência com as pessoas. Se alguém se aproxima de outra pessoa com a teoria fixa de que ela é um inimigo, gerará uma reação similar, de acordo com a teoria a partir da qual foi abordada.

Uma conclusão absurda a que se chegaria, acreditando que a ciência, a partir das teorias, pode de fato descrever a realidade como ela é, seria que, no exemplo de BOHM, "*a*

---

[64] FREITAS, Ednei José Dutra de. *Psicofarmacologia ligada à clínica.* 3 ed. Rio de Janeiro: Editora EPUB, 2000, p. 28-29. Apud SÁ, Alvino Augusto. *Criminologia clínica e execução penal – proposta de um modelo de terceira geração, op. cit.*, p. 113.
[65] BOHM, David. *O aparente e o oculto, op. cit.*, p. 193.
[66] BOHM, David. *Totalidade e a ordem implicada, op. cit.*, p. 19-20.
[67] Idem. Ibidem, p. 22.
[68] Idem. Ibidem, p. 22.

teoria newtoniana foi verdadeira até 1900, e a partir daí se tornou repentinamente falsa, enquanto a teoria da relatividade e a quântica de repente se tornaram verdadeiras"[69]. É preciso, portanto, estar alerta ao fato de que nossas teorias não representam a "realidade como ela é", mas, na verdade, são apenas visões do mundo. Elas apresentam um recorte da realidade, podem até mesmo ser claras e coerentes em certos aspectos, mas, com certeza, são obscuras em outros.

A fragmentação das ciências e a crença no pensamento puramente racional não impregnou apenas as ciências *exatas* ou *da natureza*, mas também as ciências humanas, trazendo sérias consequências ao saber científico, conforme aponta PRADO:

> "A ênfase dada ao método científico e ao pensamento racional, estendida para as ciências ditas humanas, gerou uma dificuldade de compreensão do mundo. O homem, que aprendeu a dissecar o objeto de sua observação para entendê-lo, tornou-se um especialista em partes, mas ignorante em relação a totalidade."[70]

E continua a autora:

> "Nesse universo inóspito, as disciplinas foram se fragmentando, fato que pode ser encarado como símbolo da fragmentação da realidade e do surgimento de uma *inteligência esquizofrênica*, que impede um conhecimento abrangente do mundo."[71]

É assim que o desenvolvimento científico recortado tem levado a uma visão unilateral dos fenômenos, fazendo com que cada um enxergue, a partir de determinados recortes teóricos, apenas aquilo que está condicionado a ver, ou seja, aquilo que seus métodos e técnicas estão procurando. Por isso, os modos de descrição da realidade de uma

---

[69] BOHM, David. *Totalidade e a ordem implicada, op. cit.*, p. 20. No mesmo sentido: "A axiomatização de teorias, no entanto, também teve feitos negativos no desenvolvimento da ciência moderna. O que conheceu foi que quando a teoria recebia uma forma mais ou menos axiomática, que parecia resultado de precisão, invariabilidade e lógica perfeita, suscitava a impressão de que o conhecimento havia chegado a uma verdade. Assim, a forma axiomática pode agir como um conjunto de 'antolhos', impedindo que as pessoas olhem em novas direções, em vez de ser um conjunto de sugestões e pistas sinalizando contradições e inadequações em linhas de pensamento já existentes." BOHM, David. *Sobre a criatividade, op. cit.*, p. 62.
[70] PRADO, Lídia Reis de Almeida. *O juiz e a emoção: aspectos da lógica da decisão judicial, op. cit.*, p. 1.
[71] Idem. Ibidem, p. 2.

determinada teoria dão atenção àquilo que desejam colocar em relevo, ou seja, aquilo que é *relevante* a seus olhos[72]. Neste sentido, SMITH, escreveu:

> "Houve uma época em que se pensava na ciência como uma simples descoberta de fatos. É simplesmente um fato, pensava-se, que a Terra gira em torno do Sol, que força é igual a massa vezes aceleração ou que um elétron e um pósitron interagem para produzir um fóton. Era como se os fatos 'dessem em árvores' e precisassem apenas ser 'colhidos' pelos cientistas. Ao longo do século XX, entretanto, descobriu-se que esse pressuposto habitual não era realmente sustentável. Revelou-se que os fatos e teorias não podem, enfim, ser separados; que 'os fatos estão carregados de teorias', como dizem os pós-modernistas. A velha ideia de que os cientistas primeiro acumulam fatos e então constroem teorias para explicá-los mostrou-se uma simplificação exagerada. Por trás de cada cientista, há necessariamente um paradigma – um 'mito', pode-se dizer – que determina o que é e o que não é reconhecido como fato".[73]

Um dos pontos fundamentais na busca por um caminho não fragmentado está em entender como as teorias e paradigmas teóricos sustentam e contribuem para as divisões vividas em todas as áreas da existência humana, bem como interferem na forma como o próprio objeto de estudo reage. SÁ, ao tratar da intervenção clínica, afirma que a compreensão profissional não é algo objetivo e despido de qualquer subjetividade, mas *"produto da subjetividade primária (subjetividade de senso comum) e da subjetividade secundária do profissional (definida acima), interagindo, essas, num choque intersubjetivo com a subjetividade primária (senso comum) do examinando, produzindo a intuição criado a que se chama de compreensão*"[74].

Nesse sentido, é importante que se entenda que:

> "As ideias com as quais você aborda o mundo vão obviamente afetar sua maneira de ver o mundo. Sempre vemos apenas um aspecto do mundo e, portanto, nossas ideias irão não somente selecionar aquele aspecto como

[72] BOHM, David. *Totalidade e a ordem implicada, op. cit.*, p. 159.
[73] SMITH, Wolfgang. *Ciência e mito.* Trad. Pedro Cava. São Paulo: CEDET, 2014, p. 30.
[74] SÁ, Alvino Augusto. *Criminologia clínica e execução penal – proposta de um modelo de terceira geração, op. cit.*, p. 113.

> também, até certo ponto, criar a própria coisa que vemos, o que fica evidente na tecnologia moderna que a Ciência nos ajudou a criar."[75]

O produto final de uma pesquisa, portanto, não será a verdade, já que o "*conhecimento final é algo impossível de se alcançar"*[76]. Será apenas um fragmento, uma parte do todo.

Apesar de paradoxal, é sem a pretensão de se alcançar a verdade a partir de um marco teórico específico que o homem poderia avançar para o que SÁ chama de conhecimento objetivo, ou seja, um conhecimento que *"não depende do estado de consciência, não depende do conhecedor. Trata-se de um conhecimento sem conhecedor, de um conhecimento sem sujeito que conheça*"[77]. Na caminhada rumo a tal conhecimento, é necessário, todavia, que haja um desprendimento das teorias, apesar de continuarem sendo úteis.

Os métodos e teorias para abordar a realidade continuarão a ser utilizados. Conforme visto anteriormente, eles são importantes na medida que possibilitam o conhecimento de parte da realidade, uma vez que conhecer a totalidade seria uma tarefa inviável a um só pesquisador. Todavia, se o compromisso é com a verdade, não se deve apegar a teorias ou resultados de forma inflexível. Perceber erros e buscar novos e criativos caminhos é parte importante do processo. DEMO, discorrendo sobre a metodologia das pesquisas científicas, escreveu que, se a ciência desprezar o que não cabe em seus métodos mais cristalizados, desprezará também a verdade e a possibilidade de construção de uma história sempre mais humana: seria um "*absurdo sarcástico*", diz; e, se a ciência assim proceder, "*não passará de algo mesquinho*"[78].

Por isso, BOHM diz que é possível a busca da verdade, mas ela deve se encontrar acima das teorias e além dos conhecimentos fragmentados:

> "A própria possibilidade da descoberta científica depende das pessoas sentirem que essa meta comum de descobrir a verdade está além da satisfação pessoal, pois, mesmo que a nossa teoria esteja errada, temos de

---

[75] BOHM, David. *O aparente e o oculto, op. cit.*
[76] NICHOL, LEE. *Prefácio*. In: BOHM, David. *O pensamento como sistema.* São Paulo: Madras, 2007, p. 13.
[77] SÁ, Alvino Augusto. *Criminologia clínica e execução penal – proposta de um modelo de terceira geração, op. cit.*, p. 113-114.
[78] DEMO, Pedro. *Metodologia Científica em Ciências Sociais*. 3ª ed. revista e ampliada. São Paulo: Atlas, 1995, p. 360.

> aceitar que ela está errada, embora isso não seja gratificante. Ou seja, é muito desapontador para as pessoas, mas elas aceitam isso, e dizem: bem, isso está errado."[79]

Sendo assim, o autor propõe que o pensamento a respeito da verdade aceite os paradoxos, a limitação do olhar teórico e a complexidade da existência. *Complexus significa originariamente o que se tece junto"*[80], ensina MORIN[81]. Os fundamentos de um pensamento complexo, que aceita os paradoxos da realidade, estaria fincado na ideia de ligar os conhecimentos e aceitar a incerteza, sem a necessidade de superá-la de forma autoritária. Nesse sentido, o mesmo autor aponta:

> "O pensamento complexo não se reduz nem à ciência, nem à filosofia, mas permite a comunicação entre elas, servindo-lhes de ponte. O modo complexo de pensar não tem utilidade somente nos problemas organizacionais, sociais e políticos, pois um pensamento que enfrenta a incerteza pode esclarecer as estratégias no nosso mundo incerto; o pensamento que une pode iluminar uma ética da religação ou da solidariedade. O pensamento da complexidade tem igualmente seus prolongamentos existenciais ao postular a compreensão entre os homens."[82]

BOHM argumenta, enfim, que é preciso buscar na força criadora da ciência sua capacidade de olhar de forma integral os fenômenos sobre os quais se debruça, reconhecendo e refutando ideias preconcebidas e visões unilaterais. Dessa forma, vislumbra-se a possibilidade da construção de um conhecimento realmente *criativo*, que pavimente as bases para a construção efetiva de uma ciência humana mais digna.

---

[79] KRISHNAMURTI, J; BOHM, David. *A eliminação do tempo psicológico, op. cit.*, p. 68.
[80] MORIN, Edgar. *Da necessidade de um pensamento complexo, op. cit.*, p. 14-15.
[81] Sobre a possibilidade de aproximação do pensamento dos autores: "Sua noção de realidade holográfica adquire crescente relevância, pois nela a parte contém as inscrições do todo. Noção que corrobora as pesquisas com células-tronco na biologia; a importância do insight e do indivíduo nos estudos da sociedade; é parte integrante da proposta para um Paradigma da Complexidade de Edgard Morin; contribui para a atualização do conceito de escala, os estudos sobre o desenvolvimento sócio-espacial e o sensoriamento remoto na geografia." (LOIOLA, Sérgio Almeida. *Resenha: BOHM, David. A totalidade e a ordem implicada: uma nova percepção da realidade*. Boletim Goiano de Geografia, Instituto de estudos sócio-ambientais: Goiás, 2004, v. 24, n. 1-2. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/bgg/article/viewFile/4137/3640>. Acesso em: 14.07.18, p. 113.)
[82] MORIN, Edgar. *Da necessidade de um pensamento complexo, op. cit.*, p. 22.

1.2.3. Os atos de percepção

Existe, ainda, a crença disseminada em um desenvolvimento científico que ruma, sempre e cada vez mais, a uma explicação mais completa da realidade. É como se o ser humano sempre caminhasse em direção à verdade oculta, cada vez mais próximo de alcançá-la, na medida em que cada vez mais refinados seus métodos e meios de medição. Novas descobertas, que muitas vezes desafiam os conhecimentos construídos, costumam ser vistas de duas formas: ou são harmonizados com aqueles conhecimentos até então pacíficos, de forma que são considerados, por exemplo, especificidades ainda não descobertas, ou são vistos como uma ruptura que, todavia, só foi capaz de ocorrer em razão de todo o percurso transcorrido até ali.

BOHM propõe, por outro lado, que a ciência não é esse caminhar contínuo em direção à verdade e que a construção do conhecimento verdadeiro dificilmente acontece a partir da sobreposição de etapas na pesquisa científica. O argumento é que essa ideia, mais uma vez, se fundamenta na fragmentação na qual a comunidade científica tem se apoiado. Acreditar que cada parte forma, ao final, um todo coerente, que caminha em um sentido único, ainda que desconhecido, é considerar que se pode separar a consciência humana e seu conhecimento em pequenos blocos, que viriam sempre ordenados, sendo permitido aos indivíduos abrir um por vez, em ordem.

> "Não se percebe, pois, que a origem profunda de nossas linhas gerais de pensamento está nos atos críticos e originais de percepção, cujo conteúdo é posteriormente revelado e desenvolvido no domínio da fantasia para finalmente servir de indício ou pista para demonstrarmos ou apontarmos novas percepções e, assim, completar o ciclo do processo de conhecimento."[83]

O que acontece, segundo BOHM, é que a mente humana cria e renova seu olhar sobre a realidade de uma maneira que não pode ser explicada de forma ordenada, contínua e crescente, a partir dos atos de percepção, que são um aspecto da atividade *em formação* da mente. Não se trata da repetição associativa de coisas que já aconteceram, mas do rearranjo de fatores que pareciam desconexos, e que, em determinado ponto, são concebidos como

[83] BOHM, David. *Sobre a criatividade, op. cit.*, p. 62.

parte de uma totalidade que faz sentido. Logo, "*alguém pode se sentir desorientado com diversos fatores, coisas que não se ajustam, até que repentinamente apareça um flash de compreensão e, assim, começa então a ver como todos esses fatores estão relacionados como aspectos de uma totalidade (considere a visão de Newton sobre a gravitação universal)*"[84].

Newton não teria descoberto a lei da atração gravitacional a partir de suado e contínuo esforço apenas, não negando sua existência e importância. Todavia, foi preciso, no momento da queda de uma maçã, que a sua consciência estivesse aberta para um significado muito mais sutil daquela realidade. BOHM chamar isso de *insight* ou percepção da verdade[85], que não é apenas um conhecimento intelectual ou inferencial do que acontece, mas um entendimento do processo de maneira profunda, pois a matéria pode *"responder à percepção de modos muito profundos e sutis, os quais podem estar além do que a ciência consegue rastrear; pode haver mudanças. (...) Não somente influenciam a compreensão inferencial, mas também afetam os níveis químico e tácito – tudo, enfim*"[86].

Essa forma de percepção da realidade, segundo BOHM, pode ser traduzida como *inteligência*. O funcionamento da inteligência não teria sua base em processos conhecidos, como o processo da memória, nem é explicável com base em alguma área do conhecimento, mas tem uma origem mais profunda, que a torna "*além da possibilidade de ser determinado ou condicionado pelos fatores que podem ser incluídos em qualquer lei conhecível. Logo, vemos que a base da inteligência deve estar em um fluxo indeterminado e desconhecido, sendo também a base de todas as formas definíveis da matéria*"[87]. O autor dá um exemplo para que se considere a questão sobre a possibilidade de uma percepção livre e incondicionada, que chama de inteligência:

> "Considere, por exemplo, uma tentativa de afirmar que todas as ações do homem são condicionadas e mecânicas. Tipicamente, tal visão pode ser

[84] BOHM, David. *Totalidade e a ordem implicada, op. cit.*, p. 29.
[85] BOHM, David. *Diálogo: comunicação e redes de convivência, op. cit.*, p. 148. A mesma ideia é encontrada em: BOHM, David. *Totalidade e a ordem implicada, op. cit.*, p. 64.
[86] BOHM, David. *Diálogo: comunicação e redes de convivência, op. cit.*, p. 148-149.
[87] BOHM, David. *Totalidade e a ordem implicada, op. cit.*, p. 65. No mesmo sentido: "De modo geral, nossas visões de mundo começam de maneira tácita ou implícita operando de 'forma subliminar', da qual dificilmente temos consciência. A possibilidade de dar atenção à questão sobre se tais visões de mundo se conectam à realidade depende, em grande parte, de nossa habilidade de expressá-las. De fato, o ser humano dos primórdios tentava fazer isso com aquilo que chegou a se chamar *metafísica*." (BOHM, David. *Sobre a criatividade, op. cit.*, p. 101).

> tomada de suas formas: ou foi dito que o homem é basicamente um produto de sua constituição hereditária, ou que ele é totalmente determinado pelos fatores ambientais. Entretanto, pode-se perguntar ao homem que acreditou na determinação hereditária se a sua própria afirmação referente a essa crença era nada mais que o produto de sua hereditariedade. Em outras palavras, ele se limita à sua estrutura genética para fazer tal pronunciamento? De fato, isso necessariamente sugere, em qualquer afirmação, que o orador é capaz de falar por meio da percepção inteligente, que por sua vez é capaz de uma *verdade* que não é meramente o resultado de um mecanismo baseado no significado ou habilidades adquiridas no passado."[88]

Em conversa sobre a origem dos conflitos, BOHM e KRISHNAMURTI parecem concluir que todos eles, mas principalmente os internos, aqueles que refletem em nas relações e no modo de ser do indivíduo, se dão por uma busca incessante de transformação. A ideia de evolução científica parece ter levado a humanidade a uma busca interna no mesmo sentido, que traz o tempo como principal fator acumulador de saber (*vir a ser, vir a saber*), e que resultaria em uma constante renovação. Nesse sentido, adverte KRISHNAMURTI que *"Evidentemente, existe conflito, no sentido de que, quando estou tentando me transformar em alguma coisa, há uma batalha incessante"*[89]. Por isso, um passo crucial para a humanidade seria superar a ideia de evolução, entendendo a importância dos atos de percepção.

Ao longo da história da humanidade grandes gênios puderam enxergar coisas inovadoras, em um contexto no qual uma consciência viciada, que busca a construção do conhecimento apenas e tão somente a partir da equação soma e superação, não poderia ter visto nada além de mais uma situação conhecida ou, se nova, explicada dentro dos parâmetros já preestabelecidos. Todavia, a produção do saber científico tem se fechado a

---

[88] BOHM, David. *Totalidade e a ordem implicada, op. cit.*, p. 64-65. Sobre o assunto também: "Entretanto, destacamos que Bohm propôs um ponto de vista científico que não elimina o determinismo nem o indeterminismo, mas os relaciona em seus possíveis conexões e alternâncias. Ao fazer isso, transcende as perspectivas usualmente reducionistas que enrijecem nossa compreensão sobre certos aspectos da natureza: ou os fenômenos da natureza são totalmente determinados ou são predominantemente indeterminados. Em conformidade com a visão científica de Bohm e com sua respectiva percepção da realidade, determinismo e indeterminismo são conceitos voltados para uma abordagem de uma realidade complexa, multidimensional e multifacetada que não pode ser isolada de forma mecanicista e absoluta, mas apena de maneira relativa, em determinados contextos dos quais tais conceitos poderão ser abstraídos." (CARVALHO, Rodrigo França. *Além das nuvens e dos relógios: a percepção da realidade em David Bohm, op. cit.*, p. 410.)

[89] KRISHNAMURTI, J; BOHM, David. *A eliminação do tempo psicológico*. Diálogos entre J. Krsihnamurti e David Bohm. Trad. Claudia Gerpe Duarte. São Paulo: Cultrix, 1985, p. 11.

essas possibilidades, depositando naquilo que é manifesto e sensorial todos os seus esforços de pretensos avanços, que levariam o ser humano a viver de forma melhor e mais livre. Na verdade, porém, tal fechamento prende e sufoca cada vez mais o ser humano, limitando seu poder criativo e sua capacidade, usualmente desconhecida, mas talvez infinita.

A arte pode e costuma ser uma das principais formas de o ser humano superar o mundo das divisões e abrir possibilidades para uma criação totalmente inovadora, que não esbarra nos limites impostos pelas fragmentações das técnicas, conforme se lê:

> "A arte, por sua vez, ajudou o homem a integrar os aspectos imediatamente perceptivos da experiência a uma estrutura completa de harmonia e beleza. É evidente que a *maneira* pela qual um ser humano percebe, por meio de seus sentidos, ajuda, em grande medida, psicologicamente falando, a fazê-lo o que ele é. O artista não somente tinha de observar a natureza com objetividade, a qual podemos chamar de germe da atitude 'científica' (para conseguir o tipo de imagens e padrões ornamentais que desejava, por exemplo), como também tinha uma sensibilidade incomum com relação à beleza das formas e às estruturas da natureza. Ao expressar sua percepção em objetos criados artisticamente, ele também ajudou outras pessoas a desenvolver uma observação mais sensível. Isso ocorreu, por exemplo, na arquitetura, bem como na decoração, que ajudou o homem a criar um ambiente físico integrado a uma estrutura harmoniosa de percepções e sentimentos."[90]

Ao lado da arte, saliente-se a importância da mitologia e das religiões tradicionais e o quanto o afastamento do homem moderno desse conteúdo tem sido um sinal da fragmentação do *eu*[91]. Os mitos e histórias milenares, apesar das maneiras distintas de serem contados, florescem de maneira similar. Segundo CAMPBELL, trata-se do canal por meio do qual a energia cósmica passa a fazer parte da vida dos seres humanos, inspirando as pessoas e sua criatividade[92]. Ao analisar as religiões e histórias místicas dos povos ao redor

---

[90] BOHM, David. *Sobre a criatividade, op. cit.*, p. 32.

[91] Sobre a importância dos mitos na história da humanidade: "A ciência preocupava-se não só com questões práticas sobre como integrar a natureza às necessidades físicas do homem, mas também com a necessidade psicológica de entender o Universo, de assimilá-lo para que o homem pudesse se sentir confortável nesse espaço. Os primeiros mitos da criação, que eram tão científicos quanto religiosos em seus objetivos, tinham essa função." (BOHM, David. *Sobre a criatividade, op. cit.*, p. 32.)

[92] CAMPBELL, Joseph. *O Herói de Mil Faces*. Trad. Sobral, Adail Ubirajara. São Paulo: Pensamento, 1989, p. 15.

do mundo, compreende-se o quanto essas ideias se mostraram presentes no desenvolvimento humano e quanto elas podem levar além, se o intérprete não parar apenas no seu significado pretensamente histórico.

Nesse sentido, a principal função das mitologias, das tradições e dos ritos é a de oferecer símbolos que elevem o espírito humano[93]. Eles são próprios de cada povo e trazem consigo aquilo que é significativo para aquelas pessoas, passando de geração para geração[94]. Apesar dessas diferenciações, por tratarem da essência humana, sempre tocam conteúdos humanos universais – ou, como diria JUNG, conteúdos *arquetípicos*.

CAMPBELL faz, em sua obra *O Herói de Mil Faces*, uma análise dos mitos por meio da trajetória do herói: aquele que fará uma viagem pelos caminhos da psique, onde se encontram os mais variados obstáculos. Assim, será preciso tornar as dificuldades claras, para poder erradicá-las e penetrar num domínio da experiência e assimilações das imagens arquetípicas.

O herói é aquele ou aquela que, superando sua condição histórica e pessoal, alcançou o fundamentalmente humano: é capaz de vivenciar a fonte primária da vida e do pensamento humano. Não se trata de um encontro com a psique social do momento, mas com a fonte inesgotável de onde a sociedade sempre pode renascer. É, por isso, um homem eterno, aperfeiçoado e universal, que, após percorrer uma longa jornada repleta de obstáculos e aprendizados, tem a missão de retornar ao nosso meio para ensinar as lições que aprendeu[95]. O herói é aquele que, após passar pelas mais variadas experiências singulares e concretas, consegue perceber o universal que repousa por trás de cada fato pontual e aparentemente insignificante.

Tratando da relação das pessoas e dos pesquisadores com os mitos e com os símbolos, um dos problemas da humanidade atual parece ser precisamente o oposto daquele que tiveram os homens dos períodos comparativamente estáveis das grandes mitologias capazes de coordenar as suas vidas - mitos e símbolos que hoje, porém, tendem a ser recebidos simploriamente como inverdades. Naqueles períodos, todo o sentido residia no grupo, e o ser humano singular encontrava sua essência e seu propósito justamente na *participação*

---

[93] CAMPBELL, Joseph. *O Herói de Mil Faces*, *op. cit.*, p. 15.
[94] BRACCO, Bruno Amabile. *Carl Jung e o Direito Penal*, op. cit., p.16.
[95] CAMPBELL, Joseph. *O Herói de Mil Faces*, op. cit., p. 27-28.

coletiva, pois compreendia que sua própria vida se deveria direcionar a algo maior que si mesmo. Já hoje, parece não haver nenhum sentido no grupo – nenhum sentido no mundo: tudo está no indivíduo. Ou talvez o sentido seja totalmente inconsciente: não se sabe o alvo para o qual se caminha, não se sabe o que move as pessoas, todas as linhas de comunicação entre as zonas consciente e inconsciente da psique humana foram cortadas e fomos divididos em dois[96]. Diz CAMPBELL:

> "Não pode haver dúvida: os perigos psicológicos pelos quais passaram gerações anteriores, pela orientação oferecida pelos símbolos e exercícios espirituais de sua herança mitológica e religiosa, nós, hoje (desde que não sejamos crentes ou, se crentes, desde que nossas crenças herdadas fracassem em representar os reais problemas da vida contemporânea), devemos enfrenar sozinhos ou, na melhor das hipóteses, com uma orientação experimental, improvisada e poucas vezes muito efetiva. Eis nosso problema, na qualidade de indivíduos modernos, 'esclarecidos', que foram privados da existência de todos os deuses e demônios por meio da racionalização."[97]

De acordo com FREUD, não há uma verdade nos simbolismos em si mesmos. O que ocorre, na realidade, é que através dos símbolos pode-se alcançar aquilo que é real[98]. Os símbolos, assim, devem ser encarados como uma *ponte* entre nossa existência habitual e *outro* universo – este, sim, repleto de verdade e significado, que *resplandecem* nos símbolos. A importância de tal constatação existe para aqueles que têm os atos de percepção como um objetivo: segundo CAMPBELL, quando se entende que aquele que se considera diferente e apartado é, em última análise, igual, busca o mesmo, e trilha caminhos coerentes, de acordo com cada julgamento e cada contexto de vida, pode-se chegar a uma harmonização e compreensão mútua entre os seres humanos[99], superando fragmentações, através da inteligência criativa.

A lição dos estudiosos dos símbolos, como CAMPBELL, é justamente esta: os símbolos, em si, não trazem qualquer significado intrínseco. Ademais, os símbolos oriundos de diferentes mitologias ou tradições serão, na superfície, muito diversos entre si. Se o ser

---

[96] CAMPBELL, Joseph. *O Herói de Mil Faces, op. cit.*, p. 272-273.
[97] Idem. Ibidem, p. 107.
[98] FREUD, Sigmund. *The future of an illusion.* Apud: CAMPBELL, Joseph. *O Herói de Mil Faces, op. cit.*, p. 11.
[99] CAMPBELL, Joseph. *O Herói de Mil Faces, op. cit.*, p. 11-12.

humano se prende a tal aparência, o que há é apenas divisão. Se, porém, por um *insight* criativo ou um ato de percepção, compreende o que está *por trás dos símbolos*, se compreende a *verdade transcendente* da qual cada símbolo é mero veículo, então a união se torna possível. Passar da aparência exterior ao significado transcendente equivale, para BOHM – como será visto adiante – a passar da *ordem explicada* para a *ordem implicada*.

1.2.4. Fragmentação na física

Antes, porém, de tratar da questão da *ordem*, e a fim de entender com mais profundidade a obra de DAVID BOHM, bem como melhor relacioná-la ao visto até aqui, analisar-se-á, de forma breve, a gênese das argumentações do autor sobre a fragmentação no desenvolvimento da física.

A física foi construída a partir das separações inerentes às pesquisas científicas. Dessa forma, encontram-se, na física mecânica, diferentes estudos, estudos dos movimentos dos corpos, das interações das partículas, das leis gravitacionais, dentre tantos outros. É evidente a importância dessa divisão para o desenvolvimento do conhecimento. Um homem só, ou um só laboratório, sem sombra de dúvidas, não seria capaz de abranger todos os aspectos da realidade que a física pretende abordar.

Todavia, tal fragmentação nos estudos, como visto, criou um grande perigo para o pensamento científico e, consequentemente, para toda a humanidade: uma enorme dificuldade em harmonizar os conteúdos produzidos de forma separada, gerando a percepção ilusória de que a fragmentação é inerente à realidade. Sobre o tema, valem as palavras de ORTEGA Y GASSET:

> "Seria de grande interesse, e de maior utilidade do que parece à primeira vista, escrever a história das ciências físicas e biológicas, mostrando-se o processo de crescente especialização no trabalho dos pesquisadores. Isso mostraria como, geração após geração, o homem de ciência foi se adstringindo, se recluindo num campo de atuação intelectual cada vez mais estreito. Mas isso não seria o mais importante que essa história nos mostraria, mas exatamente o inverso: como em cada geração o científico, por ter que reduzir sua órbita de trabalho, foi progressivamente perdendo

> o contato com as outras partes da ciência, com uma interpretação integral do universo, que é o único merecedor dos nomes de ciência, cultura, civilização (...). É um homem que, de tudo o que se deve saber para ser um personagem discreto, conhece apenas uma determinada ciência, e mesmo dessa ciência só conhece bem a pequena parte de que ele é um ativo pesquisador. Chega a proclamar como virtude o fato de não se inteirar de nada que esteja fora da estreita paisagem que cultiva especialmente, e chama de *diletantismo* a curiosidade pelo conjunto do saber."[100]

BOHM faz uma crítica à física mecanicista, que tem suas bases principais em ideias cartesianas. A física clássica apresenta, segundo o autor, um modo de se entender a realidade que leva a um olhar fragmentado sobre as coisas. Tempo, espaço e matéria são considerados de forma separada e cada uma dessas partes é ainda subdividida[101]. Por exemplo, um elétron é entendido como uma partícula que existe independentemente das demais e apenas se relaciona com outras partículas na medida em que elas entram em seu "campo de existência", ou seja, na medida em que elas passam a interagir num determinado recorte do tempo-espaço. Assim, um aglomerado de átomos, que são responsáveis pela formação de células, estariam, de forma mais ou menos aleatória, interagindo, apenas por uma questão do acaso, que os colocou, em um determinado momento e local, em interação.

Nesse sentido, a característica principal da ordem mecanicista é que o mundo se constitui de entidades que existem de forma independente, que estão fora uma das outras, e que, ao interagirem, não geram mudanças em suas naturezas. Segundo BOHM, para a ordem mecanicista, "*Cada parte é formada (ou seja, selada ou fundida) independentemente uma das outras, e interage com outras partes somente por meio de um tipo de contato externo*". E continua: "*A forma mais comum dessa noção é que o mundo é visto como sendo constituído por um conjunto de 'partículas elementares' indivisíveis, imutáveis e que existem separadamente, e que são 'blocos de construção' fundamentais para todo o Universo*"[102].

---

[100] ORTEGA Y GASSET, José. *A rebelião das massas*. Trad. Felipe Denardi. Campinas: Vide, 2016, p. 188.

[101] A propósito: "René Descartes criou o método do pensamento analítico, que consiste em quebrar fenômenos complexos em pedaços a fim de compreender o comportamento do todo a partir das propriedades das suas partes. Descartes baseou sua concepção da natureza na divisão fundamental de dois domínios independentes e separados — o da mente e o da matéria. O universo material, incluindo os organismos vivos, era uma máquina para Descartes, e poderia, em princípio, ser entendido completamente analisando-o em termos de suas menores partes". (CAPRA, Fritjof. *A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos, op. cit.*, p. 24-25.)

[102] BOHM, David. *Totalidade e a ordem implicada, op. cit.*, p. 180. Nesse sentido também: BOHM, David. *Arte, diálogo e a ordem implícita, op. cit.*, p. 119: "E: O senhor acreditava haver poderes destrutivos nas visões

Toda a matéria seria, portanto, formada por pequeníssimas partes separadas que, quando interagindo de uma determinada maneira, formariam o todo que estamos acostumados a chamar, por exemplo, de amebas, insetos, mamíferos e árvores. Isso quer dizer, em conclusão, que tudo seria formado a partir de uma matéria originalmente fragmentada e, a qualquer momento, fragmentária.

A unidade seria, portanto, obra do acaso ou de algumas leis físicas que podem, em certa medida, explicar o comportamento de elétrons, prótons e nêutrons. Segundo BOHM, "*é evidente que as características indeterministas da mecânica quântica são, de algum modo, um reflexo do comportamento real da matéria nos domínios atômicos e nucleares; porém aqui levantamos a questão de como justamente interpretar esse indeterminismo*"[103]. Isso quer dizer que o que o autor busca é algo que vá além da teoria mecanicista, sem necessariamente negar suas conclusões, mas jogando luz no fato de que elas são limitadas e não podem explicar a realidade de forma completa, pois, agindo assim, apenas reafirmam as fragmentações.

A teoria da relatividade foi a primeira indicação da física sobre a necessidade de se questionar a ordem mecanicista. Einstein, para enfrentar o desafio fundamental da ordem mecanicista, propôs que o conceito de partícula não deveria ser mais considerado como primário. A realidade deveria ser tomada, ao contrário, como sendo construída por *campos*, obedecendo às leis da *teoria da relatividade*[104].

Todavia, na visão de BOHM, Einstein não superou de forma satisfatória a fragmentação da ordem mecanicista, uma vez que os campos continuam, entre si, sendo realidades separadas e suas interações não necessariamente geram alterações em suas naturezas, ou seja,

> "as entidades fundamentais e os campos são compreendidos como algo que existe fora de cada um, em pontos separados de espaço e tempo, e são assumidos como sendo ligados uns com os outros apenas por meio de relações externas que, de fato, são também tomadas como locais, de modo

---

mecanicistas predominantes na ciência? Bohm: Eu realmente estava insatisfeito com o mecanismo. Sentia que o mecanismo e o reducionismo eram destrutivos, que levariam ao estreitamento do pensamento humano, ao foco em pequenas coisas, tornando-os rígidos. Tentar conter a vida, a mente e a sociedade e tudo o mais dentro desse mecanismo teria um efeito ruim, acredito."

[103] BOHM, David. *Totalidade e a ordem implicada, op. cit.*, p. 80.

[104] Idem. Ibidem, p. 181.

> que apenas aqueles elementos de campo separados por distâncias 'infinitésimas' podem afetar uns aos outros"[105].

A indeterminação proposta pelos físicos quânticos da Escola de Copenhague, liderados por Bohr[106] e Heisenberg, que pregavam que "*o acaso e a contingência seriam essenciais a todo processo de conhecimento e uma coisa pode ser e não ser, ou ocorrer ou não, de forma imprevisível ou dependendo de como é percebida*"[107], também não agradava BOHM. Para o autor, a realidade não pode depender da intencionalidade do observador, a verdade não deixa de existir se não for observada.

Segundo BOHM, a Mecânica Quântica afirma que primeiro há a observação e, depois de algum tempo, outra observação, que pode anular o resultado da primeira e fornecer um novo estado. Todavia, não há uma ligação entre os diferentes estados, a não ser a partir de cálculos estatísticos, fornecendo uma probabilidade. Nesse sentido, para a observação quântica, o real depende do físico que o observa e, segundo o autor, "*isso parece tornar necessário que o físico esteja por perto para que o universo seja real, e achei que isso estava errado. Quer dizer, achei que esta era uma interpretação positivista, aliás, até mais do que positivista, era uma tendência ao idealismo atribuir à mente humana tal posição-chave num fenômeno físico*"[108].

A interpretação da Escola de Copenhague ao Princípio da Incerteza levou, ainda, a um determinismo lógico-matemático, que acredita ser possível prever e controlar grandes agregados de partículas considerando somente a média estatística da manifestação quântico-mecânica de vários elementos. Segundo o autor, o determinismo lógico-matemático desconsidera pesquisas que tratam dos elementos em níveis individuais e as interações no

---

[105] BOHM, David. *Totalidade e a ordem implicada, op. cit.*, p. 181.

[106] Sobre a relação de BOHM e BOHR: Eu não trabalhei com Bohr efetivamente, apesar de ter tido várias conversas com ele. Várias vezes discuti com Einstein. Após as discussões, entrávamos em acordo. No começo, estudei somente mecânica quântica e relatividade e, ao fazer isso, comecei a aceitar, em parte, as ideias de Niels Bohr. Mais tarde, escrevi um livro chamado Quantum Theory [Teoria quântica], no qual estava realmente muito a favor de suas ideias à medida que as compreendia. Fiquei bastante insatisfeito no final desse período, por volta dos anos 1950, quando terminei o livro. Enviei cópias a vários físicos, incluindo Pauli, Bohr e Einstein. Pauli gostou, mas quando tratei da obra com ele, disse-me que ainda não estava satisfeito. Tanto ele quanto eu sentimos que a questão principal era: 'Qual a natureza da realidade?'. Veja, a visão de Bohr está baseada na epistemologia que preconiza que tudo o que podemos discutir é o nosso conhecimento da realidade. Não me satisfiz com isso." (BOHM, David. *Arte, diálogo e a ordem implícita, op. cit.*, p. 118).

[107] PONCZEK, Robert Leon. *Os grandes paradoxos da teoria quântica*. In.*: Deus ou seja a natureza: Spinoza e os novos paradigmas da física* [online]. Salvador: EDUFBA, 2009, p. 249-250. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/3bm/pdf/ponczek-9788523209049.pdf> Acesso em: 14.07.2018.

[108] BOHM, David. *O aparente e o oculto, op. cit.*, p. 191.

nível subquântico mecânico, bem como seus significados para a compreensão da realidade.Tanto a teoria quântica, quanto a teoria da relatividade, não se afastaram da ordem cartesiana, que analisa o mundo em partes que existem de forma separada. Tal determinismo lógico-matemático presente nas interpretações correntes desconsidera pesquisas que tratam dos elementos em níveis individuais e as interações no nível subquântico mecânico, bem como seus significados para a compreensão da realidade[109].

Foi então que BOHM elaborou o trabalho intitulado *Uma proposta de interpretação da teoria quântica em termos de 'variáveis escondidas'*: um marco para a interpretação da teoria quântica[110]. O autor explica, por exemplo, que o fato de um átomo ter, muitas vezes, seu comportamento descrito de forma mais parecida com uma onda do que uma partícula, dependendo do ambiente como um todo, bem como os instrumentos de observação, mostra que não há como manter uma divisão entre o que se observa e aquele que observa. Há uma realidade complexa e indivisível que envolve tudo, inclusive o meio pelo qual a realidade é abordada[111]. A mais conhecida citação de Einstein sobre a Mecânica Quântica é a sua máxima "*Deus não joga dados*" [112], e, ao que parece, BOHM concorda com essa ideia.

BOHM considera necessária a recuperação de um determinismo próprio à física clássica, que pode ter relação com a ideia de uma ordem implícita geral. Ou seja, se há uma ordem implicada e ela rege o comportamento de todos os corpos, tais comportamentos não são aleatórios, mas determinados, sendo *"este aspecto que confere ao tratamento bohmiamo a característica de uma formulação determinística, na qual o princípio da incerteza de Heisenberg perde o caráter fundamental presente na interpretação probabilística usual*"[113].

---

[109] OLIVEIRA, Cínthia Roso. *A importância da percepção total para David Bohm*. Disponível em: http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/semanadefilosofia/XI/4.pdf. Acesso em: 17.04.18, p. 2.

[110] FREIRE JR, Olival; PATY, Michel; ROCHA BARROS, Alberto Luiz da. *David Bohm, sua estada no Brasil e a Teoria Quântica*. Estudos Avançados, 8(20), 1994, p. 53-82, p. 53. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141994000100012> Acesso em: 14.07.2018.

[111] BOHM, David. *Totalidade e a ordem implicada, op. cit.*, p. 25.

[112] LEHNER, Christoph. *Parte II – Implicações filosóficas da teoria quântica: o realismo de Einstein e sua crítica da mecânica quântica*. In: FREIRE JR, O., PESSOA JR, O., e BROMBERG, JL., orgs. Teoria Quântica: estudos históricos e implicações culturais [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2011, p. 187. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/xwhf5/pdf/freire-9788578791261-09.pdf> Acesso em: 14.07.2018.

[113] SIQUEIRA-BATISTA, Rodrigo; HELAYËL-NETO, José Abdalla. *A mecânica quântica de David Bohm*. Vértices: 2008, v. 10, n. 1/3, jan/dez, p. 57-62. Disponível em: http://www.essentiaeditora.iff.edu.br/index.php/vertices/article/view/1809-2667.20080005. Acesso em: 17.04.18, p. 60.

Por outro lado, afirma que o determinismo lógico-matemático presente nas interpretações correntes desconsidera pesquisas que tratam dos elementos em níveis individuais e as interações no nível subquântico mecânico, bem como seus significados para a compreensão da realidade. Assim, por analogia, *"Bohm toma a visão coletiva de uma multidão de pessoas. Tal olhar não impede que cada indivíduo, ou grupos de indivíduos, conserve historicidades, cultura, poder aquisitivo, classe, conhecimento e relações que fogem à coletividade como um todo, podendo ser tratados na sua especificidade"*[114].

Como se vê, o cerne do paradigma desenvolvido pelo autor é combinar comportamentos descontínuos numa visão não global da realidade[115]. Para isso, elaborou a *teoria da ordem implicada*, construída a partir dos estudos sobre variáveis ocultas não-locais. Propõe uma nova teoria das variáveis ocultas, segundo a qual, em um nível profundo subquântico, "*há mais variáveis que determinam com maiores detalhes as flutuações dos resultados das medições mecânico-quânticas individuais*"[116]. A demonstração da possibilidade da existência das variáveis ocultas pode servir para explicar a incerteza das conclusões baseadas na suposição da universalidade de certas teorias, conforme já discutido.

1.3. As noções de ordem

A ideia de ordem encontrada em BOHM não está limitada à conhecida noção de arranjos de objetos em linhas ou fileiras, nas tabelas e planilhas. O conceito é muito mais geral, abarcando *"a ordem de crescimento de um ser vivo, a ordem da evolução das espécies, a ordem da sociedade, a ordem de uma composição musical, a ordem da pintura, a ordem*

---

[114] LOIOLA, Sérgio Almeida. *Resenha*: *BOHM, David. A totalidade e a ordem implicada: uma nova percepção da realidade, op. cit.*, p. 109..

[115] A propósito: "Os fenômenos naturais podem ser entendidos racionalmente como flutuantes entre esses dois polos conceituais. Nada é apenas determinado e determinista, e nada é apenas indeterminado e indeterminista, a não ser como abstração. A natureza efetiva-se de modo a mesclar esses dois polos e, por isso, está além deles. Entretanto, a percepção dos cientistas dos fenômenos nem sempre levou em consideração essa relação. No século XIX, por exemplo, em razão do êxito da física clássica, era recorrente, na comunidade científica, acreditar que o universo era determinado e que, no futuro, seríamos capazes de predizer com exata precisão os eventos da natureza. No século XX, principalmente por causa de determinadas abordagens da teoria quântica, a mesa foi virada e passou-se a crer que o indeterminismo imperava no universo. Em nossa análise, a visão decorrente da percepção bohmiana da realidade aponta para a superação dessa dicotomia, o que abre espaço para uma concepção da natureza na qual a criatividade e a liberdade são fundamentais." (CARVALHO, Rodrigo França. *Além das nuvens e dos relógios: a percepção da realidade em David Bohm, op. cit.*, p. 410-411.)

[116] BOHM, David. *Totalidade e a ordem implicada, op. cit.*, p. 97.

que constitui o significado da comunicação, etc."[117]. Nesse sentido, não pode ser definida em palavras, mas pode ser indicada tacitamente por meio de suas implicações, conhecidas por todos, que comunicam um significado geral e generalizado de ordem.

Conforme já analisado, o conteúdo do fato observado não pode ser tomado sem levar em consideração os modos de observação, instrumentação e compreensão teórica, pois, segundo BOHM,*"não há significado algum em separar o fato observado (junto com os instrumentos usados para observá-lo) das noções teóricas de ordem que ajudam a dar um 'formato' a esse fato*"[118]. Assim, a noção de ordem utilizada é uma das bases de medição para a realidade. Quando se diz que algo está fora da harmonia ou não está agindo de acordo com o esperado, em um experimento, ou nos relacionamentos e relações sociais, há uma noção de ordem por detrás de tais afirmações.

A acomodação, dentro dos parâmetros de ordem já existentes, pode ser encarada como uma das principais atividades científicas, mas, é claro, nem sempre o resultado esperado é alcançado. Nas seguradoras, por exemplo, resta claro que as leis estatísticas não impedem comportamentos individuais. Ou seja, "*a ausência de lei do comportamento individual no contexto de uma determinada lei estatística é, na maioria das vezes, consistente com a noção de leis individuais mais detalhadas aplicadas em um contexto mais amplo*"[119]. Isso quer dizer que especificidades podem ser reveladas e harmonizadas com uma ordem preestabelecida, ainda que fujam do esperado.

Em certos contextos, pode ocorrer a assimilação e acomodação. Em outros, necessariamente revolucionários, é preciso que a ordem antiga abra caminho para uma nova ordem, pois a medida comum não pode ser realizada, nem harmonizada dentro da teoria, sem alteração de sua ordem básica, então será necessária uma percepção inovadora *de todo o fato*[120]. Todavia, tal processo não é fácil, uma vez que:

---

[117] BOHM, David. *Totalidade e a ordem implicada, op. cit.*, p. 126.
[118] Idem. Ibidem, p. 152.
[119] Idem. Ibidem, p. 81. No mesmo sentido: "Bohm ofereceu-nos uma abordagem científica que nos revela uma nova percepção da realidade para além do determinismo e indeterminismo absolutos. Esses conceitos, em sua visão, são abstrações que podem ser efetivadas em contextos específicos. O mundo físico comporta, pois, concepções, como a de liberdade e de adaptação, que também constituem o mundo humano, edificando, assim, uma unidade entre os saberes e a realidade." (CARVALHO, Rodrigo França. *Além das nuvens e dos relógios: a percepção da realidade em David Bohm, op. cit.*, p. 430.)
[120] BOHM, David. *Totalidade e a ordem implicada, op. cit.*, p. 150-151.

> "nossas noções de ordem são perversas, não porque envolvem apenas o nosso modo de pensar, como também os nossos sentidos, sentimentos, intuições, movimento físico, nossas relações com outras pessoas e com a sociedade como um todo e, de fato, em cada fase de nossas vidas. Portanto, é muito difícil 'voltar atrás' e pisar nas nossas antigas noções de ordem o suficiente para sermos capazes de seriamente considerar novas noções de ordem."[121]

BOHM propõe uma nova noção de ordem, que está contida de modo implícito em cada região do espaço. Seria como se lêssemos fragmentos de um livro rasgado, mas que pode ser reunido novamente, de forma harmoniosa, e nos encaminhar em direção a uma coerência. Nesse sentido, BOHM nos ensina, nas palavras de PONCZEK,

> "que a desordem e o acaso reinantes na natureza não lhe seriam ontológicos, mas sim epistemológicos. Seriam decorrentes do fato de que todo processo de conhecimento resulta de uma ação humana sobre os minúsculos corpos subatômicos, e que embora ainda não saibamos fazê-lo será possível calcular e descontar os *quanta* trocados com esses objetos microscópicos. É como se... o livro da sabedoria que o rabino legou aos seus discípulos, ainda que rasgado, pudesse ser recomposto e lido em sua totalidade."[122]

A construção da harmonia só será possível quando elevarmos a consciência para uma totalidade que faz sentido apesar das aparentes desordens. Tal totalidade implícita pode ser alcançada a partir de processos que são muito menos técnicos, sendo que "*a palavra 'implícita' está baseada no verbo 'implicar'. Isso significa 'dobrar para dentro' (assim como a multiplicação significa 'dobrar várias vezes'). Portanto, somos levados a explorar a noção de que, de algum modo, cada região contém a estrutura total 'envolvida' dentro dela*"[123]. É a crença de que há, de fato, uma necessidade geradora que regula toda a existência, ainda que tal necessidade não se manifeste de forma perceptível.

---

[121] BOHM, David. *Totalidade e a ordem implicada, op. cit.*, p. 183.
[122] PONCZEK, Robert Leon. *Os grandes paradoxos da teoria quântica*, op. cit., p. 249.
[123] BOHM, David. *Totalidade e a ordem implicada, op. cit.*, p. 157.

1.3.1. A busca pela *totalidade*: a ordem implicada

O mundo fragmentado foi consolidado na história do homem com o objetivo, em síntese, de produzir conhecimento para facilitar a vida em sociedade. A partir de tais preceitos começou a dividir as coisas, a ter um olhar focado e fragmentado sobre cada realidade e situação.

As coisas materiais se tornaram, nesse ponto, o centro das preocupações científicas e sociais. A humanidade foi abandonando, de forma gradual e quase total, aquilo que não pode ser medido, visto, tocado ou ouvido, ou seja, aquilo que não pode ser captado sensorialmente deixa de existir. Nesse sentido, a *realidade como um todo* passa a ser explicada única e tão somente levando em conta aquilo com que se pode ter contato sensorial. Nesse processo, passou-se a chamar de realidade apenas a matéria *manifesta*.

Todavia, segundo BOHM, "*no contexto 'quântico', a ordem em cada aspecto imediatamente perceptível do mundo deve ser considerada como algo que emerge de uma ordem implícita mais compreensiva, na qual todos os aspectos finalmente se juntem no holomovimento indefinível e incomensurável*"[124]. Ou seja, há algo a ser levado em consideração, que é mais importante do que aquilo que pode ser captado pelos sentidos, pois rege toda a existência, de forma oculta ou implicada. Passaremos a analisar essa ideia.

A matéria manifesta ou perceptível pelos sentidos é o que autor vai chamar de *ordem explicada*, ou seja, uma ordem explícita, revelada por meios sensoriais. A raiz da palavra manifestar vem do latim *manus* e significa 'mão'. Assim, o que é manifesto é o que pode ser apreendido com a mão, ou seja, algo sólido, tangível e visivelmente estável[125]. Nesse sentido, nas palavras de BOHM, "*a ordem explicada surge primariamente como um certo aspecto do senso de percepção e da experiência com o conteúdo desse senso de percepção. Podemos acrescentar que, na Física, a ordem explicada geralmente se revela nos resultados sensivelmente observáveis do funcionamento de um instrumento*"[126].

Portanto, o que caracteriza a ordem explicada é que se trata de um grupo de coisas que são recorrentes e relativamente estáveis, ou seja, podem ser captadas de forma repetida, como a matéria e o som, e mantêm uma organização e comportamento independentes.

---

[124] BOHM, David. *Totalidade e a ordem implicada, op. cit.*, p. 164.
[125] Idem. Ibidem, p. 191-192.
[126] Idem. Ibidem, p. 166.

Segundo BOHM, "*esse grupo de elementos (por exemplo, campos e partículas) oferece a explicação sobre o domínio de experiência, no qual a ordem mecanística concede um tratamento adequado*"[127].

O ponto chave é entender que a humanidade caminhou no sentido de considerar a *ordem explicada* como a *realidade como um todo*, ou seja, a realidade se resume àquilo que é tangível ao ser humano de forma expressa, não havendo espaço para a ação de realidades que não se mostram de tal forma. Por outro lado, "*foi descoberto que mesmo as 'partículas elementares' podem ser criadas, aniquiladas e transformadas, e isso indica que nem mesmo elas podem ser as substâncias finais; ao contrário, elas também são formas relativamente constantes, abstraídas de algum nível mais profundo de movimento*"[128].

Nesse sentido, de acordo com BOHM, o que é primário, universal e existe de forma independente, deve ser explicado em termos de *ordem implicada* , em que tudo está envolvido em tudo[129]. Trata-se, portanto, de uma nova visão geral da física onde *tudo implica tudo*[130]:

> "Bohm propôs, por meio de sua teoria da ordem implícita e da ordem explícita, que enxergássemos a realidade como uma totalidade ininterrupta. Nossa visão será sempre limitada, entretanto uma maneira adequada é percebermos que existem infinitas ordens até outras que são bastante imprevisíveis. Isso nos remete à visão de que existem graus de ordem diferentes presentes na natureza."[131]

A ordem implicada seria ativa de forma autônoma, enquanto a ordem explicada seria derivada, secundária, apropriada apenas em certos contextos limitados. A lei fundamental é, na verdade, um movimento das estruturas envolvidas que interpenetram todo o espaço e não são perceptíveis aos nossos sentidos e instrumentos[132]. Nesse sentido, "*cada estrutura*

---

[127] BOHM, David. *Totalidade e a ordem implicada, op. cit.*, p. 185.
[128] Idem. Ibidem, p. 62.
[129] Idem. Ibidem, p. 184. Nesse sentido também: "A ordem envolvida é uma vasta área de potencialidade que pode ser expandida ou desenvolvida. A forma como isso ocorre depende de diversos fatores. O pensamento funciona assim. A ordem implícita sugere participação mútua de tudo com tudo. Nada está completo em si, e o total se realiza somente nessa participação." (BOHM, David. *Arte, diálogo e a ordem implícita, op. cit.*, p. 121.)
[130] BOHM, David. *Totalidade e a ordem implicada, op. cit.*, p. 156-163.
[131] CARVALHO, Rodrigo França. *Além das nuvens e dos relógios: a percepção da realidade em David Bohm, op. cit.*, p. 427.
[132] BOHM, David. *Totalidade e a ordem implicada, op. cit.*, p. 191.

relativamente autônoma e estável (uma partícula atômica, por exemplo) deve ser entendida não como algo que existe independente e permanentemente, mas sim como um produto que foi formado no movimento em fluxo completo e que, definitivamente, irá se dissolver de volta a esse movimento"[133]. Tudo dependerá do lugar e função na totalidade.

O autor exemplifica essa questão a partir da noção de causalidade de Aristóteles[134], que afirmava que tudo era formado por quatro causas: a causa material, que remete à matéria a partir da qual tudo se faz; a causa eficiente, referindo-se à ação potencialmente geradora; a causa formal, que trata da formação ou desenvolvimento do ser; e, por fim, a causa final, que é o resultado do processo, o *design* final da execução. Na visão antiga, a causa formal ou formativa era a mesma para tudo, para a mente, a vida, o Cosmo[135]. A forma – palavra que no correr dos tempos adquiriu significados inteiramente diferentes do original – era também chamada de *essência* ou *ato*: originava tudo o que é tangível, sem ser, ela mesma, também tangível[136].

Nesse sentido, Aristóteles considerava que todo o Universo cresce como um organismo simples, inteiro, onde cada parte possui uma função e um lugar próprio, crescendo e se desenvolvendo de acordo com essa relação com o todo[137]. Segundo BOHM, toda matéria vem da natureza implicada, isto é, "*há um fluxo universal que não pode ser definido explicitamente, mas que pode ser conhecido apenas implicitamente, como indicado pelas formas e contornos definíveis explicitamente, alguns estáveis e outros instáveis, que podem ser abstrações do fluxo universal*"[138].

Tudo que é perceptível aos sentidos seria apenas um aspecto diferente de um único movimento e, por isso, abre-se a possibilidade de se enxergar todos os aspectos da existência

---

[133] BOHM, David. *Totalidade e a ordem implicada, op. cit.*, p. 29.
[134] Idem. Ibidem, p. 27-28.
[135] ARISTÓTELES. *Metafísica, op. cit.*, p. 242-243.
[136] Sobre as relações entre *forma* e *matéria*, encontramos a seguinte explicação de Guénon: "Dizer que todo ser manifestado é composto de *forma* e de *matéria* equivale a dizer que a sua existência provém ao mesmo tempo necessariamente da essência e da substância... Acrescentaremos ainda que o que se chama *ato* e *potência*, no sentido aristotélico, corresponde igualmente à essência e à substância". (GUÉNON, René. *O reino da quantidade, op. cit.*, p. 15. Guénon também dá aos polos indicados a nomenclatura de *qualidade* e *quantidade*, respectivamente.)
[137] BOHM, David. *Totalidade e a ordem implicada, op. cit.*, p. 28.
[138] Idem. Ibidem, p. 27. Nesse sentido também: "A sugestão é que, se olharmos para a matemática da teoria quântica, veremos que ela descreve um movimento dessa natureza, de ondas que se dobram e se desdobram no espaço. Pode-se, então, dizer que tudo está envolto neste todo, ou mesmo em cada parte, e, então, ele se desdobra. Eu chamo a isso de ordem implícita, a ordem envolvida, e isso se desdobra em uma ordem explícita. A implícita é a ordem envolvida. Ela se expande na ordem explícita, na qual tudo é separado." (BOHM, David. *Arte, diálogo e a ordem implícita, op. cit.*, p. 120-121)

não como fragmentados, mas unidos, e, assim, "*poderemos acabar de vez com a fragmentação implícita presente na atitude do ponto de vista atômico, que por sua vez nos leva a dividir tudo de tudo e de maneira minuciosa"* [139].

O que se pode ver aqui é que a realidade é formada, então, por partes manifestas e imanifestas, sendo que, nem sempre, elas se manterão na mesma posição. Há, como o autor chama, realidades que estão dobradas, ou seja, imersas naquilo que é implicado e, dessa forma, não estão disponíveis aos sentidos, mas não deixam de fazer parte da totalidade do real. Outra parte da realidade é considerada como desdobrada, ou seja, está manifesta aos sentidos, faz parte da ordem explicada. O movimento é o começo de um novo conteúdo, pois, nas palavras de BOHM:

> "A qualquer momento, um deles pode ser desdobrado e localizado, mas, no próximo, ele se envolve para ser trocado por aquele que o segue. (...). No entanto, fundamentalmente, a partícula é apenas uma abstração que se manifesta nos nossos sentidos. *O que é* é sempre uma totalidade de agrupamentos, todos juntamente presentes, em uma série ordenada de etapas de envolvimento e desdobramento, que se misturam e se interpenetram uns nos outros em princípio ao longo de todo o espaço."[140]

Há, portanto, diferentes fases de envolvimento, dobramento e desdobramento. Pode-se, então, chegar à postulação de que aquilo que é manifesto pode ser entendido através de uma *lei da subtotalidade*, ou seja, trata-se de uma parte ou fase *daquilo que é* que está em constante movimento[141]. Pode-se entender, neste ponto, o motivo pelo qual o autor diz que as teorias mecanicistas podem dar uma explicação limitada da realidade, em um contexto também restrito. O que é mecânico é apenas uma subtotalidade, que pode ser abstraída do movimento de desdobramento[142]. O erro, portanto, está em considerar que os sentidos podem captar a *realidade como um todo* e desconsiderar a enorme quantidade de conteúdo da realidade que se encontra dobrado ou oculto.

Uma imagem trazida pelo autor pode tornar mais claro o entendimento de seu ponto. Ele fala de um líquido viscoso presente em uma suposta máquina parecida com uma

---

[139] BOHM, David. *Totalidade e a ordem implicada, op. cit.*, p. 27.
[140] Idem. Ibidem, p. 190.
[141] Idem. Ibidem, p. 209.
[142] Idem. Ibidem, p. 217.

batedeira, mas com movimentos mais lentos. É colocado, no líquido, uma única gota de tinta vermelha e, então, começa a se misturar, de forma circular e lenta, o líquido viscoso e a tinta. É possível ver, no processo, que a tinta, que era uma gota, vai se tornando um fio. Em dado momento, se os movimentos de mistura continuarem, a tinta desaparecerá.

Esse seria o processo de implicação da realidade. Algumas coisas que existem podem estar implicadas em outras, de forma que não são captadas em determinado tempo-espaço, mas, nem por isso, deixam de existir. Se o observador tivesse chegado antes da mistura, poderia ter visto a tinta. Outro modo de novamente encontrar a tinta seria fazer o movimento rotatório no sentido oposto, de forma que, aos poucos, a tinta volta a aparecer como uma linha, até se tornar uma gota outra vez[143].

É assim que a realidade deve ser entendida. Estar dobrado é estar misturado e imperceptível aos sentidos. Há muitas coisas que estão implícitas naquilo que se julga conhecer. Muito ainda não pode ser descoberto, ou, na verdade, nunca toda a realidade será desvendada dentro de um determinado período de tempo e espaço, já que as "gotas de tinta" são inúmeras, colocadas no líquido viscoso em diferentes momentos, e quando fizermos o movimento oposto, aparecerão em tempos e lugares distintos, dependendo das condições de sua implicação. Isso não quer dizer que a totalidade do líquido viscoso transparente não conte com as gotas de tinta, apenas que elas estão envolvidas por ele.

A ideia de desdobramento também foi utilizada por LAHIRE, que defende a existência de "fatos sociais dobrados" e "fatos sociais desdobrados". Segundo SÁ,

> "O 'desdobrado' é o fato abstraído, teorizado, analisado, 'dissecado' sob os mais diferentes enfoques. O fato social 'dobrado' é o que se apresenta concretamente, em toda a sua complexidade e em toda a complexidade do

[143] No mesmo sentido: "Um exemplo impressionante de ordem implicada pode ser demonstrado no laboratório com um recipiente transparente cheio de um líquido muito viscoso, tal como melaço, e equipado com um rotor mecânico para 'misturar' o fluido de forma lenta, mas com muita consistência. Se uma gota insolúvel de tinta for colocada no fluido e o aparelho misturador for colocado em movimento, a gota de tinta será gradualmente transformada em uma linha que se estenderá por todo o fluido. Essa última parte aparecerá distribuída de forma mais ou menos 'aleatória', de modo que será vista em uma tonalidade cinza. Já se o aparelho misturador for ligado na direção oposta, a transformação é revertida e a gota de tinta de repente aparece reconstituída" (BOHM, David. *Totalidade e a ordem implicada, op. cit.*, p. 157-158).

> indivíduo, complexidade essa praticamente inatingível, em toda sua extensão, pela análise e pela compreensão."[144]

Por isso, o mesmo autor afirma que o estudo de um indivíduo, quando se dá apenas pelos seus traços sociais desdobrados, ou seja, seu trabalho, família, religião, posição política, saúde, por exemplo, não poderá ir muito longe no que tange ao entendimento do humano, pois tudo isso "*não corresponde à realidade concreta do indivíduo como um todo*"[145].

Outro exemplo trazido por BOHM, bem ilustrado por imagens, é aquele em que há um aquário com um único peixe sendo filmado por duas câmeras, em posições diferentes[146]. Cada uma das câmeras reproduz uma imagem no projetor. São imagens diferentes. À medida que o peixe se move dentro do aquário, as imagens também mudam, de forma harmônica e correlata, mas nunca são as mesmas. As duas imagens:

> "se referem a uma única atualidade, que é a base de ambas (e isso explica a correlação das imagens sem a suposição de que elas casualmente afetam uma à outra). Essa atualidade é de dimensionalidade mais elevada do que as imagens separadas na tela; ou, em outras palavras, as imagens na tela são *projeções* bidimensionais (ou facetas) de uma realidade tridimensional. De algum modo, essa realidade tridimensional apreende essas projeções bidimensionais dentro dela. Ainda assim, tendo em vista que essas projeções existem apenas como abstrações, a realidade tridimensional não *é* qualquer uma delas, ao contrário, é algo diferente, algo que vai além da natureza de ambas."[147]

Um outro exemplo sobre a noção de totalidade e integração da realidade é o crescimento de uma planta, que começa com a semente, que carrega o DNA trazendo a informação direcionadora do crescimento da planta, mas também contribuem todos os elementos que fornecem energia necessária para a plantar crescer, como o solo, a água, o ar,

---

[144] SÁ, Alvino Augusto. *Criminologia clínica e execução penal – proposta de um modelo de terceira geração, op. cit.*, p. 188.
[145] Idem. Ibidem, p. 188.
[146] BOHM, David. *Totalidade e a ordem implicada, op. cit.*, p. 193-194.
[147] Idem. Ibidem, p. 194.

a luz solar. A planta corresponderá à união de todas essas coisas[148]. A semente, em si, carrega a potencialidade de uma árvore, todavia, sozinha, jamais chegará a ser uma árvore.

É preciso que a semente seja plantada e, ao ser plantada, que outros materiais se unam a ela para se tornar, então, árvore. Oxigênio, gás carbônico, sais minerais, dentre outros, precisarão "entender" a necessidade daquela semente e, então, com ela, entrar em um processo de se tornar árvore. A semente traz em si um mapa, um caminho que leva à formação de uma árvore e, por isso, consegue fazer com que aquilo que é necessário ao seu desenvolvimento se una a ela e possibilite todo o processo. Assim, oxigênio, gás carbônico, água e sais minerais seguem a necessidade existente, ainda que isso não seja algo explicado.

Nesse ponto poderíamos nos questionar: em que ponto começa a vida? Ou ainda, como se distinguir entre o que é vivo e o que não é? Há um momento em que a água, a luz, os nutrientes do solo passam a ser parte constitutiva de um ser vivo e, então, podem ser considerados como vivos também? Conclui-se que a própria vida deve ser entendida como pertencente a um movimento total e indivisível da existência, que é um fluxo contínuo sem fronteiras.

A ordem implicada serviria, portanto, para o entendimento da realidade total e indivisa em fluxo. Cada pequeno fragmento que se possa abstrair continua fazendo parte e está relacionado com a totalidade da qual foi abstraído. Tudo não está se transformando, tudo *é movimento*[149]. Todos os objetos, eventos, entidades, estruturas são abstrações de um processo total de dobramento e desdobramento. É como se a ordem explicada fosse um rio fluindo a partir da ordem implicada, sendo que a substância nunca é a mesma. Desta forma, *"o universo seria constituído de múltiplas camadas de realidade, sendo os fenômenos ocorridos numa camada mais externa percebidos como a média de outros fenômenos que ocorrem num nível mais profundo*"[150].

Em certos contextos, conforme já analisado, adotar visões fragmentárias e simplificadoras, tratando-as com certos propósitos limitados, é necessário. Todavia, o ponto

---

[148] BOHM, David. *Totalidade e a ordem implicada, op. cit.*, p. 199. A mesma ideia se encontra em BOHM, David. *Arte, diálogo e a ordem implícita, op. cit.*, p. 126: "A ordem implícita nos ajudaria a perceber que tudo envolve tudo. Para ver que todos não dependem meramente de todos, mas que na verdade todos são todos em um sentido mais profundo. Somos a Terra, porque toda a essência vem da Terra e a ela retorna. É errado dizer que é um ambiente à nossa volta, porque isso seria como o cérebro considerando o resto do corpo como arte de seu ambiente."

[149] BOHM, David. *Totalidade e a ordem implicada, op. cit.*, p. 61.

[150] PONCZEK, Robert Leon. *Os grandes paradoxos da teoria quântica, op. cit.*, p. 268.

de crise está no fato de que "*nos tornamos tão habituados com a ordem explicada, e a temos enfatizado tanto no nosso pensamento e na nossa linguagem, que geramos a forte tendência de sentir que a nossa experiência primária é aquela que é explicada e manifesta*"[151]. Entender que a natureza fragmentária é uma ilusão nos levará a ações que não mais reafirmam as divisões[152], pois o homem se entenderá como parte da totalidade, e não separado dela, caminhando para relacionamentos mais harmônicos e coerentes com o todo.

1.3.1.1. O holomovimento

Uma outra maneira de explicar o fenômeno da implicação da realidade é a partir da diferenciação das imagens formadas por lentes e por hologramas, compreendendo, assim, a questão do *holomovimento*.

As lentes costumam formar imagens, ainda que maiores, menores ou invertidas, que têm correspondência dos pontos com o objeto que pretendem reproduzir. Ou seja, cada ponto do objeto é um ponto da imagem, e a localização do objeto fará com que a imagem seja formada de uma determinada maneira. A característica essencial da lente é que ela forma uma imagem que possibilita a análise de um sistema separado em partes. A lente sustenta, portanto, a ideia de percepção da ordem mecanicista, pois, ao gerar a correspondência de partes específicas de um objeto, fortalece a ideia de divisão e de relacionamento externo entre as partes[153]. É por isso que BOHM afirma que a lente:

> "Ao gerar uma imagem e uma gravação ponto a ponto das coisas que são muito pequenas para serem vistas a olho nu, muito grande, muito lenta, etc., nos leva a acreditar que eventualmente tudo poderá ser *percebido* dessa forma. A partir disso, cresce a ideia de que não há nada que não possa ser *concebido* como sendo constituído de tais elementos localizados. Logo, a abordagem mecanística foi muito encorajada pelo desenvolvimento da lenta fotográfica."[154]

---

[151] BOHM, David. *Totalidade e a ordem implicada, op. cit.*, p. 211.
[152] Idem. Ibidem, p. 27.
[153] Idem. Ibidem, p. 153.
[154] Idem. Ibidem, p. 184.

O holograma[155] tem um funcionamento diferente, pois cada ponto do objeto não representa exatamente um ponto da imagem, mas a imagem como um todo. Ou seja, cada ponto iluminado do holograma vai corresponder a uma representação total da imagem, a partir daquele ponto, e não a representação do ponto somente. O holograma permite uma visão imediata de uma totalidade indivisível, ou seja, pode se ver o objeto em três dimensões e por uma variedade de pontos de vista. Não é por acaso que o nome holograma "*é derivado das palavras gregas holo, que significa 'todo', e grama, que significa 'escrever'. Logo, holograma é um instrumento que, como sempre, 'escreve o todo'*"[156].

O valor do holograma está no fato de que ele pode ajudar com o entendimento da nova noção de ordem proposta por BOHM. Reconhecer que a ordem real, que foi gravada, é um movimento complexo de ondas de luz, presente em todo lugar e que envolve todo o Universo de espaço-tempo[157], ensina que cada ponto da realidade revelada ou explicada carrega um fluxo não perceptível à primeira vista. Um ponto não é algo isolado no cosmos, mas está implicado em toda a realidade, ainda que ela não esteja manifesta aos sentidos.

A mesma ideia está naquilo que MANDELBROT chama de *fractal*. Em linguagem matemática, quando se explora o *Conjunto de Mandelbrot* mais profundamente, encontra-se, em todos os pontos, o mesmo conjunto, que assim se reproduz *ad infinitum*. Ou seja: as figuras derivadas, ou "fractais", reproduzem sempre, em escala menor, o conjunto original[158]. Curiosamente, encontra-se no Hinduísmo uma imagem parecida: a "teia de joias de Indra". Trata-se de uma infinita rede que traz uma pérola em cada uma de suas infinitas

---

[155] Holograma: "ele faz uma gravação fotográfica do padrão de interferência das ondas de luz que saem do objeto. A nova característica-chave dessa gravação é que cada parte contém informação sobre o *objeto como um todo* (sem que haja correspondência de ponto a ponto do objeto e da imagem gravada). Isso quer dizer que a forma e a estrutura do objeto como um todo podem ser consideradas como *envolvidas* dentro de cada região da gravação fotográfica. Quando se ilumina a luz em cada região, essa forma e estrutura são *envolvidas* para oferecer uma imagem reconhecível do objeto como um todo novamente" (BOHM, David. *Totalidade e a ordem implicada, op. cit.*, p. 184).

[156] BOHM, David. *Totalidade e a ordem implicada, op. cit.*, p. 153. No mesmo sentido: "A matemática em si sugere um movimento no qual tudo, qualquer elemento do espaço, pode ter um campo que se expande para o todo e ao qual o todo se integra. O holograma seria um exemplo disso. Em uma fotografia comum, temos correspondência ponto a ponto. Cada ponto do objeto corresponde a um ponto na imagem, mais ou menos. Em um holograma, todo o objeto está contido em cada ponto, envolvido como um padrão de ondas, que então podem ser desdobradas por luzes brilhantes através dele." (BOHM, David. *Arte, diálogo e a ordem implícita, op. cit.*, p. 120)

[157] BOHM, David. *Totalidade e a ordem implicada, op. cit.*, p. 184.

[158] COULIANO, Ioan. *Introdução*. In: ELIADE, Mircea; COULIANO, Ioan P. Dicionário das Religiões. Trad. Ivone Castilho Benedetti. 2ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

intersecções, e cada pérola reluzente espelha toda a infinita teia de joias. Essas duas imagens ajudam a compreender o holograma.

A totalidade seria, então, um holomovimento, que não é limitado de qualquer forma específica, pois, segundo BOHM, "*o holomovimento é indefinível e incomensurável*"[159]. Isso quer dizer que a "lei do todo" nunca poderá ser totalmente conhecida, mensurada ou colocada em palavras, pois "*tudo que se falar da totalidade infinita nunca a abarcará"*[160], e, por outro lado, deve ser considerada como necessariamente implícita[161]. Por isso, as conclusões sobre a ordem implicada não levam a uma teoria fundamental, na qual todo o fenômeno da Física seria reduzido e teria sua base final e permanente.

Nessa perspectiva, a holonomia não nega a relevância da fragmentação e a possibilidade de que as interações sejam explicadas a partir de sistemas autônomos; entretanto, *"qualquer forma de autonomia relativa (e heteronomia) é definitivamente limitada pela holonomia, para que, em um contexto amplo o suficiente, tais formas sejam vistas como meros aspectos relevados no holomovimento, em vez de coisas desunidas e que existem separadamente em interação*"[162]. Assim, cada teoria continuará existindo, mas de um modo muito diferente, pois se terá clareza de que estará abstraindo um aspecto que considera relevante, em um contexto limitado, usando alguma medida apropriada para determinado caso[163].

Assim, o cerne do paradigma desenvolvido pelo autor é combinar comportamentos descontínuos numa visão *não analítica* (ou *global*) da realidade. A *realidade como um todo* é, portanto, o *movimento* de dobramento e desdobramento entre a ordem explicada e implicada. Nesse sentido, a ordem implicada teria mais importância do que a ordem explicada, pois é de onde tudo se desdobra. O que BOHM propõe, portanto, é uma nova forma de enxergar a realidade, composta de duas ordens, conforme analisa LOIOLA:

> "Assim, muito mais que uma teoria, o autor propõe uma nova forma de ver a realidade, em que haveria uma realidade implicada, multidimensional, dobrada dentro de si, cuja dinâmica é desconhecida, de onde derivaria uma

[159] BOHM, David. *Totalidade e a ordem implicada, op. cit.*, p. 159.
[160] CARVALHO, Rodrigo França. *Além das nuvens e dos relógios: a percepção da realidade em David Bohm, op. cit.*, p. 430.
[161] BOHM, David. *Totalidade e a ordem implicada, op. cit.*, p. 165.
[162] Idem. Ibidem, p. 164-165.
[163] Idem. Ibidem, p. 159.

> ordem explicada. Esta é sensível aos sentidos e aos instrumentos. Juntas, ordem implicada e explicada compõem uma totalidade ininterrupta e indivisa, ou uma ordem de grande abrangência. Ao contrário de Descartes, para quem a totalidade da ordem é potencialmente manifesta, essa totalidade da ordem abrangente bohmiana é entendida pela composição de uma ordem manifesta e outra oculta."[164]

A partir da ideia de que a explicação da realidade não pode ser feita a partir de fragmentos, mas deve ser considerada em sua totalidade, o autor constrói uma teoria que pode ser considerada como um metafísica, na medida em que supõe a existência de uma realidade que não pode ser comprovada pelos sentidos.

O autor acredita que o homem sempre está em busca da integridade e que, por isso, as fragmentações causam tanto caos. Nesse sentido, BOHM diz que é importante dar atenção ao fato de que "*a palavra 'saúde' encontra sua raiz na palavra 'são', que significa 'inteiro' (total, completo): isto é, para ser saudável é preciso estar inteiro, que acredito que significa o mesmo que shalem em hebraico. Do mesmo modo, a palavra 'sagrado', em inglês holy, vem da mesma raiz da palavra 'inteiro' (completo, total), em inglês whole*"[165].

Ao desconsiderar a existência de uma totalidade e reafirmar os paradigmas de separação existentes, o mundo caminhou para a crença de que as coisas não estão unidas por uma ordem total, que a tudo envolve e a tudo encaminha, mas, sim, por uma interação ocasional e aleatória de coisas separadas.

Por isso, por fim, o autor propõe que a ordem implicada deve ser entendida tanto em relação à matéria, viva e não viva, quanto à consciência, que são os pensamentos, sentimentos, desejos, vontades[166]. A teoria da ordem implicada poderá levar a uma nova forma de encarar a realidade e resolver as questões desafiadoras da sociedade:

> "É essencial ver o mundo como um, porque esses lares não são independentes. A ordem implícita e todas essas ideias similares estimulam-nos a vê-lo como um. É tudo participação mútua. É por isso que você deve olhar para as coisas dessa forma. E a pergunta passa a ser: como

---

[164] LOIOLA, Sérgio Almeida. *Resenha*: *BOHM, David. A totalidade e a ordem implicada: uma nova percepção da realidade*, p. 110.
[165] BOHM, David. *Totalidade e a ordem implicada, op. cit.*, p. 19.
[166] Idem. Ibidem, p. 202.

> administramos esse lar, o nosso mundo? A primeira coisa a observar é que ele é um. Se fingirmos que ele é muitos, não poderemos administrá-lo."[167]

Prosseguir-se-á, então, tratando do diálogo proposto por BOHM para entender como a *ordem implicada* se relaciona com a forma de cada indivíduo de ver o mundo, e como pode ser de grande valia para a resolução de situações desafiadoras, tanto nos relacionamentos intersubjetivos, quanto nas instituições.

[167] BOHM, David. *Arte, diálogo e a ordem implícita, op. cit.*, p. 126.

2. O DIÁLOGO EM DAVID BOHM

2.1. Diálogo como estabelecimento da ordem

O mundo vive o desenvolvimento das tecnologias e a circulação das informações de forma extremamente acelerada, o que levaria, em tese, ao incremento da comunicação entre as pessoas, unindo sujeitos de diferentes credos, povos e nações. Todavia, quanto mais se tem a *possibilidade* de se comunicar, por diferentes meios, mais difícil se torna a própria comunicação. Apesar da conexão criada pelo avanço tecnológico, segundo BOHM, "*quanto mais interdependentes nos tornamos, mais nos vemos divididos em pequenos grupos que não gostam uns dos outros, inclinados a lutar uns contra os outros e matar uns aos outros, ou pelo simples fato de não cooperarem uns com os outros*"[168].

Não é raro ver opiniões sendo defendidas de forma unilateral, fazendo com que os sujeitos identifiquem suas opiniões como parte integrante daquilo que são, temendo que as visões contrárias destruam muito mais do que simples ideias: destruam aquilo que o sujeito identifica como seu *eu*. Nesse contexto, as brigas e divisões são cada vez mais proeminentes em toda a sociedade, sendo que cada lado leva a impressão de que "*a principal dificuldade é que o outro é o único que é preconceituoso e não ouve. Afinal de contas, é fácil para cada um de nós perceber que os outros são 'bloqueados' em relação a determinadas questões. E assim, sem dar-se conta disso, evitam enfrentar contradições a certas ideias que lhes são muito caras*"[169].

O *problema da comunicação*, segundo BOHM, é a existência de um diálogo apenas aparente, sem a firme disposição de dialogar e se abrir ao outro, postura causadora de mais divisões. Nesse processo, os resultados são incoerentes, pois o "*resultado é que a própria tentativa de melhorar a comunicação leva com frequência a ainda mais confusão. E o consequente sentimento de frustração faz com que as pessoas se inclinem cada vez mais para a agressão e a violência, em vez do entendimento mútuo e da confiança*"[170].

---

[168] BOHM, David. *O pensamento como sistema, op. cit.*, p. 15.
[169] BOHM, David. *Diálogo: comunicação e redes de convivência, op. cit.*, p. 31-32.
[170] Idem. Ibidem, p. 28.

Nesse processo, a democracia lembra muitas vezes, em uma imagem, um cabo de guerra. Escolhe-se um lado, unem-se forças a ele, e puxa-se, incansavelmente, até que o outro grupo caia, até que aquilo em que se acredita vença. E quando um vence, o outro está no chão, o grupo adversário sucumbiu e apenas pode esbravejar ou se entristecer com a vitória do outro, mas o jogo para eles acabou, a corda já não está mais em disputa, e eles nada podem fazer contra a vitória do rival.

Assim é a maioria das discussões. Opiniões são defendidas de forma unilateral e cada um espera que, em algum momento, um grupo vá ao chão, aceite sua ignorância e dê a vitória ao adversário. Não se tem avançado muito agindo assim, pois tudo isso é extremamente incoerente, uma vez que, em algum lugar do conhecimento dobrado, sabe-se que "*se alguma coisa é correta, você não precisa ser persuadido. Se alguém precisa persuadi-lo, é porque provavelmente há dúvidas a respeito do assunto*"[171].

O que se faz, portanto, é escolher certas coisas, separá-las por conveniência e, com o passar do tempo, atribuir grande importância a essa separação, já que ela passa a fazer sentido para os indivíduos. A partir daí, nas palavras de BOHM: "*Apenas sentimos que algo é tão verdadeiro que não podemos evitar a tentativa de convencer o outro – que julgamos tão estúpido – do quão errado ele está ao discordar de nós. Tudo isso parece ser a coisa mais natural do mundo – parece inevitável*"[172]. Nesse processo, os conteúdos internos não-examinados (ocultos) não são questionados e se criam representações do mundo que são tacitamente formadas e mantidas na esfera coletiva.

Sem sombra de dúvidas, uma das grandes caraterísticas do tempo atual é a luta por direitos. Dia após dia, surgem novos grupos, com demandas cada vez mais específicas, que reivindicam seu reconhecimento como uma coletividade separada das demais. É uma das mais claras exemplificações do que se está dizendo até aqui. Não se trata de afirmar que as demandas não são legítimas, mas BOHM argumenta que todas essas questões, todos os paradoxos sociais, precisam ser entendidos como parte de uma totalidade, pois:

> "Sempre que os homens se dividem da sociedade como um todo e tentam se unir pela identificação dentro de um grupo, é óbvio que o grupo irá eventualmente gerar um conflito interno, o que levará ao rompimento de

[171] BOHM, David. *Diálogo: comunicação e redes de convivência, op. cit.*, p. 66.
[172] Idem. Ibidem, p. 42.

> sua unidade. (...) A união verdadeira no indivíduo e entre o homem e a natureza, assim como entre o homem e o homem, somente poderá florescer se houver uma forma de ação que não tenda a fragmentar a totalidade da realidade."[173]

A este respeito, GIRARD escreveu que, nos tempos atuais, as preocupações correntes com o que foi historicamente excluído (as populações vulneráveis, o ambiente, a ecologia etc.), ao mesmo tempo em que buscam uma diminuição da violência, acabam, em certo sentido, por reforçá-la. "*Em vez de criticar a nós mesmos, fazemos um mau uso de nosso saber, dirigimo-lo contra o próximo, e praticamos uma caça ao bode expiatório em segundo grau, uma caça aos caçadores de bodes expiatórios. A compaixão obrigatória de nossa sociedade autoriza novas formas de crueldade*". E o autor prossegue: "*Tudo isso é resumido de modo fulgurante por São Paulo em sua Epístola aos Romanos: 'Tu não julgarás, ó, homem, pois tu que julgas, tu fazes a mesma coisa'. Se condenar o pecador é fazer a mesma coisa que repreendemos nele, nos dois casos, o pecado de que se trata consiste necessariamente em condenar o próximo*".[174]

BOHM também alude ao exemplo do movimento ecológico ou movimento verde, que, segundo ele, corre o risco de se fragmentar "*porque muitos de seus grupos têm opiniões diferentes sobre como lidar com certos problemas. Dessa forma, eles podem acabar lutando uns contra os outros, do mesmo modo que lutam a favor da ecologia. Em consequência, parece especialmente urgente que o movimento verde entre em diálogo*"[175].

Segundo o autor, todas essas divisões e disputas, teoricamente, teriam como finalidade uma sociedade mais justa e harmônica. Quem defende um ponto de vista, em regra, não deseja o resultado que gera, ou seja, não tem por finalidade criar mais divisões, mas, pelo contrário, muitas vezes busca, sinceramente, aquilo que considera mais justo para todos. O resultado, todavia, tem sido contraditório e, diante desse cenário, BOHM questiona "*'Por que toda essa incoerência?'. Ninguém quer ver esse tipo de situação e, ainda assim,*

---

[173] BOHM, David. *Totalidade e a ordem implicada, op. cit.*, p. 31. No mesmo sentido: "Fomos ensinados que, pela nação, devemos sacrificar tudo. Ou que sacrifiquemos tudo por nossas diferenças religiosas. As pessoas se dividem em grupos religiosos. Elas se dividem em grupos raciais e afirmam que tudo é por uma causa importante. Dentro de cada nação há várias divisões. As pessoas estão divididas em seções e em todo tipo de interesse. A divisão desce até o nível da família dentro de famílias e assim por diante. As pessoas deveriam estar se unindo, mas parece que não conseguem." BOHM, David. *O pensamento como sistema, op. cit.*, p. 17.
[174] GIRARD, René. *Eu via Satanás cair como um relâmpago*. Trad. Martha Gambini. São Paulo: Paz e Terra, 2012, p. 225.
[175] BOHM, David. *Diálogo: comunicação e redes de convivência, op. cit.*, p. 78.

as coisas que as pessoas acham que desejam, inevitavelmente, são elas que as geram"[176]. E ainda afirma:

> "Ninguém tem a intenção de gerar esse tipo de situação. Estamos gerando essa situação contrária às nossas intenções conscientes porque existe uma outra resistência ocorrendo, e que não estamos muito conscientes dela. Portanto, qualquer que seja nossa intenção em fazer algo, haverá sempre uma resistência inconsciente nos evitando que o faça. Sem dúvida alguma, isso é uma grande perda de energia e, por sinal, muito destrutiva. Isso significa que continuaremos a gerar problemas infindáveis, em solução alguma."[177]

Nesse sentido, também se manifesta KRISHNAMURTI a respeito dos problemas que se perpetuam na experiência humana:

> "Cultivamos uma mente que pode resolver quase todo problema tecnológico. Mas aparentemente, os problemas humanos nunca foram solucionados. Os seres humanos estão dominados pelos seus problemas: os problemas da comunicação, do conhecimento, dos relacionamentos, os problemas do céu e do inferno; toda a existência humana transformou-se num vasto e complexo problema. E aparentemente tem sido assim, através da história. Apesar do seu conhecimento, apesar dos seus séculos de evolução, o homem nunca esteve livre de problemas."[178]

O autor alerta, todavia, que a tentativa de união por meio de um holismo imposto também não reverterá a fragmentação. O movimento confuso na política, nas ações sociais, na economia e em todos os aspectos da vida humana, permanece quando se tenta unir coisas que não são compatíveis, a partir de uma pretensa descoberta de uma teoria total, pois, segundo BOHM,

---

[176] BOHM, David. *O pensamento como sistema, op. cit.*, p. 24.

[177] Idem. Ibidem, p. 23. No mesmo sentido: "Tudo isso pode gerar uma boa dose de confusão, ou o que denomino de 'incoerência' no pensamento ou na ação, porque você nunca acaba obtendo os resultados desejados. Este é o maior sinal de incoerência: você quer fazer algo e a coisa nunca sai do jeito que quer. Geralmente, isso é um sinal que você obteve alguma informação equivocada ao longo do caminho. A melhor maneira de lidar com isso seria dizer: 'sim, isso é incoerente. Mas vou descobrir qual é a informação errada e mudá-la'. No entanto, o problema é que há muita incoerência que as pessoas não tendem a lidar" (BOHM, David. *O pensamento como sistema, op. cit.*, p. 22).

[178] KRISHNAMURTI, J; BOHM, David. *A eliminação do tempo psicológico, op. cit.*, p. 291.

> "Estar confuso sobre o que é diferente e o que não é significa estar confuso sobre tudo. Logo, não é um mero acidente que a nossa forma fragmentária de pensar está nos levando a todo tipo de crises, sociais, políticas, econômicas, ecológicas, psicológicas, etc. no plano individual e na sociedade como um todo. Tal modo de pensamento implica desenvolvimentos infindáveis de conflitos caóticos e insignificantes, nos quais todas as energias tendem a se perder pelos movimentos antagonistas ou mesmo em objetivos e propósitos emaranhados."[179]

BOHM propõe, então, um caminho novo caminho: "*Devemos começar estabelecendo um significado coerente para o todo. Mas a chave, o começo, é um diálogo. Assim, as pessoas de diferentes grupos conversam e compartilham seus significados e, talvez, novos significados surjam*"[180].

A proposta do autor para uma sociedade mais coerente e harmônica é baseada no diálogo, pois o considera um "*caminho de exploração das raízes de muitas crises que a humanidade encara hoje em dia. Permite investigar e compreender os tipos de processos que fragmentam e interferem na comunicação real entre indivíduos, nações e até diferentes partes da mesma organização*" [181].

É possível, através do diálogo, questionar a ordem imposta nos diferentes âmbitos da vida humana em sociedade e investigar a perspectiva de uma humanidade mais digna. Para que o diálogo seja possível, é crucial que as partes compartilhem significados, já que a *"sociedade é uma rede de relacionamentos entre pessoas e instituições que possibilita que vivamos juntos. Mas ela só funcionará se formarmos uma cultura – o que implica compartilhar significados, razões de ser, propósitos e valores. Do contrário a sociedade se*

---

[179] BOHM, David. *Totalidade e a ordem implicada, op. cit.*, p. 32. No mesmo sentido: "Não é suficiente possuir o holismo, tem de ser coerente. Coerente significa 'ser consistente'. As pessoas podem ter visões incoerentes do todo, o que seria destrutivo. Na verdade, algumas teorias holísticas tiveram efeitos negativos no passado. De alguma maneira, você poderia dizer que os nazistas também tinham um tipo de teoria holística. Como acabei de dizer, não é suficiente ter visão holística, apesar de ela também ser importante. Devemos fazer justiça a cada uma das partes e entender suas relações de independência para ter liberdade. O todo não é imposto, mas está em cada parte, e cada parte está no todo. Isso é o que chamo de participação." (BOHM, David. *Arte, diálogo e a ordem implícita, op. cit.*, p. 127.)

[180] BOHM, David. *Arte, diálogo e a ordem implícita, op. cit.*, p. 130.

[181] BOHM, David; FACTOR, Daniel; GARRETT, Peter. *Dialogue: a proposal*. Disponível em: <http://www.humiliationstudies.org/documents/BohmDialogue.pdf> Acesso em: 14.07.2018. No original: "(...) is a way of exploring the roots of the many crises that face humanity today. It enables inquiry into, and understanding of, the sorts of processes that fragment and interfere with real communication between individuals, nations and even different parts of the same organization."

desfaz"[182]. Mais importantes do que aquilo de útil que cada indivíduo faz para a sociedade, são os significados que o grupo compartilha, é isso que a torna coerente.

Quando se amadurece no diálogo, dão-se passos em direção a algo que poderá brecar o ritmo da fragmentação. Se aqueles que discordam entre si tiverem qualquer espécie de diálogo, se começassem a aceitar esse princípio, seria um passo, e, segundo BOHM, "*se essa ideia for apresentada em qualquer situação – e esse é o germe do diálogo –, e se for possível fazer com que as pessoas olhem para ela, teremos dado um grande passo*"[183].

Nesse processo, cada uma das partes poderá perceber que age de forma semelhante ao ter posições rígidas e, talvez, abrir-se à mudança-chave, que é tornar-se flexível[184], pois,

> "Precisamos olhar para nossos problemas como negociáveis e, assim, criar uma cultura comum. Todos, porém, têm um significado diferente. No Oriente, por exemplo, coloca-se o bem-estar coletivo em primeiro lugar. No Ocidente, afirmamos que o indivíduo está em primeiro lugar. Nenhuma das culturas faz muito bem o que apregoa, mas, ainda assim, é o que apregoam. Enquanto essas duas abordagens não são negociáveis, não podemos realmente nos juntar e ter uma cultura comum. Temos de realmente ouvir um ao outro e passar por tudo isso e, talvez, chegar a uma nova cultura que não se restrinja a essas duas posições."[185]

Ainda que não seja possível encontrar desde logo respostas apropriadas às questões desafiadoras, *"o ponto importante não é a resposta – como acontece no diálogo, o que importa não são as opiniões específicas –, mas o abrandamento, a abertura mental e o exame de todas as opiniões. Se houver alguma forma de disseminar essa atitude, acredito que ela diminuirá o ritmo da destruição*"[186].

O diálogo poderia, se bem aceito e disseminado, abrir caminho ao novo, em nível coletivo, e, nesse sentido, BOHM afirma que "*existe a possibilidade de uma transformação da consciência, tanto no nível individual quanto no coletivo, e que se ela puder ser feita cultural e socialmente, o diálogo terá um papel importante no processo*". E continua: "*É*

---

[182] BOHM, David. *Diálogo: comunicação e redes de convivência, op. cit.*, p. 54.
[183] Idem. Ibidem, p. 93.
[184] Idem. Ibidem, p. 88.
[185] BOHM, David. *Arte, diálogo e a ordem implícita, op. cit.*, p. 129.
[186] BOHM, David. *Diálogo: comunicação e redes de convivência, op. cit.*, p. 94.

muito importante que façamos isso juntos, porque se o indivíduo mudar, essa modificação terá um efeito geral muito pequeno. Mas se a mudança se der no plano coletivo, seu significado será muito maior"[187].

A dialogicidade depende, acima de tudo, do quanto as pessoas se dispõem a se comunicar de forma aberta e despretensiosa. O diálogo requer um entendimento esclarecido de sua proposta, que nada mais é do que uma exigência de postura em relação aos outros. Para que isso de fato aconteça, é preciso que se acredite, primordialmente, na possibilidade da construção conjunta em detrimento da defesa dos interesses pessoais, conforme se lê no trecho seguinte:

> "DB: Algumas pessoas poderão dizer que não temos apenas opiniões, mas também interesses próprios. Se duas pessoas possuírem interesses próprios conflitantes, não há maneira alguma, enquanto elas estiverem apegadas a eles, de trabalharem juntas. Como podemos romper isso?
> K: Se me mostrarem que devemos trabalhar juntos, e também a importância disso, também perceberei que é importante. Mas não posso fazê-lo!"[188]

Hoje em dia, há dificuldade de conceituar o diálogo. As discussões são comumente chamadas de diálogo; todavia, a palavra "discussão", que tem a mesma raiz de "percussão" e "concussão", significa quebrar, fragmentar – justamente o oposto do que propõe BOHM. A ênfase em uma discussão está em que cada indivíduo exponha seu ponto de vista, que todos os pontos de vista apresentados sejam analisados e, por fim, que algum dos lados ganhe o jogo[189]. Por outro lado, no diálogo não há uma competição, não prevalecem visões de mundo individuais e todos ganham quando se descobre algum erro ou quando algo novo é criado[190]. A liberdade do diálogo depende, portanto, da sua falta de pretensão. É preciso que não se busque nada além de uma comunicação verdadeira.

---

[187] BOHM, David. *Diálogo: comunicação e redes de convivência, op. cit.*, p. 95.
[188] KRISHNAMURTI, J; BOHM, David. *A eliminação do tempo psicológico*, op. cit., p. 295.
[189] BOHM, David. *Diálogo: comunicação e redes de convivência, op. cit.*, p. 34.
[190] Idem. Ibidem, p. 35. No mesmo sentido: "O que precisamos é falar, comunicar-nos. Atualmente, há diferenças, e muitas não são negociáveis. O que é necessário é um diálogo no sentido real da palavra 'diálogo', o fluir entre as pessoas, e não uma troca, como em um jogo de pingue-pongue. A palavra 'discussão' significa 'fragmentar tudo', analisar e obter troca. Portanto, precisamos desse diálogo; o espírito do diálogo não é competição, mas encontrar algo novo. Todos então ganham." (BOHM, David. *Arte, diálogo e a ordem implícita, op. cit.*, p. 134.)

De acordo com BOHM, o diálogo é um processo multifacetado que leva ao questionamento profundo de pontos de vista em relação à cultura, aos significados e à identidade[191]. A palavra "diálogo" vem do grego "*diálogos"*. "*Logos"* significa "palavra" ou "significado da palavra", e "*dia"* quer dizer "através". O diálogo é o meio através do qual a palavra transita e adquire o seu significado. Já o termo "comunicação" vem do latim, *"commun"*, com o sufixo "*ie"*, que é semelhante a "*fie"*, que significa "fazer" ou "pôr em prática".

Assim, um dos significados de "comunicar" é "fazer alguma coisa juntos", isto é, levar informações ou conhecimentos de uma pessoa para outra de maneira tão exata quanto possível, já que é impossível exprimir todo o conteúdo interno[192]. Num diálogo não é possível acessar o significado exato das palavras. O interlocutor pode alcançar significados similares àquilo que o locutor deseja transmitir, mas nunca idênticos. Portanto, no diálogo, "*cada pessoa não tenta tornar comuns certas ideias ou fragmentos de informação por ela já sabidos. Em vez disso, pode-se dizer que os interlocutores estão fazendo algo em comum, isto é, criando juntos alguma coisa nova*"[193]. Ideia similar é apresentada, artisticamente, no filme *Waking Life*, em que uma das personagens diz:

> "Parece-me que a linguagem… vem de nosso desejo de transcender o isolamento e ter alguma forma de conexão com o outro. E devia ser mais fácil quando era uma mera questão de sobrevivência. Como, por exemplo, 'água'. Criamos um som para isso. Ou: 'tigre dente-de-saber atrás de você'. Criamos um som para isso. Mas tudo fica realmente interessante quando usamos o mesmo sistema de símbolos para comunicar todas as coisas abstratas e intangíveis que experimentamos. O que é, por exemplo, a frustração? Ou raiva, ou amor? Quando digo 'amor', o som sai da minha boca e chega aos ouvidos da outra pessoa, viaja por um circuito bizantino em seu cérebro, alcança suas memórias de amor, ou de falta de amor, e ela responde ao que digo afirmando que sim, que me entende. Mas como sei que me entende? Porque as palavras são inertes. São somente símbolos. Estão mortas. E tanto de nossa experiência é intangível! Tanto do que percebemos não pode ser expresso. É indizível. E, ainda assim, quando nós nos comunicamos uns com os outros, e sentimos que de fato nos

[191] BOHM, David. *Diálogo: comunicação e redes de convivência, op. cit.*
[192] Idem. Ibidem, p. 30-31.
[193] Idem. Ibidem, p. 29.

> conectamos s somos compreendidos, acho que temos uma sensação de comunhão quase espiritual. E aquela sensação pode ser passageira, mas acredito que seja por ela que vivemos.[194]

Para BOHM, o diálogo leva à criatividade. Importante, pois, melhor entender do que se trata a criatividade tantas vezes referida pelo autor:

> "não seria o simplesmente novo, ou seja, a novidade, e não seria, tampouco, a mera invenção, que quer dizer colocar junto as coisas de uma nova maneira, como se faz numa máquina; seria antes o envolvimento de novas totalidades. A Criatividade vai abrangendo totalidades cada vez maiores, primeiro no nível da percepção, seguida da elaboração, tal como o cientista ou o artista faz em seu trabalho. A maneira correta disso se dar envolve a sociedade."[195]

Segundo BOHM, a introspecção e "autoaperfeiçoamento" são inadequados para entender as confusões criadas a partir das opiniões e pontos de vista. Há a necessidade da alteridade que o diálogo fornece, pois, caso contrário, corre-se o risco de se cair no autoengano e em contradições do pensamento. Além disso, o diálogo guarda um potencial criativo, que é a capacidade de revelar as estruturas mais profundas da consciência. Sendo assim, uma das finalidades do diálogo é compreender a consciência e investigar a natureza problemática dos relacionamentos e comunicações cotidianos[196].

O significado é basicamente tácito e só podemos expor uma parte muito pequena dele, havendo algumas coisas que estão dobradas dentro da consciência e só sairão de lá após um longo e sutil trabalho de percepção do processo e do conteúdo do pensamento, pois o pensamento "*emerge das bases tácitas, e qualquer mudança fundamental que ele possa sofrer virá dessas bases. Assim, se nos comunicarmos no plano tácito é possível que o*

---

[194] WAKING Life. Direção: Richard Linklater. Taxas, EUA: 2002. Longa-metragem.

[195] BOHM, David. *O aparente e o oculto, op. cit.*, p. 193-194. Em complemento: "Sim, você poderia dizer que a possibilidade de criação é também a possibilidade da desordem; que se o homem teve a possibilidade de ser criativo, também houve a possibilidade de um erro. Ele não poderia ter sido montado como uma máquina, para operar sempre em perfeita ordem. A inteligência não poderia tê-lo transformado numa máquina que fosse incapaz da desordem." (KRISHNAMURTI, J; BOHM, David. *A eliminação do tempo psicológico*, op. cit., p. 40.)

[196] BOHM, David. *Diálogo: comunicação e redes de convivência, op. cit.*, p. 11-14.

pensamento mude"[197]. Por isso, é muito importante entender qual é o papel do pensamento na fragmentação, na formação das opiniões e na consciência de forma geral.

2.1.1. As questões do pensamento

A fragmentação perpetrada na história da humanidade não alcança apenas os meios técnicos e científicos, mas toda a forma de viver, de encarar a realidade, de entender o ser humano, de se relacionar em sociedade, de pensar soluções para questões problemáticas, enfim, toda a existência, manifesta ou oculta, é atingida pelo olhar fragmentado dispensado à realidade. O todo se torna a justaposição de individualidades.

O autor propõe uma relação entre a visão de mundo e a natureza da realidade, para chegar a uma explicação da consciência. A intenção é demonstrar como realidade e consciência estão relacionadas, já que a fragmentação da consciência humana criou divisões entre as pessoas (raças, nação, família, profissão, etc.), causando uma enorme dificuldade da humanidade de encontrar um objetivo comum e trabalhar junto[198]. Quando se questiona sobre a fonte de todos esses problemas, BOHM afirma que "*a fonte está essencialmente no pensamento*"[199]. Assim, a relação entre pensamento e realidade é muito complexa, muito mais do que mera correspondência.

Conforme já analisado, toda a criação e obra humanas estão divididas em especialidades, levando ao extremo de que, nas palavras de BOHM,

> "cada ser humano individual tem sido fragmentado em um vasto número de compartimentos separados e conflitantes, de acordo com seus desejos, objetivos, ambições, lealdades e características psicológicas diferenciadas,

---

[197] BOHM, David. *Diálogo: comunicação e redes de convivência, op. cit.*, p. 46.
[198] BOHM, David. *Totalidade e a ordem implicada, op. cit.*, p. 12.
[199] BOHM, David. *O pensamento como sistema, op. cit.*, p. 16. Em outra obra, podemos ler o seguinte diálogo sobre o tema: "K: Bem, vamos chegar a uma conclusão. O que fez com que os seres humanos endeusassem o pensamento como o único meio de atuação? DB: Também devemos tornar claro o motivo pelo qual, se o pensamento é tão importante, ele causa todas as dificuldades. Essas são as duas perguntas. K: Isso é bastante simples. O pensamento se tornou rei, supremo; e esse pode ser o passo errado dos seres humanos. DB: Veja, acho que o pensamento se transformou no equivalente da verdade. As pessoas consideraram que o pensamento fornece a verdade, fornece o que é sempre verdadeiro. Existe a noção de que temos conhecimento — que pode se manter em alguns casos por certo tempo — mas os homens generalizam, porque o conhecimento está sempre se generalizando. Quando as pessoas alcançaram a noção de que seria sempre assim, isso cristalizou o pensamento do que é verdadeiro. Isso deu ao pensamento uma importância suprema." (KRISHNAMURTI, J; BOHM, David. *A eliminação do tempo psicológico*, op. cit., p. 70.)

> etc., a tal ponto que se torna evidente que um certo grau de neurose seja inevitável, ao passo que muitos dos indivíduos que vão além dos limites 'normais' da fragmentação são classificados como paranoicos, esquizoides, psicóticos, etc."[200]

Costuma-se acreditar na resolução dos problemas a partir do pensamento e da racionalidade, ou, nas palavras de BOHM, em geral, "*quando você tem um problema, diz: 'Devo pensar sobre isso para chegar a uma solução'. Mas o que eu estou tentando explicar é que o pensamento é que é o problema*"[201], pois, seguindo os moldes da construção científica, fragmenta-se a realidade de acordo com as crenças e percepções pessoais, não se buscando uma representação coerente e verdadeira da realidade.

A crise real, o verdadeiro problema, não são as guerras, a criminalidade, as drogas, as crises econômicas ou a poluição, mas, sim, o pensamento, que cria tudo isso. A questão que fica é: "*Por que aceitamos esse estado de coisas tão destrutivo, que produz tanta infelicidade?*" [202]. No fundo, "*isso se deve a uma determinada forma de pensar, a fragmentação, que despedaça as coisas como se elas fossem independentes umas das outras*"[203].

Segundo BOHM, é fácil que as pessoas acreditem que não há nada de errado com a sua forma de ver as coisas, já que foram ensinadas assim e essa maneira de encarar a realidade está impregnada de tal forma na experiência humana que se acredita que ela independe dos sujeitos. Nesse sentido, o pensamento fragmentado:

> "É como um vírus – de certo modo, há uma doença do pensamento, do conhecimento, da informação, disseminada pelo mundo inteiro. Quanto mais computadores, rádios e televisões tivermos, mais rapidamente ela se espalhará. A espécie de pensamento que nos rodeia apodera-se de cada um de nós sem que sequer percebamos. Espalha-se como um vírus e cada um está a alimentá-lo."[204]

---

[200] BOHM, David. *Totalidade e a ordem implicada, op. cit.*, p. 17.
[201] BOHM, David. *Diálogo: comunicação e redes de convivência, op. cit.*, p. 41.
[202] Idem. Ibidem, p. 98.
[203] Idem. Ibidem, p. 98.
[204] Idem. Ibidem, p. 101.

Por isso, o grande problema do pensamento é que ele, sendo ativo, produz resultados, apesar de não parecer. "*A maior dificuldade com o pensamento é que ele é muito ativo, é participativo*", diz BOHM, e continua:

> "E a fragmentação é propriamente um sintoma de uma dificuldade mais generalizada. O pensamento está sempre fazendo algo grandioso, mas insiste em dizer que não fez coisa alguma e que está apenas lhe dizendo como as coisas realmente são. Entretanto, o pensamento afeta absolutamente tudo. Foi ele quem criou tudo aquilo que se encontra neste edifício. Foi ele quem afetou todas as árvores, as montanhas, as planícies, as lavouras, as fábricas, a ciência e a tecnologia. Até o Polo Sul já foi afetado com a destruição da camada de ozônio por causa do pensamento."[205]

Ao surgir uma questão desafiadora, surge também a intenção de pensar, ainda que não se dê conta dessa intenção. E, então, a ideia de que é necessário pensar, de que há um problema que deve ser resolvido pelo pensamento, surge. Como consequência, o pensamento vem, "*o qual pode dar origem a um sentimento, que por sua vez pode produzir outra intenção de pensar e assim por diante. Você não tem consciência disso, e assim o pensamento surge como se estivesse chegando por si mesmo, e o sentimento parece vir por si próprio e assim por diante*"[206]. Todavia, o que não se percebe é que foi o próprio pensamento que criou toda a situação.

BOHM diz que é preciso observar esse impulso em pensar, essa intenção, com consciência da crença subjacente de que o pensamento poderá solucionar tudo. Citando KRISHNAMURTI:

> "Tudo aquilo que inventamos – os símbolos na igreja, os rituais – foi criado e colocado ali pelo pensamento. O pensamento inventou essas coisas. Inventou o salvador. Inventou os templos... e o que está dentro desses templos. O pensamento inventou todas as coisas que chamamos de sagradas. Mas o pensamento em si mesmo não é sagrado. E quando

---

[205] BOHM, David. *O pensamento como sistema, op. cit.*, p. 18.

[206] BOHM, David. *Diálogo: comunicação e redes de convivência, op. cit.*, p. 62-63. No mesmo sentido: "Assim, enfatizamos que o pensamento e as percepções que guiam a ação, juntamente com os sentimentos e os desejos que constituem a motivação, são aspectos inseparáveis de um movimento completo, e tentar considerá-los separadamente é um modo de fragmentação entre o conteúdo do pensamento e sua função geral." (BOHM, David. *Sobre a criatividade, op. cit.*, p. 76.)

> o pensamento inventa Deus, Deus não é sagrado. Então, o que é sagrado? O sagrado só pode ser compreendido ou acontecer quando há completa liberdade – liberdade do medo, da tristeza – e quando há um sentido de amor e compaixão que não é criado pelo pensamento, mas tem sua própria inteligência."[207]

A única forma de brecar as consequências catastróficas do pensamento é entender o seu processo e se capacitar a dar atenção a ele[208]. É preciso entender qual o processo de criação das situações problemáticas, a maneira como são encaradas e como são narradas, e, então, novos caminhos poderão ser abertos, trajetórias que não repitam, de forma viciada e pouco refletida, aquilo que mais se deseja superar.

Algumas ideias tidas como absolutas parecem existir independentemente do pensamento humano, mas é exatamente isso que BOHM coloca em xeque. Pense-se, por exemplo, no *mapa mundi*: o uso contínuo do mesmo mapa do mundo faz com que aquela representação pareça a única possível e necessária: há uma rigidez que dá segurança. No entanto, trata-se apenas de uma representação criada pelo pensamento, em meio a tantas outras possíveis. Para OLIVEIRA, tal fato mostra *"que as pessoas estão envolvidas num contexto antes mesmo de estarem conscientes disso; a todo o momento estão sendo influenciadas por ele, ou seja, estão sendo passivas em algum sentido, e com a intenção, elas ativam a sua atenção e sua consciência sobre algo desse contexto"*[209].

O pensamento surge de um processo que está intrinsecamente ligado à memória. A maneira como se representam as coisas tem muito a ver com as experiências vividas, mediante a prática. "*Pensamos sobre a experiência e a organizamos, e assim ela vai à*

---

[207] KRISHNAMURTI, Jiddu. *The challenge of change*. No original: "All that we have invented, the symbols in the church, the rituals, they are all put there by thought. Thought has invented these things. Invented the savior. Invented the temples of India and the contents of the temples. Thought has invented all these things called sacred... So thought in itself is not sacred. And when thought invents God, God is not sacred. So what is sacred? That can only be understood or happen when there is complete freedom, from fear, from sorrow, and when there is this sense of love and compassion with its own intelligence. Then when the mind is utterly still, that which is sacred can take place".

[208] BOHM, David. *Diálogo: comunicação e redes de convivência, op. cit.*, p. 100-101.

[209] OLIVEIRA, Cínthia Roso. *A importância da percepção total para David Bohm*. Disponível em: http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/semanadefilosofia/XI/4.pdf. Acesso em 17.04.18, p. 4. A propósito: "Enquanto a independência e a escolha parecem ser inerentes em nossas ações, na realidade estamos sendo guiados por agendas que agem bem mais velozes e independentes da nossa própria escolha consciente. Bohm observa a tendência perversa do pensamento de lutar contra suas próprias criações como dilema do nosso tempo. Consequentemente, devemos agora nos esforçar não apenas em aplicar o pensamento mas entender o que o pensamento é, para que possamos assim compreender o significado da sua vida imediata, dentro e ao redor de nós." (NICHOL, LEE. *Prefácio*. In: BOHM, David. *O pensamento como sistema, op. cit.*, p. 11-12.)

memória e se torna conhecimento. Parte desse conhecimento é habilidade que vem da prática – e isso também é uma espécie de memória localizada em algum lugar do cérebro ou do corpo. É tudo parte de um único sistema"[210].

Importante aqui salientar um ponto crucial para entender a ideia de pensamento do autor. Quando trata de pensamento, o autor inclui todas as sensações, sentimentos e impulsos relacionados a ele, pois estudos da neurociência sugerem que o centro das emoções e o córtex cerebral, local onde se originam os pensamentos, estão estreitamente relacionados, ligados por um feixe muito espesso de fibras nervosas. Portanto:

> "Incluímos no pensamento a parte intelectual, emocional, sensual e as reações musculares e físicas da memória. Esses são todos os aspectos de um único processo indissolúvel. Tratá-los separadamente é o que gera a fragmentação e a confusão. Todos eles são um único processo de reação da memória para cada situação real, cuja reação por sua vez gera uma nova contribuição para a memória, condicionando o próximo pensamento."[211]

Nesse sentido, BOHM exemplifica:

> "Agora suponha que uma pessoa lhe deixou plantada esperando por aproximadamente duas horas. Você ficaria com raiva pensando: 'O que ele está pensando ao me tratar dessa maneira? Será que não se importa, não tem consideração alguma por mim?' Você pode pensar todo tipo de coisa: 'Ele sempre faz isso comigo, ele me trata mal', e por aí vai. Ao pensar dessa maneira, todo tipo de ira pode vir à tona. No entanto, se ele chega e explica que o trem estava atrasado, a ira desaparece. Isso mostra que a emoção foi influenciada pelo pensamento. Ao mudar sua forma de pensar, a ira se dissipou."[212]

A clareza de percepção requer que se esteja ciente de como a experiência é moldada, estabelecida a partir dos pressupostos que guiam a forma geral de pensar. Por isso, a experiência e o conhecimento fazem parte do mesmo processo. BOHM afirma que "*em vez*

---

[210] BOHM, David. *Diálogo: comunicação e redes de convivência, op. cit.*, p. 103.
[211] BOHM, David. *Totalidade e a ordem implicada, op. cit.*, p. 63. Nesse sentido: "A relevância essencial da redefinição de Bohm sobre o pensamento é a proposta de que o corpo, a emoção, o intelecto, o reflexo e o artefato passam a ser compreendidos como um campo contínuo de pensamento mutuamente informatizado." (NICHOL, LEE. *Prefácio*. In: BOHM, David. *O pensamento como sistema, op. cit.*, p. 11.)
[212] BOHM, David. *O pensamento como sistema, op. cit.*, p. 19.

de pensar que o nosso conhecimento é sobre algum tipo de experiência separada, podemos nos referir a esse único processo como uma experiência-conhecimento (o hífen indica que esses dois são aspectos inseparáveis de um movimento completo)"[213].

Então, segundo o autor, quando a memória age, junto com ela estão conhecimentos tácitos que interferem em vários processos vitais[214]. O conhecimento tácito é aquele que não pode ser traduzido em palavras, mas está lá, como aprender a andar, ou, nas palavras de BOHM, é "*um tipo de saber que adquirimos e sem o qual não podemos fazer nada. É a continuação do que aprendemos no passado. E assim temos a experiência, o conhecimento, o pensamento, a emoção e a prática – tudo isso num mesmo processo*"[215].

A partir do processo de pensamento, mais exatamente de das memórias profundas, desenvolvem-se habilidades absolutamente necessárias para a sobrevivência, além de se criarem representações da realidade que permitem viver em sociedade, e tudo isso ligado às emoções, reações físicas e percepções da realidade. Portanto, o conteúdo da consciência está intrinsecamente ligado à memória. Esse conteúdo apreendido como manifesto, recorrente, estável e separado, é organizado na memória a partir de regras de espaço, tempo, causalidade, etc. É assim que um sistema de conceitos e imagens gerais se formam e constroem a representação do mundo manifesto[216]. Nesse sentido:

> "essa memória é aquela que nos permite executar as tarefas mais simples, como, por exemplo, nos vestir pela manhã. Por outro, a memória também é responsável pelas várias formas de medo, ansiedade ou apreensão e as ações resultantes dessas memórias. O pensamento, portanto, está também repleto de *sentimentos* na forma de experiências emocionais latentes. Não são apenas as experiências negativas e dolorosas que estão inclusas no pensamento, as prazerosas também ali se encontram. De fato, todo o espectro de emoções, assim como geralmente o experimentamos, é visto por Bohm como parte integral do pensamento."[217]

LAHIRE desenvolve seu conceito central sobre a disposição dizendo que esta se constrói a partir de *"experiências de socialização por que o indivíduo passou, que se*

---

[213] BOHM, David. *Totalidade e a ordem implicada, op. cit.*, p. 22.
[214] BOHM, David. *Diálogo: comunicação e redes de convivência, op. cit.*, p. 105.
[215] Idem. Ibidem, p. 104.
[216] BOHM, David; FACTOR, Daniel; GARRETT, Peter. *Dialogue: a proposal, op. cit.*
[217] NICHOL, LEE. *Prefácio*. In: BOHM, David. *O pensamento como sistema, op. cit.*, p. 10.

convertem em maneiras mais ou menos duradouras de ver, sentir e agir, isto é, em características disposicionais: propensões, inclinações, hábitos, tendências, persistentes maneiras de ser"[218]. Nesse sentido, o tempo e a experiência acabam por inclinar o sujeito a modos de agir, sentir, crer e pensar. Nas palavras de SÁ:

> "A disposição (características disposicionais) forma-se através das experiências socializadoras do passado, que foram se sedimentando paulatinamente e definindo formas duradouras de conduta, e é graças a ela que indivíduos que passaram por diferentes experiências de socialização reagem diferentemente aos mesmos estímulos do presente. Ainda, é graças à disposição que indivíduo tem determinado tipo de conduta reiteradas vezes, sendo, aliás, através dessa reiteração que ela é inferida."[219]

O pensamento começa, então, a criar "fatos", representados como verdades absolutas, que, na verdade, não o são. "*Fato*" é uma palavra de raiz latina, que significa "*o que foi feito*", e, num certo sentido, tais fatos são feitos ou construídos pelo pensamento[220]. Todavia, as experiências são misturadas aos pensamentos e cria-se uma representação muitas vezes equivocada da verdade. Nesse sentido, BOHM pergunta: "*O conteúdo do pensamento nos oferece simplesmente uma 'foto' abstrata e simplificada da realidade ou pode ir mais além, a ponto de apreender a própria essência do movimento vivo que sentimos na experiência real?*"[221].

Para os físicos, não existe, propriamente, um arco-íris como tal, mas apenas uma refração da luz solar em gotículas de água suspensas no ar; no entanto, a percepção constrói essa imagem e, por isso, acredita-se que é real[222]. A percepção da realidade é, segundo BOHM, como um arco-íris. Dessa forma, dizer que algo é um *fato* não é a mesma coisa que afirmar que é verdadeiro. O fato é dependente do contexto em que está sendo observado, das

---

[218] LAHIRE, Bernard. *Retratos Sociológicos: disposições e variações individuais.* Porto Alegre: Artme, 2004. Apud SÁ, Alvino Augusto. *Criminologia clínica e execução penal – proposta de um modelo de terceira geração, op. cit.*, p. 188.
[219] SÁ, Alvino Augusto. *Criminologia clínica e execução penal – proposta de um modelo de terceira geração, op. cit.*, p. 190.
[220] BOHM, David. *Diálogo: comunicação e redes de convivência, op. cit.*, p. 111. No mesmo sentido: "Com isso, quero dizer que o pensamento objetiva uma representação literal da realidade como ela é. Talvez possamos admitir que seja incompleto ou não inteiramente correto, mas é o esperado. Creio que esse seja um pensamento limitado. O que é deixado de lado é que o pensamento é participativo, que produz o que vemos na sociedade. Para onde quer que olhemos, vemos produtos do pensamento: prédios, fazendas, aviões, tudo, até mesmo a poluição." (BOHM, David. *Arte, diálogo e a ordem implícita, op. cit.*, p. 131.)
[221] BOHM, David. *Totalidade e a ordem implicada, op. cit.*, p. 11.
[222] BOHM, David. *Diálogo: comunicação e redes de convivência, op. cit.*, p. 112-113.

percepções imediatas e daquelas que são moldadas pelo pensamento, além daquilo que é feito com as conclusões a que se chega[223].

O fato é considerado estável na medida em que se acredita que ele poderá passar por diferentes tipos de testes e se manter o mesmo. Todavia, o autor afirma que essa estabilidade é apenas relativa, pois "*o fato está sempre sendo continuamente testado, tanto em maneiras familiares como em novas maneiras que estão continuamente sendo exploradas. Portanto, ele pode ser refinado, modificado ou até mesmo transformado radicalmente por uma observação futura, experimento e experiência*"[224].

Há, portanto, um processo de autossustentação das memórias e percepções criadas, a partir da crença de que há uma realidade independente das reações[225]. O processo não é bom ou mau, o problema está em não se dar conta dele. Por exemplo, o que não é representado como interessante, não gera interesse e não atrai atenção. As coisas são, então, representadas segundo o interesse individual – e, em alguns casos se *deve* fazer isso; do contrário, não seria possível manter o foco em nenhum objetivo ou atividade. Isso é absolutamente necessário.

Por outro lado, o autor traz o exemplo – bastante interessante aos estudos criminológicos – de uma representação que pode ser extremamente prejudicial: se alguém é apresentado como uma *pessoa má* ou como pertencente à categoria das *pessoas más*, cria-se uma representação que penetrará na percepção. Uma vez que se coloque em contato com tal pessoa, a representação emergirá e a maldade será vista como inerente ao indivíduo. Agir-se-á com ele esperando que demonstre, em pequenos detalhes, o quanto a teoria criada está correta. Além disso, a forma de se relacionar com tal indivíduo será sempre no sentido de reafirmar a representação. Com a sedimentação desse processo, se encarará como se o fenômeno fosse um fato independente do pensamento[226], mas:

> "O pensamento produz e dá forma a nossa percepção da realidade. Vemos a realidade conforme nossos pensamentos. Portanto, o pensamento participa constantemente, dá forma e configura a realidade e a nós mesmos. Inconscientemente. E é aí que está a dificuldade. Temos de ver que o

[223] BOHM, David. *Totalidade e a ordem implicada, op. cit.*, p. 56.
[224] Idem. Ibidem, p. 57-58.
[225] Idem. Ibidem, p. 74.
[226] BOHM, David. *Diálogo: comunicação e redes de convivência, op. cit.*, p. 111.

> pensamento é parte dessa realidade e que não estamos meramente *pensando sobre* ela, mas *pensando nela*."[227]

Visões de mundo distorcidas podem, portanto, ser criadas, e isso é muito perigoso. Segundo BOHM, *"uma visão adequada do mundo, apropriada para seu tempo, é geralmente um dos fatores básicos e essenciais para a harmonia do indivíduo e da sociedade como um todo*"[228]. É necessário, portanto, que o ser humana dê atenção ao hábito do pensamento fragmentário. É fundamental que se entenda o pensamento como ele é, ou seja, como uma visão recortada das coisas que se pretende "*uma cópia verdadeira da realidade como ela é"*[229].

O pensamento está, portanto, preenchido por diferenças e distinções, as quais tendem a considerar como reais. Todavia, segundo BOHM, *"a totalidade é o que é real, e a fragmentação é a reação disso tudo à ação do homem, guiada pela percepção ilusória, que é moldada pelo pensamento fragmentário*"[230]. Portanto, as relações e a maneira de ver o mundo e as pessoas dependem das representações. Logo, o mundo é construído a partir das representações coletivas: muitos mundos são possíveis, tudo depende das representações[231].

Todavia, a mudança das representações não é tarefa fácil, pois há "*uma tremenda pressão para que você não o faça; é muito difícil fazê-lo. O único momento em que você pode estar atento é quando nota que há problemas – quando é apanhado de surpresa, quando há uma contradição, quando as coisas não funcionam como deveriam*"[232]. Há uma grande dificuldade em sair do consenso, tal circunstância exerce uma pressão sobre os indivíduos. A todo momento as pessoas estão sob pressão para aceitar uma determinada representação e, assim, viver a concordância coletiva, que dá força àquilo que é representado[233].

Ainda assim, apesar da pressão exercida, é possível que a representação de mundo se altere. "*Vemos o mundo de acordo com as representações gerais e coletivas que circulam em nossas sociedades e culturas. Se estas puderem ser alteradas podemos mudar, porque o*

---

[227] BOHM, David. *Arte, diálogo e a ordem implícita, op. cit.*, p. 131.
[228] BOHM, David. *Totalidade e a ordem implicada, op. cit.*, p. 12.
[229] Idem. Ibidem, p. 23.
[230] Idem. Ibidem, p. 23.
[231] BOHM, David. *Diálogo: comunicação e redes de convivência, op. cit.*, p. 113.
[232] Idem. Ibidem, p. 114.
[233] Idem. Ibidem, p. 112.

mundo nos será apresentado diversamente"[234]. Para que essa mudança ocorra, é preciso que uma estratégia seja adotada, alguma forma de entender o processo pelo qual o pensamento vem sendo poluído.

O *ponto-chave* é entender que as representações criadas pelo pensamento, principalmente aquelas compartilhadas coletivamente, se fundem e influenciam de forma direta a maneira como a realidade é percebida. A apresentação da realidade, ou seja, a percepção que se tem dela, depende da representação que se faz. Ou seja: "*Teríamos então o que se poderia chamar de uma 'rede de representação', que é o resultado dos sentidos, do pensamento e possivelmente de alguns insights. Tudo se reúne nessa rede*"[235]. Nesse sentido, se alguma coisa é representada de forma equivocada, também é experimentada desse modo.

Por outro lado, nas palavras de BOHM, "*quando alguém pensa corretamente sobre uma certa coisa, esse pensamento consegue, pelo menos até certo ponto, guiar as ações dessa pessoa em relação a essa coisa e, assim, gerar uma situação geral que seja harmoniosa e livre de contradições e confusão*"[236]. O pensamento coerente é, portanto, o caminho para se alcançar uma sociedade harmoniosa. Se o processo de pensamento for entendido de maneira adequada, estar-se-á caminhando no sentido contrário das fragmentações, pois, segundo BOHM, "*qualquer pessoa não cairá no hábito de tratar o conteúdo implicitamente como uma realidade final e essencialmente estática que deveria ser independente do pensamento*"[237].

BOHM propõe um caminho para a superação do pensamento fragmentado: "*a totalidade da existência pode ser devidamente compreendida apenas quando nós mesmos formos livres da fragmentação preponderante pela qual somos condicionados*"[238]. Mas, antes de entender a proposta de BOHM para a construção de um pensamento coerente, a partir da emersão de uma consciência coletivamente compartilhada, tratar-se-á de como a sociedade tem encarado os grandes desafios humanos, individuais e coletivos, e o quanto tem reproduzido as fragmentações na tentativa de superá-las.

---

[234] BOHM, David. *Diálogo: comunicação e redes de convivência, op. cit.*, p. 114.
[235] Idem. Ibidem, p. 108-109.
[236] BOHM, David. *Totalidade e a ordem implicada, op. cit.*, p. 67.
[237] Idem. Ibidem, p. 75.
[238] BOHM, David. *Sobre a criatividade, op. cit.*, p. 106.

2.1.1.1.Problema e paradoxo

Caminhando no sentido de entender por que a fragmentação trouxe consequências tão drásticas para a maneira como o homem vive, BOHM discute, a partir do pensamento fragmentado, como as questões sociais desafiadoras são encaradas. Afirma que tratar as dificuldades sociais como problemas é um dos fatos mais importantes que impedem que essas dificuldades sejam superadas. Nesse sentido, o autor diferencia os problemas dos paradoxos e argumenta a necessidade de reagir a cada um de forma adequada[239].

Quando se fala em problemas, há certas pressuposições implícitas e tácitas no sentido de que há uma questão clara, há o pressuposto de que as questões apresentadas são racionais e livres de contradições[240]. Nesse sentido, nas palavras BOHM, a "*raiz da palavra 'problema' está numa expressão grega que significa 'apresentar'. Certamente esse não é o seu significado essencial, isto é: pôr em discussão ou questionamento uma ideia, com o objetivo de resolver certas inadequações*"[241]. Portanto, os problemas são resolvidos na medida em que o ser humano se debruça sobre eles e, a partir dos pressupostos, técnicas e ações conhecidas, encontra a solução.

Questões matemáticas podem ser vistas como problemas, pois são apresentadas de modo objetivo e seu resultado visa a manter a coerência dos postulados, afastando-os de inadequações, a partir de pressupostos bem definidos. Outro tipo de questões humanas que podem ser tratadas como problemas são aquelas com as quais lida o *cérebro antigo*, como a luta pela sobrevivência. Ao buscar alimento, por exemplo, o ser humano está lidando com uma questão literal e deve se manter fixado nela até que se resolva, ou poderá morrer de fome.

Todavia, muitas questões são encaradas como problemas, mas apresentam pressupostos contraditórios e, até mesmo, falsos. A confusão começa quando a mente aceita esse tipo de situação como problema, pois ela acredita que a forma de resolver é se manter ativa até que encontre uma solução, característica necessária ao pensamento racional. Ao agir assim, fica prisioneira de tais questões, os paradoxos, pois eles não têm soluções literais

---

[239] BOHM, David. *Diálogo: comunicação e redes de convivência, op. cit.*, p. 117.
[240] Idem. Ibidem, p. 118.
[241] Idem. Ibidem, p. 118.

e técnicas, sendo que cada "solução" não traria uma satisfação e, pior, levaria a questões novas e ainda mais complicadas, já que "*enquanto um paradoxo for tratado como problema ele jamais poderá se dissolver. Ao contrário, o 'problema' nada mais fará do que aumentar e proliferar, numa confusão sempre crescente*"[242].

A atuação humana será incoerente, ou seja, suas intenções e resultados não concordarão, já que a tentativa de "solucionar os problemas", na verdade, acabará criando mais dificuldades[243]. A incoerência do conhecimento se revela quando ele é aplicado, ou seja, quando há uma ação com base naquele conhecimento. O desejo é caminhar no sentido da coerência, pois ela tem um enorme valor e, além disso, é possível perceber o quão destrutivo é viver de forma incoerente. Todavia, "*à medida que o pensamento se desenvolveu, ao longo das eras, produziu valores incoerentes que nos confundem*"[244], fazendo com que se crie cada vez mais situações contraditórias e destrutivas.

A distinção entre problema e paradoxo, portanto, é extremamente importante para o indivíduo, não só psicologicamente, mostrando que as pressões feitas para a solução de paradoxos são inúteis, "*mas também para as relações humanas e, em última análise, para o estabelecimento de uma ordem apropriada na sociedade"*[245]. Nesse sentido, muitas atitudes absurdas para a humanidade tomada em seu todo – como, por exemplo, a consideração que se tem pelas pessoas da própria comunidade ou país, enquanto aceita-se tranquilamente (ou, pelo menos, não se sofre com isso constantemente) que guerras aniquilem seres humanos desconhecidos– permanecem naturalizadas e sem solução, e tentar apontar soluções racionais para isso só levará a mais confusões[246]. BOHM ilustra tal situação com a seguinte imagem:

> "Pode-se considerar aqui a imagem de uma massa turbulenta de vórtices ou redemoinhos em um rio. A estrutura e a distribuição dos vórtices, que constituem um tipo de conteúdo da descrição do movimento, não estão separados da atividade formativa da corrente do rio, que cria, mantém e, finalmente, dissolve a totalidade das estruturas do vórtice. Portanto,

[242] BOHM, David. *Diálogo: comunicação e redes de convivência, op. cit.*, p. 121.
[243] Idem. Ibidem, 140.
[244] Idem. Ibidem, p. 141.
[245] Idem. Ibidem, p. 122.
[246] Idem. Ibidem, p. 123.

> qualquer tentativa de eliminar os vórtices sem mudar a atividade formativa do rio seria evidentemente absurda."[247]

A questão que surge é: como se deve lidar com os paradoxos? Já que não é possível solucioná-los, assim como se faz com problemas técnicos e literais, o que a humanidade pode fazer diante de questões tão desafiadoras? BOHM responde que é "*necessário que as pessoas estejam atentas de maneira séria e continuada aos padrões paradoxais que dominam seus pensamentos e sentimentos. (...) Dado que tudo o que fazemos se origina e é formatado por nossa maneira de pensar e comunicar, os padrões baseados em paradoxos tendem a trazer confusões em todas as fases da vida*"[248].

Seria, portanto, a atenção dada ao processo e aos padrões do pensamento o caminho para a *superação* (e não solução) dos paradoxos[249]. A possibilidade de trazer à luz as raízes do paradoxo levaria à sua dissolução, pois seria possível ver, sentir e, portanto, compreender, de forma clara, quão absurdo é todo o processo de representação da realidade. Há, portanto, a possibilidade do despertar para um movimento diferente. E isso acontece, nas palavras de KRISHNAMURTI, quando a percepção possibilita a superação dos condicionamentos:

> "Digamos, por exemplo, que o cérebro de uma pessoa foi treinado, condicionado, durante séculos a ir para o norte. Então, de repente, ela percebe que ir para o norte representa um conflito permanente. Quando ela percebe isso, o próprio cérebro se altera — a qualidade do cérebro muda."[250]

Todos os paradoxos emergem de um paradoxo-raiz, que pode ser sintetizado nos seguintes termos: *a atividade do pensamento é controlada pela própria coisa que ele aparenta controlar*. Ou seja, em regra, o pensamento tem como conteúdo algum objeto ou estado de coisas externo, e enxerga tais coisas ou fatos como independentes de si; todavia, tal independência não existe na realidade[251]. Nas palavras de BOHM, estamos presos a "*um*

---

[247] BOHM, David. *Totalidade e a ordem implicada, op. cit.*, p. 34.
[248] BOHM, David. *Diálogo: comunicação e redes de convivência, op. cit.*, p. 123.
[249] Idem. Ibidem, p. 121.
[250] KRISHNAMURTI, J; BOHM, David. *A eliminação do tempo psicológico, op. cit.*, p. 18.
[251] BOHM, David. *Diálogo: comunicação e redes de convivência, op. cit.*, p. 123-124. No mesmo sentido: "Na visão de Bohm, herdamos a crença de que a mente (ou pensamento) pertence a uma ordem superior e inerentemente diferenciada da matéria. Essa crença tem nutrido uma confiança naquilo que denominamos de objetividade – a capacidade de observar e retratar, de forma neutra, algum objeto ou evento, sem causar nenhum tipo de efeito naquilo que observamos, ou sem ser afetado pelo mesmo." (NICHOL, LEE. *Prefácio*. In: BOHM, David. *O pensamento como sistema, op. cit.*, p. 9.)

modo de pensamento que tenta se auto-analisar em termos de uma separação pressuposta entre o processo de pensamento e o conteúdo do pensamento, que é o seu produto"[252].

Nesse sentido, quando o ser humano está tratando de uma questão técnica ou prática, como, por exemplo, a necessidade de obter alimentos ou fugir a uma ameaça de um animal selvagem na natureza, consegue fazer isso muito bem a partir das noções literais de realidade e necessidade. Todavia, quando o ser humano começa a refletir sobre *si mesmo*, sobre a forma como vive no mundo, sobre as consequências de seus atos, especialmente sobre seus próprios pensamentos e sentimentos, tal postura gera um padrão de atividade paradoxal, já que não pode se separar de si, ou seja, não é possível que se veja a si mesmo "de fora", como muitas vezes acredita fazer[253]. Diz BOHM:

> "A noção de que aquele que pensa (o Ego) está, pelo menos a princípio, completamente separado e independente da realidade que ele está pensando é algo que está solidamente embutido em toda a nossa tradição. (...) Logo, somos confrontados com um desafio muito difícil: como conseguiríamos pensar coerentemente em um fluxo de realidade única, indivisa da existência como um todo, que contenha tanto o pensamento (consciência) como a realidade externa do modo que a experimentamos?"[254]

Essa forma de encarar a realidade tem gerado um estado de coisas cada vez mais caótico e, acima de tudo, cheio de contradições e autoengano. Existe uma questão implícita muito forte relacionada à coerência: entender que pensamento, ação e sujeito são uma realidade material só significa que não é possível "observar de fora". Portanto, as tentativas de resolver os paradoxos pessoais ou da sociedade pelo processo de pensamento gera sempre mais confusões e questões, pois o próprio pensamento está condicionado e controlado por aquilo que ele pretende examinar[255].

"*Cada ser humano precisa se dar conta de que os pensamentos e ideias que tende a identificar com o seu 'eu mais profundo' estão totalmente envolvidos nesse paradoxo*"[256], argumenta BOHM. É necessária, então, uma grande disposição em dar atenção intensa ao

---

[252] BOHM, David. *Totalidade e a ordem implicada, op. cit.*, p. 33.
[253] BOHM, David. *Diálogo: comunicação e redes de convivência, op. cit.*, p. 124.
[254] BOHM, David. *Totalidade e a ordem implicada, op. cit.*, p. 11.
[255] BOHM, David. *Diálogo: comunicação e redes de convivência, op. cit.*, p. 127.
[256] Idem. Ibidem, p. 126.

processo do pensamento e todos os seus pressupostos autocontraditórios e enganadores: aquele que se imagina ser o "pensador" capaz de julgar os pensamentos é, na realidade, apenas mais um pensamento reiterado.

Quando se olha para uma pessoa ou para a sociedade, olha-se para tudo a partir de pressupostos, mas se crê que tudo isso é um processo neutro, como na ciência. Não faz sentido, todavia, separar observador e observado, pois "*o observador é o observado. Se não juntarmos os dois – se não ligarmos os pressupostos às emoções –, tudo dará errado. Se digo que vou examinar minha mente, mas não levo em conta meus pressupostos, a imagem está errada, pois são os pressupostos que examinam*"[257].

Os pressupostos atuam, portanto, como um filtro ou como uma espécie de observador, pois a realidade é vista através deles. Nesse sentido, nas palavras de BOHM, o "*significado da palavra 'observar' pode ser obtido definindo 'observação' como 'colher com o olho', e 'ouvir' como 'colher com o ouvido'*"[258]. O observador é aquele que seleciona as informações importantes e, ao fazer isso, já atua na realidade observada. Todavia, vive-se e opina-se sobre a realidade sem levar isso em conta. Acredita-se em uma grande objetividade e separação quando, na verdade, a separação é mínima e tudo aquilo que é observado é influenciado e influencia o observador em um movimento constante[259].

BOHM chama de *pensamento participativo* aquele que leva o indivíduo a sentir que vive como integrante de algo maior, algo que supera a individualidade, ou seja, "*percebe que tudo faz parte de tudo. Dá-se conta de que o seu próprio ser participa da Terra, de que não há um ser independente. É o mesmo que dizer que somos nutridos pela Terra. (...) A comida, que parece ser um objeto separado, transforma-se em nós mesmos*"[260].

A melhor forma de lidar com nos paradoxos, não mais atribuindo a eles uma categoria de problema, é, portanto, entender que "*'nos bastidores', há alguém a observar o que está errado, mas que não está sendo observado. As coisas 'erradas' que ele procura estão nele mesmo, porque lá é o lugar mais seguro para escondê-las. Esconda-as no próprio buscador e ele jamais as achará*"[261]. Então, é necessário observar o pensamento de forma profunda.

---

[257] BOHM, David. *Diálogo: comunicação e redes de convivência, op. cit.*, p. 129-130.
[258] Idem. Ibidem, p. 128.
[259] Idem. Ibidem, p. 129.
[260] Idem. Ibidem, p. 154.
[261] Idem. Ibidem, p. 132.

É necessário atentar ao fato de como a mente, muitas vezes, tende a confundir problemas com paradoxos e as enormes dificuldades que isso cria[262]. Se o ser humano for capaz de alcançar tal objetivo, as três dimensões do ser humano – a dimensão individual, formada pela autoimagem com a qual se busca identificar; a dimensão coletiva, consubstanciada na sociedade e cultura; e a dimensão cósmica, constituída pela esfera da imersão humana no mundo natural, a cosmologia da ciência e da religião[263] –, poderão se harmonizar, bem como afastar-se do autoengano e das contradições, pois "*se tudo é um, devemos ficar juntos na vitória e na derrota. Temos de encontrar uma maneira de fazer isso. Isso também é política, bem como economia, pois temos todos esses governos separados. (...) Necessitamos de uma nova visão do ser humano no mundo*" [264].

2.1.1.2. A suspensão dos pressupostos

"*A noção de diálogo e consciência comum sugere que há um modo de sairmos de nossas dificuldades coletivas*"[265], acredita BOHM. A coesão social de má qualidade poderá ser superada a partir da postura dialógica[266]. A abertura ao diálogo deve vir acompanhada de uma disposição de se tornar observador de si mesmo, dos próprios sentimentos, reações e pensamentos. O ponto central do diálogo é entrar nas pressões atrás dos pressupostos[267], entender como eles são formados e quais as suas consequências práticas.

As ideias são defendidas, na maior parte das vezes, com uma carga emocional muito forte, já que as pessoas se identificam com elas[268]. Cada sujeito precisará entender que suas opiniões são, assim como as dos outros, construídas a partir de pressupostos que acredita, muitas vezes, intocáveis. Isso não quer dizer que se deva abrir mão dos pressupostos – que equivalem, neste contexto, às opiniões ou preconceitos –, nem que os sufoque, ou que se sufoque qualquer sentimento ou pensamento. A proposta, por outro lado, é se caminhe no sentido da *suspensão dos pressupostos*[269].

---

[262] BOHM, David. *Diálogo: comunicação e redes de convivência, op. cit.*, p. 127.
[263] Idem. Ibidem, p. 159-160.
[264] BOHM, David. *Arte, diálogo e a ordem implícita, op. cit.*, p. 126.
[265] BOHM, David. *Diálogo: comunicação e redes de convivência, op. cit.*, p. 79.
[266] Idem. Ibidem, p. 69.
[267] Idem. Ibidem, p. 37.
[268] Idem. Ibidem, p. 36-37.
[269] Idem. Ibidem, p. 56.

Importante lembrar de como pensamentos, sentimentos e emoções estão ligados e, assim, o processo de observação mostrará como as reações físicas e emocionais são produtos do pensamento e de como elas, ao mesmo tempo, numa via de mão dupla, também interferem no pensamento, sem que isso seja apresentado de forma clara ao o*bservador* ou ao *eu*[270]. Deste modo, ficará claro como as reações corporais e o pensamento são uma coisa só e não se tratam de processos independentes entre si, pois "*a experiência desaparecerá, mas o efeito armazenado na memória se tornará o 'pensamento'. Lá ficará aguardando até ser instantaneamente lembrado quando surgir uma situação parecida em uma próxima ocasião*"[271].

Por exemplo, uma pessoa sente muita mágoa em determinadas situações e pensa que não deseja mais se sentir dessa forma. Esse desejo faz com que ela iniba a ação, como o choro ou as palavras, mas isso não significa a superação do paradoxo, significa apenas que voltou a mágoa contra si mesmo, criando outra dificuldade. Uma outra atitude possível seria, no momento em que percebe que está se sentindo magoada, suspender a atividade e permitir que ela se revele, num processo de observação, não apenas da ação física, mas dos pensamentos e sensações que permeiam todo aquele processo. Assim:

> "Descobrirá então que as palavras que primeiramente o magoaram, o magoarão outras vezes. Verá como isso acontece. Descobrirá todos os tipos de pensamentos subsidiários, como 'confiei nele e fui traído', ou 'dei-lhe tudo e vejam o que ele faz'. Há milhões desses pensamentos. A coisa certa a fazer é encontrar as palavras que expressam o que acontece, não com o objetivo de descobrir o seu conteúdo, mas com o propósito de perceber o efeito que elas fazem. Há uma diferença entre pensar sobre a mágoa e pensar a mágoa."[272]

Parece difícil suspender uma ação sem suprimi-la, mas talvez um primeiro passo seja observar todo o processo. Então, a partir daí, se conseguirá perceber que existe algo a se observar[273]. Ao suspender um sentimento ou emoção, verifica-se que há diversos pensamentos e pressupostos que o sustentam e perpetuam. Caso tais pressupostos sejam aceitos, sem qualquer tentativa de observá-los, as emoções e todo o processo poderão

---

[270] BOHM, David. *Diálogo: comunicação e redes de convivência, op. cit.*, p. 134-135.
[271] NICHOL, LEE. *Prefácio*. In: BOHM, David. *O pensamento como sistema, op. cit.*, p. 10.
[272] BOHM, David. *Diálogo: comunicação e redes de convivência, op. cit.*, p. 139.
[273] Idem. Ibidem, p. 138.

dominar o indivíduo. Por outro lado, há um caminho para a superação dessa condição, se "*em vez disso suspender tudo isso numa espécie de ponto instável – como o fio de uma faca – de modo a poder observar a totalidade do processo. É isso que é necessário*"[274].

Deve-se lembrar que as opiniões e pressupostos são resultado de pensamentos passados, ou seja, experiências, sentimentos e emoções que ficam programados na memória. Todavia, por não entender esse processo, as pessoas passam a se identificar com as opiniões, como se fossem pessoalmente atacadas quando são questionadas. Segundo BOHM, "*Você pode, assim, identificar-se com essas opiniões, reagir e defendê-las. Mas não faz sentido comportar-se assim. Se sua opinião estiver correta, tal reação não será necessária. E se estiver errada, por que deveria ser defendida?"*[275]. Tais palavras de BOHM guardam, aliás, estreita semelhança com uma passagem evangélica em que Cristo, após ser batido no rosto por dizer algo que desagradara ao guarda, indaga-lhe: "Se falei mal, prova-o, mas se falei bem, por que me bates?" (Jo 18:23).

As sensações e emoções, na maioria das vezes, são entendidas como um conhecimento tácito, que diz muito sobre a realidade que se está vivendo, mas, se houvesse *propriocepção* – ou *autopercepção* – do pensamento, talvez se diria: *"'Bem, tive o impulso de pensar, pensei em algo e depois me vieram esses sentimentos. Eles foram produzidos dessa maneira e, portanto, isso é tudo o que significam"*[276]. A autopercepção do pensamento acontece no nível da atenção profunda, a partir de um processo que pode ser identificado com um movimento autoconsciente, sem a necessidade de um *eu* ou um *observador* para essa percepção[277].

É preciso que o indivíduo esteja alerta para perceber as sensações e sentimentos que surgem quando confrontado com determinadas questões. Pode haver assuntos que lhe causam sensações de medo, impedindo que o indivíduo reflita sobre elas; por outro lado, podem surgir tópicos que dão uma sensação de prazer, que atraem os pensamentos e fazem com a que a pessoa queira se manter naquela questão[278]. Portanto, "*uma pessoa é capaz de manter-se longe de tudo aquilo que imagina que pode perturbá-la. O resultado é que ela*

---

[274] BOHM, David. *Diálogo: comunicação e redes de convivência, op. cit.*, p. 137-138.
[275] Idem. Ibidem, p. 38.
[276] Idem. Ibidem, p. 145.
[277] Idem. Ibidem, p. 143.
[278] BOHM, David; FACTOR, Daniel; GARRETT, Peter. *Dialogue: a proposal, op. cit.*

pode, sutilmente, estar a defender suas ideias, enquanto supõe que ouve o que os outros têm a dizer"[279] .

Há um impulso natural de autodefesa. Ao que parece, aquele impulso natural no *cérebro antigo* de autodefesa, adquirido na selva, transferiu-se dos animais selvagens para as opiniões perigosas. "*Há, dentro de nós, alguns animais muito preciosos que têm de ser defendidos. Assim, um impulso que fez sentido fisicamente na selva, foi transferido para nossas opiniões na vida moderna. No diálogo, é preciso que tomemos consciência disso de maneira coletiva*"[280].

Para isso, o que se exige é que se esteja atento, que se observe tudo com cuidado e que se afaste, tanto quanto possível, dos infindáveis julgamentos, para que se perceba o quanto valores e intenções escondidas podem controlar o comportamento. Para isso, é preciso ouvir, não apenas aos outros membros do grupo, mas a si mesmo, todas as reações, impulsos, sentimentos e opiniões, desvendando o que mostram sobre a psique individual e como se refletem no grupo[281].

Tudo isso faz parte do processo de suspensão e de se familiarizar com o modo como o pensamento funciona[282]. É possível se dar conta das conexões entre os pensamentos que acontecem durante um diálogo e as emoções, sensações corporais, linguagem corporal e verbal – enfim, todos começam a perceber que estão vivendo o mesmo processo, ainda que, levando em conta apenas os conteúdos das opiniões, estejam de lados opostos[283]. Assim, segundo BOHM:

> "Precisamos compartilhar a consciência daquilo que realmente temos. Se as pessoas puderem compartilhar a frustração, e dividir entre si seus pressupostos diferentes e contraditórios, repartir sua raiva mútua e persistir no processo – se todo mundo ficar irritado junto e, em comum, observar esse fenômeno –, haverá uma consciência comum."[284]

---

[279] BOHM, David. *Diálogo: comunicação e redes de convivência, op. cit.*, p. 32.
[280] Idem. Ibidem, p. 77.
[281] BOHM, David; FACTOR, Daniel; GARRETT, Peter. *Dialogue: a proposal, op. cit.*
[282] BOHM, David. *Diálogo: comunicação e redes de convivência, op. cit.*, p. 57.
[283] Idem. Ibidem, p. 56.
[284] Idem. Ibidem, p. 75.

Suspender um pressuposto ou reação não significa, portanto, reprimi-lo, mas também não é continuar a alimentá-lo, mas, sim, dar-lhe toda a atenção. O ponto fundamental para a propriocepção do pensamento é, portanto, a atenção dada a ele:

> "K: Podemos apresentar muitos motivos para isso, mas essas causas, motivos e explicações não resolvem o problema. Voltamos à mesma coisa — o que fará com que a mente humana mude? Vemos que essa mudança é necessária, e contudo somos incapazes ou não estamos dispostos a mudar. Que fator — que novo fator — é necessário para que isso ocorra?
> DB: Bem, sinto que é a capacidade de observar profundamente o que é que está segurando a pessoa e impedindo-a de mudar.
> K: A atenção, então, é o novo fator?"[285]

O diálogo é fundamental nesse processo, pois o indivíduo sozinho, na introspecção, tem grandes chances de cair no autoengano. Já na alteridade proporcionada pelo diálogo, é mais fácil que os pressupostos venham à tona para que possam ser observados, pois "*quando algo que foi dito me impele a uma reação de raiva, por exemplo, percebo que meu pressuposto é contrário. É só nessa interação com o contrário que tomo consciência dos meus pressupostos e é só na sua suspensão e observação que vejo o que eles significam"*[286].

Ao perceber o que se diz, o resultado dos ímpetos, a suspensão dos pressupostos no diálogo pode levar a uma espécie diferente de consciência, na qual se percebe aquilo que o pensamento produz. Nesse sentido, o "*ponto fundamental da suspensão é tornar a propriocepção possível, criar um espelho, de modo que você possa ver os resultados do seu pensamento"*[287], conforme leciona BOHM.

É muito comum que ocorra a *autopercepção* ou *propriocepção* dos movimentos do corpo[288]. Por exemplo, quando um braço é erguido para alcançar algum objeto no alto de uma prateleira, o indivíduo sabe o que está fazendo, não pensa que é uma força exterior que o ergue ou que o braço se ergueu involuntariamente, já que os nervos motores e sensíveis ajudam a identificar os movimentos voluntários, involuntários e ocasionados por uma força exterior, pois,

---

[285] KRISHNAMURTI, J; BOHM, David. *A eliminação do tempo psicológico*, op. cit., p. 296.
[286] BOHM, David. *Diálogo: comunicação e redes de convivência, op. cit.*, p. 56.
[287] Idem. Ibidem, p. 63.
[288] Idem. Ibidem, p. 144.

> "A propriocepção (literalmente, autopercepção) é aquilo que nos dá a capacidade de andar, sentar, comer ou se engajar em qualquer outra atividade diária sem que precisemos constantemente monitorar o que estamos fazendo. Um sistema de *feedback* instantâneo que transmite informação ao corpo, permitindo-o que aja sem o controle consciente. Se você deseja coçar uma picada de pernilongo na batata da perna, é a propriocepção que nos permite coças a picada sem (a) olhar para nossa mão, (b) olhar para nossa perna ou (c) ter a impressão errada de que há alguém diferente coçando a nossa perna."[289]

Com os pensamentos ou sentimentos não se costuma agir dessa forma e, mais ainda, acredita-se que não há controle sobre eles. É por isso que, segundo BOHM,

> "Os 'problemas' permanecerão insolúveis enquanto continuarmos a produzi-los por meio de nossos pensamentos. De alguma forma, o pensamento tem de perceber suas consequências. (...) O corpo pode perceber seu próprio movimento. Quando movimentamos o corpo, percebemos a relação que existe entre intenção e ação. O impulso de movimentar e o movimento são percebidos como interligados. Se isso não acontecesse, o corpo não seria viável."[290]

Pode-se afirmar que é com grande facilidade que os discursos radicais convencem, pois as respostas pré-programadas se coadunam com a forma confortável de lidar com o pensamento, uma vez que "*nosso desenvolvimento tem sido orientado para respostas imediatas e impulsivas, o que favorece a violência*"[291]. Parece haver uma grande dificuldade de se refletir sobre tudo isso, e, muitas vezes, os esforços são permeados por autoengano, pois desprezam o fato de que é apenas na alteridade do diálogo, na vivência com o outro, que será possível a percepção do processo. É importante que, durante o diálogo, o indivíduo se dê conta dos pensamentos, sensações e emoções que está experimentando.

O diálogo não é um processo necessariamente tranquilo e situações de polarização são extremamente importantes para o amadurecimento do diálogo[292]. Quando surge uma questão polêmica, em que há a polarização de determinado grupo, tem-se o momento ideal

---

[289] NICHOL, LEE. *Prefácio*. In: BOHM, David. *O pensamento como sistema, op. cit.*, p. 11.
[290] BOHM, David. *Diálogo: comunicação e redes de convivência, op. cit.*, p. 62.
[291] Idem. Ibidem, p. 134.
[292] BOHM, David; FACTOR, Daniel; GARRETT, Peter. *Dialogue: a proposal, op. cit.*. A mesma ideia pode ser encontrada em: BOHM, David. *Diálogo: comunicação e redes de convivência, op. cit.*, p. 56

de a propriocepção acontecer e, para isso, os participantes devem conter-se e refletir, e podem *"imaginar tudo isso suspenso, pendurado diante de seus olhos de modo que possa observá-lo – como o reflexo que vê quando está diante de um espelho*"[293].

A questão de não tentar mudar nada parece um grande desafio para o ser humano. Em certo ponto, a existência está atrelada a uma atitude propositiva e modificadora. No diálogo, no entanto, "*Não tentamos mudar nada, mas apenas estar atentos a tudo. (...) Acredito que ao fazermos isso descobriremos que certos tipos de pensamentos apresentam um papel mais destacado do que outros. A ideia de necessidade é da maior importância*"[294].

"*É interessante observar que a palavra necessidade tem raiz latina, necesse, que quer dizer 'não ceda'. Significa, na realidade, 'o que não pode ser deixado de lado'*"[295], conforme explica BOHM. Portanto, a noção de necessidade é o ponto fraco das negociações. Por isso, é importante que haja o questionamento do que é absolutamente necessário.

Quando as noções de necessidade absoluta vêm à tona e colidem entre si, se as pessoas tiverem coragem de encarar tais questões e não deixarem o assunto morrer por medo de se indisporem ou por falta de motivação, poderão, em um determinado momento, "*ter o insight de que cada um está fazendo a mesma coisa – apegando-se à necessidade absoluta de suas ideias – e de que nada ocorrerá se continuarmos assim*"[296]. Então, a partir desse momento, poderão questionar se aquilo a que estavam apegadas é realmente absolutamente necessário, poderão questionar os pressupostos que sustentam as necessidades absolutas. É neste ponto que o diálogo pode entrar numa área original[297], pois haverá liberdade para criar novas ordens de necessidade.

Assim, o objetivo do diálogo não é analisar coisas, ganhar discussões, trocar opiniões, fazer fofocas, criar amizades ou inimizades, mas, sim, a partir da suspensão dos pressupostos, compartilhar um conteúdo comum, mesmo que não se concorde com os pontos de vistas uns dos outros. Em algum momento, "*acabaremos por compartilhar nossas opiniões sem hostilidade, e então seremos capazes de pensar juntos. (...) O pensamento fluiria e sairíamos da situação habitual, em que as pessoas tentam persuadir ou convencer*

---

[293] BOHM, David. *Diálogo: comunicação e redes de convivência, op. cit.*, p. 55.
[294] Idem. Ibidem, p. 57.
[295] Idem. Ibidem, p. 58.
[296] Idem. Ibidem, p. 59.
[297] Idem. Ibidem, p. 60.

umas às outras"[298]. Com os pressupostos suspensos é possível olhar os conteúdos das consciências e caminhar no sentido da criação de uma consciência participativa, que:

> "nem por isso excluiria as consciências individuais. Cada indivíduo sustentaria sua opinião, mas esta seria absorvida também pelo grupo. Assim, todos seriam inteiramente livres. Não é como uma turba da qual a mente coletiva se apodera – nada disso. É algo que acontece entre o indivíduo e o coletivo e pode mover-se entre eles."[299]

O significado compartilhado precisa ser coerente para que, segundo BOHM, possa "*surgir uma cultura genuína, na qual opiniões e pressupostos não sejam defendidos de maneira incoerente. Esse tipo de cultura é necessário para que a sociedade funcione e, no fim das contas, para que ela sobreviva*"[300].

É, portanto, importante entender que a consciência compartilhada a partir do diálogo *não* caminha para um consenso. Assim, o coletivo perde o caráter perturbador[301], já que é esmagador imaginar que o grupo poderá decidir por nós aquilo que devemos considerar como verdade. Como explica BOHM, "*Essa condição não oprime as individualidades. Não há conflito no fato que o individual possa não concordar. Decididamente, não é importante se você concorda ou não. Não há pressão para concordar ou discordar*"[302]. No fim das contas, o importante é chegar em algum ponto entre as opiniões e se mover a partir dele para algo novo. Perceber o que significam todas as opiniões encaminhará o compartilhamento de um conteúdo comum, mesmo se não houver concordância completa[303]. Nesse sentido:

> "Frisamos, no entanto, que a transcendência do mundo dos opostos não significa, de modo algum, tornar a natureza opaca e homogênea. As diferenças existem, porém o tratamento dado a essas diferenças e individualidades não conduz à visão de uma realidade composta por fragmentos. Perceber a realidade dos opostos apenas como adequada em alguns contextos específicos significa enxergar a complexidade subjacente à natureza. Essa percepção permite-nos começar a entender o processo

---

[298] BOHM, David. *Diálogo: comunicação e redes de convivência, op. cit.*, p. 64.
[299] Idem. Ibidem, p. 66-67.
[300] Idem. Ibidem, p. 68.
[301] Idem. Ibidem, p. 77.
[302] Idem. Ibidem, p. 73.
[303] BOHM, David. *Totalidade e a ordem implicada, op. cit.*, p. 65.

> intrincado, do qual também fazemos parte, de como a realidade é tecida e de como é rico, diversificado e criativo esse processo."[304]

Poder-se-á, assim, compartilhar com o grupo a consciência individual e, ao mesmo tempo, não se abandonarem as próprias opiniões, já que o que se acredita individualmente não é tão importante: o mais importante é o que se poderá criar, e, no fim das contas, *"poderemos estar em algum ponto entre todas as opiniões, e começaremos a nos movimentar para além delas em outra direção – uma direção tangencial –, rumo a algo novo e criativo*"[305]. Perceber-se-á, enfim, que todos são iguais, superar-se-á o medo da comunicação sincera e, assim, abrir-se-á espaço para a inteligência, nos termos ensinados por BOHM:

> "A ideia básica deste diálogo é falar enquanto adia suas opiniões, segurando-as em frente a você, enquanto nenhum dos participantes a suprime ou insiste nela. Não tentam convencer, simplesmente fazer entender. Precisamos perceber os significados, sem ter que tomar quaisquer decisões ou dizer quem está certo ou errado. É mais importante que todos vejamos a mesma coisa. Isso criaria uma nova estrutura mental com uma consciência comum, um tipo de ordem implícita, a qual envolve toda a consciência. Com a consciência comum, então, temos algo novo – um novo tipo de inteligência."[306]

É de fundamental importância a postura com que o indivíduo se coloca em relação aos outros. Se adere de forma definitiva a algumas ideias e as defende de maneira radical, deixa de se comunicar livremente e se quebra movimento criativo[307]. Nesse sentido, *"fazer o que se gosta raramente é liberdade, porque o que gostamos é determinado pelo que pensamos, e isso é com frequência um padrão fixo. Portanto, temos uma necessidade*

---

[304] CARVALHO, Rodrigo França. *Além das nuvens e dos relógios: a percepção da realidade em David Bohm, op. cit.*, p. 429-430.

[305] BOHM, David. *Diálogo: comunicação e redes de convivência, op. cit.*, p. 66-67. No mesmo sentido: "o grupo pode ser capaz de detectar o fluxo do significado por intermédio dos participantes. Esse significado pode ser o conteúdo de algum assunto em particular, como pode também ser impulsos repentinos que passam pelo grupo como resultado de um conflito entre dois ou mais membros. Em tal diálogo persiste a possibilidade da visão direta no movimento coletivo do pensamento, em vez de sua expressão em qualquer indivíduo em particular. Bohm sugere que o potencial para a inteligência coletiva, inerente em tais grupos, pode levar a uma nova e criativa forma de arte, a qual pode envolver um número significativo de pessoas e afetar de maneira benéfica a trajetória da nossa atual civilização." (NICHOL, LEE. *Prefácio*. In: BOHM, David. *O pensamento como sistema, op. cit.*, p. 13)

[306] BOHM, David. *Arte, diálogo e a ordem implícita, op. cit.*, p. 134.

[307] BOHM, David. *Diálogo: comunicação e redes de convivência, op. cit.*, p. 31.

criativa – a qual descobrimos ou podemos descobrir de modo individual ou coletivo – de saber como operar grupalmente de uma nova maneira" [308]. É preciso que, de fato, se tenha abertura e disposição para superar criativamente os diferentes paradoxos sociais, através do diálogo.

2.1.2. Os grupos de diálogo

Com o objetivo de concretização do diálogo proposto, BOHM aponta para a importância do encontro direto, face a face, através dos grupos de diálogo, que possibilitam a criação de um microcosmo cultural global. Sentadas em círculo, com facilitador ou sem, as pessoas teriam como finalidade principal lidar com questões culturais. "*Lidar com questões*" não significa resolver nada, ou chegar a uma conclusão definitiva sobre algo, mas uma comunicação verdadeira e livre, sem a necessidade de uma síntese ao final do encontro.

Para o funcionamento do grupo é preciso que as pessoas entendam sua proposta e concordem sobre a forma de interagir. O diálogo, todavia, não se impõe a ninguém. Por outro lado, o diálogo "*se destina àqueles que em geral concordam com uma determinada forma de interagir. Se alguém discorda, não há razão para que continue a participar das reuniões*"[309]. Por isso, algumas pessoas deixarão o grupo, e isso também deve ser visto como algo normal.

As componentes chaves para que o diálogo aconteça seriam, como já foi dito, a criação de um significado compartilhado, de um pensamento de natureza coletiva, a amizade difusa e a natureza não-dirigida, possibilitando a percepção consciente e o paradoxo do observador e do observado[310]. Nas palavras de BOHM, "*a totalidade do grupo agora se torna um espelho para cada um de seus membros. O efeito que você exerce sobre as outras pessoas é o de um espelho, e é o mesmo que elas têm sobre você. Perceber todo esse processo é muito útil para trazer à superfície o que acontece, pois, como você sabe, estamos todos no mesmo barco*"[311].

---

[308] BOHM, David. *Diálogo: comunicação e redes de convivência, op. cit.*, p. 61.
[309] Idem. Ibidem, p. 71.
[310] Idem. Ibidem, p. 14.
[311] Idem. Ibidem, p. 55.

Os grupos de diálogo, segundo BOHM, devem contar com cerca de 20 a 40 pessoas, pois, conforme argumenta, pequenos grupos tem uma tendência a criar uma zona de conforto, impedindo que as pessoas digam coisas que incomodam, pois desejam manter um ajuste confortável. Por outro lado, grupos muito grandes dificultam o foco e a criação de uma confiança mútua. O grupo não é fixo, pode sofrer alterações, mas precisa durar o bastante para produzir mudanças: o autor sugere um ano, dois anos ou mais. Além disso, os encontros deverão acontecer com regularidade para sustentar o diálogo, semanalmente ou quinzenalmente[312].

Outro ponto importante é a disposição espacial dos participantes, que devem se sentar em círculos, pois trata-se de uma forma geométrica que não privilegia ninguém e permite a comunicação direta, já que a autoridade e a hierarquia, que podem ser muito importantes em outros âmbitos da vida social, não funcionam no diálogo, no qual é preciso que todos se sintam livres para poder falar sobre qualquer coisa que desejar[313]. Com salienta BOHM, "*um diálogo é essencialmente uma conversa entre iguais. Qualquer autoridade controladora, não importa quão cuidadosa ou sensivelmente aplicada, tenderá a impedir e inibir o livre jogo do pensamento e os sentimentos muitas vezes delicados e sutis que de outra forma seriam compartilhados*"[314].

Além disso, é importante que o grupo não tenha uma agenda, não seja obrigado a decidir a respeito de nada. Por mais bem-intencionados que sejam os participantes, com agendas como *salvar o planeta*, *ajudar o próximo* ou *tornar pessoas melhores*, tudo isso fatalmente engessará o grupo e a possibilidade de diálogo, pois há muitos pressupostos por detrás de cada uma dessas metas [315]. Por isso, "*Devemos ter um espaço vazio, no qual não somos obrigados a fazer nada nem a chegar a quaisquer conclusões, nem a dizer seja o que for, ou mesmo a não falar. É um espaço aberto, livre, vazio*" [316]. O objetivo deverá ser, pura e simplesmente, buscar uma comunicação coerente e verdadeira.

---

[312] BOHM, David. *Diálogo: comunicação e redes de convivência, op. cit.*, p. 44-54.
[313] Idem. Ibidem, p. 89.
[314] BOHM, David; FACTOR, Daniel; GARRETT, Peter. *Dialogue: a proposal, op. cit.* No original: "A Dialogue is essentially a conversation between equals. Any controlling authority, no matter how carefully or sensitively applied, will tend to hinder and inhibit the free play of thought and the often delicate and subtle feelings that would otherwise be shared."
[315] BOHM, David. *Diálogo: comunicação e redes de convivência, op. cit.*, p. 51.
[316] Idem. Ibidem, p. 50-51.

A intenção do grupo é lidar com questões culturais, mas isso não quer dizer que questões pessoais não serão acolhidas. O que não se quer, todavia, é que alguma pessoa, geralmente mais dominadora, use o grupo como um local de desabafo para seus problemas, sem enxergar a totalidade envolvida naqueles fatos que a ela pertencem. Ou, então, que se confunda o grupo de diálogo com uma psicoterapia em grupo. No entanto, tomados alguns cuidados, questões pessoais poderão ser (e muitas serão) trazidas ao grupo. A partir delas, todos poderão discutir a respeito de questões presentes ali que superam o indivíduo enquanto fragmento e alcançam a todos enquanto totalidade[317].

O grupo busca formar um microcosmo cultural, ou seja, o grupo precisa alcançar os *significados coletivamente compartilhados*[318]. Haverá todos os tipos de opinião, as pessoas não confiarão umas nas outras, as falas serão inicialmente rasas, mas, gradualmente, poderá surgir uma confiança mútua e, então, BOHM diz que "*se ele* [o grupo], *ou algum de seus componentes, se 'curar', teremos o começo de uma cura mais ampla. Você pode considerar isso como lhe convier. É algo limitado, mas mesmo assim é uma forma de pensar no assunto*"[319].

Pode surgir, então, um *companheirismo difuso*, que não depende de que as pessoas se conheçam, mas que cria conexão, cumplicidade e compreensão mútua[320] a partir da corrente de significados que flui no grupo e abre a possibilidade novas compreensões. O significado compartilhado é, portanto, a *cola* que une as pessoas. Assim, o grupo será capaz de compartilhar sentimentos e ideias, dando atenção ao processo que envolve a todos, revelando os mais profundos significados, criando uma nova forma coletiva e coerente de comunicação[321].

Em um determinado ponto pode acontecer, por exemplo, de alguém levantar uma questão e outro indivíduo dizer que estava pensando exatamente naquilo. Nesse caso, "*tal pensamento provavelmente era latente no grupo inteiro, estava implícito, e qualquer um poderia verbalizá-lo. Alguém mais pode tomá-lo e desenvolvê-lo. Se o grupo realmente*

---

[317] BOHM, David; FACTOR, Daniel; GARRETT, Peter. *Dialogue: a proposal, op. cit.*
[318] BOHM, David. *Diálogo: comunicação e redes de convivência, op. cit.*, p. 64.
[319] Idem. Ibidem, p. 49.
[320] Idem. Ibidem, p. 73.
[321] BOHM, David; FACTOR, Daniel; GARRETT, Peter. *Dialogue: a proposal, op. cit.*

funcionar, isso significa pensar em comum – é como se fosse um processo único"[322]. O ponto-chave é, portanto, dar atenção a todo esse processo[323].

Sentir tudo isso faz parte da percepção: é preciso que o grupo esteja sensível para chegar a esse ponto e entender que os significados não são estáticos[324]. Todavia, os pressupostos e opiniões bloqueiam a sensibilidade. Assim, é importante que os membros de um grupo de diálogo possam suspender seus pressupostos, e, assim, olhar para todas as opiniões e pressupostos e deixar que venham à superfície, local onde eles podem, enfim, se modificar[325].

Se as pessoas estiverem pensando juntas e de maneira coerente, o grupo de diálogo pode criar um fluxo coerente de pensamentos. Isso é extremamente poderoso. As pessoas devem sentir que o fluxo está sendo coerente não apenas no plano expresso, nas palavras e gestos, mas também no plano tácito, pois, assim, teriam a sensação de que algo que merece confiança está acontecendo[326].

É a sensibilidade que permitirá que os membros do grupo percebam que algo está acontecendo, e, assim, nesse fluxo compartilhado, "*Se você perceber o pensamento dos outros, ele se torna seu e você o trata como seu. E quando surge uma carga emocional, você compartilhará também todas as cargas de emoção se elas o afetarem; você as manterá, junto com a totalidade dos pensamentos"*[327]. É assim que se permite que a consciência grupal aumente a criatividade e a possibilidade de atos de percepção dentro do grupo, num nível não encontrado em formas de interação mais familiares[328].

O diálogo, por fim, não é um caminho já trilhado, conhecido, mas sua essência é o aprendizado, uma vez que "*a natureza do diálogo é exploratória, seu significado e seus métodos continuam a se desdobrar*"[329]. Portanto, os grupos de diálogo enfrentam dificuldades ao se constatar, por exemplo, quão frustrante e gerador de ansiedade pode ser lidar com muitas opiniões, ou com pessoas que usam sua fala para se autoafirmar. Também

---

[322] BOHM, David. *Diálogo: comunicação e redes de convivência, op. cit.*, p. 84.
[323] Idem. Ibidem, p. 167.
[324] Idem. Ibidem, p. 85.
[325] Idem. Ibidem, p. 86.
[326] Idem. Ibidem, p. 46.
[327] Idem. Ibidem, p. 84.
[328] BOHM, David; FACTOR, Daniel; GARRETT, Peter. *Dialogue: a proposal, op. cit.*
[329] Idem. Ibidem. No original: "Because the nature of Dialogue is exploratory, its meaning and its methods continue to unfold."

há casos em que algum dos membros do grupo se torna dominador, em detrimento de pessoas "fracas" e dominadas, que sustentam o papel do dominador. Assim, é preciso que o grupo, ao aceitar a proposta do diálogo, se empenhe em criar espaço para que todos falem, além de superar junto a dificuldade em lidar com o silêncio[330].

Desta forma se alcançaria a possibilidade de uma vivência em que ninguém tenta vencer, em que a lógica da competição, do convencimento e da persuasão dá lugar a um espírito diferente. Todos ganham ao dialogar, todos vencem, pois não se joga mais contra o outro, mas *com* o outro. Quando uma falha é descoberta, um caminho errado, o grupo todo ganha. Não há mais necessidade de fazer prevalecer visões de mundo individuais. O que se busca é uma terceira via, é aquilo que o grupo pode fazer junto, a partir da união de pessoas diferentes, que reconhecem seus pressupostos e estão dispostas a trabalhar para um caminho novo. É a possibilidade do *jogo livre*:

> "Jogamos falso quando assumimos ideias como garantidas e fixas e, assim, cristalizamos conhecimentos, ações, emoções para nos sentir seguros. O resultado disso é a fragmentação, pois negamos a realidade. O jogo livre é, então, a forma de pensar criativa que impede a fragmentação e possibilita a construção de novos caminhos, novas experiências, novas ordens, novas necessidades."[331]

Fechar-se-á o ponto com uma imagem do *zen budismo* que transmite, de forma simbólica, a ideia de terceira via. Segundo o *zen budismo*, cada pessoa, desde seu nascimento, possui a sua própria *mandala*. Cada mandala é individual e diz algumas coisas sobre a pessoa a qual ela acompanha. Quando duas pessoas começam a se relacionar de forma profunda, num casamento, por exemplo, as mandalas individuais não deixam de existir. Surge, todavia, uma nova mandala, que não diz sobre as pessoas individualmente, mas sobre o relacionamento. Essa *terceira mandala* representa aquilo de novo e criativo criado a partir da união desse casal [332]. A terceira via é, também, o novo e criativo possível

---

[330] BOHM, David. *Diálogo: comunicação e redes de convivência, op. cit.*, p. 69-72.
[331] ARAGÃO, Ana Lúcia Assunção; NAVARRO, Almira. *Diálogos em Diálogo: David Bohm, Paulo Freire e Mikhail Bakhtin.* Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Educação em Questão, v. 19, n. 5, jan./abr. 2004, p. 111. Disponível em:<https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/8646> Acesso em: 14.07.2018.
[332] Vídeo: Qual o sentido do casamento nos dias de hoje? | Monja Coen | Zen Budismo. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?time_continue=152&v=a50fqW7ccpo&feature=emb_title

de ser criado a partir da união dos indivíduos através dos significados compartilhados por meio do diálogo, sem, é claro, que as individualidades deixem de existir.

2.2. BUBER e o diálogo como sentido de vida

Em BUBER, mais do que um meio para a superação dos paradoxos sociais, o diálogo é o próprio sentido e a fonte da existência humana. O autor, conhecido como o *filósofo do diálogo*, prevê a necessidade de um efetivo engajamento, um comprometimento com a existência concreta e o diálogo, entendido como uma relação, uma vez que, nas palavras de ZUBEN, "*O maior compromisso de sua reflexão é com a existência concreta, com a vida"*[333]. Para BUBER, o diálogo tem o caráter ainda mais profundo, sagrado: "*Um indivíduo pode rejeitar com toda sua força a presença de 'Deus' e contudo ele a experimenta no austero sacramento do diálogo*"[334].

"*O fato primitivo para Buber é a relação. O escopo último é apresentar uma ontologia da existência humana, explicitando a existência dialógica ou a vida em diálogo"*[335], diz ainda ZUBEN. Até mesmo a existência de Deus é enxergada como uma experiência relacional. Para BUBER, Deus só pode ser Deus em relação ao humano e toda abstração ou tentativa de se conceituar Deus não faz sentido, pois Ele só faz diferença na vida dos seres humanos na medida em que se relaciona com eles.

A relação nada mais é do que reciprocidade: "*Meu Tu atua sobre mim assim como eu atuo sobre ele. Nossos alunos nos formam, nossas obras nos edificam"*[336]. Ademais, segundo o autor, a reciprocidade acontece apenas quando o outro é visto como um igual, um Tu.

Nessa ideia, o autor faz a distinção entre a relação verdadeira Tu-Tu e a atitude do Tu em relação ao *Isso*. O Isso é o objeto de uso, aquilo que deve ser ordenado, dominado, vencido, transformado. Mas a relação ontológica, o diálogo, acontece apenas entre o Tu-Tu, numa atitude de consideração recíproca, na qual a reciprocidade "*é a marca definitiva da*

---

[333] VON ZUBEN, Newton Aquiles. *Introdução.* In.: BUBER, Martin. *Eu e Tu*. São Paulo: Centauro, 2001, p. 14.
[334] BUBER, Martin. *Do diálogo e do dialógico.* São Paulo: Perspectiva, 2009, p. 51.
[335] VON ZUBEN, Newton Aquiles. *Introdução.* In.: BUBER, Martin. *Eu e Tu, op. cit.*, p. 29.
[336] BUBER, Martin. *Eu e Tu*. Trad. Newton Aquiles Von Zuben. São Paulo: Centauro, 2001, p. 60.

atualização do fenômeno da relação. O 'entre' é assim considerado como a categoria ontológica onde é possível a aceitação e a confirmação ontológica dos dois polos envolvidos no evento da relação" [337].

Portanto, é o encontro, através do diálogo, o cerne da vida verdadeira, que aparece como a real possibilidade de desenvolvimento do ser humano. Há a necessidade da reciprocidade da ação interior, ou seja, de voltar-se para o outro enquanto com ele se dialoga:

> "Há... um elemento que parece pertencer indissoluvelmente à constituição mínima do diálogo, de acordo com seu próprio sentido: a reciprocidade da ação interior. Dois homens que estão dialogicamente ligados devem estar obviamente voltados um-para-o-outro; devem, portanto, – e não importa com que medida de atividade ou mesmo consciência de atividade – ter-se voltado um-para-o-outro."[338]

O diálogo é o caminho proposto por BOHM para a superação da fragmentação e, consequentemente, para o alcance da totalidade. Diante de tantas abstrações sobre o ato de dialogar, pode parecer, à primeira vista, que ele se encontra fora do alcance dos seres humanos. Todavia, BUBER propõe que é exatamente o homem comum, vivendo a realidade de forma concreta e crua, que é chamado ao diálogo – um caminho, de fato, possível[339].

BUBER nos fala ainda mais, fala do poder de ruptura do diálogo:

> "O condicionamento sociológico do homem aumenta. Mas este aumento é o amadurecimento de uma tarefa, não no que diz respeito ao dever, mas no que é permitido e no que é necessário, no anseio e na graça. É necessário renunciar à mania ou ao hábito pantécnicos que 'dominam' qualquer situação; é necessário acolher no poder dialógico da vida autêntica desde os triviais mistérios do cotidiano até a majestade do destino destruidor. A tarefa torna-se cada vez mais difícil e cada vez mais essencial; a realização, cada vez mais obstruída e cada vez mais rica em decisões. Todo o caos organizado da época espera pela ruptura e, onde quer que o homem perceba e responda, está ele contribuindo para este fim."[340]

---

[337] VON ZUBEN, Newton Aquiles. *Introdução.* In.: BUBER, Martin. *Eu e Tu, op. cit.*, p. 32.
[338] BUBER, Martin. *Do diálogo e do dialógico, op. cit.*, p. 40-41.
[339] Idem. Ibidem, p. 71.
[340] Idem. Ibidem, p. 75.

A pessoa que se propõe ao diálogo, que é uma possibilidade para todos, precisa ter uma postura que, baseado em FROMM, pode ser chamada de *amorosa*, termo não utilizado até aqui, mas que expõe uma ideia já discutida: os elementos básicos para o amor são o cuidado, a responsabilidade, o respeito e o conhecimento. Portanto, dialogar pressupõe uma abertura amorosa, e, só assim, permite que se descubra a si mesmo e ao outro, como o próprio autor nos fala: "*No ato de amar, de dar-me, no ato de penetrar a outra pessoa, eu me encontro, eu me descubro, eu descubro a nós, eu descubro o homem*."[341].

É necessário responsabilidade, respeito, cuidado e disposição para conhecer a si e ao outro. As corriqueiras discussões e competições pela fala, o desejo de estar sempre certo e fazer com que o outro se cale e apenas concorde, o cabo de guerra das opiniões, definitivamente não configuram um diálogo. É preciso sair da habitual zona das fragmentações e das autoafirmações, e essa é uma escolha que cabe a cada um, pois, no momento de dialogar, é necessário se desarmar contra si e contra o outro, numa atitude amorosa:

> "Amor é responsabilidade de um Eu para com um Tu: nisto consiste a igualdade daqueles que amam, igualdade que não pode consistir em um sentimento qualquer, igualdade que vai do menor ao maior, do mais feliz e seguro, daquele cuja vida está encerrada na vida de um ser amado, até aquele crucificado durante sua vida na cruz do mundo por ter podido e ousado algo inacreditável: amar os homens."[342]

Na busca do diálogo autêntico, portanto, é importante a observação total das opiniões e dos posicionamentos mais arraigados, que geram as mais diversas reações e sentimentos quando atacados. Enquanto vivem-se as divisões, corre-se o risco de cair no que BUBER chama de "*monólogo disfarçado de diálogo*", no qual, explica o autor, "*dois ou mais homens, reunidos num local, falam, cada um consigo mesmo, por caminhos tortuosos estranhamente entrelaçados e creem ter escapado, contudo, ao tormento de ter que contar apenas com os próprios recursos*"[343].

---

[341] FROMM, Erich. *The art of loving.* New York: Harper, 1956, p. 29. No original: "In the act of loving, of giving myself, in the act of penetrating the other person, I find myself, I discover myself, I discover us both, I discover man".
[342] BUBER, Martin. *Eu e Tu, op. cit.*, p. 60.
[343] BUBER, Martin. *Do diálogo e do dialógico, op. cit.*, p. 54.

A partir de uma existência monológica, que nega a relação com o outro, o ser humano tende a conseguir se organizar e acredita que vive com coerência. O apego a essa coerência do existir se torna a verdade absoluta. Defendem-se religiões, leis, moral e regras sociais como se nada disso pudesse ser mudado. Tal forma de estar no mundo parece realmente necessária para alguns momentos, mas o diálogo pede desapego e abertura. Não para destruir o que foi construído pelos caminhos humanos habituais, por óbvio, mas para a criação da possibilidade de uma construção conjunta e atualizada, rumo à totalidade desconhecida que une e encaminha todas as coisas. Como fala BUBER,

> "A vida dialógica não é uma vida em que se tem muito a ver com os homens, mas é uma vida em que, quando se tem a ver com os homens, faz-se isto de uma forma verdadeira. Não é a vida do homem solitário que devemos chamar de monológica, mas daquele que é capaz de atualizar, de forma essencial, a sociedade na qual o seu destino o faz mover-se."[344]

Uma pessoa precisa da outra, algo que permite ser *com* o outro. O diálogo é uma atitude concreta, que exige abertura, responsabilidade, amor e grande dose de desapego, liberdade para ser e deixar que o outro seja. O diálogo, enquanto relação ontológica, é, para BUBER, o único caminho para o conhecimento da verdade, pois, conforme argumenta, a atitude solitária tem grandes riscos de cair em meio vão, no já conhecido autoengano, que acontece:

> "Quando o homem não põe à prova, no mundo, o a priori da relação, efetivando e atualizando o Tu inato no Tu que ele encontra, então ele se introverte. Ele se manifesta ao contato com o Eu não natural, impossível objeto, isto é, ele se desvela ali onde não há lugar para a revelação. Assim, instaura-se um confronto consigo mesmo que não pode ser relação, presença, reciprocidade fecunda, mas somente autocontradição."[345]

É possível se tornar parte de um todo que se constrói através dos sujeitos e, então, passam a existir possibilidades que permitem, de fato, transformar a forma de encarar a existência. É esse olhar esperançoso no diálogo que BUBER apresenta: "*Mas por que meios poderia um homem transformar-se, tão essencialmente, de indivíduo em pessoa, senão pelas*

---

[344] BUBER, Martin. *Do diálogo e do dialógico, op. cit.*, p. 54.
[345] BUBER, Martin. *Eu e Tu, op. cit.*, p. 95.

experiências austeras e ternas do diálogo, que lhe ensinam o conteúdo ilimitado do limite?"[346].

Tomar seriamente essa posição perante o mundo pode, acredita o autor, resultar em uma mudança nos relacionamentos sociais. Todavia, o diálogo não se impõe. Então, outro ponto extremamente delicado, e até mesmo paradoxal, é o de viver dialogicamente com a falta de diálogo. Como ensina FROMM, o amor verdadeiro, assim como uma vida dialógica autêntica, é uma orientação de caráter para o mundo como um todo. A disposição para a abertura amorosa não seria profundamente verdadeira se ela não se dirigisse a toda criatura, independentemente do objeto do amor [347].

2.3. Abordagens dialógicas na educação

O diálogo é debatido nas mais diferentes áreas do conhecimento e mostra sua potencialidade de construção do conhecimento a partir de bases não convencionais. É na *Teoria da Ação Dialógica* que se funda a *educação popular* proposta por FREIRE. Educadores e educandos orientam-se no sentido da humanização de ambos, do pensar autêntico. Trata-se de uma ação infundida na profunda crença nos homens, em todos eles, e no seu poder criador.

O diálogo, apontado como essência da educação como prática para a liberdade, se coloca de forma que educando e educador se tornem sujeitos do processo educativo e cresçam juntos: os 'argumentos de autoridade' já não são mais usados e apenas existe uma autoridade se esta encaminha todo o processo para a liberdade[348]. É preciso lembrar da responsabilidade consigo mesmo e com o outro que o diálogo propõe, é preciso, de novo, lembrar que o homem está e é na realidade o agente mais importante do fazer, do criar e do transformar. FREIRE define o diálogo nas seguintes palavras:

> "E que é o diálogo? É uma relação horizontal de A com B. Nasce de uma matriz crítica e gera criticidade. Nutre-se do amor, da humildade, da esperança, da fé, da confiança. Por isso, só o diálogo comunica. E quando

[346] BUBER, Martin. *Do diálogo e do dialógico, op. cit.*, p. 55-56.
[347] FROMM, Erich. *The art of loving, op. cit.*, p. 119.
[348] FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, 17ª ed., p. 35-39.

> os dois polos do diálogo se ligam assim, com amor, com esperança, com fé um no outro, se fazem críticos na busca de algo."[349]

A educação dialógica é, portanto, comprometida com a liberdade e se empenha para que a realidade seja encarada de forma sincera. O diálogo é, aqui, indispensável, pois permite que, enquanto se dá voz a todos os envolvidos no processo, a realidade seja desvelada e reconhecida[350]. O compromisso dialógico é um compromisso amoroso e humilde, ou seja, está engajado na comunicação livre e coerente, de forma que se nega a grandes pretensões e busca de soluções, além de possibilitar que cada um consiga enxergar seus próprios medos, preconceitos e sentimentos que, muitas vezes, impedem que tal objetivo se cumpra.

Nesse sentido, FREIRE questiona: *"Como posso dialogar, se alieno a ignorância, isto é, se a vejo sempre no outro, nunca em mim?".* Retomam-se aqui as ideias já estudadas de pressupostos e necessidades absolutas e de como o diálogo requer a atenção total a tudo isso, de forma a possibilitar um compartilhamento de significados que aproxime os participantes e a todos da *totalidade*. Para que o diálogo de fato aconteça, portanto, é necessário que as fragmentações sejam superadas e que cada indivíduo, no caso da pedagogia, educadores e educandos, se encontre em igualdade e unidade de desígnios na busca do não conhecido. Nas palavras de FREIRE:

> "O *eu* dialógico... sabe que é exatamente o *tu* que o constitui. Sabe também que, constituído por um *tu* – um não-eu –, esse *tu* que o constitui se constitui, por sua vez, como *eu*, ao ter no seu *eu* um *tu*. Desta forma, o eu e o tu passam a ser, na dialética destas relações constitutivas, dois *tu* que se fazem dois *eu.*"[351]

FREIRE diz que não se pode deixar de lado, desprezado como algo imprestável, o que os educandos trazem consigo de compreensão do mundo, nas mais variadas dimensões: "*Sua fala, sua forma de contar, de calcular, seus saberes em torno do chamado outro mundo, sua religiosidade, seus saberes em torno da saúde, do corpo, da sexualidade, da vida, da*

---

[349] GADOTTI, Moacir; FREIRE, Paulo; e GUIMARÃES, Sérgio. *Pedagogia: diálogo e conflito.* São Paulo: Cortez, 1995, 4ª ed., p. 107.
[350] FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido, op. cit.*, p. 41.
[351] Idem. Ibidem, p. 96.

morte, da força dos santos, dos conjuros"[352]. É com a possibilidade da pronúncia do mundo que o diálogo acontece e, assim, a educação.

Quando os sujeitos sentem que não precisam reprimir os conteúdos que carregam, que podem se comunicar de forma livre e espontânea, bem como comprometida e despretensiosa, poderá existir uma construção de conhecimento a partir de significados compartilhados. Isso fará com que o resultado da prática educativa faça muito mais sentido para os estudantes, que não serão meros espectadores passivos, mas agente ativos na dialogicidade que possibilita caminhar para a descoberta do novo. Sobre a importância da voz, a seguinte passagem de FREIRE é esclarecedora:

> "A existência, porque humana, não pode ser muda, silenciosa, nem tampouco pode nutrir-se de falsas palavras, mas de palavras verdadeiras, com que os homens transformam o mundo. Existir, humanamente, é *pronunciar* o mundo, é modificá-lo. O mundo pronunciado, por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos pronunciantes, a exigir deles novo *pronunciar*. Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão. Mas, se dizer a palavra verdadeira, que é trabalho, que é práxis, é transformar o mundo, dizer a palavra não é privilégio de alguns homens, mas direito de todos os homens. Precisamente por isto, ninguém pode dizer a palavra verdadeira sozinho, ou dizê-la *para* os outros, num ato de prescrição, com o qual rouba a palavra aos demais. O diálogo é este encontro dos homens, mediatizados pelo mundo, para *pronunciá-lo*, não se esgotando, portanto, na relação eu-tu."[353]

Somente na comunicação, portanto, teria sentido a educação. Os saberes, mediados pela realidade e pela autenticidade dos comunicadores, não seriam construídos isoladamente e de forma verticalizada. Educadores não deveriam impor aos educandos sua visão de mundo, construída de forma individual e isolada, mas sim construir, através da interação, um mundo compartilhado e significativo para todos.

Isso não quer dizer, é claro, que educadores adultos se eximam de transmitir valores, regras e limites a educandos em fase de formação, crianças ou adolescentes. Quer dizer, sim, que, no processo de educar, esses conceitos se tornam significativos na medida em que são

---

[352] FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Esperança*. 11. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1992, p. 85-6.
[353] FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*, *op. cit.*, p. 44-45.

construídos de forma conjunta. Retomando o já discutido, quando existe um conteúdo verdadeiro, como o de valores realmente importantes para o relacionamento em sociedade, não faz sentido e não é necessário que seja imposto, já que será alcançado por todo o grupo de forma natural, na medida em que todos, de fato, se comprometem com a verdade.

No mesmo sentido, SCHMIDT, em seu artigo intitulado *What we hear is meaning too: deconstruction, dialogue and music*[354], discute como o ensino musical tem valorizado a precisão e a forma correta de se executar uma música no lugar de desenvolver a criatividade do músico. A pedagogia estaria fixada em uma ação sequencialista, que evita o conflito e mantém o programa apesar das reações, dos contextos, das necessidades e dos desejos do estudante individualmente. Seria como se o indivíduo sentado em frente ao professor fosse esquecido, dando lugar a uma máquina de reprodução de programas consolidados.

O autor argumenta que essa prática está ligada ao fato de ser comum se enxergar o conflito como algo negativo e, com isso, se perde a grande possibilidade de se utilizarem as questões conflituosas para catalisar o potencial criativo do artista. Todavia, isso pode ser mudado através do diálogo como desconstrução, levando em conta a possibilidade de crescimento por meio da pluralidade e do conflito positivo. Diz SCHMIDT: *"A noção de 'potenza', vista como poder-de-criar e não como poder-de-comandar, serve a abrir um espaço onde podemos ligar conflito e atrito, assim situando o atrito, como o fez David Bohm, como um elemento de criatividade, pois sem atrito a descoberta é impedida"*[355].

Dessa forma, o diálogo abre a possibilidade para a construção de um conhecimento novo, a partir de diferentes perspectivas e olhares. O resultado de uma abordagem dialógica jamais será o mesmo. Ter coragem de incorporar o diálogo aos diferentes âmbitos da vida em sociedade e aos diferentes saberes pode levar a uma harmonização e renovação. Sendo assim, nos contextos e questões mais problemáticas, o olhar da totalidade que o diálogo possibilita pode ser o caminho para a superação dos paradoxos sociais.

FREIRE e BUBER reforçam, cada um em seus próprios termos, a importância do diálogo. Daqui em diante, contudo, retomar-se-ão as bases fornecidas por BOHM para a

---

[354] SCHMIDT, Patrick. *What we hear is meaning too: deconstruction, dialogue and music*. Indiana University Press: Philosophy of Music Education Review, Vol. 20, No. 1 (Spring 2012), pp. 3-24. Disponível em: http://www.jstor.org/stable/10.2979/philmusieducrevi.20.1.3. Acesso em: 18.11.2017

[355] Idem. Ibidem, p. 5. No original: "*The notion of potenza, viewed as power-to-create rather than power-to-command, serves to open a space where we can link conflict and friction, thus situating friction, as David Bohm has, as an element of creativity, for without friction discovery is hampered*".

compreensão da via dialógica, relacionando-as à criminologia e, em especial, à Criminologia Clínica de Terceira Geração, proposta por ALVINO AUGUSTO DE SÁ. Por fim, o Grupo de Diálogo Universidade-Cárcere-Comunidade (GDUCC), também concebido por SÁ, será analisado à luz dos aportes teóricos bohminianos, que podem contribuir, de um lado, para sua melhor compreensão, e, de outro lado, para seu sempre desejável aprimoramento no diálogo e pelo diálogo.

PARTE II

CRIMINOLOGIA E DIÁLOGO

3. O DIÁLOGO EM DAVID BOHM: UMA POSSÍVEL CATEGORIZAÇÃO ÚTIL À CRIMINOLOGIA

Os escritos de BOHM podem ser úteis ao pensamento criminológico quando se acredita no diálogo como uma ferramenta para a atuação no sistema prisional, junto aos presos. Ocorre que todo o pensamento até aqui desenvolvido necessita de concretude, que, a partir de agora, se buscará.

No primeiro momento, a categorização da teoria do autor possibilitará um olhar para todo o conhecimento acumulado até aqui de forma sistemática. Posteriormente, serão levantadas algumas discussões criminológicas, para que, de forma mais palpável, se possa falar da realidade em que vem sendo desenvolvido o diálogo do Grupo de Diálogo Universidade-Cárcere-Comunidade, que será analisado por fim.

Passa-se, assim, ao estabelecimento de *categorias* com base nas quais o pensamento de BOHM, visto com vagar na *Parte I*, pode ser não apenas mais bem compreendido, mas, sobretudo, também mais precisamente relacionado aos postulados criminológicos, sobretudo presentes na obra de SÁ. Eis, portanto, as categorias principais presentes na obra de BOHM:

Categoria 1 – *diálogo*: processo multifacetado que leva a um questionamento profundo dos pontos de vista e, na prática, quando bem entendido e esclarecido, pode ser um caminho para a construção de uma sociedade mais coerente e harmônica. Através do diálogo as divisões e fragmentações podem ser superadas, especialmente quando todos os participantes se percebem vivendo a mesma experiência ao defender ideias e posicionamentos.

Categoria 2 – *grupos de diálogo*: agrupamentos de 20 a 40 pessoas, esclarecidas em relação ao que significa o diálogo, que se encontram com regularidade, semanal ou quinzenalmente, durante um ou dois anos. É importante que o grupo seja um microcosmo cultural, ou seja, que haja representatividade dos diferentes grupos sociais (diversidade étnica, econômica, sexual, etária, religiosa etc.). Os participantes se acomodam em círculos, sem líder, sem hierarquia e sem agenda, para se comunicar livremente. O grupo pode ter como fruto a criação de um *companheirismo difuso* a partir de significados coerentemente compartilhados.

Categoria 3 – *fragmentação*: a divisão da realidade, utilizada pelo ser humano para o trabalho técnico e desenvolvimento científico, que se espalhou por todas as áreas do conhecimento e das relações humanas e faz com que os seres humanos sejam instrumentalizados e divididos de acordo com diferentes extratos, como idade, sexo, religião, país, sem enxergar a humanidade que lhes é comum. Todavia, a natureza fragmentária é uma ilusão, que impede o conhecimento da realidade.

Categoria 4 – *teorias científicas*: maneiras de observar a realidade que deveriam contribuir para a construção de um conhecimento total. No entanto, passam a disputar, entre si, espaços e autoridade sobre a narrativa da realidade. Os cientistas, sejam eles nas ciências exatas ou humanas, quando não percebem o quanto o seu pressuposto teórico influencia o resultado alcançado por sua pesquisa, apenas apresentam visões limitadas da realidade, mas com a pretensão de totalidade.

Categoria 5 – *ordem*: base de mediação da realidade que releva harmonia, acomodação a parâmetros já existentes ou criação de novos parâmetros. Todavia, a construção da harmonia só será possível quando o ser humano elevar a consciência para uma totalidade que faz sentido *apesar* das aparentes desordens.

Categoria 6 – *ordem manifesta ou explicada*: tudo aquilo que é, de alguma forma, perceptível aos sentidos. O grande erro é considerar que a *ordem explicada* se trata da *realidade como um todo*.

Categoria 7 – *ordem imanifesta ou implicada*: toda realidade não perceptível por meio dos sentidos, mas que pode "vir à tona". Aqui estaria a origem da ordem manifesta e a maior parte da realidade.

Categoria 8 – *realidade como um todo ou totalidade*: movimento de dobramento e desdobramento entre a ordem implicada e explicada.

Categoria 9 – *problemas*: questões racionais e livres de contradições. Os problemas são resolvidos na medida em que o ser humano se debruça sobre eles e, a partir dos pressupostos, técnicas e ações conhecidas, encontra a solução.

Categoria 10 – *paradoxos*: questões que não podem ser solucionadas como os problemas, pois os paradoxos são as questões sociais e pessoais complexas. Podem ser superados (e não solucionados) por meio da atenção dada aos processos e aos padrões do pensamento.

Categoria 11 – *representações*: criadas pelo pensamento e a memória, são as maneiras como o mundo é visto e percebido a partir da experiência de cada sujeito. As representações podem ser individuais ou coletivas, bem como podem ser corretas ou errôneas. Além disso, muitas representações são possíveis, ou seja, muitos mundos são possíveis, a depender das representações. A busca da representação correta é um passo importante para a superação das fragmentações.

Categoria 12 – *atos de percepção*: também chamados *insights*, ocorrem não apenas por uma ação dirigida do homem, mas, principalmente, por uma compreensão criativa, que brota do desconhecido na mente humana, e faz com que o ser humano possa conhecer realidades cada vez mais profundas. Importante sobre os atos de percepção é entender que eles não são resultado de uma evolução linear; pelo contrário, eles rompem a linearidade a partir da abertura real e criativa ao novo.

Categoria 13 – *pensamento*: pode ser considerado um sistema de reflexos condicionados aparentemente neutro. O pensamento também sofreu os processos de fragmentação e, por isso, é o criador e mantenedor dos paradoxos existentes em sociedade. É com o pensamento que o ser humano cria as situações problemáticas e, incoerentemente, tenta utilizar o mesmo pensamento para as solucionar. A única forma de brecar as consequências catastróficas do pensamento é entender o seu processo e capacitar-se a dar atenção a ele.

Categoria 14 – *pressupostos:* atuam como um filtro na percepção da realidade. Tais pressupostos são responsáveis pelas sensações e sentimentos que surgem em um indivíduo quando confrontado com determinadas questões. Os pressupostos são, portanto, as lentes que criam as representações.

Categoria 15 – *suspensão dos pressupostos*: processo que acontece no nível da atenção profunda e pelo qual se torna possível a autopercepção ou propriocepção do pensamento. Por meio da prática do diálogo é possível que o indivíduo se dê conta dos pensamentos, sensações e emoções que está experimentando e possa, como se contemplasse um reflexo diante do espelho, imaginar tudo suspenso. Essa atividade pode levar à criação de um

conteúdo comum, um significado compartilhado, à medida que todos percebem que passam pelo mesmo processo.

4. POR UMA CRIMINOLOGIA DIALÓGICA

Até aqui, o do tema do diálogo foi tratado a partir, sobretudo, da obra do físico teórico DAVID BOHM. Daqui em diante, a Criminologia Clínica de Terceira Geração será analisada, iluminando conceitos criminológicos pelas das luzes lançadas por BOHM.

A criminologia, seguindo os passos de todos os conhecimentos que se proclamam *científicos*, foi historicamente analisada através de lentes fragmentárias. Em outros termos, muito comuns foram abordagens com pouquíssima conexão entre si: abordagens criminológicas a partir de bases psicológicas, por exemplo, pouco têm dialogado com aquelas de bases sociológicas. Mesmo no universo apenas da Criminologia Clínica, muito comum foi, durante boa parte da trajetória criminológica do último século, um olhar fragmentário e de ruptura, que colocava de um lado a sociedade "de bem" e, de outro, o criminoso, que deveria ser neutralizado ou corrigido.

A partir das ideias dialógicas apresentadas nos capítulos anteriores, abre-se novamente espaço – na terminologia de BOHM – à totalidade. E essa abertura de espaço à totalidade pode e deve repercutir também na criminologia. É possível lançar sobre os saberes criminológicos um olhar decididamente renovado, que procure estabelecer pontes onde, historicamente, preponderaram barreiras. Este é o desafio e, ao mesmo tempo, esta é a oportunidade trazida por BOHM para um universo jurídico e criminológico que, à primeira vista, pode parecer tão distante da teoria dialógica concebida pelo físico teórico. Na lógica do diálogo, as distâncias se estreitam.

ALVINO AUGUSTO DE SÁ parece ser o criminólogo brasileiro que empreendeu os primeiros esforços para a renovação da Criminologia Clínica a partir de uma abordagem dialógica. Remontando a autores como DEBUYST e ALVARO PIRES, SÁ concebeu um modelo criminológico de *terceira geração*. Para a *terceira geração*, as dicotomias características das gerações anteriores são substituídas por uma abordagem que, em vez de excluir, inclui. Não há mais espaço para *nós* e *eles*, mas há integração por meio da escuta e do *diálogo*. Não há mais espaço para embates ferozes entre os paradigmas da *passagem ao ato* e da *reação social*, mas há abertura à ideia de *atores situados*: indivíduos que, conforme se tratará de explicar à frente, não se devem furtar à responsabilidade pela própria conduta, mas também pessoas diante das quais a sociedade não se deve furtar à própria *corresponsabilidade*. SÁ, enfim, substitui a lógica do combate ferrenho entre pontos de

vistas antagônicos pela abertura ao paradoxo: verdades aparentemente irreconciliáveis, segundo notou, podem coexistir. Exatamente o que diz BOHM.

Daqui em diante, passa-se à investigação tratando da forma como a chamada *racionalidade penal moderna* tem lidado com as questões do crime, como se fossem *problemas* e não, nos termos de BOHM, como *paradoxos*, e o quanto essa postura tem incrementado os desafios sociais já existentes. A exposição não pretenderá esgotar o tema, mas apenas tocar pontos relevantes à análise, a partir das contribuições bohminianas.

4.1. A criminalidade enquanto uma questão social complexa e paradoxal

Os crimes são, geralmente, atos considerados extremamente reprováveis em uma dada sociedade. Por isso, um crime pode ser um evento divisor de águas na vida dos indivíduos envolvidos no fato, fazendo com que o episódio seja sempre rememorado como algo particular ao longo de suas existências. Nesse sentido, há várias expectativas após o acontecimento de um delito: religiosas (arrependimento do criminoso), morais (reconhecimento do erro), éticas (que se reconheça o valor do bem agredido), econômicas (ressarcimento do prejuízo), entre outras. Há ainda a expectativa da atuação do Estado, por meio, via de regra, do direito penal[356].

O sistema penal, a partir do séc. XVIII, é identificado como ramo do direito essencialmente punitivo[357]. A afirmação das normas é concebida de forma hostil e negativa, e o transgressor é visto como inimigo de todo o grupo. As penas são vistas como a possibilidade de se devolver o mal ao agressor e trariam um benefício, ainda que imaterial, de confiança na norma e estabilização da ordem social. Nesse contexto, há a exclusão de qualquer outra medida que não seja a sancionatória, pois se entende que a ofensa não pode ser reparada por qualquer ação positiva. Tal é a lógica da *racionalidade penal moderna*.

PIRES chama de *estrutura normativa telescópica* a justaposição de uma norma de sanção a uma norma de comportamento, ou seja, a resposta estatal punitiva dada a

---

[356] CARVALHO, Ana Cecília; ARAÚJO, Marcelo Cunha de; e outros. *A Metafísica Freudiana da Vingança e o Direito Penal – um interseção reveladora dos fundamentos necessários de uma teoria do crime adequada.* Revista Jurídica do Ministério Público do Rio de Janeiro – De Jure, n. 9, jul/dez, 2007, p. 110.
[357] PIRES, Álvaro. *A racionalidade penal moderna, o público e os direitos humanos, op. cit.*, p. 39-60.

comportamentos que são considerados socialmente inadequados[358]. Tal visão suscitará, porém, problemas. Dentre eles, destaca-se a quase impossibilidade de pensar o sistema penal ou o crime sem uma dependência exclusiva da pena aflitiva, bem como o fato de que a combinação entre crime e pena aflitiva produz uma ilusão de necessidade dessa associação, fazendo com que se suponha que uma norma de comportamento só fará sentido quando associada a uma sanção. Além disso, estabiliza-se a suposição de que a sanção que afirma a norma no direito penal deve ser estritamente negativa, de modo que entre o crime e a sanção deve haver uma identidade de natureza: o crime é visto como um mal (ação), logo a pena também deve ser concebida como um mal (reação), de forma que um mal apague outro mal[359].

A racionalidade penal moderna se mostra, muitas vezes, intransponível, e leva até mesmo os críticos a se manterem prisioneiros dessa forma de pensar. Como consequência, mesmo muitos humanistas não conseguem se desapegar da punição como única resposta aos que agem contra aquilo que se defende e se acredita ser a melhor forma de atuar no mundo. Nesse sentido, em seu artigo sobre o que intitula de *esquerda punitiva*, se referindo aos movimentos que se iniciaram nos anos 70, com o feminismo e a luta por punições exemplares para autores de atos violentos contra mulheres, ideal que se espalhou para o movimento ecológico, e encontra seu eco na luta contra a corrupção, KARAM reflete:

> "A monopolizadora reação punitiva contra um ou outro autor de condutas socialmente negativas, gerando a satisfação e o alívio experimentados com a punição e consequente identificação do inimigo, do mau, do perigoso, não só desvia as atenções como afasta a busca de outras soluções mais eficazes, dispensando a investigação das razões ensejadoras daquelas situações negativas, ao provocar a superficial sensação de que, com a punição, o problema já estaria satisfatoriamente resolvido. Aí se encontra um dos principais ângulos da funcionalidade do sistema penal, que, tornando invisíveis as fontes geradoras da criminalidade de qualquer natureza, permite e incentiva a crença em desvios pessoais a serem

[358] PIRES, Álvaro. *A racionalidade penal moderna, o público e os direitos humanos, op. cit.*, p. 39-60.
[359] Idem. Ibidem, p. 39-60.

> combatidos, deixando encobertos e intocados os desvios estruturais que os alimentam."[360]

Dentro dessa lógica, a vítima e a humanidade seriam reparadas, ao menos parcialmente, pela punição do transgressor[361]. Todavia, essa ordem de pensamento, segundo PIRES, pode ser mudada a partir de *outra lógica* – uma lógica *inovadora*. Em suas palavras:

> "A mudança, para ser inovadora, deve antes de tudo *perturbar a matriz de referência*. 'Perturbar' é um termo neutro, querendo dizer que o que perturba pode ser bom/mau segundo um outro tipo de codificação. A inovação seria então *mais* do que a simples novidade empírica de superfície, mais do que qualquer coisa que simplesmente 'não estava lá antes'. (...) A 'novidade inovadora' vai além do esquema antes/depois. No limite, ela não depende solidamente desse esquema. As mudanças inovadoras têm aliás uma característica paradoxal: elas não deixam de ser inovadoras imediatamente após a primeira atualização. Dito de outra forma: a reprodução desviante não se 'normaliza' após 'um único impacto' ou uma simples atualização num único registro. Durante um certo tempo, sua reprodução continua sendo 'desviante'."[362]

A punição, estruturada da forma como se encontra, parece bem pouco inteligente para os fins a que ela teoricamente se propõe, mas bastante condizente com a lógica de impor um sofrimento ao apenado: como diz SANTOS, o sistema penal tem objetivos ideológicos (funções aparentes) que, ao olhar leigo, parecem fracassar; mas, ao fundo, há objetivos reais (funções ocultas), e, quanto a estes, é inegável "*o êxito histórico do sistema punitivo, como aparelho de garantia e de reprodução do poder social*"[363].

---

[360] KARAM, Maria Lúcia. *A esquerda punitiva*, p. 82. Disponível em: <https://we.riseup.net/assets/369699/74572563-Maria-Lucia-Karam-A-esquerda-punitiva.pdf> Acesso em: 02/01/2020. No mesmo sentido: "Esta posição criou a chamada esquerda punitiva ou gestores atípicos da moral, ou seja, movimentos determinados que – quase como uma forma de vingança histórica – procuram a possibilidade de punição das classes altas. A disputa reside na formação da criminalidade primária e secundária, através da apropriação do discurso do direito (normas jurídicas) e do discurso jurídico (dogmática jurídica) respectivamente." (SALVADOR NETTO, Alamiro Velludo. *Criminalidade Moderna versus Criminalidade de Massa*. In: SÁ, Alvino Augusto de; SHECAIRA, Sérgio Salomão. *Criminologia e os problemas da atualidade*. São Paulo: Atlas, 2008, p. 155.)

[361] PIRES, Álvaro. *A racionalidade penal moderna, o público e os direitos humanos, op. cit.*, p. 39-60.

[362] PIRES, Álvaro; CAUCHIE, Jean-François. *Um caso de inovação "acidental" em matéria de penas: a lei brasileira de drogas.* São Paulo: Revista Direito GV, jan-jun 2011, n. 13, p. 299-330.

[363] SANTOS, Juarez Cirino. *A Criminologia Radical*. Curitiba: ICPC: Lúmen Júris, 2008, p. 88.

Nesse sentido, como ensina SHECAIRA o "*surgimento da prisão enquanto pena explica-se menos pela existência de um propósito humanitário e idealista de reabilitação do delinquente, e mais pela necessidade emergente de se ter um instrumento disciplinador da mão de obra, tão necessária nos primórdios do regime capitalista*"[364]. Parece que as escolhas das instituições de controle são no sentido de entender "*mais barato excluir e encarcerar os consumidores falhos para evitar-lhes o mal, isso é preferível ao restabelecimento de seu status de consumidores através de uma previdente política de emprego conjugada com previsões ramificadas de previdência*"[365]. Nesse sentido:

> "A instituição carcerária está tão fortemente presente no imaginário popular que em alguns momentos parece que sempre foi e sempre será a forma de punição central da sociedade. No entanto, a prisão, assim como todo o direito penal, deve ser compreendida inserida em um contexto histórico-espacial. (...) Uma teoria idealista explica essa sucessão das formas de punir como um sinal do progresso cultural e intelectual de uma sociedade, que aos poucos tomaria consciência de suas 'selvagerias' para então substituí-las por práticas civilizadas."[366]

O direito penal pode ser entendido como um dos ramos jurídicos em que as divisões são assumidas e racionalizadas de forma mais contundente, pois a "*sociedade concentra nos criminosos conhecidos e identificados toda a sua raiva e seu ímpeto de vingança, como se fossem eles os únicos e maiores inimigos seus*"[367]. A justiça criminal se contamina por um "*espírito de luta*, de *guerra pacificadora contra a guerra do inimigo coletivo*"[368], se transformando em um instrumento útil para a manutenção e reprodução das divisões sociais.

O processo de fragmentação da sociedade, portanto, reflete e reafirma a maneira como a sociedade lida com a questão da criminalidade e, conforme analisa SHECAIRA,

---

[364] SHECAIRA, Sérgio Salomão. *Exclusão moderna e prisão antiga*. In: SÁ, Alvino Augusto de; TANGERINO, Davi de Paiva Costa; SHECAIRA, Sérgio Salomão (coord.). *Criminologia no Brasil: história e aplicações clínicas e sociológicas.* Rio de Janeiro: Elsevier, 2011, p. 3.

[365] NEDER, Gizlene. *Sentimentos e ideias jurídicas no Brasil: pena de morte e degredo em dois tempos*. Apud: SHECAIRA, Sérgio Salomão. *Exclusão moderna e prisão antiga*. In: SÁ, Alvino Augusto de; TANGERINO, Davi de Paiva Costa; SHECAIRA, Sérgio Salomão (coord.). *Criminologia no Brasil: história e aplicações clínicas e sociológicas.* Rio de Janeiro: Elsevier, 2011, p. 13.

[366] CYMROT, Danilo. *As origens da pena privativa de liberdade e o seu significado na estrutura social brasileira*. In: SÁ, Alvino Augusto de; TANGERINO, Davi de Paiva Costa; SHECAIRA, Sérgio Salomão (coord.). *Criminologia no Brasil: história e aplicações clínicas e sociológicas.* Rio de Janeiro: Elsevier, 2011, p. 35.

[367] SÁ, Alvino Augusto de. *Vitimização no sistema penitenciário*. Revista Conselho Nacional de Política Criminal e Penitenciária, Brasília, *I*(8):15-32, jul/dez, 1996, p. 26.

[368] SÁ, Alvino Augusto. *Desafios da Execução Penal frente aos processos de construção da imagem do inimigo.* Revista Brasileira de Ciências Criminais, n. 99, 2012, p. 215-238, p. 219.

"*por paradoxal que possa parecer, excluir faz parte dessa reordenação imposta pela sociedade global. Diferentemente de uma sociedade inclusiva, a globalização afirma o fenômeno da sociedade excludente*"[369]. Dessa forma, não é possível separar o corpo social da "*prisão e o que ocorre dentro dela estão, pois, intimamente relacionados com o que acontece no sistema social como um todo*"[370].

A sociedade se divide entre a parte encarcerada e parte não encarcerada, mas o litígio entre os grupos é anterior ao crime, ponto nevrálgico do conflito e se relaciona com o sentimento de pertença à sociedade, conforme ensina SÁ:

> "Na verdade, o conflito, o litígio se dá no nível das oportunidades, interações e definições sociais: entre o ter e o não ter, entre o ser e o não ser, entre o pertencer e o não pertencer. Numa palavra, o conflito se dá no nível da inclusão social: estar ou não estar incluído socialmente. Trata-se de litígio cuja âmago, cujo ponto nevrálgico é o sentimento de pertença. E não é primeiramente o sentimento de que algo nos pertence, mas de que nós pertencemos a alguém, a um grupo, a uma sociedade e de que, portanto, nela estamos incluídos."[371]

Nesse contexto extremamente desafiador e paradoxal, a Criminologia Clínica de Terceira Geração "*vem com essa proposta, de trabalhar em cima dessa visão complexa, em que todas essas variáveis são reconhecidas e são levadas em conta*"[372]. Portanto, a partir de um olhar *complexo* sobre o fenômeno da criminalidade, SÁ afirma que o foco de atenção

> "deve abranger as relações historicamente deterioradas entre ele [o preso] e a sociedade, buscando desenvolver na sociedade (através de segmentos seus) uma consciência sobre as reais necessidades, direitos e valores desse

---

[369] SHECAIRA, Sérgio Salomão. *Exclusão moderna e prisão antiga, op. cit.*, p. 13. No mesmo sentido: SHECAIRA, Sérgio Salomão. *Criminologia*. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2008, 2ª ed., p. 34.

[370] CYMROT, Danilo. *As origens da pena privativa de liberdade e o seu significado na estrutura social brasileira, op. cit.*, p. 36. No mesmo sentido: "A compreensão do crime passa pela verificação da norma posta, porém isto é muito pouco para a captação de sua totalidade. Existe um aspecto oculto, de maior complexidade, no seio do qual o delito assume o seu verdadeiro sentido objetivado e histórico. Este aspecto são as relações sociais, as formas pelas quais os homens produzem socialmente a sua riqueza e que, assim, condicionam, em última análise e dialeticamente, as hipóteses criminais. As forças produtivas que ofertam as condições de possibilidade para as relações sociais também não podem ser destacadas do mundo do direito. A norma não pode ser vista distanciada do mundo, mas sim inserida num momento capaz de lhe ofertar os requisitos de sua própria existência." (SALVADOR NETTO, Alamiro Velludo. *Criminalidade Moderna versus Criminalidade de Massa*, op. cit., p. 143.)

[371] SÁ, Alvino Augusto. *Desafios da Execução Penal frente aos processos de construção da imagem do inimigo.* Revista Brasileira de Ciências Criminais, n. 99, 2012, p. 235.

[372] SÁ, Alvino Augusto de. *Entrevista.* Revista Liberdades. Edição n. 22, maio/agosto de 2016. Entrevista concedida a Jéssica Pascoal e Natália Macedo Sanzovo.

> indivíduo, bem como desenvolver nele mesmo uma consciência e uma responsabilidade perante seus próprios valores e sua condição de verdadeiro cidadão, fortalecendo-o para a escolha de meios racionais e realistas para conquistar seus direitos." [373]

A importância de abarcar a complexidade da realidade, portanto, não retira dela seus aspectos concretos, não a torna mera abstração. Pelo contrário, visa-se, isto sim, à reintegração social, "*através da qual a própria sociedade deve se comprometer no processo, buscando revisar suas concepções e suas relações de antagonismo com os excluídos que estão presos, buscando pois se reposicionar, reatar o diálogo com essas pessoas, auxiliando-as a se promoverem como cidadãos*"[374], por meio do reconhecimento do sistema social como um todo, "*do qual a ruptura é componente essencial, bem como são essenciais as contradições existentes entre as partes que resultam da ruptura*"[375]. Nesse processo:

> "o encarcerado percebe que suas vivências paradoxais são compreendidas como partes integrantes do mesmo sistema social, ele também percebe-se como fazendo parte desse todo, dentro de um processo profundamente criativo, do qual desfrutam igualmente os não encarcerados. Reintegração entre partes conflitantes da sociedade. Reintegração entre partes conflitantes de cada pessoa."[376]

O desenvolvimento do diálogo, a partir das análises complexas do fenômeno da criminalidade, tem como uma de suas consequências "*uma revisão de paradigma, pois se passa de uma visão do homem preso como mero 'objeto' passivo de assistência para um reconhecimento desse homem como sujeito ativo de diálogo*"[377]. Visões simplistas e dicotômicas, como as mais arraigadas em nossa forma de conceber o direito penal, devem ceder lugar a uma visão complexa do que a realidade de fato é. Caminha-se, assim, em

---

[373] SÁ, Alvino Augusto. *Transdisciplinaridade e responsabilidade da academia na questão penitenciária*, op. cit., p. 27.

[374] Idem. Ibidem, p. 18. Nesse sentido, cumpre as finalidades aventadas por ANITUA: "O objetivo final do 'criminólogo' – e de quem trabalha com as ciências penais – será a redução do total de violência em uma sociedade dada, para, desta forma, manter uma ordem mais justa e da qual se possa alegar legitimidade, e com ela uma adesão através da satisfação dos indivíduos que integram a sociedade." (ANITUA, Gabriel Ignacio. *Introdução: Histórias dos pensamentos criminológicos como histórias do presente de diversos discursos*. In: Histórias dos pensamentos criminológicos. Trad. Sérgio Lamarão. Rio de Janeiro: Revan, 2008, p. 32.)

[375] SÁ, Alvino Augusto. *A reintegração social dos encarcerados: construção de um diálogo em meio às contradições.* Boletim IBCCrim, ano 19, n. 223, Junho/2011, p. 7-8, p. 8.

[376] Idem. Ibidem, p. 8.

[377] SÁ, Alvino Augusto. *Do viés médico-psicológico ao viés crítico da Criminologia Clínica: mudanças no enforque interpretativo dos fatores apontados nos exames criminológicos*. In: SÁ, Alvino Augusto de; TANGERINO, Davi de Paiva Costa; SHECAIRA, Sérgio Salomão (coord.). *Criminologia no Brasil: história e aplicações clínicas e sociológicas.* Rio de Janeiro: Elsevier, 2011, p. 149.

direção a uma *outra* lógica, ou, como diz PIRES, uma *inovação*. Para SÁ, é pelo diálogo que a verdadeira inovação deve ser pavimentada.

4.2. A Criminologia Clínica de Inclusão Social e o diálogo na Criminologia

Foi no século XIX, com a introdução das ideias da antropologia criminal italiana, especialmente de Cesare Lombroso, que se deu o início do estudo da criminologia no Brasil, quando as "*ideias criminológicas penetraram o País por meio da chamada geração de 1870 da Faculdade de Direito do Recife*"[378]. Neste momento, não se falava, ainda, em Criminologia Clínica, nomenclatura que passou a fazer sentido com o surgimento das teorias sociológicas da criminologia, em meados do século XX[379].

De acordo com SÁ, a Criminologia Clínica hoje se apresenta em três principais modelos: o médico-psicológico, o psicossocial e o da inclusão social, modelos de primeira, segunda e terceira geração, respectivamente[380]. O modelo de terceira geração, que se adota na presente pesquisa, busca o entendimento da resposta do indivíduo perante uma situação de conflito e propõe que o escopo da execução penal seja a reintegração social, que tem como pressuposto um diálogo horizontal das partes envolvidas.

O modelo médico-psicológico é o modelo tradicional, em que o foco de atenção da análise está voltado apenas para o indivíduo, em sua realidade orgânica e psicológica; é o indivíduo o principal responsável por sua conduta. O crime é estudado a partir de fatores individuais, como características psicológicas, traços de personalidade, fatores orgânicos e psiquiátricos e a história de vida do sujeito. O ato delituoso teria causas que se distanciam das que regem os demais comportamentos, bem como o autor de um crime se diferencia das outras pessoas. Num viés mais positivista, haveria clara distinção entre os delinquentes e os não delinquentes; já em um viés menos positivista, apesar da valorização dos aspectos pessoais, não há essa cisão entre pessoas que cometem crimes e as pessoas que não os cometem[381]. Nesse sentido, SÁ:

---

[378] SHIMIZU, Bruno. *Um panorama crítico sobre o pensamento criminológico clínico no Brasil*, *op. cit.*, p. 183.
[379] Idem. Ibidem, p. 184.
[380] SÁ, Alvino Augusto. *Criminologia clínica e execução penal – proposta de um modelo de terceira geração, op. cit.*
[381] Idem. Ibidem, p. 154-157.

> "No modelo médico-psicológico, a preocupação principal é explicar as causas do comportamento criminoso, e, no estudo dessas causas, a ênfase recai principalmente sobre o psiquismo, a personalidade, o corpo e, a seguir, sobre o histórico familiar e social do agente. O histórico familiar e social (não sociológico) são valorizados, porém enquanto centrados na individualidade do agente. Diríamos que o epicentro do comportamento delinquente está na realidade biopsíquica do indivíduo. Há uma tendência de estabelecer quase que uma relação de causa e efeito entre as condições biosicológicas e sua conduta criminosa, e a se pender para uma concepção algo predeterminista da mesma."[382]

No modelo psicossocial, a análise foca-se na interação entre os fatores individuais e os fatores ambientais com os quais e em relação aos quais o indivíduo é capaz de dialogar e de se posicionar. O modelo leva em consideração os fatores exteriores ao indivíduo, como os fatores familiares, sociais e ambientais. A base teórica desse modelo é a interação contínua entre os fatores internos e os fatores ambientais. Tal interação acontece na medida em que os fatores ambientais repercutem no indivíduo e este é capaz de reagir perante eles. Ainda, é importante saber que aqui o delinquente não seria um indivíduo diferente das demais pessoas, pois não há em seu psiquismo, em sua mente e em seu corpo algo que o diferencie negativamente – embora, evidentemente, cada pessoa, criminosa ou não, tenha características singulares. Quanto à pena do indivíduo, valoriza-se a sua individualização, buscando sempre a análise da conduta criminosa e a escuta compreensiva da pessoa do preso[383]. A propósito:

> "No modelo psicossocial, a preocupação ainda é por se conhecerem os múltiplos fatores associados à conduta delinquente. Valorizam-se, todavia, muito mais os fatores sociais e sociológicos, comparativamente com o anterior. O foco não prioriza as condições biopsicológicas."[384]

---

[382] SÁ, Alvino Augusto. *Do viés médico-psicológico ao viés crítico da Criminologia Clínica: mudanças no enforque interpretativo dos fatores apontados nos exames criminológicos, op. cit.*, p. 151.
[383] SÁ, Alvino Augusto. *Criminologia clínica e execução penal – proposta de um modelo de terceira geração, op. cit.*, p. 222-225.
[384] SÁ, Alvino Augusto. *Do viés médico-psicológico ao viés crítico da Criminologia Clínica: mudanças no enforque interpretativo dos fatores apontados nos exames criminológicos, op. cit.*, p. 151. No mesmo sentido: "Entende ser o crime um fenômeno condicionado a uma multiplicidade de fatores endógenos e provenientes do meio social. Abandona-se a crença herdada da antropologia criminal italiana segundo a qual a condição de criminoso seria algo imanente à personalidade do agente. A concepção multifatorial de motivação criminal permite o desenvolvimento do discurso da ressocialização, que se deve buscar em várias frentes de atuação" (SHIMIZU, Bruno. *Um panorama crítico sobre o pensamento criminológico clínico no Brasil, op. cit.*, p. 182).

A Criminologia Clínica de Inclusão Social é o modelo de terceira geração proposto por SÁ. Pontua-se, de início, que a lógica punitivista existente em nossa sociedade preceitua que as penas sejam mais severamente impostas, primeiramente, em função da gravidade do crime cometido, tendo como pena padrão a prisão. No entanto, o autor propõe que tal ideia poderia ser abalada caso se entendesse que a finalidade do direito criminal não é punir e nem excluir, mas é contribuir para a paz e convivência social, pressupondo que as pessoas que praticam condutas rotuladas como criminosas também fazem parte da sociedade.

A Criminologia Clínica de Terceira Geração tem o seu núcleo fundado no *paradigma das inter-relações sociais* proposto por PIRES e DEBUYST. Trata-se de um terceiro paradigma, que vai além dos dois historicamente anteriores. O grande impasse em que se enquadra o modelo proposto está na possível aproximação entre dois paradigmas essencialmente distintos e opostos no pensamento criminológico, quais sejam, o paradigma da passagem ao ato (visão do crime como realidade ontológica e foco no agente considerado criminoso) e o da reação social (visão do crime como construção sociocultural e foco na sociedade incriminadora).

O autor analisa o crime a partir do que chama de *malha paradigmática*[385], tentando abarcar todas as variáveis que podem interferir na ação criminosa, pois, conforme ensina:

> "O paradigma em si é fechado, tem um sistema fechado de tal sorte que ele inclui e exclui, e tem os seus limites em função dos quais ele inclui determinada forma de compreensão do fenômeno e exclui todas as outras. Então, o paradigma existe, é necessário para a Ciência, só que o problema está em você se apegar ao paradigma. O paradigma se justifica pelo fato de estabelecer uma linha divisória de inclusão e exclusão. Mas o que eu acho que não deveria acontecer é o apego ao paradigma. Você vai seguir aquele paradigma, mas sabe que existe toda uma realidade fora que ele não abarca, e que é abarcada por outros paradigmas que às vezes são contraditórios com este aqui, e você não pode negar nenhum dos dois."[386]

[385] SÁ, Alvino Augusto de. *Entrevista, op. cit*.
[386] Idem. Ibidem.

Nesse processo, o desenvolvimento da Criminologia Clínica sofreu influência do pensamento crítico da criminologia, em especial a obra de BARATTA e ZAFFARONI, resultando na concepção do crime como a expressão de uma história de conflitos[387].

A criminologia crítica se voltou principalmente ao processo de criminalização, estendendo ao direito penal, de forma rigorosa, a crítica a uma sociedade e um sistema de justiça desigual. Conforme argumenta BARATTA, "*a análise deverá ser impelida para um nível mais profundo, com o objetivo de compreender a função histórica e atual do sistema penal para a conservação e para a reprodução das relações sociais de desigualdade*"[388]. O processo de criminalização é visto como um dos maiores representantes das relações sociais desiguais, próprias da sociedade capitalista, visando os criminólogos críticos a:

> "Construir uma teoria materialista (econômico-política) do desvio, dos comportamentos socialmente negativos e da criminalização, e elaborar as linhas de uma polícia criminal alternativa, de uma política de classes subalternas no setor do desvio: estas são as principais tarefas que incumbem aos representantes da criminologia crítica, que partem de um enfoque materialista e que estão convencidos de que só uma análise radical dos mecanismos e das funções reais do sistema penal, na sociedade tardo-capitalista, pode permitir uma estratégia autônoma e alternativa no setor do controle social do desvio, ou seja, uma 'política criminal' das classes atualmente subordinadas."[389]

O escopo é demonstrar que as instituições de controle apresentam discursos contraditórios e incoerentes com suas práticas, apontando o fracasso histórico dessas instituições, tanto para fins de diminuição da criminalidade, quanto para a reinserção social do desviante, de forma que as funções realmente exercidas pelo cárcere, no meio social, influem "*não só no processo de marginalização de indivíduos isolados, mas também no esmagamento de setores marginais da classe operária*" [390.] Assim, a crítica tem como horizonte, ainda que utópico, "*a abolição da instituição carcerária*"[391].

---

[387] SÁ, Alvino Augusto. *Transdisciplinaridade e responsabilidade da academia na questão penitenciária*, op. cit., p. 26.
[388] BARATTA, Alessandro. *Criminologia Crítica e Crítica do Direito Penal: introdução à sociologia do direito penal***.** Trad. Juarez Cirino dos Santos. 3ª ed. Rio de Janeiro: Revan, 2002, p. 199.
[389] Idem. Ibidem, p. 197.
[390] Idem. Ibidem, p. 203.
[391] Idem. Ibidem, p. 203.

Ainda que o horizonte seja a abolição, muitos críticos se voltam, propositivamente, à realidade concreta. É neste passo que BARATTA entende a importância da abertura do cárcere para a sociedade "*com a finalidade de limitar as consequências que a instituição carcerária tem sobre a divisão artificial da classe (operária), de reinserir o condenado na classe e, através do antagonismo de classe, na sociedade*"[392].

A partir dos conhecimentos de ZAFFARONI, e a constatação da seletividade penal, se introduziu a preocupação com a "*investigação dos fatores de fragilização da personalidade das pessoas que acabam por ser escolhidas pelo sistema*"[393]. Sendo assim, a criminologia passa a buscar "*os múltiplos fatores pelos quais o indivíduo se tornou frágil e vulnerável perante o sistema punitivo e foi criminalizado por ele*"[394], pois, continua SÁ, "*o estado de vulnerabilidade psíquica do indivíduo torna-o frágil, pouco resistente e, portanto, presa fácil diante do sistema penal*"[395]. A partir de tal conhecimento, o que se busca é "*um saber que permita ajudar as pessoas criminalizadas a reduzir seus níveis de vulnerabilidade*"[396] ou "*uma técnica tendente a ensinar ao homem a não oferecer a face à bofetada do sistema penal*"[397].

A proposição de SÁ vai, porém, ainda além da crítica. Na Criminologia Clínica de Terceira Geração, os paradigmas historicamente conflitantes são abarcados e postos em diálogo, buscando uma *terceira via*. Os principais antagonismos podem ser sintetizados da seguinte forma: segundo o paradigma da *passagem ao ato*, o interesse é exclusivo pela gênese do ato e pelo autor, e a ênfase está nos fatores individuais; já no paradigma da *reação social*, o interesse se volta para a forma como a sociedade reage ao ato, e o foco recai sobre os fatores socioambientais. Vê-se que os dois paradigmas guardam em si um paradoxo, mas tal paradoxo, se visto dentro de um contexto existencial, pode ser transposto de forma enriquecedora, conforme ensina SÁ:

---

[392] BARATTA, Alessandro. *Criminologia Crítica e Crítica do Direito Penal: introdução à sociologia do direito penal***.** Trad. Juarez Cirino dos Santos. 3ª ed. Rio de Janeiro: Revan, 2002, p. 203.
[393] SHIMIZU, Bruno. *Um panorama crítico sobre o pensamento criminológico clínico no Brasil, op. cit.*, p. 182.
[394] SÁ, Alvino Augusto. *Do viés médico-psicológico ao viés crítico da Criminologia Clínica: mudanças no enforque interpretativo dos fatores apontados nos exames criminológicos, op. cit.*, p. 151.
[395] Idem. Ibidem, p. 171.
[396] ZAFFARONI, Eugenio Raul. *Criminología: aproximación desde um margen*. Santa Fé de Bogotá: Temis, 1998, p. 16. Apud: BRAGA, Ana Gabriela Mendes; BRETAN, Maria Emília Accioli Nobre. *Teoria e prática da reintegração social: o relato de um trabalho crítico no âmbito da execução penal*. In: SÁ, Alvino Augusto de; SHECAIRA, Sérgio Salomão. *Criminologia e os problemas da atualidade*. São Paulo: Atlas, 2008, p. 262.
[397] Idem. Ibidem, p. 262.

> "O objeto da Criminologia integraria o comportamento problemático, a situação problemática, sem que se recorra à ideia de crime como um fato social bruto, bem como integraria o sistema penal, o processo de construção do crime e de reação social perante o mesmo, sem que recorra a uma concepção construtivista fechada desse sistema."[398]

O que se busca não é uma simples colagem entre os dois paradigmas, mas a integração de ambos de forma bastante complexa, levando-se em conta o comportamento problemático concreto, mas, também, a reação social diante de tal comportamento que pode o transformar em crime e, assim, fazê-lo parte integrante de uma nova realidade[399]. É, portanto, importante que se entenda o caráter problemático de um comportamento criminalizado, olhando para questões particulares e pessoais do indivíduo, sem se esquecer de como a sociedade constrói e reage a essas condutas.

A proposta que surge a partir dessa visão complexa é no sentido de que a sociedade se reaproxime do cárcere de forma aberta, objetivando a construção de um relacionamento autêntico, que não seja carregado de discursos que negam os conflitos ou que tentam impor padrões de conduta. Nesse sentido, o objetivo não será a ressocialização – no sentido estabelecido por BARATTA, entendido como imposição unilateral dos valores sociais às pessoas presas –, pois esta seria a negação de toda uma realidade complexa, já que busca dissolver contradições, calando a voz daqueles que destoam do compasso imposto pelas normas sociais.

É preciso aceitar um rompimento com os pressupostos lógicos do sistema punitivo: é necessária, como diz PIRES, uma *inovação*. E, para SÁ, a necessária inovação se deve dar pela inversão dos seguintes postulados: a individualização da pena deve ter uma importância superior em relação à segurança do presídio; a inclusão social deve ser o pressuposto da reintegração; as penas alternativas devem ser vistas como prioritárias em detrimento das penas de prisão; o tipo de punição e seu tempo devem estar subordinados à meta de inclusão social. Assim, para qualquer tipo de pena, a inclusão social deve ser a prioridade[400].

---

[398] SÁ, Alvino Augusto. *Criminologia clínica e execução penal – proposta de um modelo de terceira geração, op. cit.*, p. 257.
[399] Idem. Ibidem, p. 258.
[400] Idem. Ibidem, p. 227-228.

O modelo de terceira geração propõe uma mudança que alcança todas as instâncias do poder punitivo. Para que a Criminologia Clínica de Inclusão Social seja colocada em prática é preciso, por exemplo, que haja uma participação daqueles que estão comprometidos com tal paradigma no planejamento da instituição prisional, por meio do diálogo. Além disso, é necessária uma interlocução com o preso, ou seja, um trabalho de apoio individual ou através de diálogos coletivos do preso com a sociedade livre. É importante também um diálogo com o judiciário e com o sistema de justiça, por meio da reforma do direito criminal. Por fim, deverá existir um diálogo com a ciência com o intuito de se compreender melhor o comportamento criminoso em toda a sua complexidade[401].

No lugar da ressocialização, busca-se a construção de um diálogo verdadeiro entre encarcerados e não encarcerados. Trata-se, assim, da *reintegração social*, ou seja, a reintegração de partes de um todo que carrega em si diversas contradições. Não se busca dissolver as contradições, mas se trata de uma oportunidade de crescimento de todos os envolvidos na medida em que se abrem para dialogar com as contradições[402].

Entende-se, por isso, que o conflito jamais deve ser reprimido e nem negado ou desconsiderado. O que deve acontecer com o conflito é sua superação, que faz parte da reconciliação e aproximação das partes[403]. Qualquer punição, nesse sentido, só será útil se tiver como consequência a reconciliação – processo de crescimento de todos os envolvidos. Não será a partir da mera pena privativa de liberdade que essa reaproximação acontecerá. É preciso uma atuação positiva para que o diálogo seja construído e, a partir dele, que os conflitos sejam superados e nunca negados.

Nesse sentido, ensina SÁ:

> "Cabe aqui fazer menção a duas verdades que reputamos incontestáveis. A primeira delas é que quase todo crime é expressão de um conflito entre o infrator e o 'outro', representado este no caso pela vítima. A segunda verdade é que a pena privativa de liberdade poderá acarretar muitos efeitos

[401] SÁ, Alvino Augusto. *Criminologia clínica e execução penal – proposta de um modelo de terceira geração, op. cit.*, p. 304.
[402] Idem. Ibidem, p. 319-320.
[403] SÁ, Alvino Augusto. *Criminologia Clínica e Psicologia Criminal.* São Paulo: Revista dos Tribunais, 2010, 2 ed., p. 46.

> e consequências; uma coisa jamais ela promoverá: a resolução desse conflito."[404]

De acordo com SÁ, existem dois tipos de motivação para um delito. Há as condutas primariamente lesivas, que são aquelas condutas que têm sua origem em um conflito entre o agressor e a vítima, e mais ligadas a conflitos intraindividuais (pode-se pensar, por exemplo, em casos de homicídio). Há, de outro lado, as condutas que são instrumentalmente lesivas, nas quais o conflito entre agressor e vítima é menor, pois vêm de um conflito mais geral, histórico, apresentando forte ligação com alguma frustação internalizada e não resolvida. O que o agressor deseja é auferir uma vantagem em relação à vítima: o conflito interindividual está ligado a uma história de exclusões, privações e necessidades básicas insatisfeitas (pode-se pensar, agora, em casos de roubo)[405].

Entende-se como violência o emprego desejado da agressividade, com fins destrutivos. Quando intervém o desejo de destruir o outro, com o objetivo de causar-lhe dano, é da violência que se fala[406]. O dano poderá ser físico, psicológico ou moral através de coação ou força. Assim como ensina SÁ:

> "Trata-se de um impulso, de um movimento cuja força é dotada de intensidade e 'irresistibilidade' que, embora variem de caso para caso, garantirão a esta força uma capacidade mínima de coerção, de penetração, de vencimento de barreiras e de destruição, como condição para que se concretize o ato violento. Este impulso, esta força emanará de 'alguém', alguém identificável diretamente, identificável indiretamente ou não identificável (pessoas, grupos, instituições, sistemas, normas explícitas e implícitas, culturas, nações). Seu objetivo, seu resultado final, será o de causar danos a outros: a pessoas, grupos, instituições, segmentos sociais ou nações. Estes danos giram em torno de um núcleo central, que pode ser compreendido por uma ideia básica de privação."[407]

Nesse sentido, o termo violência é utilizado nos mais diferentes contextos: pode-se pensar na violência do crime, da educação dos pais, do castigo, da fome, da miséria. A

---

[404] SÁ, Alvino Augusto. *Criminologia Clínica e Psicologia Criminal, op. cit.*, p. 47.
[405] SÁ, Alvino Augusto. *Criminologia clínica e execução penal – proposta de um modelo de terceira geração, op. cit.*, p. 47.
[406] SÁ, Alvino Augusto de. *Algumas questões polêmicas relativas à psicologia da violência.* Rio de Janeiro: Revista Ultima Ratio, ano 1, n. 0, 2006, p. 267.
[407] Idem. Ibidem, p. 261.

violência pode ser entendida quando numa situação de interação há um dano a uma ou mais partes, não necessariamente de maneira igual em cada. Assim, para identificar um comportamento violento, independentemente de quem é o violentador e quem é o violentado, é preciso que se note o seu caráter de intensidade irresistível e de força brutal, de um lado, e lesividade, de outro[408].

Em geral, as ideias que se baseiam no conceito de *ressocialização* visam, de formas menos ou mais explícitas, a potencializar a violência. Do lado do Estado, afinal, existe uma força brutal, incomparavelmente maior do que a força do indivíduo apenado; e, de outro lado, existe a lesividade, sentida violentamente pela pessoa que sofre a pena estatal. Busca-se, enfim, dissolver todas as contradições, impondo-se a homogeneidade.

Segundo BARATTA, quando o escopo visado na execução da pena é a reintegração social, não se deve levar em consideração o crime cometido pelo indivíduo ou a quantidade de pena a ele aplicada, mas, acima de tudo isso, é preciso que se busque entender a relação entre o apenado e o contexto social, bem como os conflitos e contradições aí implícitos. Para isso, é necessário o estabelecimento de relações simétricas entre todos os envolvidos no processo de reintegração, sem a negação das condições diferentes de cada ser humano. A reintegração social não se alinha a nenhuma teoria sobre as funções da pena, pois tais teorias sempre têm como critério de sucesso a resolução de contradições, enquanto a reintegração busca, antes de tudo, a abertura a todas as contradições e conflitos, sem sufocá-los[409].

O escopo não é, portanto, dissolver as contradições, mas sim uma oportunidade de desenvolvimento de todos os envolvidos a partir dos conflitos[410] e a abertura de um canal de comunicação entre o cárcere e toda a sociedade. Não se busca uma conformação do sujeito preso, nem mesmo do livre, mas um crescimento a partir das contradições, pressupondo uma abertura responsável e comprometida com a construção de uma nova maneira de se enxergar o crime, a punição e, principalmente, a pessoa do criminoso.

Ainda segundo BARATTA, as questões desafiadoras que tangem à punição devem ser encaradas de forma realista, para que a punição seja reinterpretada e reconstruída

---

[408] SÁ, Alvino Augusto de. *Algumas questões polêmicas relativas à psicologia da violência, op. cit.*, p. 259.
[409] SÁ, Alvino Augusto. *Criminologia clínica e execução penal – proposta de um modelo de terceira geração, op. cit.*, p. 321.
[410] Idem. Ibidem, p. 319-320.

sobre uma base diferente[411]. Tendo como ponto de partida o modelo existente, o autor propõe que a quebra de paradigma ou, nas palavras de PIRES, a mudança inovadora, se dê não *através* do cumprimento da pena, mas *apesar* da pena[412].

Dentro desse cenário, a lógica da instituição é alterada e a meta se torna a emancipação da pessoa do preso, como um ser pensante, como sujeito de direitos e da própria vida, capaz de ressignificar acontecimentos, normas e relações. Apesar do ambiente prisional, hostil e anulador de individualidades, buscam-se as possibilidades individuais e comunitárias de desenvolvimento. O preso, nesse sentido, deixa de ser apenas um sujeito passivo da execução penal, como aquele que deve aprender e absorver os valores sociais, e passa a comunicar-se com o processo que vive e com todos aqueles envolvidos em tal processo, ou seja, toda sociedade[413].

A segurança é o pressuposto número um de qualquer unidade prisional, pois as pessoas que ali estão são consideradas "perigosas", "inimigos sociais" e, por isso, precisam ser controlados, vigiados e afastados. A lógica maior do sistema punitivo é colocada em xeque quando a sociedade se dispõe a entrar nesse ambiente, a atuar dentro dele e, principalmente, a se aproximar das *pessoas* que ali estão.

Nas palavras de BARATTA:

> "Ressaltamos a necessidade da opção pela abertura da prisão à sociedade e, reciprocamente, da sociedade à prisão. Um dos elementos mais negativos das instituições carcerárias, de fato, é o isolamento do microcosmo prisional do macrocosmo social, simbolizado pelos muros e grades. (...) Já o entendimento da reintegração social requer a abertura de um processo de comunicação e interação entre a prisão e a sociedade, no

---

[411] BARATTA, Alessandro. *Ressocialização ou controle social: uma abordagem crítica da 'reintegração social' do sentenciado*, p. 3. Disponível em: <http://www.egov.ufsc.br/portal/sites/default/files/anexos/13248-13249-1-PB.pdf> Acesso em: 07.10.2018.

[412] No mesmo sentido: "qualquer intervenção criminológica que se pretenda consonante com a dignidade humana – e não meramente legitimadora da violência estatal – deve dar-se apesar do cárcere e da pena (e não por meio deles), tendo como objetivo o fortalecimento da pessoa do condenado e o desenvolvimento de sua autonomia ética." (SHIMIZU, Bruno. *Um panorama crítico sobre o pensamento criminológico clínico no Brasil, op. cit.*, p. 203)

[413] SÁ, Alvino Augusto. *Criminologia clínica e execução penal – proposta de um modelo de terceira geração, op. cit.*, p. 334.

> qual os cidadãos reclusos se *reconheçam* na sociedade e esta, por sua vez, se *reconheça* na prisão."[414]

Tal movimento se dá na abertura do cárcere para a sociedade e da sociedade para o cárcere. A instituição, a pessoa presa, as pessoas livres, todas são afetadas. Nesse processo, a sociedade reassume a sua parcela de responsabilidade sobre os "problemas" que tranca nas prisões, assim como os presos assumem a sua.

BARATTA sintetiza sua proposta em dez pontos[415]: (i) semelhança funcional entre programas dirigidos a sentenciados e ex-sentenciados e os orientados ao ambiente e à estrutura social; (ii) presunção de normalidade do preso; (iii) exclusividade do critério objetivo da conduta na determinação do nível disciplinar e à concessão do benefício de redução da pena e à semiliberdade – irrelevância da suposta 'averiguação' do grau de ressocialização ou de 'periculosidade'; (iv) critérios de realinhamento e diferenciação dos programas, independentemente das classificações tradicionais e de diagnoses 'criminológicas' de origem positivista; (v) extensão simultânea dos programas a toda população carcerária, não distinção entre presos condenados e presos detidos à espera do julgamento; (vi) alcance diacrônico dos programas – continuidade das etapas na e pós-prisão; (vii) relações simétricas das funções; (viii) reciprocidade e rotação das funções; (ix) da anamnese criminal à anamnese social – a prisão como oportunidade geral de conhecimento e tomada de consciência da condição humana e das contradições da sociedade; (x) valor absoluto e relativo das funções prisionais – valorização das funções técnicas e 'destecnização' da questão profissional.

É por isso que a reintegração social, entendida como a reintegração de partes de um todo que têm entre si uma relação litigiosa, tem como finalidade a expansão do *eu*, a ressignificação e reconstrução de laços, a ressignificação de responsabilidades e compromissos morais e éticos[416]. Sem que se queira resolver as contradições, dá-se a oportunidade de crescimento de todos, uma vez que todos terão a oportunidade de enfrentar suas próprias contradições.

---

[414] BARATTA, Alessandro. *Ressocialização ou controle social: uma abordagem crítica da 'reintegração social' do sentenciado*, *op. cit.* p. 3.
[415] Idem. Ibidem, p. 4-9.
[416] SÁ, Alvino Augusto de. *Criminologia clínica e execução penal – proposta de um modelo de terceira geração, op. cit.*, p. 324.

É a partir de uma interação franca entre os sentenciados e a sociedade que ambos poderão se entender como pertencentes a um mesmo corpo social, no qual todos os envolvidos têm seus conflitos e contradições, sendo que a melhor forma de se encontrar a harmonia não é negá-los, mas, a partir de um significado coerente compartilhado sobre a realidade, caminhar para um destino novo.

4.2.1. Do etiquetamento ao ator situado e as inter-relações sociais

É preciso considerar o indivíduo e toda a sua complexidade interna e de suas relações. Nesse sentido, quando se fala em inserção de um ser humano em um ambiente, é necessário problematizar as influências recíprocas. A exclusão social e a vulnerabilidade de alguns grupos são, portanto, questões relevantes, pois quando um crime é cometido nesses cenários há corresponsabilidades múltiplas, sendo que a do autor é apenas uma delas[417]. Nesse contexto, não apenas as teorias críticas são base para o enfrentamento da desafiadora questão, mas SÁ também leva em consideração as teorias do conflito[418], dentre elas, a do etiquetamento social.

Ao longo de toda a história das guerras, revoluções e sistemas punitivos, o inimigo de um Estado sempre foi brutalmente identificado e estigmatizado como tal[419]. O exercício do poder punitivo visando à contenção de desvios sempre reconheceu um *hostis*, em relação ao qual operou de modo diferenciado, com tratamento discriminatório, neutralizante e eliminatório, a partir da negação da sua condição de pessoa, ou seja, considerando-o basicamente em função de sua função de coisa ou ente perigoso. Esse tratamento diferencial dispendido a alguns indivíduos – hoje em dia, especialmente pessoas consideradas terroristas ou traficantes – tem a tendência de invadir todo o campo penal: daí tanto se falar, nas discussões penais, em *inimigo*[420].

---

[417] SÁ, Alvino Augusto. *Criminologia clínica e execução penal – proposta de um modelo de terceira geração, op. cit.*, p. 274-284.
[418] Sobre o assunto: SHECAIRA, Sérgio Salomão. *Labelling Approach* (capítulo). In: SHECAIRA, Sergio Salomão. *Criminologia*. 2ª. ed. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2008.
[419] LOPES, Ricardo Ferraz Braida. *O estigma social da perpetuidade dos antecedentes criminais*. Disponível em: <http://www.ibccrim.org.br/novo/artigo/10609-O-estigma-social-da-perpetuidade-dos-antecedentes-criminais>. Acesso em: 10.12.2018.
[420] ZAFFARONI, Eugenio Raúl. *El enemigo en el derecho penal.* Rio de Jeneiro: Editora Revan, 2007, p. 151-152.

Assim, não é o ato que a pessoa comete que *ontologicamente* a caracteriza, mas as consequências estabelecidas por outros, nomeadamente aqueles que têm poder para tal, que classifica a pessoa como *criminosa* ou, no limite, *inimiga*. Conclui-se, portanto, que há um processo de rotulação social que leva alguém a ser visto como criminoso. Um ato ser ou não criminoso depende de como as pessoas com poder para tal, ou as *instâncias de controle*, reagem a ele[421].

O termo "estigma", de origem grega, era utilizado antes do Cristianismo para definir sinais corporais com os quais se procurava evidenciar alguma coisa de extraordinária ou má sobre o *status* moral de quem os apresentava, e eram feitos com cortes ou fogo, demonstrando que a pessoa marcada, ritualmente poluída, deveria ser evitada. Na Grécia antiga, escravos, criminosos e traidores traziam marcas nos corpos como forma de serem discriminados em locais públicos. Mais tarde, na Era Cristã, passou a referir sinais corporais da graça, como forma de flores em erupção sobre a pele[422]. Nos dias atuais o termo é utilizado, ainda que metaforicamente, a partir de seu significado original e, assim, surge para categorizar as pessoas segundo normas dentro de conceitos de normalidades e aceitação de padrão. O estigma é, portanto, uma identidade expressa de uma pessoa, que pode vir a se confirmar ou não[423].

As etiquetas colocadas, portanto, podem ser positivas ou negativas, verdadeiras ou falsas, baseadas em más informações, preconceitos ou estereótipos. De qualquer forma, o estigma obscurece todas as outras características do indivíduo, tornando-o visível no seu contexto social e invisível perante sua própria individualidade[424]. Assim, a pessoa é vista perante aqueles com quem convive de acordo com a marca que carrega, sendo despojada dos seus traços e características pessoais, de forma que o que há de individual e singular em cada ser humano é desconsiderado e anulado. Isso faz com que haja discrepância entre a identidade social real e a identidade virtual, e o indivíduo estigmatizado pode apresentar a outras pessoas um *eu* precário, sujeito ao insulto e ao descrédito[425].

---

[421] BECKER, HOWARD S. *Outsiders: estudos da sociologia do desvio*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008, p. 22.
[422] BISSOLI FILHO, Francisco. *Estigmas da Criminalização – dos antecedentes à reincidência criminal*. Florianópolis: Obra Jurídica, 1998, p. 190.
[423] REBOUÇAS, Fernando. *Estigma e identidade social*. Disponível em: <http://www.infoescola.com/sociologia/estigma-e-identidade-social/>. Acesso: 05/12/2018.
[424] Idem. Ibidem, p. 183.
[425] GOFFMAN, Erving. *Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Zahar, 1980, p. 115.

O estigma surge, pois os grupos sociais criam regras e tentam impô-las em algum momento a todos os homens com quem compartilham sua experiência de vida. As normas prescrevem os comportamentos adequados, separando as condutas em "certas" ou "erradas". Uma pessoa que age de forma a quebrar uma regra é vista como uma pessoa que não se reconhece no grupo e, por isso, muitas vezes nem mesmo deseja pertencer a ele; então, como trazido por BECKER, se torna um *outsider*[426]. BISSOLI FILHO traduz esse fenômeno da seguinte maneira:

> "O termo 'estranho' é empregado tanto para identificar os indivíduos que são julgados pelos outros como desviados e que estão fora do círculo dos membros 'normais' do grupo, como também, do ponto de vista da pessoa etiquetada como desviada, referindo-se às pessoas que fazem as regras."[427]

Os indivíduos e grupos estigmatizados sofrem, portanto, uma rotulação que os acompanha e fará com que sejam encarados com constante vigia e descrédito[428]. Há um fenômeno de coisificação e instrumentalização de seres humanos, pois, para que se consiga propor e manter uma guerra contra determinada categoria de pessoas, é preciso que essa classe seja estigmatizada e se imponha sobre ela uma condição de não humanidade ou humanidade inferior[429].

Há, assim, um quadro de subordinação cultural das minorias, que são coletividades discriminadas e estigmatizadas, independentemente do número de sujeitos que a compõem em relação à totalidade populacional. Cria-se uma minoria exatamente por meio da inferiorização e estigmatização, que fazem sentido em determinado território e espaço de tempo, sendo, assim, um fenômeno social contingente, dependendo do *status quo* que necessita ser mantido[430]. Por exemplo, indivíduos que pertencem a um estrato social mais baixo tendem a ser considerados perigosos, do ponto de vista criminal, independentemente de sua vida pessoal ou personalidade. Isso, segundo RONDON FILHO, acontece porque

---

[426] BECKER, HOWARD S. *Outsiders: estudos da sociologia do desvio, op. cit.*, p. 15.
[427] BISSOLI FILHO, Francisco. *Estigmas da Criminalização – dos antecedentes à reincidência criminal, op. cit.*, p. 172.
[428] ZAMPRONIO, Adriano Varella. *Prisão: a estigmatização humana.* Disponível em: <http://www.jurisway.org.br/v2/dhall.asp?id_dh=4871>. Acesso em 05.12.2018.
[429] SAAVEDRA, Giovani Agostini; RIPOLL, Joana Cavedon. *Espaço social e estigmatização: um estudo de criminologia do reconhecimento.* In: Ciências penais: perspectivas e tendências da contemporaneidade. Curitiba: Juruá Editora, 2011, p. 177-178.
[430] RONDON FILHO, Edson Benedito. *Polícia e minorias: estigmatização, desvio e discriminação.* Dilema: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social, vol. 6, n. 2, abril/jun 2013, p. 269-271.

estes indivíduos são desprovidos de valores externalizados, como roupas, sapatos e carros, aceitos pela ideologia dominante, que vê no consumo e na ostentação de bens um traço importante dos pertencentes ao grupo[431].

Por todo o exposto até aqui, pode-se entender que a principal diferença entre aqueles que são considerados "normais" e os estigmatizados toca a interação social, pois se produz para os estigmatizados uma "*identidade virtual"*, enquanto os normais têm a *"identidade real"*: "*A identidade virtual se refere às expectativas e exigências que possuímos em relação ao outro, enquanto a identidade social real se refere aos atributos que o outro, na realidade, prova possuir."*[432]. Assim, conclui RONDON FILHO:

> "Portanto, a discriminação é uma relação social em que os preconceitos representados nos estigmas ou desvios se materializam nas identidades construídas de maneira positiva ou negativa para justificar as imagens e as ideias referentes ao gênero, classe social, religião, opção sexual, raça, doenças, idade, geração, entre algumas possibilidades."[433]

De acordo com SAAVEDRA, a estigmatização dependeria de um processo de desconstrução do ser humano, pois as pessoas teriam uma tendência natural a se enxergar no outro e sofrer com o sofrimento do outro, a compaixão seria um traço existente em toda humanidade. Assim, para que em algum momento se desconsidere a humanidade do outro, é preciso que sejam transmitidos processos de aprendizagem negativa[434]. Tais processos fazem com que a pessoa perca a capacidade de sofrer com o sofrimento do outro. De certa forma, se aprende a não ser mais humano, pois a capacidade de sofrer com o sofrimento alheio e se reconhecer no outro ser humano seriam capacidades humanas normais.

Outro ponto importante, de acordo com GOFFMAN, é entender que os atributos estigmatizadores específicos determinam a frequência com que um indivíduo de determinado grupo assume um papel de "normal" ou estigmatizado, mas não há uma natureza de cada papel, posto sua contingência e dependência do grupo com que interage[435]. Nesse sentido, pode-se inferir que aquilo que está envolvido nas interações sociais são os

---

[431] RONDON FILHO, Edson Benedito. *Polícia e minorias: estigmatização, desvio e discriminação, op. cit.*, p. 274.
[432] Idem. Ibidem, p. 272.
[433] Idem. Ibidem, p. 278.
[434] SAAVEDRA, Giovani Agostini; RIPOLL, Joana Cavedon. *Espaço social e estigmatização: um estudo de criminologia do reconhecimento, op. cit.*, p. 179.
[435] GOFFMAN, Erving. *Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada, op. cit.*, p. 117.

papéis e não os indivíduos concretos. Por isso, não deveria causar surpresa o fato de que, em muitos casos, aquele que é estigmatizado num determinado aspecto exibe todos os preconceitos normais contra os que são estigmatizados em outro aspecto. Conforme o citado autor:

> "Como conclusão, posso repetir que o estigma envolve não tanto um conjunto de indivíduos concretos que podem ser divididos em duas pilhas, a de estigmatizados e a de normais, quanto um processo social de dois papéis no qual cada indivíduo participa de ambos, pelo menos em algumas conexões e em algumas fases da vida. (...) Os atributos duradouros de um indivíduo em particular podem convertê-lo em alguém que é escalado para representar um determinado tipo de papel; ele pode ter de desempenhar o papel de estigmatizado em quase todas as suas situações sociais, tornando natural a referência a ele, como eu o fiz, como uma pessoa estigmatizada cuja situação de vida o coloca em oposição aos normais."[436]

Por fim, é preciso esclarecer a diferença nas classificações de desviantes e estigmatizados. O desviante integra um grupo composto por indivíduos que ousaram contrariar as normas sociais, mas estes não são de fácil categorização, pois os desvios se apresentam de formas distintas, em diferentes situações. Os estigmatizados, por sua vez, podem ser classificados por grupos, pela proximidade existente entre os integrantes, mas nem por isso podem ser considerados desviantes. Portanto, as minorias estigmatizadas não correspondem necessariamente a um grupo de desviantes, mas o desvio pode gerar minorias estigmatizadas, como no caso dos ex-presidiários, que – excetuadas as condenações equivocadas – foram justamente condenados por um desvio (crime) e estigmatizados pela sua biografia de presídio. Assim, os estudos sobre estigmas acabam por se entrelaçar aos do desvio[437].

DIAS e ANDRADE consideram que o principal critério para que uma pessoa seja considerada delinquente se encontra num mecanismo de seleção e identificação geral, ou seja, é dependente da atitude e do olhar do outro[438]. Nesse sentido, quando uma regra é quebrada, surgem medidas restauradoras impostas por terceiros que pretendem que o dano

---

[436] GOFFMAN, Erving. *Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada, op. cit.*, p. 115.
[437] RONDON FILHO, Edson Benedito. *Polícia e minorias: estigmatização, desvio e discriminação, op. cit.*, p. 276-277.
[438] DIAS, Jorge de Figueiredo; ANDRADE, Manuel da Costa. *O homem delinquente e a sociedade criminógena.* Coimbra: Coimbra, 1997, p. 343.

seja extinto e o prejuízo, reparado[439]. A partir do momento em que ocorre o julgamento criminal, uma cerimônia degradante, o indivíduo condenado é despojado de sua identidade e recebe outra[440]. Conforme BISSOLI FILHO:

> "O etiquetamento do desviado normalmente é acompanhado de uma cerimônia social. A exposição à praça pública, pintar a cara, emplumar ou desfigurar, serviram, no passado, para fazer o novo *status* do desviado mais visível. Atualmente usam-se as cerimônias degradantes nas quais se incluem os julgamentos em tribunais, a revisão da saúde mental e a crítica pública. As etiquetas constituem-se no principal distintivo de identificação da pessoa, facilmente absorvido pelo grupo social, como, por exemplo, as etiquetas de 'ladrão', de 'viciado', etc."[441]

Importante, neste ponto, evidenciar o fato de que, para uma conduta ser punível pelo direito penal, é preciso que antes ela seja criminalizada, ou seja, receba uma qualificação segundo a representação social acerca dela. A atribuição de tal conduta a um indivíduo é o que se chama de incriminação. Criminalizar é um ato de vontade, ou seja, exige que alguém decida que conduta pode ser considerada crime, conforme o analisado no ponto em que se tratou dos desvios. Uma conduta é criminalizada e, em seguida, incrimina-se um indivíduo[442]. Assim, explica VITORINO:

> "Muitas vezes ao nos depararmos com o termo criminalidade temos dificuldade de saber do que se trata. Ora se refere ao cometimento de algum fato descrito nas normas jurídicas penais, ora a um comportamento que se pretende reprovar, até mesmo algum incidente de indisciplina na escola, como adverte Wacquant. E, ainda, não é incomum que alguma atividade seja nomeada de criminosa dependendo do indivíduo que lhe deu causa ou, o que é mais frequente, da classe social a que pertence tal indivíduo."[443]

Todavia, não é simplesmente a prática de certo comportamento definido no espaço e no tempo por uma pessoa, às vezes em relação a outra, o que realmente impõe o estigma. A

---

[439] GOFFMAN, Erving. *Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada, op. cit.*, p. 100.
[440] DIAS, Jorge de Figueiredo; ANDRADE, Manuel da Costa. *O homem delinquente e a sociedade criminógena, op. cit.*, p. 350.
[441] BISSOLI FILHO, Francisco. *Estigmas da Criminalização – dos antecedentes à reincidência criminal, op. cit.*, p. 184.
[442] VITORINO, Gilvan. *A estética da criminalização.* Disponível em: <http://www.ibccrim.org.br/novo/artigo/10703-A-estetica-da-criminalizacao>. Acesso em: 10.12.2018.
[443] Idem. Ibidem.

maior diferença entre criminosos e não criminosos é a condenação, ou seja, a reação do Estado perante a conduta, que coloca o indivíduo dentre aqueles que desviaram as normas e receberam uma punição[444].

Nesse sentido, o direito penal, que deveria atuar de forma igualitária, isto é, que deveria atingir a todos de forma idêntica em razão de suas condutas, na realidade demonstra-se com um funcionamento seletivo, atingindo determinadas pessoas ou grupos sociais de forma sistemática. Além disso, o sistema penal tem o dever de se comprometer com princípios constitucionais, como a dignidade humana; todavia, revela-se estigmatizante e promotor de degradação do *eu* para aqueles que são apenados[445].

Em resposta a esta estratificação social, o indivíduo estigmatizado basicamente pode apresentar três comportamentos: reincidência criminal, autopunição ou tentar provar às pessoas que é capaz de levar uma vida hipoteticamente normal, que seria a superação do estigma. O futuro torna-se um constante delírio – o poder de sonhar, de imaginar o que vai acontecer – mas até os sonhos podem ser contidos e, não raro, alguns apenados dizem não pensar no futuro[446].

A pessoa que é condenada recebe um novo rótulo, fazendo com que se torne um *novo ser* aos olhos de seus condenadores. Essa interpretação é potencializada em sistemas de controle que têm ao seu dispor registros formais de antecedentes, pois estes impedem que a pessoa se desvincule daquele ato, levando-a a ter toda sua vida determinada a partir dele[447].

Dentro da perspectiva de estigmatização até aqui discutida se coloca a teoria do *Labelling Approach*, que leva em consideração que não se pode compreender a criminalidade se não se estuda a ação do sistema penal, começando pelas normas abstratas até a ação das instâncias oficiais, como a polícia e os juízes, conforme ensina SHECAIRA:

---

[444] BISSOLI FILHO, Francisco. *Estigmas da Criminalização – dos antecedentes à reincidência criminal, op. cit.*, p. 199-200.
[445] MARTINS, Isabela do Rosário Lisboa. *Labelling Approach Tupiniquim: uma análise compensatória à compreensão criminológico-radical.* Disponível em: <http://www.ibccrim.org.br/novo/artigo/10707-Do-%C2%93Labeling-Approach-Tupiniquim%C2%94-%C2%96-uma-analise-compensatoria-a-compreensao-criminologico-radical>. Acesso em: 07.12.2018.
[446] ZAMPRONIO, Adriano Varella. *Prisão: a estigmatização humana, op. cit.*
[447] DIAS, Jorge de Figueiredo; ANDRADE, Manuel da Costa. *O homem delinquente e a sociedade criminógena, op. cit.*, p. 346-349.

> "O movimento criminológico do *labelling approach*, surgido nos anos 60, é o verdadeiro marco da chamada teoria do conflito. Ele significa, desde logo, um abandono do paradigma etiológico-determinista e a substituição de um modelo estático e monolítico de análise social por uma perspectiva dinâmica e contínua de corte democrático. (...) As questões centrais do pensamento criminológico, a partir desse momento histórico, deixam de referir-se ao crime e ao criminoso, passando a voltar sua base de reflexão ao sistema de controle social e suas consequências, bem como ao papel exercido pela vítima na relação delitual."[448]

Nesse sentido, o *status* social de delinquente pressupõe o efeito da atividade das instâncias oficiais de controle social da delinquência, enquanto não adquire esse *status* aquele que, apesar de ter realizado o mesmo comportamento punível, não é alcançado pela ação daquelas instâncias. Assim, o *Labelling Approach* tem se ocupado principalmente com as reações das instâncias oficiais de controle social, consideradas na sua função constitutiva em face da criminalidade. Sob este ponto de vista, tais instâncias estimulam a máquina prisional a prender-se ao estigma de ação desviante, ao estigma de delinquente[449].

De acordo com *Labelling*, as teorias do crime podem ser desconstruídas a partir do enfoque do etiquetamento, na medida em que, negando a existência do delito como entidade preexistente, compreende-o como resultante de um processo de criminalização, de criação e aplicação de normas. As categorias tradicionais, ou seja, tipicidade, antijuridicidade e culpabilidade, não explicam por si só a existência do crime, posto que esse depende da ação do sistema penal, sem a qual o delito não existe[450].

Há, aqui, dois tipos de criminalização, a primária e a secundária. A criminalização primária trata da transgressão da norma e sua consequência, sem que a posição social da pessoa e sua identidade sejam afetadas de maneira prolongada. Já a criminalização secundária é criada pela primária: são problemas sociais provocados pela estigmatização, punição, segregação e controle social, fatos que têm o efeito de diferenciar as pessoas,

---

[448] SHECAIRA, Sergio Salomão. *Criminologia, op. cit.*, p. 269.
[449] MARTINS, Isabela do Rosário Lisboa. *Labelling Approach Tupiniquim: uma análise compensatória à compreensão criminológico-radical, op. cit.*
[450] BISSOLI FILHO, Francisco. *Estigmas da Criminalização – dos antecedentes à reincidência criminal, op. cit.*, p. 203-204.

comprometendo-as em sua socialização, alterando a organização dos papéis sociais[451]. Assim, a vida e a identidade da pessoa passam a se organizar em torno dos fatos do desvio primário e a estigmatização produz a criminalização secundária; cria-se, portanto, o paradoxo de que o próprio processo de tratamento gera a conduta estereotipada[452].

A criação da auto-imagem realiza-se por meio da reação social em relação ao indivíduo e, depois, o indivíduo toma consciência e interpreta essa reação social, fazendo um exame introspectivo da auto-etiqueta para conformá-la às percepções da etiqueta social[453]. Desencadeia-se um processo de vergonha, resignação e estranhamento do indivíduo perante a sociedade, fazendo com que se sintam sem mérito e inferiores. BRAITHWAITE dá a este processo o nome de *vergonha desintegradora*[454]. Assim, segundo MARTINS:

> "As etiquetas sociais negativas criam expectativas igualmente negativas, que levam os rotulados, a, inevitavelmente, sentirem-se compelidos a situar-se no molde da percepção dos expectadores que os veem. Neste cenário estigmatizante, os comportamentos do rotulado se tornam coerentes com aqueles esperados pelos que não são estigmatizados, e que, nesta conjuntura, esperam que tais condutas sejam realizadas."[455]

Após a prática de um ato ilícito, seu sujeito ativo é estigmatizado e rotulado como criminoso pela sociedade, o que culmina em uma mudança de sua identidade pessoal original, fazendo-o crer que é o que os demais acreditam que ele seja. A partir disso, esse indivíduo inicia um mergulho no papel desviado. Passa ele a comportar-se da maneira "errônea" que a sociedade dele espera, iniciando assim sua carreira criminosa[456]. Nesse sentido, SÁ:

---

[451] DIAS, Jorge de Figueiredo; ANDRADE, Manuel da Costa. *O homem delinquente e a sociedade criminógena, op. cit.*, p. 350.
[452] MARTINS, Isabela do Rosário Lisboa. *Labelling Approach Tupiniquim: uma análise compensatória à compreensão criminológico-radical, op. cit.*
[453] BISSOLI FILHO, Francisco. *Estigmas da Criminalização – dos antecedentes à reincidência criminal, op. cit.*, p. 184.
[454] BRAITHWAITE, John. *Crime, shame and reintegration*. New York: Cambridge University Press, 1999.
[455] MARTINS, Isabela do Rosário Lisboa. *Labelling Approach Tupiniquim: uma análise compensatória à compreensão criminológico-radical, op. cit.*
[456] ARAUJO, Fernanda Carolina de. *A teoria criminológica do labelling approach.* Disponível em: <http://www.ibccrim.org.br/novo/boletim_artigo/3468-A-teoria-criminologica-do-%3Ci%3Elabelling-approach%3C-i%3E>. Acesso em: 08.12.2018.

> "No ambiente carcerário, o que se dá é algo que chamamos de aculturação, um processo em que diferentes grupos culturais entram em contato uns com os outros; tomam ou recebem elementos culturais um do outro. Esse contato e a difusão ocorrem com certa continuidade. Na verdade, o que deveria ser um espaço para a punição e eliminação de comportamentos inadequados torna-se um local reforçador desses comportamentos, uma vez que todos os que no cárcere estão, com exceção dos agentes penitenciários e afins, são mantidos isolados e, portanto, obrigados a construir uma nova sociedade dentro da vida em massa no cárcere."[457]

O *Labelling* propõe identificar os fatores que condicionam uma estigmatização "bem-sucedida", ou seja, a assunção da identidade e do papel do delinquente, pois, como analisado, o processo de reação à delinquência acaba por funcionar como um mecanismo que compele a pessoa a conformar-se e a corresponder à imagem que o entorno tem dela[458]. Pelo castigo, a etiqueta negativa é reforçada. Assim, o "processo de tratamento" pode muito mais criar o sintoma que se propõe a curar, do que efetivamente curá-lo. O "processo de tratamento" cria o estereótipo, que intensifica e perpetua um ressentimento[459]. Pela estigmatização, a individualidade é dilacerada pelo etiquetamento negativo: o perfeito oposto da reintegração social e de uma relação verdadeiramente dialógica.

4.2.1.1. Ator situado

---

[457] SÁ, Alvino Augusto, Coord. *Programa de apoio à reintegração social de encarcerados através de sessões de debates: relator de uma experiência*. Revista Brasileira de Ciências Criminais, n. 38, p. 214. No mesmo sentido: "A vida carcerária é uma vida em massa. Sobretudo para os presos, evidentemente. Como consequência, ela lhes acarreta, dependendo do tempo de duração da pena, uma verdadeira desorganização da personalidade, ingrediente central do processo de prisionização. Entre os efeitos da prisionização, que marcam profundamente essa desorganização da personalidade, cumpre destacar: perda da identidade e aquisição de nova identidade; sentimento de inferioridade; empobrecimento psíquico; infantilização, regressão. O empobrecimento psíquico acarreta, entre outras coisas: estreitamento do horizonte psicológico, pobreza de experiências, dificuldades de elaboração de planos a médio e longo prazo. A infantilização e regressão manifestam-se, entre outras coisas, por meio de: dependência, busca de proteção (religião); busca de soluções fáceis; projeção da culpa no outro e dificuldade de elaboração de planos." (SÁ, Alvino Augusto. *Prisionização: um dilema para o cárcere e um desafio para a comunidade*. In: *Criminologia Clínica e Psicologia Criminal*. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2010, 2ª ed., p. 114.)

[458] DIAS, Jorge de Figueiredo; ANDRADE, Manuel da Costa. *O homem delinquente e a sociedade criminógena, op. cit.*, p. 352.

[459] BISSOLI FILHO, Francisco. *Estigmas da Criminalização – dos antecedentes à reincidência criminal, op. cit.*, p. 185.

Em DE GREEFE se encontra uma explicação para a forma como o indivíduo lida com os acontecimentos externos a ele. Há uma tendência a *atribuir intenções* ao mundo externo, uma tendência que se espera que vá regredindo com o amadurecimento: eis o *intencionalismo*. SÁ nos ensina: "*O intencionalismo vai regredindo progressivamente: é superado nos objetos sem movimento (isto é, na relação com objetos sem movimento), depois nos objetos com movimento, depois na relação com animais. Na relação com as pessoas, jamais é superado*"[460].

O intencionalismo leva a enxergar, portanto, um propósito na atitude das outras pessoas. Tem-se o hábito de julgar como mal-intencionadas as condutas com as quais não se concorda e, ao se ver em tal situação, costuma-se acionar mecanismos de defesa para proteger da ameaça que o outro parece representar, pois, nesse contexto,

> "O instinto de defesa impede-nos de ter uma visão mais profunda e mais integral do outro, de suas qualidades que vão além da vontade e da responsabilidade. Aliás, quanto maior é a sensação de insegurança (percepção de riscos), mais ela reativa nosso instinto de defesa, maior será nossa tendência a termos dos outros uma visão reducionista, pela qual sua personalidade passa a ser unicamente vontade livre e responsabilidade e graças à qual a sociedade é dividida em dois grupos: o dos que têm qualidades e o dos que têm defeitos."[461]

Assim, estritamente ligada ao intencionalismo, surge a ideia de responsabilidade. Graças ao instinto de defesa, há uma dificuldade de visão integral do outro, de suas qualidades que vão além da vontade e da responsabilidade. O delinquente, conforme SÁ, "*é o exemplo típico de pessoa cuja personalidade é drasticamente reduzida pela ideia coletiva de responsabilidade*"[462].

Conforme se caminha abertamente ao encontro do outro, consegue-se enxergar suas atitudes de maneira muito mais sutil e, ao mesmo tempo, complexa. É com esse enfoque que SÁ, baseado em DEBUYST, propõe a análise dos sujeitos como *atores situados.* Entende-

---

[460] SÁ, Alvino Augusto. *Criminologia clínica e execução penal – proposta de um modelo de terceira geração, op. cit.*, p. 285.
[461] SÁ, Alvino Augusto. *Desafios da Execução Penal frente aos processos de construção da imagem do inimigo, op. cit.*, p. 222.
[462] SÁ, Alvino Augusto. *Criminologia clínica e execução penal – proposta de um modelo de terceira geração, op. cit.*, p. 286.

se como *ator situado* o indivíduo levando em consideração não apenas sua personalidade, mas também sua família, grupos sociais a que pertence, empreendedores morais que atuam sobre ele, as leis que regem (ou deveriam reger) a sua conduta, a forma como essas leis são aplicadas, as vítimas e todo o contexto imediato no qual o crime é cometido. Enfim, é preciso considerar o indivíduo, toda a sua complexidade interna e de suas relações. Há, nesse cenário, corresponsabilidades múltiplas, e a do ator é apenas uma delas[463]. Diz SÁ:

> "Parece muito oportuna a palavra ator no lugar de autor. Ator, de si, já dá a entender um drama, ou uma trama, na qual estão envolvidas diversas pessoas. Ainda que se trate de um monólogo, nenhum ator apresentará uma peça que consiste num monólogo, se não houver uma plateia para assisti-lo. E esta plateia, através de suas reações (mesmo que interiores e silenciosas), estará participando profundamente do monólogo, que, no caso, deixa então de ser monólogo, para ser uma grande conversa construída por muitos, cada um de acordo com sua própria história. E nem por isso o ator deixa de ser ator, deixa de desempenhar seu papel e de se responsabilizar por ele, tal como cada um da plateia se responsabiliza pelo seu... Assim, se se quiser falar da atuação de um ator, é evidente que se terá de falar de *ator situado*, de um ator que de fato atua, desempenha concretamente seu papel, mas que está complexamente e completamente situado, comprometido com todo um contexto que vai além dele"[464]

A partir da ideia de *ator situado*, o sujeito não é anulado, nem é retirada sua responsabilidade sobre o ato. O que se busca, todavia, é que o indivíduo não seja drasticamente reduzido, que seu ser e seu proceder no mundo não sejam simplesmente identificados por uma única conduta. Almeja-se, ainda, que toda a sociedade entenda sua parcela de responsabilidade naquele ato, entenda que os "problemas" que ela tranca dentro das prisões não desaparecem: são questões profundamente suas, que precisam ser encaradas de frente, de forma comprometida. Nas palavras de DEBUYST, o ator situado é "*portador de um ponto de vista próprio que depende da posição que ocupa no quadro social, da história que foi a sua e dos projetos em torno dos quais sua atividade se organiza*"[465].

O maior valor da teoria está em aproximar os entendimentos que tratam a conduta desviante como um ato isolado do sujeito e aqueles que consideram que só há desvio porque

---

[463] SÁ, Alvino Augusto. *Criminologia clínica e execução penal – proposta de um modelo de terceira geração, op. cit.*, p. 274-284.
[464] Idem. Ibidem, p. 256.
[465] Idem. Ibidem, p. 244.

a sociedade assim o rotula. Há, portanto, um interesse na gênese do ato, mas também na forma como a sociedade reage à conduta. Assim, leva-se em conta a personalidade do indivíduo, sua família, grupos sociais aos quais pertence, empreendedores morais que atuam sobre ele e as leis que o regem. Nesse contexto, o indivíduo é considerado um *ator situado*, ou seja, é considerado em toda sua complexidade interna e de suas relações.

A finalidade não será a negação de toda essa realidade complexa, não se busca silenciar naquele que é considerado delinquente a voz dissonante daquela que dita as regras sociais. O escopo está na construção de um diálogo verdadeiro entre os diversos grupos dentro da sociedade. Trata-se portanto, novamente, da ideia de *reintegração social*, ou seja, a reintegração de partes de um todo que tem em si uma relação dialética, de contradições. O objetivo não é dissolver as contradições, mas sim oferecer uma oportunidade de crescimento de todos os envolvidos na medida em que se abre para dialogar com as contradições do outro e nossas próprias contradições.

4.2.1.2. Ator situado e desenvolvimento moral

O diálogo pode ser entendido como um caminho para a autonomia, e, de acordo com os construtivistas, como PIAGET, KOHLBERG e LA TAILE, "*o grande passo que a moral dá, em seu desenvolvimento, é o da moral heterônoma para a moral autônoma*"[466] e, por isso,

> "A justificativa básica para o reconhecimento do papel preponderante da razão, nas teorias cognitivistas, está no fato de que elas reconhecem, para além da moralidade heterônoma, a existência e conquista da moralidade autônoma, que é aquela cujas raízes não se encontram na figura da autoridade (internalizada ou não), na sociedade, não se encontram fora do indivíduo, mas se encontram em suas próprias elaborações plenamente conscientes, por ele construídas racionalmente, a partir de interações construtivas e edificantes com o ambiente."[467]

---

[466] SÁ, Alvino Augusto. *Crimes Ambientais: ensaiando algumas reflexões clínico criminológicas*. In: SÁ, Alvino Augusto de; SHECAIRA, Sérgio Salomão. *Criminologia e os problemas da atualidade*. São Paulo: Atlas, 2008, p. 202.
[467] Idem. Ibidem, p. 202.

De acordo com os referidos autores, uma das maiores preocupações para as novas gerações é transmitir a elas padrões morais[468]. Uma das formas de alcançar estágios avançados de desenvolvimento moral, ou seja, de julgamentos voltados ao bem-estar de toda sociedade, é a implementação do diálogo democrático e horizontal para a resolução de problemas comunitários. Todos devem se sentir acolhidos e atuantes na sociedade em que estão inseridos para que possam entender o valor e as consequências de suas condutas.

Nesse sentido, haveria seis estágios do desenvolvimento moral: (i) orientação para punição e obediência (a moralidade de um ato é definida pelas consequências físicas para o agente); (ii) hedonismo instrumental relativista (a moralidade é medida no prazer ou satisfação das necessidades da pessoa); (iii) moralidade do "bom garoto", da aprovação social e das relações interpessoais (o moralmente correto é o que ganha aprovação dos outros); (iv) orientação para lei e para ordem, autoridade mantendo a moralidade (a moralidade está ligada com a obediência ao sistema); (v) a orientação para contrato social democrático (primeiro estágio pós-convencional, que admite que leis podem ser injustas); (vi) princípios universais de consciência (nível mais alto do pensamento pós-convencional, há o reconhecimento de princípios morais universais a partir da consciência individual)[469].

Os estágios têm relação com a maneira de se elaborar os pensamentos morais, não com seus conteúdos. Assim, o importante é como o indivíduo justificará sua decisão moral. Nos dois primeiros estágios, no nível pré-convencional, não há uma internalização dos princípios morais, mas uma avaliação do ato pelas suas consequências. Trata-se, portanto, de uma fase *pré-moral*. A partir do nível convencional (estágios "iii" e "iv"), o indivíduo passa a acreditar no valor das suas ações e, assim, acontece a internalização dos princípios morais. Por fim, o nível pós-convencional (estágios "v" e "vi") traz, pela primeira vez, o questionamento das leis estabelecidas e o reconhecimento de suas injustiças, de forma que há a possibilidade de mudança das normas estabelecidas. Nesse sentido:

> "A moral autônoma é aquela na qual o indivíduo se apossa dos critérios de julgamento e é capaz de submeter os valores, os princípios e as regras ao crivo de seus critérios, de sua experiências e visão de vida, tomando então

---

[468] NUCCI, Larry. *Psicologia moral e educação: para além de crianças "boazinhas".* University of Illinois at Chicago - Educação e Pesquisa: São Paulo, v.26, n.2, p. 81, jul./dez. 2000.

[469] BIAGGIO, Angela Maria Brasil. *Kohlberg e a "comunidade justa": promovendo o senso ético e a cidadania na escola.* Revista da Universidade do Rio Grande do Sul - Psicologia e Reflexão Crítica: Porto Alegre, ano/vol. 10, nº 1.

> uma atitude moral que não é submissa e nem movida por medo e por interesses próprios e imediatos, mas uma atitude moral baseada em relações de igualdade, de reciprocidade, cujos interesses vão além da própria pessoa e além do momento imediato."[470]

Vê-se que os últimos níveis de desenvolvimento moral não se fundam em heteronomia e observância a autoridades, mas em relações horizontais. Com efeito, KOHLBERG pôde verificar que um forte senso de comunidade tem efeito poderoso sobre os jovens quando, por exemplo, visitou o Kibbutz Sassa, em Israel. Verificou, em tal experiência, que as crianças que eram educadas no kibutz, no qual a autoridade do professor se fundamenta na vontade do grupo (não em posição institucional ou carisma), tinham um forte senso de comunidade e isso influenciava na socialização dos jovens, de forma que desenvolviam estágios mais avançados da moralidade[471].

Uma postura no sentido da horizontalização faz crescer a autonomia da pessoa diante das circunstâncias de vida, o que tem efeitos positivos, segundo os construtivistas, sobre o desenvolvimento moral, já que

> "A construção da moral se faz através de interações com pessoas, diz La Taille. Se as interações forem marcadamente assimétricas, de poder, de coação, o indivíduo tende a permanecer na fase heterônoma, cujo modelo de moral encontra sua força exatamente no exercício do poder, nos sentimentos mesclados de amor e medo. Se, no entanto, a família, a escola e ambiente em geral propiciarem ao indivíduo relações simétricas, relações de reciprocidade, de igualdade, de cooperação, o indivíduo, no uso de sua razão, terá espaço para se descobrir, descobrir suas potencialidades, descobrir seu 'eu', seu 'ser' e, consequentemente, terá espaço para emancipar-se, para buscar a 'expansão de si próprio'." [472]

A certeza de que se tem *voz* leva ao incremento da própria autonomia, e a autonomia se liga a um conceito ainda mais amplo: o de *felicidade.* A autonomia, conforme nos ensina LA TAILLE, é um termo polissêmico, que se liga à ideia de liberdade e de autoridade. É

---

[470] SÁ, Alvino Augusto. *Crimes Ambientais: ensaiando algumas reflexões clínico criminológicas*. In: SÁ, Alvino Augusto de; SHECAIRA, Sérgio Salomão. *Criminologia e os problemas da atualidade, op. cit.*, p. 203.
[471] BIAGGIO, Angela Maria Brasil. *Kohbelg e a "comunidade justa": promovendo o senso ético e a cidadania na escola, op. cit*.
[472] SÁ, Alvino Augusto. *Crimes Ambientais: ensaiando algumas reflexões clínico criminológicas*. In: SÁ, Alvino Augusto de; SHECAIRA, Sérgio Salomão. *Criminologia e os problemas da atualidade, op. cit.*, p. 203.

autônomo quem goza de liberdade, ou seja, quem não é escravo de poderes externos ou comandos internos incontroláveis. Além disso, só é autônomo quem não precisa de instâncias ou figuras de autoridade para legitimar suas regras, princípios e valores[473]. O referido autor ilustra a questão no seguinte trecho:

> "Ora, é claro que a razão interfere na experiência dessa faculdade afetiva. Por exemplo, sentiremos simpatia por uma criança que chora porque deixou cair seu sorvete – a simpatia, no caso, chama-se compaixão – mas dificilmente experimentaremos o mesmo sentimento em relação a um adulto que chora pelo mesmo motivo. É o juízo que nos faz, no primeiro caso, experimentar compaixão: compreendemos e julgamos normal ou legítimo uma criança se desesperar por perder uma guloseima, e é também o juízo que, no segundo caso, causa nossa frieza, pois não achamos normal nem legítimo – achamos até patético – um adulto se desesperar pelo mesmo motivo. Todavia, sentiríamos compaixão, se soubéssemos que o adulto em questão sofre de alguma deficiência que o impede de ter uma reação de adulto normal."[474]

O mesmo LA TAILLE ensina, nesse sentido, que a existência humana se funda na busca pelo que ele chama de "vida boa". Uma vida boa, ser feliz, é algo subjetivo, dependente de avaliações pessoais; portanto, viver uma vida que *faça sentido* à própria pessoa é condição necessária para uma "vida boa"[475].

Segundo o autor, tem sido muito difícil, no mundo ocidental, encontrar um sentido para a vida, uma vez que enfraquecemos a influência da religião sobre o sentido que as pessoas dão à morte, em função do individualismo e em função da perda de referenciais para a construção da própria identidade. Todavia, ainda assim, é possível ao ser humano alcançar, nos dias de hoje, esse fundamento último de felicidade, a partir do valor que dá à sua própria vida e ao seu ser. Nas palavras de LA TAILLE: *"uma condição necessária ao gozo da felicidade, da 'vida boa', é ver a si próprio como pessoa de valor, capaz de afirmar-se*

---

[473] LA TAILLE, Yves de. *Desenvolvimento humano: contribuições da psicologia moral.* São Paulo: Psicologia USP, 2007, v. 18, n. 1, p. 11-36.
[474] Idem. Ibidem.
[475] LA TAILLE, Yves. *Moral e ética: dimensões intelectuais e afetivas*. Porto Alegre: Artmed, 2006. Apud SÁ, Alvino Augusto de. *Criminologia clínica e execução penal – proposta de um modelo de terceira geração, op. cit.*, p. 330.

enquanto tal, e de enxergar perspectivas de alcançar um grau satisfatório da tendência de elevar-se, de desenvolver-se"[476].

Assim, parece fora de dúvida que, conforme os teóricos do desenvolvimento moral, a forma como se tem lidado com questões criminais apenas tem levado a mais fragmentação, miséria e violência. Em vez de encarar o ser humano em sua complexidade, fomentando-lhe a autonomia, trilha-se o caminho das estigmatizações e da atribuição indiscriminada de *responsabilidade* ao *outro* – ignorando completamente a *própria corresponsabilidade*. Para além disso, ainda se procura, de maneira violenta, *impor* normas de conduta àqueles que se julgam *criminosos*, tornando-os extremamente propícios a reproduzir, dentro de seu próprio universo psíquico, uma auto-imagem negativa que apenas poderá servir a dilacerar-lhes ainda mais a individualidade.

Resta, portanto, procurar novos caminhos, que compartilhem de uma visão da realidade mais rica, complexa e aberta ao paradoxo. E, assim como encontramos em BOHM a sugestão forte de que tais caminhos necessariamente devem ser pavimentados pelo diálogo, idêntica ponderação é trazido por ALVINO AUGUSTO DE SÁ: diálogo como base de sua construção teórica, que se torna concreto por meio de um grupo de atuação efetiva e constante em unidades prisionais: o GDUCC.

---

[476] LA TAILLE, Yves LA TAILLE, Yves. *Moral e ética: dimensões intelectuais e afetivas*. Porto Alegre: Artmed, 2006. Apud SÁ, Alvino Augusto de. *Criminologia clínica e execução penal – proposta de um modelo de terceira geração, op. cit.*, p. 331.

5. A EXPERIÊNCIA DO GDUCC

Conforme visto, para se entender a Criminologia Clínica de Inclusão Social é preciso aceitar um rompimento com os pressupostos lógicos do sistema punitivo. Há uma inversão dos postulados que normalmente norteiam a aplicação da pena. A individualização da pena deve ter uma importância superior em relação à segurança do presídio; a inclusão social deve ser o pressuposto da reintegração; as penas alternativas devem ser vistas como prioritárias em detrimento das penas de prisão; o tipo de punição e seu tempo devem estar subordinados à meta de inclusão social. Assim, para qualquer tipo de pena, a inclusão social deve ser a prioridade[477].

Neste ponto, portanto, analisaremos a experiência do grupo de diálogo criado com a finalidade de colocar em prática os conhecimentos teóricos desenvolvidos pela Criminologia Clínica de Terceira Geração: o GDUCC. A análise será feita a partir das categorias desenvolvidas com o estudo da obra de BOHM, visando a, como finalidade principal desta dissertação, apontar possíveis contribuições da teoria do diálogo desenvolvida no campo da física teórica à prática dialógica voltada para a Criminologia.

O GDUCC – Grupo de Diálogo Universidade-Cárcere-Comunidade, existente desde 2006, é uma atividade de extensão universitária vinculada ao Departamento de Direito Penal, Medicina Forense e Criminologia da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo que tem como fundamento teórico a Criminologia Clínica de Terceira Geração e acredita no diálogo como caminho para a reintegração social[478].

No artigo *Programa de apoio à reintegração social de encarcerados através de sessões de debates: relator de uma experiência*, coordenado por SÁ, encontram-se os primórdios do grupo, a primeira experiência, na Universidade Presbiteriana Mackenzie, no qual se lê:

---

[477] SÁ, Alvino Augusto. *Criminologia clínica e execução penal – proposta de um modelo de terceira geração, op. cit.*, p. 227-228.

[478] CALDERONI, Vivian. *Metodologia de trabalho adotada pelo GDUCC, no intercâmbio academia – cárcere*. In: GDUCC – Grupo de Diálogo Universidade-Cárcere-Comunidade: uma experiência de integração entre a sociedade e o cárcere. Coord.: SÁ, Alvino Augusto de, et. al. Brasília: Ministério da Justiça, 2013, p. 163. No mesmo sentido: BRAGA, Ana Gabriela Mendes. *GDUCC: apresentação, trajetória e algumas reflexões*. In: GDUCC – Grupo de Diálogo Universidade-Cárcere-Comunidade: uma experiência de integração entre a sociedade e o cárcere. Coord.: SÁ, Alvino Augusto de, et. al. Brasília: Ministério da Justiça, 2013, p. 42.

> "O programa de apoio a reclusos, de que trata o presente relato, desenvolvido através de sessões de debates entre eles e um grupo de estudantes universitários, sob a coordenação de um professor, psicólogo, que também trabalha no Sistema Penitenciário, teve, poderíamos dizer, um objetivo geral e objetivos específicos. Seu objetivo geral foi o de buscar um 'reencontro' entre presos e um seguimento da sociedade, partindo-se do pressuposto de que o problema básico da delinquência reside num conflito, numa relação de antagonismo entre o delinquente e a sociedade."[479]

A organização do trabalho se divide na coordenadoria geral, composta, desde de seu início, pelos professores Alvino Augusto de Sá e Sérgio Salomão Shecaira, contando, ainda, com uma coordenadoria adjunta, composta por alunos da pós-graduação da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, bem como alunos da graduação com grande engajamento, além de outros profissionais convidados[480].

O papel de coordenação do grupo é de extrema importância para o aprimoramento e manutenção das atividades, possibilitando que o grupo perpetue sua existência, sempre mantendo muito bem fixados os pressupostos teóricos, conforme SÁ ressalta:

> "De fato, não há dúvida de que, neste seu papel de liderar um movimento de diálogo entre a parte não encarcerada e a parte encarcerada da sociedade, a Universidade não deve se restringir à incumbência de fazer o convite, de facilitar o acesso ao cárcere e de promover os encontros. A ela cabe a responsabilidade de preparar as pessoas e de refletir com elas sobre tudo o que acontece, para que os encontros sejam produtivos e o diálogo seja criativo e construtivo."[481]

Segundo SÁ, "*a proposta do GDUCC é fomentar o diálogo entre o segmento não encarcerado da sociedade*" e "*os membros da parte encarcerada da sociedade*"[482], de modo que os participantes cresçam e amadureçam no diálogo e através do diálogo.

---

[479] SÁ, Alvino Augusto, Coord. *Programa de apoio à reintegração social de encarcerados através de sessões de debates: relator de uma experiência*. Revista Brasileira de Ciências Criminais, n. 38, p. 214.
[480] BRAGA, Ana Gabriela Mendes. *GDUCC: apresentação, trajetória e algumas reflexões, op. cit.*, p. 43.
[481] SÁ, Alvino Augusto de. *GDUCC: uma estratégia de reintegração que visa à inclusão social, op. cit.*, p. 29.
[482] SÁ, Alvino Augusto de, et. al (org). *GDUCC – Grupo de Diálogo Universidade-Cárcere-Comunidade.* Brasília: Ministério da Justiça, 2013.

Sem desconsiderar os efeitos deletérios do cárcere sobre o sujeito, levando em consideração os conflitos históricos existentes na sociedade, especialmente entre os encarcerados e a sociedade livre, o grupo busca o estabelecimento de um diálogo franco e simétrico, acreditando que o processo de reintegração se dá a partir de um movimento bilateral, em que ambos os grupos caminham em direção a um reencontro sincero, que, conforme analisaremos mais à frente, não mascara os conflitos, conforme as palavras de SÁ:

> "Ainda dentro dos pressupostos teóricos, um conceito que foi e continua sendo básico é o da reintegração social, entendido como uma pista de mão dupla. A saber, uma pista pela qual tanto a sociedade (Academia) caminha em direção ao cárcere, como o cárcere caminha em direção à sociedade (Academia). Ambos os segmentos devem procurar a integração mutuamente. No entanto, o GDUCC, na busca da reintegração, passou a enfatizar o processo de diálogo, dentro de uma relação na medida do possível realmente simétrica entre os segmentos. Daí seu nome."[483]

Portanto, a Criminologia Clínica de Terceira Geração tem o diálogo como ferramenta essencial na busca da almejada reintegração social, e, sendo assim, "*a meta, a proposta, bastante ousada, por sinal, do GDUCC é buscar proporcionar oportunidades de amadurecimento da relação, do diálogo*"[484]. Ainda nas palavras do autor:

> "Sem dúvida, a experiência do GDUCC deve proporcionar um amadurecimento, tanto para presos, como para acadêmicos. Ou, para fugir à discussão do que seja amadurecimento do indivíduo, o GDUCC deve proporcionar, para presos e acadêmicos, oportunidades de conhecimento de novas experiências, de outras formas de ver e interpretar a vida, de novas ideias etc. Isto tudo é muito importante e, por si mesmo, já justificaria todo o esforço empreendido. No entanto, eu me arriscaria a dizer que não está aí o núcleo da proposta do GDUCC, quando se fala que a linha mestra de sua atuação é o diálogo. Se nos mantivermos ao nível de aquisição de novas ideias, de conhecimentos, de novas experiências, talvez boas leituras pudessem se constituir em formas alternativas para tais conquistas. No entanto, nenhuma leitura poderá substituir o diálogo. O diálogo, o encontro significativo de pessoas, a experiência de pertença a

[483] SÁ, Alvino Augusto de. *GDUCC: uma estratégia de reintegração que visa à inclusão social, op. cit.*, p. 26.
[484] Idem. Ibidem, p. 32.

> um mesmo grupo são insubstituíveis por leituras ou outros tipos de atividade."[485]

Investigaremos, portanto, como o diálogo proposto por BOHM pode ser adotado dentro de um grupo de diálogo já existente, abrindo a possibilidade de expandir e aprimorar o trabalho que já vem sendo desenvolvido. "*O GDUCC*", nas palavras de SÁ, "*é um grupo em construção. A cada edição do projeto, são revistos a metodologia de trabalho, os temas abordados e até os objetivos específicos do grupo*"[486].

5.1. Narrativa de um encontro qualquer

Conforme já apresentado na introdução do presente trabalho, esta pesquisadora participou, por alguns semestres, ativamente das atividades do grupo de diálogo ora em comento, passando agora à narrativa de um encontro qualquer.

Este encontro, assim como os demais, iniciou com os coordenadores adjuntos e demais participantes não-encarcerados, às 12 horas e 50 minutos, tomando o ônibus para a unidade prisional, a Penitenciária Adriano Marrey, em Guarulhos.

Chegando ao cárcere, os integrantes do grupo deixam todos os seus bens no ônibus e entregam um documento com foto para a coordenação adjunta, que os entregará a um dos funcionários da unidade prisional.

Na porta da penitenciária, após os documentos terem sido entregues, houve um espera de mais ou menos 15 minutos, depois iniciaram-se os procedimentos de segurança, com a revista de todos os participantes, através de um aparelho de raio-X. Cada participante que passavam pela revista esperava após o aparelho de raio-X, como se houvesse uma linha imaginária que separasse aqueles que já haviam sido revistados e os que ainda seriam. Uma das participantes do grupo foi revistada pessoalmente, por uma funcionária da unidade, pois, quando passou pelo raio-X, a máquina indicou que estava portando algum objeto de metal, que se descobriu, era o aro de seu sutiã.

---

[485] SÁ, Alvino Augusto de. *GDUCC: uma estratégia de reintegração que visa à inclusão social, op. cit.*, p. 31.
[486] BRAGA, Ana Gabriela Mendes. *GDUCC: apresentação, trajetória e algumas reflexões, op. cit.*, p. 44.

Após todos terem sido revistados, passou-se do saguão inicial para um local aberto, logo à frente dos muros altos da penitenciária, de onde se pode ver policiais fortemente armados, momento no qual foi pedido para que o grupo se dividisse, formando uma fila de homens e uma de mulheres, com uma contagem rápida da quantidade de participantes e, então, o grande portão da prisão foi aberto e todos ficaram esperando em outro local fechado. Dali, em frente, já era possível ver o local onde os presos se encontravam, mas foi aberta uma pequena porta, à direita, por onde todos entraram para ir a uma sala do setor de educação da unidade prisional.

Na sala, os outros integrantes do grupo, encarcerados, já se encontravam, esperando para o início de mais um encontro de diálogo, por voltas das 14 horas.

No dia, a dinâmica havia sido preparada por duas participantes estudantes de direito. Elas entregaram a todos uma bexiga e pediram que, por um tempo, se pensasse a respeito de algum sentimento ruim que cada um carregava consigo. Após, pediram para que as bexigas fossem enchidas e cada um escrevesse o sentimento nelas. Depois, disseram para que todos jogassem as bexigas no centro e, após misturá-las, pegassem uma bexiga que não fosse a sua. Na sequência, foi dada a instrução de que cada um pudesse falar um pouco sobre aquele sentimento difícil de lidar que estava escrito na bexiga e, por fim, que se estourasse a bexiga.

Os sentimentos como raiva, ódio, saudade e tristeza apareceram muitas vezes, e os participantes puderam, juntos, compartilhar o significado de cada uma dessas emoções com o grupo, o que resultou num sentimento de companheirismo. Foi possível, realmente, perceber a dificuldade de cada um em lidar com as questões mais delicadas de sua história, apesar das vivências concretas serem tão diferentes umas das outras.

Uma atitude que chamou muita atenção foi a de um participante preso, que não soltou sua bexiga, não pegou outra e se negou a estourar o balão, que segurava com um abraço, escrito “ódio”. Ele disse que queria levar a bexiga consigo e que não desejava, naquele momento, abrir mão do seu ódio, pois considerava que ele era necessário para se viver no cárcere. Nenhum dos participantes tentou convencê-lo do contrário, mas a atitude abriu novas possibilidades de enxergar a questão e foi discutido o quanto realmente cada um estava disposto e pronto para superar sentimentos ruins, sobre as imposições quanto ao momento de cada um para avançar diante de determinadas situações. Enfim, o grupo se abriu para o paradoxo humano.

Após duas horas de encontro, um funcionário da unidade prisional avisou que era o momento de encerrar as atividades do grupo. Os participantes não-encarcerados saíram, seguindo o agente penitenciário, enquanto os presos permaneceram na sala. Já no salão para saída, os documentos foram devolvidos um a um, como em uma chamada, para a conferência de todos os integrantes do grupo.

No ônibus, na volta, um momento de conversa e supervisão, conduzido por uma coordenadora adjunta, demonstrou o quanto o encontro havia sido significativo para todos os integrantes.

5.2.Análise do GDUCC a partir das categorias elaboradas

No Capítulo 3, estabelecemos *categorias* com base nas quais, conforme ali pontuado, o pensamento de BOHM poderia ser não apenas mais bem compreendido, mas, sobretudo, também mais precisamente relacionado aos postulados criminológicos, em especial da Criminologia Clínica de Terceira Geração.

Agora, já tendo explicitado algumas ideias essenciais que compõem o pensamento de ALVINO AUGUSTO DE SÁ, pode-se concluir a tarefa. Assim é que, a seguir, serão rememoradas as categorias da obra de BOHM, sendo também explicitadas as relações entre tais categorias e a teoria criminológica de SÁ, com ênfase no GDUCC.

Categorias 1 e 2 – ***diálogo e grupos de diálogo***[487].

[487] **Categoria 1** – *diálogo*: processo multifacetado que leva a um questionamento profundo dos pontos de vista e, na prática, quando bem entendido e esclarecido, pode ser um caminho para a construção de uma sociedade mais coerente e harmônica. Através do diálogo as divisões e fragmentações podem ser superadas, especialmente quando todos os participantes se percebem vivendo a mesma experiência ao defender ideias e posicionamentos.
Categoria 2 – *grupos de diálogo*: um grupo de 20 a 40 pessoas, esclarecidas em relação ao que significa o diálogo, que se encontram com regularidade, semanal ou quinzenalmente, durante um ou dois anos. É importante que o grupo seja um microcosmo cultural, ou seja, que haja representatividade dos diferentes grupos sociais (diversidade étnica, econômica, sexual, etária, religiosa etc.). Os participantes se acomodam em círculos, sem líder, sem hierarquia e sem agenda, para se comunicar livremente. O grupo pode ter como fruto a criação de um *companheirismo difuso* a partir de significados coerentemente compartilhados.

Quando se trata do diálogo em si e de sua potencialidade, os autores (BOHM e SÁ) concordam em muitos pontos.

Em primeiro lugar, o GDUCC é um espaço em que os integrantes têm a possibilidade de colocar em xeque os seus preconceitos e ideias pré-concebidas. O diálogo é a ferramenta e, ao mesmo tempo, o motivo último da existência do grupo, tendo a metodologia de trabalho do grupo sido construída a partir da "*experiência*" e "*experimentação*"[488].

A alteridade tem possibilitado que os integrantes expressem seus pontos de vista, ainda que conflitantes, sem qualquer necessidade da busca de uma síntese. O mais importante, sempre, é amadurecer no diálogo, ou seja, torná-lo cada vez mais livre, autêntico e simétrico, enfatizando o relacionamento interpessoal, pois:

> "o resultado positivo do diálogo, como tal, ou, noutros termos, o amadurecimento do diálogo como tal processa-se em outro nível. Ele não se identifica, em 'A', com aquilo que 'A' recebeu de 'B' ou que teve a satisfação de transmitir a 'B', e nem, em 'B', com aquilo que recebeu de 'A' ou que teve a satisfação de transmitir a 'A'. Trata-se de amadurecimento essencialmente relacional."[489]

Nesse processo, muitos resultados são possíveis, como a compreensão de si e do outro, o clareamento de ideias, o entendimento de processos e construções de identidades, o reconhecimento de falhas, e até a superação de conflitos. Tudo isso se coloca como possibilidade e é muito rico quando tais possibilidades se concretizam, mas o ponto central é sempre o diálogo, pois é ele que conduz a tais ganhos. Se o foco for naquilo que se pode alcançar, é muito provável que o grupo se perca, crie novas regras e formas de atuação distorcidas. É nesse sentido que ensina SÁ:

> "Simetria e autenticidade. Duas palavras fáceis de serem ditas. Mas duas propostas muito difíceis de serem cumpridas, conforme se tem constatado na experiência do GDUCC. Difíceis porque paradoxais. É muito difícil mantermos uma relação de igualdade com terceiro ou terceiros, *compreendermos* os seus pontos de vista, valores, atitudes que contrastam com os nossos, e, ao mesmo tempo, não só não abrirmos mão dos nossos,

---

[488] CALDERONI, Vivian. *Metodologia de trabalho adotada pelo GDUCC, no intercâmbio academia – cárcere, op. cit.*, p. 163.
[489] SÁ, Alvino Augusto de. *GDUCC: uma estratégia de reintegração que visa à inclusão social, op. cit.*, p. 33.

> mas, mais do que isso, nós os afirmarmos dentro desta relação de contraste."[490]

A quantidade de participantes do GDUCC e a formação do grupo também converge para aquilo ensinado por BOHM. O GDUCC conta com, em média, de 15 a 20 participantes da academia e da comunidade, e mais 20 integrantes presos. E a preocupação com a quantidade de participantes é um tema de discussão constante no grupo, conforme as palavras de SOLIGUETO:

> "Um aspecto que não se pode desconsiderar para o sucesso do processo grupal é o número de participantes, sendo aconselhável trabalhar com grupos que não sejam demasiadamente grandes, permitindo assim um maior contato entre seus membros. No GDUCC, considerando que o mesmo se constitui de acadêmicos e reeducandos, estabeleceu-se um número limite de quarenta participantes, sendo vinte acadêmicos e vinte reeducandos."[491]

Todavia, a dinâmica prisional não permite que as regras de participação sejam tão severas. Por vezes, alguns presos são requisitados para trabalhos, sofrem castigos ou, até mesmo, recebem sua liberdade, e não conseguem mais participar do grupo. Por outro lado, alguns detentos, que não participaram das atividades desde o início por falta de interesse ou preconceito, ou mesmo por falta de vagas, ao longo das atividades acabam comparecendo aos encontros[492]. Tais realidades fogem ao controle dos coordenadores adjuntos e, por isso, apenas em relação àqueles que não estão encarcerados é que as regras relativas à presença são rígidas.

A representatividade dos diferentes grupos sociais, com a formação de um microcosmo social, onde os conflitos presentes no dia-a-dia da vivência em sociedade possam ser escancarados, é um dos grandes desafios do grupo. Como diz BRAGA: *"A participação no Grupo é aberta a todos os interessados, e sempre se buscou que a*

---

[490] SÁ, Alvino Augusto de. *GDUCC: uma estratégia de reintegração que visa à inclusão social, op. cit.*, p. 27.
[491] SOLIGUETO, Mônica. *As técnicas de dinâmicas de grupo no contexto do GDUCC*. In: GDUCC – Grupo de Diálogo Universidade-Cárcere-Comunidade: uma experiência de integração entre a sociedade e o cárcere. Coord.: SÁ, Alvino Augusto de, et. al. Brasília: Ministério da Justiça, 2013, p. 145.
[492] Idem. Ibidem, p. 145.

composição do GDUCC fosse a mais diversificada possível, abrangendo estudantes e profissionais de diversas áreas, favorecendo a perspectiva interdisciplinar"[493].

Com grande esforço, cada vez mais, o grupo tem contato com participantes de diferentes áreas dentro da universidade e também com pessoas fora do âmbito acadêmico, que se interessam pelo diálogo e pela questão criminal, mas, desde muito tempo, este ponto é visto pelos coordenadores do grupo como um dos desafios a serem enfrentados para que o grupo caminhe em direção à consecução de seus objetivos[494]. Nas palavras de SÁ:

> "À Academia cabe o importante papel de liderar o processamento de um diálogo reflexivo, profundo, criativo e construtivo entre a parte encarcerada e a parte não encarcerada da sociedade. Cabe-lhe o papel de resgate de relações historicamente rompidas entre essas partes, ou de rever relações historicamente corrompidas. Na prática, teríamos então nos encontros do GDUCC acadêmicos (estudantes e profissionais), pessoas (assim chamadas) 'do povo' e encarcerados. As pessoas 'do povo' seriam pessoas de diferentes segmentos sociais, sem ligação com a Universidade. Poderiam ser, por exemplo, representantes de comunidades de bairro, de grupos sindicais, de movimentos sociais, ou mesmo pessoas que não estivessem representando grupo algum. Enfim, 'gente do povo'."[495]

Fazer, por exemplo, um grupo apenas com mulheres, *cis* ou *trans*, apenas com homens, apenas com pessoas oriundas de determinada região ou que professam a mesma religião, tudo isso desvirtua o diálogo, pois, na realidade, estar-se-á, apenas, a título de se criar um ambiente supostamente mais acolhedor, criando um ambiente confortável para se manter as divisões, prática nada diferente da realidade do mundo hoje.

Neste ponto, importante frisar que a total liberdade na formação do grupo, como propõe BOHM, obviamente não ocorre no GDUCC. Isso ocorre porque o grupo tem, pode-se dizer, um "público alvo", ou seja, o diálogo ocorre dentro dos muros de uma penitenciária, com pessoas que estão ali cumprindo pena. E não é só isso, as relações de poder existentes

---

[493] BRAGA, Ana Gabriela Mendes. *GDUCC: apresentação, trajetória e algumas reflexões, op. cit.*, p. 44.
[494] BRETAN, Maria Emília Accioli Nobre. *GDUCC, seis anos: avaliando a caminhada e construindo o futuro*. In: GDUCC – Grupo de Diálogo Universidade-Cárcere-Comunidade: uma experiência de integração entre a sociedade e o cárcere. Coord.: SÁ, Alvino Augusto de, et. al. Brasília: Ministério da Justiça, 2013, p. 91.
[495] SÁ, Alvino Augusto de. *GDUCC: uma estratégia de reintegração que visa à inclusão social, op. cit.*, p. 29.

dentro de uma penitenciária também influenciam na escolha daqueles que irão participar do grupo, como nos esclarece BRAGA:

> "A influência das facções nas ações da sociedade civil já aparece logo no início do projeto: é comum que, os coletivos de presos interfiram no processo de seleção dos presos participantes no projeto – o que seria atribuição exclusiva da coordenação da unidade penitenciária. São privilegiados os presos que ocupam posições de destaque na organização ou que tenham boa relação com a mesma."[496]

Ocorre que, conforme explanado por BOHM, FACTOR e GARRET em *Dialogue: a proposal*[497], é possível concluir que tal fato não desvirtua o diálogo ou o torna impossível. Ocorre apenas a necessidade de se ter clareza sobre o espaço, suas relações de poder e as relações entre os participantes. Quando tudo isso é exposto de forma sincera e verdadeira, o diálogo se torna possível.

Aqui, vale frisar, deve se levar em conta que a autenticidade dentro do sistema prisional tem entraves adicionais para todos os lados. Os alunos e membros da comunidade, por vezes, têm receios de tocar em determinados assuntos. Além disso, os presos têm suas relações regidas por hierarquias muito bem estabelecidas, o que, muitas vezes, os faz temer as consequências de uma fala mal colocada, conforme adverte CALDERONI:

> "não podemos ser ingênuos e desconsiderar que é possível, como já ocorreu, que participe do grupo alguma liderança dos presos e que ele faça às vezes de um fiscal. Assim como não se pode negar que mesmo os profissionais do sistema penitenciário que já participaram do GDUCC podem ter se colocado em uma posição de superioridade com relação aos demais e mesmo alguns acadêmicos podem ter se colocado nessa posição de superioridade. Estes são riscos que se correm ao desenvolver um trabalho no cárcere desta natureza, mas a experiência tem mostrado que a participação de profissionais da área penitenciária enriquece os diálogos."[498]

---

[496] BRAGA, Ana Gabriela Mendes. *GDUCC: apresentação, trajetória e algumas reflexões, op. cit.*, p. 49.
[497] BOHM, David; FACTOR, Daniel; GARRETT, Peter. *Dialogue: a proposal, op. cit*.
[498] CALDERONI, Vivian. *Metodologia de trabalho adotada pelo GDUCC, no intercâmbio academia – cárcere, op. cit.*, p. 165.

Um grupo de diálogo que ocorre no cárcere precisa, realmente, ter clareza de suas limitações. Os encontros ocorrem, muitas vezes, em salas pouco confortáveis, nem sempre duram as duas horas combinadas, alguns presos deixam de comparecer por questões da dinâmica prisional, como um castigo, a visita de um advogado ou até mesmo uma saída ou progressão de regime; é "*muito raro, enfim, que se dê um encontro maiúsculo*"[499]. Muitos outros entraves podem ser encontrados, conforme exemplificado por CALDERONI:

> "A lista com o nome dos acadêmicos que irão participar durante o semestre não é encontrada; não está assinada por quem é competente para tal; não consta o nome de algum participante específico; a roupa de alguém não está adequada; o funcionário que está de plantão não está sabendo da existência do GDUCC e precisa confirmar a autorização com seu superior; o funcionário que deve acompanhar o grupo até a sala de educação não pode ser encontrado na unidade e demora a aparecer etc."[500]

Os encontros duram, em média, de 7 a 10 semanas, dependendo do calendário escolar e do calendário da penitenciária. Neste ponto, mais uma vez, por dificuldades de agregar alunos e até mesmo coordenadores para períodos fora do semestre letivo, bem como dos entraves comuns enfrentados para a entrada no sistema prisional, o grupo não atinge o que BOHM considera como tempo ideal de um grupo de diálogo: um a dois anos.

É comum o sentimento compartilhado de que quando o grupo está de fato entrando em sintonia, quando as pessoas estão começando a entender a lógica do diálogo e se sentindo mais livres e autênticas, o grupo acaba, pois é certo que "*A confiança entre os membros do grupo só se desenvolve no decorrer da experiência.*"[501].

Quando o *companheirismo difuso*, ou seja, o sentimento de conexão, cumplicidade e compreensão mútua, a partir do fluxo de significados compartilhados pelo grupo, começam a existir, as atividades se encerram. Por isso, o grupo se mantém refletindo sobre suas escolhas:

---

[499] BRACCO, Bruno Amabile. *Entre o efêmero e o eterno*. In: GDUCC – Grupo de Diálogo Universidade-Cárcere-Comunidade: uma experiência de integração entre a sociedade e o cárcere. Coord.: SÁ, Alvino Augusto de, et. al. Brasília: Ministério da Justiça, 2013, p. 138.
[500] CALDERONI, Vivian. *Transpondo muralhas: intervenções no cárcere para encontros, diálogos e denúncias, op. cit.*, p. 62.
[501] CALDERONI, Sila. *O movimento do grupo em um semestre do GDUCC: um olhar, op. cit.*, p. 195.

> "Em cada semestre, os grupos de acadêmicos e de presos são alterados, em sua maior parte. Isto, para garantir a participação de maior número de pessoas. Enfrenta-se aqui o dilema: ou se permite a experiência a um maior número de pessoas, em detrimento do amadurecimento do diálogo, ou se aprofunda e amadurece o processo dialogal, em detrimento, porém, de uma maior democratização da experiência."[502]

Outra questão colocada por BOHM é a ausência de líder, hierarquia ou agenda. Apesar de buscar o mesmo fim, neste ponto, a metodologia do GDUCC se difere do proposto pelo físico.

Importante ter em mente, desde o início, que os encontros "*são divididos em dois módulos, um teórico e outro prático, sendo que, neste último, visitas semanais à Penitenciária são realizadas pelos integrantes não encarcerados*"[503].

No início, os universitários e as pessoas da comunidade participam de cinco encontros teóricos, os quais também são utilizados para seleção de participantes. O GDUCC conta, atualmente, com uma procura muito considerável, fazendo com que as vagas oferecidas para os encontros teóricos acabem rapidamente. Tais encontros têm a finalidade de preparar os participantes para o diálogo, para que eles entrem no processo de forma esclarecida, conforme esclarece CALDERONI:

> "Nestes momentos, os integrantes passam a se conhecer ao sentar em roda para discutir textos que se relacionam aos ideais do GDUCC e com sua atuação. São utilizadas algumas atividades – dinâmicas de grupo – para que as pessoas comecem a se familiarizar umas com as outras e também a experimentar um pouco do que será vivido nos encontros ao cárcere."[504]

O grupo se inicia com uma certa discrepância entre os participantes em relação ao entendimento do que é o diálogo. O GDUCC conta com uma coordenação adjunta fixa, que, além de cuidar das questões burocráticas, como transporte, reserva de salas para os encontros na universidade e cronograma do semestre, também atua com um papel de liderança nos encontros teóricos, selecionando textos a serem lidos e, durante a discussão de tais leituras,

---

[502] SÁ, Alvino Augusto de. *GDUCC: uma estratégia de reintegração que visa à inclusão social, op. cit.*, p. 31.
[503] CALDERONI, Vivian. *Metodologia de trabalho adotada pelo GDUCC, no intercâmbio academia – cárcere, op. cit.*, p. 163.
[504] Idem. Ibidem, p. 163-164.

coordenando a ordem das falas e clareando ideias importantes sobre o grupo e o diálogo em si[505], além de, por fim, escolher as pessoas que participarão dos encontros de diálogo semanais no cárcere.

Os encontros teóricos são de extrema importância e já dão o tom daquilo que será vivenciado quando os participantes, de fato, iniciarem o grupo de diálogo, como muito bem relatado por um participante:

> "Nas três semanas iniciais, a carga pequena de leitura e o clima dos debates, incitados sempre de uma perspectiva que tentasse desconstruir a distância do 'eu – enquanto a ilha de si próprio em que cada um procura se transformar em refúgio, em fuga do contato, em proteção contra mundo cheio de perigos – para o 'outro', mais me pareceu um exercício de socialização, de conhecimento do grupo que partiria junto na jornada pelo próximo semestre. A questão é que não estávamos nos preparando para observar num zoológico os animais em exposição, mas sim em buscar romper com os receios e averiguar que é possível dialogar com quem se coloca diferente de nós. Isso desde os momentos na sala do segundo andar do prédio histórico da São Francisco, quando tivemos que exercitar a socialização entre os desconhecidos que vinham ali, no mesmo lugar, procurar as mesmas coisas." (acadêmico J.P.C.B.)"[506]

Neste ponto, vale salientar serem os coordenadores adjuntos fundamentais para o desenvolvimento do grupo, tornando possível a perpetuação da proposta. Mas, por outro lado, existe uma preocupação legítima com a necessidade de formação e clareza da proposta do diálogo, conforme adverte BRAGA:

> "Incorporar novos coordenadores e adotar uma forma mais fluida e descentralizada foram saídas para atender à crescente demanda em relação à ampliação do grupo. Apesar da adoção desse formato ter possibilitado o crescimento e fortalecimento do grupo durante os cinco primeiros anos, tal descentralização, acompanhada pela 'personalização' dos subgrupos pode

[505] BRAGA, Ana Gabriela Mendes. *GDUCC: apresentação, trajetória e algumas reflexões, op. cit.*, p. 45.
[506] CALDERONI, Sila. *O movimento do grupo em um semestre do GDUCC: um olhar, op. cit.*, p. 183.

> afetar a harmonia entre discurso institucional e práticas, comprometendo a unidade e a potência do grupo."[507]

Após os encontros teóricos, ocorre um encontro conhecido como "visita institucional", no qual os "*acadêmicos realizam uma visita ao espaço físico da unidade prisional que frequentarão ao longo do semestre*"[508]. Tal encontro é considerado de suma importância, tendo em vista que, na maioria das vezes, os acadêmicos e pessoas da comunidade que se interessam por participar do GDUCC nunca estiveram em uma unidade prisional[509] e eventuais curiosidades podem ser sanadas nesse primeiro dia, que, em regra, conta com um funcionário da unidade prisional, que se coloca à disposição para tirar eventuais dúvidas sobre o funcionamento da instituição.

Este encontro pode ser, por outro lado, bastante incômodo. Não são raras as narrativas de "sensação de zoológico" ao se caminhar pela unidade prisional, onde os presos podem ser vistos dentro dos raios, por meio de pequenas janelinhas que existem nos corredores da prisão, além das sensações de confinamento e sufoco relatadas diante dos enormes muros e paredes, bem como dos pesados e barulhentos portões.

Finalizada a preparação dos participantes não encarcerados do grupo, iniciam-se, de fato, os encontros de diálogo, que ocorrem *"semanalmente em uma sala da educação do Presídio onde é desenvolvida a atividade, sem a presença de nenhum representante da Administração da Penitenciária e sem agentes de segurança ou policiais no papel de fiscalizadores do que acontece nos encontros*"[510].

Não raro, os encarcerados vão para o primeiro encontro do GDUCC sem ao menos saber o que se passará; muitas vezes, pensam se tratar de uma aula ou um curso. A falha ocorre na medida em que os encontros teóricos não se estendem, por motivos óbvios de impossibilidade logística, aos participantes presos. Essa falta de nivelamento em relação ao esclarecimento sobre a proposta do grupo é uma dificuldade clara nos primeiros encontros. Muitos presos se mantêm, durante alguns encontros, chamando o grupo de "aula" e alguns

---

[507] BRAGA, Ana Gabriela Mendes. *GDUCC: apresentação, trajetória e algumas reflexões, op. cit.*, p. 45.
[508] CALDERONI, Vivian. *Metodologia de trabalho adotada pelo GDUCC, no intercâmbio academia – cárcere, op. cit.*, p. 164.
[509] Idem. Ibidem, p. 164.
[510] Idem. Ibidem, p. 164.

dos coordenadores adjuntos de "professor", ou coisas do gênero. Nesse sentido, o relato de BRAGA e BRETAN:

> "Porém, apesar dos nossos esforços, constatamos que grande parte dos presos se referia aos nossos encontros como *'palestras'* ou *'aulas'*, e identificava nosso trabalho como pertencente à '*educação*'. Aliás, dentro da Penitenciária em questão, assim como em tantas outras, trabalhos coletivos são raros ou inexistem: as atividades mantêm sempre um caráter de aula."[511]

Nos primeiros encontros, há um esforço dos participantes da universidade e da comunidade, e principalmente dos coordenadores adjuntos, em traduzir para os participantes privados de liberdade qual a proposta do grupo, ou seja, há um grande empreendimento de tempo para que o grupo se torne nivelado em termos de esclarecimento sobre sua atuação.

Portanto, superar a dificuldade inicial de esclarecimento da proposta do grupo para aqueles participantes que não podem participar dos encontros teóricos, bem como vencer as barreiras do diálogo impostas pelas dinâmicas e relações prisionais e pela separação social evidente entre aqueles que estão encarcerados e as pessoas livres, são desafios constantes da prática do GDUCC, superados a cada reunião, com um esforço conjunto do grupo.

O relato de acadêmico P.I.O.G. ilustra esse movimento:

> "Uma indagação que surgiu no desenrolar do grupo para mim foi o papel do mesmo. O que estávamos fazendo ali? O título, o 'diálogo', procurava dar uma pista, mas nunca houve uma clarificação para mim durante muito tempo. Era um grupo de troca de experiências e conversas numa relação horizontal? Era um grupo de sensibilização e humanização no contato com os presos? (...) Depois ficou muito mais claro, conforme eu ia conhecendo as histórias e vendo o interesse dos internos na nossa presença. O trabalho ali era recíproco. Os dois lados tinham muito a aprender."[512]

No primeiro encontro do GDUCC dentro da penitenciária, além dos já citados esclarecimentos sobre o diálogo, há a escolha de um ou mais temas que irão nortear o

---

[511] BRAGA, Ana Gabriela Mendes; BRETAN, Maria Emília Accioli Nobre. *Teoria e prática da reintegração social: o relato de um trabalho crítico no âmbito da execução penal*. In: SÁ, Alvino Augusto de; SHECAIRA, Sérgio Salomão. *Criminologia e os problemas da atualidade*. São Paulo: Atlas, 2008, p. 260.
[512] CALDERONI, Sila. *O movimento do grupo em um semestre do GDUCC: um olhar, op. cit.*, p. 183.

semestre. A ideia não é engessar a discussão, que pode – e com frequência acontece – fugir do tema inicial escolhido. O escopo da escolha do tema é que os participantes, até então desconhecidos, encontrem um interesse comum para que possam dialogar. Todavia, se surgem novas questões no grupo ao longo do semestre, que extrapolem o tema, elas são consideradas bem-vindas, como um movimento natural do grupo rumo ao conhecimento mútuo e amadurecimento no diálogo[513]. A propósito, as palavras esclarecedoras de SOLIGUETO:

> "Ao iniciarmos o planejamento para a implementação do grupo, consideramos de suma importância adotar uma estratégia de aproximação entre os participantes, algo que permita que gradualmente os objetivos estabelecidos sejam atingidos. Considerando-se que o propósito principal dos encontros é estabelecer um diálogo autêntico entre os membros do grupo, entendeu-se ser necessário propiciar um ambiente de acolhimento e de integração que assegurasse uma atmosfera favorável à troca de experiências. E, as técnicas de dinâmicas de grupo, em suas mais diversas modalidades, favorecem o desenvolvimento de um processo coletivo de discussão e reflexão." [514]

Os relatos dos acadêmicos demonstram a efetividade da metodologia:

> "O GDUCC foi, para mim, uma gigantesca oportunidade de crescimento pessoal, principalmente no campo emocional. Primeiramente, porque sou muito tímido e fechado. As dinâmicas, por mais estúpidas (em sua aparência externa, olhadas por uma ótica superficial) e incômodas que sejam, me ajudaram a superar um pouco o problema. Além disto, acho que elas foram muito efetivas e cumpriram bem seu propósito: nas primeiras reuniões (as de estudo, só entre alunos) foram essenciais para que pudéssemos conhecer, pelo menos um pouco, nossos companheiros de grupo; nas visitas propriamente ditas, tiveram um grande papel na quebra de falta de confiança mútua que imperava na maior parte das tentativas de

[513] CALDERONI, Vivian. *Metodologia de trabalho adotada pelo GDUCC, no intercâmbio academia – cárcere, op. cit.*, p. 166. Nesse sentido também: SOLIGUETO, Mônica. *As técnicas de dinâmicas de grupo no contexto do GDUCC, op. cit.*, p. 147.
[514] SOLIGUETO, Mônica. *As técnicas de dinâmicas de grupo no contexto do GDUCC, op. cit.*, p. 144.

> diálogo: algumas foram executadas de modo excepcional e permitiram reflexões muito profundas (acadêmico G.V.B.P.)”[515]

> “Algumas vezes a discussão se disseminava. Só essa simples história proposta na dinâmica de grupo despertou opiniões apaixonadas e bagunçadas sobre moral, direito, solidariedade, religião, Psicologia etc. (acadêmico R.E.R.)”[516]

A partir do segundo encontro, uma dupla elaborará uma dinâmica, dentro da temática escolhida pelo grupo, que servirá de “pontapé inicial” para o diálogo naquele encontro. Não há papeis fixos: a cada semana uma dupla organizará a dinâmica do encontro, sempre com a ajuda da coordenação adjunta. Incentiva-se a liberdade das propostas, podendo, ainda, ser utilizados manuais de dinâmica de grupos como um norte para a atuação[517].

Os próprios presos têm também o seu dia de coordenação e, para isso, *“eles criam e organizam as tarefas e dirigem o grupo no dia estabelecido”*[518]. Sobre os ganhos com a rotatividade na coordenação e na aplicação das dinâmicas, pondera CALDERONI:

> “Esta situação da responsabilidade de coordenação representa mais um elemento de igualdade no relacionamento grupal e gera, normalmente, uma insegurança ou tensão, mas se constitui em mais uma possibilidade de experimentar as próprias dificuldades e tentar superá-las (...).”[519]

Uma das características principais dos encontros é que “*as técnicas que serão aplicadas devem ser de conhecimento apenas dos coordenadores do encontro, garantindo assim que os demais participantes não possam planejar antecipadamente suas respostas às questões que serão propostas*”[520]. O objetivo é que todos os membros do grupo participem do encontro de maneira simétrica, na busca sempre constante por um diálogo autêntico e livre.

---

[515] CALDERONI, Sila. *O movimento do grupo em um semestre do GDUCC: um olhar, op. cit.*, p. 189.
[516] Idem. Ibidem, p. 188.
[517] SOLIGUETO, Mônica. *As técnicas de dinâmicas de grupo no contexto do GDUCC, op. cit.*, p. 146.
[518] CALDERONI, Sila. *O movimento do grupo em um semestre do GDUCC: um olhar, op. cit.*, p. 187.
[519] Idem. Ibidem, p. 187.
[520] SOLIGUETO, Mônica. *As técnicas de dinâmicas de grupo no contexto do GDUCC, op. cit.*, p. 146.

Além disso, há a figura do relator, tratando-se de um membro do grupo responsável por registrar a experiência vivida naquele encontro. A importância dos relatos pode ser constatada nas palavras de SOLIGUETO:

> "Tais registros são muito ricos, pois traduzem as emoções que se vão desvelando ao longo das reuniões realizadas, sentimentos que vão desde a desconfiança inicial, passando por inevitáveis preconceitos e posteriormente a superação de alguns destes, pela identificação, solidariedade, compaixão, compreensão, afetos."[521]

Apesar da existência do relator, não há nenhum avaliador das atividades, podendo uma mesma dinâmica, em diferentes grupos, com diferentes componentes, conduzir a discussões totalmente distintas. Não deve haver nenhum papel de condutor do diálogo, deixando que ele flua da forma mais livre e autêntica possível, tendo sempre em mente que *"Todos que estão na sala entram no 'jogo' e se submetem às mesmas 'regras'."*[522].

É claro que a coordenadoria adjunta poderá intervir em casos extremos, como em discussões que ultrapassarem o limite do respeitoso ou em situações emocionais muito delicadas – neste ponto, aliás, ressalta-se a importância dos coordenadores adjuntos com formação em psicologia – pois:

> "No processo, pode ocorrer a expressão de afetos negativos, de raiva ou de conflitos entre os participantes, o que é natural em qualquer grupo. O espaço permite as alterações interpessoais, desde que não se perca o respeito ao outro e nem se ultrapasse barreiras com agressões físicas ou ofensas pessoais. Pode-se conversar e discutir as emoções e pontos de vista discordantes, cada um optando pela sua posição."[523]

É seguindo tal metodologia que o grupo caminha ao longo do semestre e, assim, à medida que o grupo amadurece, vai se criando *"um ambiente que acolhe indagações e reflexões mais profundas, em que o grupo absorve as angústias de cada um e de todos,*

---

[521] SOLIGUETO, Mônica. *As técnicas de dinâmicas de grupo no contexto do GDUCC, op. cit.*, p. 146.
[522] CALDERONI, Vivian. *Metodologia de trabalho adotada pelo GDUCC, no intercâmbio academia – cárcere, op. cit.*, p. 165.
[523] CALDERONI, Sila. *O movimento do grupo em um semestre do GDUCC: um olhar, op. cit.*, p. 194.

propiciando um espaço onde se podem abordar assuntos mais densos e profundos sobre o sistema penitenciário e a sociedade em um contexto mais amplo.”[524].

O último encontro do semestre é dedicado ao encerramento[525], com técnicas de dinâmica voltadas ao fechamento do grupo, além de uma confraternização com comes e bebes, que, apesar de ser algo muito singelo, é um gesto bastante significativo e libertador dentro de uma unidade prisional, onde tudo é controlado, inclusive o que se come.

Não há, no momento, nenhuma técnica de avaliação do grupo que possa mensurar, de fato, quantas pessoas já participaram do grupo, quais foram os reais impactos e contribuições na vida dos participantes. “*O poder de transformação que este diálogo permite não é mensurável*”, diz CALDERONI,

> “mas o GDUCC acredita no poder da escuta interessada e da troca de experiência como forma de aproximação entre as pessoas que estão separadas pelos muros da prisão e pelos símbolos que mantêm e fortalecem essa cisão. São muitos os relatos de presos e acadêmicos que participaram de edições do GDUCC no sentido de ressaltar o poder transformador do diálogo e a quebra de rigidez afetiva.”[526]

Conforme se pode verificar das duas primeiras categorias, o fundamental sobre o diálogo nas teorias de SÁ e BOHM converge de maneira bastante clara. Algumas pequenas divergências quanto ao método, principalmente em razão do “público-alvo” do GDUCC, não afastam as teorias. Tendo os autores pontos de partida tão semelhantes, certamente poderão ser complementares, conforme se continuará a análise.

Categoria 3 – ***fragmentação***[527].

---

[524] SOLIGUETO, Mônica. *As técnicas de dinâmicas de grupo no contexto do GDUCC, op. cit.*, p. 147.
[525] Idem. Ibidem, p. 148.
[526] CALDERONI, Vivian. *Metodologia de trabalho adotada pelo GDUCC, no intercâmbio academia – cárcere, op. cit.*, p. 167.
[527]**Categoria 3** – *fragmentação*: a divisão da realidade, utilizada pelo homem para o trabalho técnico e desenvolvimento científico, que se espalhou por todas as áreas do conhecimento e das relações humanas e faz com que os seres humanos sejam instrumentalizados e divididos de acordo com diferentes extratos, como idade, sexo, religião, país, sem enxergar a humanidade que lhes é comum. Todavia, a natureza fragmentária é uma ilusão, que impede o conhecimento da realidade.

Apesar de o GDUCC não trabalhar diretamente com o conceito de fragmentação, no desenvolvimento teórico e prático do grupo, a superação de fragmentações, principalmente aquelas derivadas de litígios históricos e que levaram ao encarceramento de sujeitos, é sim uma preocupação do grupo. Nesse sentido, as palavras de SÁ:

> "São litígios entre ter e não ter, ser e não ser, pertencer e não pertencer, enfim, entre estar incluído e não estar incluído. As relações sociais são rompidas e corrompidas. Numa palavra, o diálogo entre as partes litigantes é rompido e corrompido. Obviamente, o que se vem buscando através do GDUCC não é o restabelecimento de todo um complexo processo dialogal histórico entre os presos participantes do GDUCC e todo o contexto social. O que se vem buscando é proporcionar aos segmentos participantes oportunidades de trocas de experiências, de ideias, enfim, experiências significativas de reaproximação e de compreensão mútua, em que pesem as divergências e litígios históricos."[528]

O diálogo, ferramenta central na Criminologia Clínica de Terceira Geração, visa a uma integração do indivíduo consigo mesmo e com o todo social representado pelo grupo. Tanto acadêmicos, quanto membros da comunidade e os presos, todos têm a possibilidade, a partir de diálogo proposto pelo grupo, de se enxergar, enquanto indivíduos, de forma integral, com a possibilidade de questionar comportamentos, valores, ideias e julgamentos. É sobre a possibilidade de integração de grupos socialmente tão apartados que fala BRACCO:

> "O GDUCC – Grupo de Diálogo Universidade-Cárcere-Comunidade – procura atrever-se por entre as brechas deixadas pelo recortado e multifacetado cenário das diversas dualidades temporais. E, então, justamente onde o superior quer opor-se ao inferior e onde o cidadão livre quer opor-se aos presos, tenta vir à cena, muito discretamente, o GDUCC, com sua sinfonia tão alheia às oposições. Jamais haverá razão para qualquer ser humano calar-se enquanto tiver voz, diz o grupo. Mas se há o diálogo proposto pelo GDUCC, só um pouco de diálogo, alguma transformação pode acontecer. Ao tomar-se a palavra apenas para verbalizar o pensamento mais sincero e ao adotar-se uma perene postura

[528] SÁ, Alvino Augusto de. *GDUCC: uma estratégia de reintegração que visa à inclusão social, op. cit.*, p. 30.

> de escuta despida de julgamentos, a sinceridade encontra a sinceridade, a alma encontra a alma."[529]

Em termos individuais, o diálogo propicia a superação da fragmentação na medida em que o encontro com o outro, principalmente aquele outro considerado como inimigo social, totalmente afastado e diferente, possibilita uma identificação muito profunda. Todos se percebem, apesar das diferentes histórias de vida, religião, condição material, como experimentando a mesma realidade humana, limitada e potencialmente criadora, julgadora e medrosa, esperançosa e ambiciosa, conforme pode se verificar do relato da acadêmica L.M.M.:

> "Os encontros do GDUCC também me fizeram refletir muito sobre mim mesma. Ficou claro o quanto sou parecida com muitos dos presos que encontrei. Por diversas vezes deparei-me com situações que os presos diziam coisas que eu até então discordava, mas passava a analisá-las melhor, ou coisas que talvez eu já concordasse, mas não assumia que pensava assim. Percebi que as fragilidades desses presos são muito parecidas senão as mesmas que as minhas. Percebi uma clara relação de identificação com muitos presos."[530]

Nesse sentido também um trecho do relato de um juiz das execuções penais que participou do grupo:

> "Só o fato de enunciar que conheci pessoalmente um preso, após anos e anos visitando estabelecimentos penais, já é de se estranhar, uma vez que realmente conheço inúmeros presos. Durante dezessete anos os vi chorar, implorar, sorrir e até morrer, mas – agora percebo – não podia dizer que os conheci como pessoas, mas apenas como presos."[531]

Por fim, em se tratando de um diálogo que ocorre dentro do cárcere, a ideia das fragmentações e divisões fica ainda mais evidente. Os muros de concreto, as grades e até mesmo as vestimentas, separam de forma ostensiva, quase uma materialização de todas as

---

[529] BRACCO, Bruno Amabile. *Entre o efêmero e o eterno, op. cit.*, p. 135.
[530] CALDERONI, Sila. *O movimento do grupo em um semestre do GDUCC: um olhar, op. cit.*, p. 186.
[531] VALOIS, Luís Carlos. *Conhecendo o cárcere: um depoimento de um juiz das execuções penais enquanto participante do GDUCC.* In: GDUCC – Grupo de Diálogo Universidade-Cárcere-Comunidade: uma experiência de integração entre a sociedade e o cárcere. Coord.: SÁ, Alvino Augusto de, et. al. Brasília: Ministério da Justiça, 2013, p. 212.

fragmentações veladas. Quando se fala em prisão, fala-se de um dos grupos mais excluídos, mais separados. As diferenças são consideradas tão profundas que se chega a acreditar que jamais poderão ser superadas. O diálogo desenvolvido pelo GDUCC pode, sem dúvidas, superar tais separações. Nesse sentido, CALDERONI:

> "Expressaram com veemência a necessidade de serem vistos como pessoas e não pelos crimes que cometeram. Ficou claro o desejo do reconhecimento de suas individualidades dentro da instituição totalitária, onde são chamados por números. A visão que expressaram sobre o propósito do GDUCC é da transformação da mentalidade dos que vêm de fora, sem conseguir nomear o que a experiência representava para eles pessoalmente."[532]

Ainda assim, não é um dos objetivos do GDUCC a melhoria do cárcere, mas, sim, a possibilidade do diálogo num dos ambientes que mais torna clara as fragmentações sociais. A propósito:

> "Uma coisa é certa: o GDUCC não visa à melhoria do cárcere e nem propriamente da vida no cárcere. O GDUCC trabalha com o reencontro de partes historicamente litigantes. O GDUCC trabalha com o diálogo dentro do contexto do litígio. Poderíamos então dizer que seu objetivo é o de proporcionar aos seus participantes uma oportunidade de amadurecimento na forma de lidar com o litígio, de dialogar com a parte litigante."[533]

A fragmentação, portanto, enquanto um conceito possível de ser enxergado como um fundamento existente na base do GDUCC, caminha por caminhos sutis, quando trata do indivíduo e suas contradições, até por caminhos extremamente concretos e sólidos, quando pensamos que o diálogo é desenvolvido dentro dos muros de uma prisão, com pessoas que são consideradas, em regra, grandes inimigos do bem viver e da paz social.

Categoria 4 – ***teorias científicas***[534].

---

[532] CALDERONI, Sila. *O movimento do grupo em um semestre do GDUCC: um olhar, op. cit.*, p. 184.
[533] SÁ, Alvino Augusto de. *GDUCC: uma estratégia de reintegração que visa à inclusão social, op. cit.*, p. 36.
[534] **Categoria 4** – *teorias científicas*: as teorias são, na realidade, maneiras de observar a realidade e deveriam contribuir para a construção de um conhecimento total, passam a disputar, entre si, espaços e autoridade sobre

Uma das finalidades dos encontros teóricos do GDUCC é, sem dúvidas, o de despir os alunos de muitos de seus preconceitos e opiniões enraizadas antes de irem para o cárcere. Não significa, por óbvio, que se deseja que os alunos deixem de estudar e ter suas opiniões sobre o fenômeno criminal: isso não seria possível e poderia acarretar, no fim das contas, um diálogo muito pouco autêntico, na medida em que os acadêmicos e pessoas da comunidade teriam que abrir mão daquilo que acreditam.

Nesse sentido, SÁ esclarece:

> "Temos aí, portanto, dois paradoxos irrefutáveis na relação dialogal que o GDUCC pretende estabelecer entre a Academia e o cárcere. O primeiro paradoxo é o que se dá entre a pretendida simetria e, a mais do que necessária, autenticidade. O segundo paradoxo é o que se dá entre a necessidade dos acadêmicos, em sua necessária autenticidade, manterem sua identidade de acadêmicos, e, ao mesmo tempo, a necessidade deles meio que se desvestirem desta identidade, em seu sentido estrito, e assumirem a identidade da sociedade como um todo."[535]

No mesmo sentido BRAGA e BRETAN:

> "Outra preocupação foi a valorização das concepções elaboradas pelos próprios presos, em contraposição à supervalorização do discurso acadêmico que, como qualquer saber, sustenta e é sustentado pelo poder e, por ser revestido de cientificidade, tende a deslegitimar os demais saberes."[536]

Sem a necessidade de se confirmarem teorias acadêmicas consolidadas, o diálogo deve e precisa permitir que os integrantes do grupo falem sobre suas vivências, em nível grupal e em nível individual. É nesse fluxo de experiências e de olhares que se constrói um verdadeiro elo, tendo sempre em mente que *"a preocupação, ou melhor, a proposta – ainda*

---

a narrativa da realidade. Os cientistas, sejam eles nas ciências exatas ou humanas, quando não percebem o quanto o seu pressuposto teórico influencia o resultado alcançado por sua pesquisa, apenas apresentam visões limitadas da realidade, mas com a pretensão de totalidade.

[535] SÁ, Alvino Augusto de. *GDUCC: uma estratégia de reintegração que visa à inclusão social, op. cit.*, p. 28.

[536] BRAGA, Ana Gabriela Mendes; BRETAN, Maria Emília Accioli Nobre. *Teoria e prática da reintegração social: o relato de um trabalho crítico no âmbito da execução penal*. In: SÁ, Alvino Augusto de; SHECAIRA, Sérgio Salomão. *Criminologia e os problemas da atualidade*. São Paulo: Atlas, 2008, p. 260.

que nem sempre se consiga atingi-la – é focar a dinâmica do diálogo, dentro de uma relação de simetria e de autenticidade"[537].

A ideia de despir-se das teorias significa, acima de tudo, aprender a dialogar apesar das opiniões de cada um, sem a necessidade de imposição ou de silenciamento de ninguém, tendo a clareza de que:

> "Os discursos não são 'naturais', não estiveram ali desde sempre, mas têm, isso sim, uma origem histórica claramente determinada. Nesses momentos, às vezes de ruptura – como quando estes discursos se convertem em dominantes -, produz-se o ato de criar realidade ou de incorporar aspectos dessa realidade a um âmbito de conhecimento. Estas atividades, e eu quero ressaltar isso aqui, são atos de poder. Todo ato discursivo (toda forma de conhecimento) é um ato de poder."[538]

Esse movimento só é autenticamente possível se os integrantes do grupo, de fato, compreenderem que suas opiniões e teorias são apenas uma das formas de se enxergar a realidade. É comum dizer que para o GDUCC o que importa é o sujeito. Enquanto carregados de teorias, não se ouve e não se abre ao que o outro tem a dizer, devendo o grupo caminhar para um movimento que permita a desconstrução de conceitos pré-concebidos e, principalmente, impeça a redução das pessoas com quem se dialoga a tais ideais.

Conforme nos relata CALDERONI, o grupo tem muito a ganhar quando seus participantes adotam uma postura aberta:

> "Evidentemente, os participantes do grupo situavam-se em realidades concretas muito diferentes e o processo de desmistificação das figuras do acadêmico privilegiado e do encarcerado 'bandido' e 'coitado' abriu espaço para diminuir as defesas psíquicas e entrar em contato com

---

[537] SÁ, Alvino Augusto de. *GDUCC: uma estratégia de reintegração que visa à inclusão social, op. cit.*, p. 27.
[538]ANITUA, Gabriel Ignacio. *Introdução: Histórias dos pensamentos criminológicos como histórias do presente de diversos discursos*. In: Histórias dos pensamentos criminológicos. Trad. Sérgio Lamarão. Rio de Janeiro: Revan, 2008, p. 22. No mesmo sentido: "A partir dessa aproximação 'arqueo-genealógica', os discursos são reconhecidos como dispositivos do poder, produzindo individualidades massificadas por meio da construção de identidades. Dessa maneira, por exemplo, postula-se ser o discurso psiquiátrico o que institucionaliza a loucura e faz nascer a figura do louco tal como a conhecemos. Do mesmo modo, a ilegalidade é domesticada, construindo-se a identidade do delinquente marginal, por meio do discurso criminológico. Em suma, os discursos são acontecimentos que têm o poder de moldar corpos e individualidades, desvelando-se daí sua materialidade." (SHIMIZU, Bruno. *Os discursos do cárcere e o diálogo*. In: GDUCC – Grupo de Diálogo Universidade-Cárcere-Comunidade: uma experiência de integração entre a sociedade e o cárcere. Coord.: SÁ, Alvino Augusto de, et. al. Brasília: Ministério da Justiça, 2013, p. 106.)

> elementos pessoais inconscientes e, portanto, encobertos. Todos os participantes foram colaboradores integrais no processo: ninguém foi mais importante que ninguém."[539]

É muito difícil que os alunos de fato absorvam essa ideia, já que é muito difícil para qualquer ser humano, ainda mais aquele que tanto estudou para entender algo, considerar realmente que a sua opinião é só *mais uma opinião*. Talvez porque, em algum lugar da *psique* humana, realmente se saiba que a realidade e a verdade podem sim ser alcançadas, costuma-se contentar com aquilo que se pode ver, um fragmento, chamando tal coisa de verdade. É natural e muito humano, sendo claro que as motivações para participar de um grupo de diálogo podem ser, também, não apenas as mais elevadas:

> "A princípio, há grande curiosidade do grupo externo ao cárcere em saber como é a vida dentro de uma prisão e como são as pessoas ali detidas; por outro lado, a solidão dos detentos e o bloqueio à vida e ao mundo além dos muros são os primeiros elementos motivacionais fortes para os encontros."[540]

Além disso, uma das perguntas do guia de entrevista do GDUCC visa a verificar se o aluno não está, no momento em que participa do grupo, desenvolvendo alguma pesquisa e, por isso, deseja ir para o cárcere para ter contato com seu "objeto de pesquisa". Se alguém entra para o grupo com essa intenção, muito provavelmente agirá de maneira indesejável, ou seja, usará o grupo para afirmar e reforçar o seu ponto enquanto pesquisador. Apenas uma das partes daquele indivíduo estará no grupo, o diálogo em si não será a sua finalidade última e, por isso, as divisões se manterão.

Por isso, é importante que fique claro, desde o início, que o grupo não se trata de um projeto de pesquisa "*mas sim de uma intervenção, não havendo projetos de mestrado ou doutorado vinculados formalmente ao GDUCC, mas somente a participação de pessoas interessadas no estudo das ciências penais e, particularmente, na questão da prisão*"[541].

---

[539] CALDERONI, Sila. *O movimento do grupo em um semestre do GDUCC: um olhar*, *op. cit.*, p. 185.
[540] Idem. Ibidem, p. 185.
[541] BRAGA, Ana Gabriela Mendes; BRETAN, Maria Emília Accioli Nobre. *Teoria e prática da reintegração social: o relato de um trabalho crítico no âmbito da execução penal*, op. cit., p. 265.

O diálogo do grupo possibilita a conscientização e o questionamento das divisões criadas ao longo da história da sociedade e seus litígios[542]. Nesse ponto, é interessante verificar como, por muitas vezes, as discordâncias surgem no grupo, sendo elas muito bem-vindas, na medida em que servem ao escopo do diálogo de *"desvelar algumas fachadas sociais e pessoais carregadas de preconceitos; vivenciar uma experiência emocional com reflexão sobre valores, atitudes e estilo de vida"* [543], pois

> "A compreensão mútua supõe a aproximação entre as partes. A aproximação supõe o diálogo, a *conversa*. E a conversa, para se processar e progredir, supõe o afastamento de rótulos, assim como também de títulos. Trata-se de conversa na praça pública, na Praça da Sé, que a todos pertence por igual, na qual todos são iguais."[544]

Frisa-se, neste ponto, ser o GDUCC fundado em uma teoria que se auto-intula transdisciplinar, de forma que se acredita que "*a realidade do cárcere e dos encarcerados não se sedimenta de acordo com os diferentes ramos do conhecimento*"[545], pois a transdisciplinaridade leva a "*uma revisão de nossa própria história, nossos valores e de nossa ética, não no sentido de negá-los, mas de reconhecer-lhes os limites, os questionamentos, a relatividade*"[546]. Sendo assim:

> "Academia não deverá ter, de partida, a prepotente pretensão de buscar a explicação do que acontece, mas o interesse de, com humildade, buscar uma compreensão das pessoas e da situação, dentro de uma relação de simetria e de ajuda. Deverá inclusive estar aberta para uma relação de ajuda mútua. O diagnóstico das demandas se fará a partir da própria

---

[542] Esta pesquisadora lembra de uma história repetidamente contada pelo professor Alvino: certo dia, em um dos encontros de diálogo, um preso perguntou a um aluno da faculdade se ele colava em provas e o aluno respondeu afirmativamente. Nesse momento, o preso começou a discursar sobre o quanto é pior um aluno colar em provas do que ele furtar coisas. Argumentou no sentido de que uma universidade pública era um investimento coletivo em um bom profissional e, quando o aluno passava pela faculdade sem se preparar adequadamente para o mercado de trabalho, toda a coletividade perdia. Por outro lado, ela acreditava que quando ele furtava um celular, estava apenas prejudicando uma pessoa e que, geralmente, essa pessoa tinha condições de reaver o bem. Concordemos ou não com a argumentação do preso, isso não importa. O que é relevante, neste ponto, é entender que o outro, o diferente, possibilita a iluminação de áreas internas até então escondidas. Um dos pilares do diálogo que sustenta o GDUCC é, sem dúvidas, o encontro de humanidades que se identificam apesar de tantas distinções criadas artificialmente ao longo da história da humanidade.

[543] CALDERONI, Sila. *O movimento do grupo em um semestre do GDUCC: um olhar*, *op. cit.*, p. 185.

[544] SÁ, Alvino Augusto. *O conversador da Praça da Sé*. Boletim Instituto Brasileiro de Ciências Criminais, ano 21, n. 244, março/2013, p. 4.

[545] SÁ, Alvino Augusto. *Transdisciplinaridade e responsabilidade da academia na questão penitenciária*, op. cit., p. 18., p. 30.

[546] Idem. Ibidem, p. 30-31.

> compreensão, dentro da relação de ajuda, a fim de que se possam perscrutar as verdadeiras demandas, aquelas que são das pessoas que estão ali, e não as falsas demandas, as que surgem de nossos pressupostos teóricos, valorativos e éticos."[547]

Por isso, podemos afirmar que, conforme muitas vezes fica claro nas obras do GDUCC e, principalmente, na sua obra central, *Criminologia Clínica e Execução Penal: Proposta de um modelo de Terceira Geração*, a preocupação com as teorias científicas e a forma como elas influenciam a maneira como olhamos para a realidade, além das disputas por narrativa, é um ponto central para a compreensão do grupo.

Categoria 5 – ***ordem***[548].

Neste ponto, o diálogo do GDUCC e a teoria de BOHM não encontram correspondência perfeita.

Segundo BOHM, a palavra *diálogo* remete, etimologicamente, à ideia de uma corrente de significados, um *sentido* ("*Logos*") que perpassa as pessoas dialogantes. Uma vez verdadeiramente estabelecida uma relação *dialógica*, percebe-se o *sentido* subjacente, e este sentido constela um amálgama que pode manter unida a teia social[549]. Esta é, em última análise, a *ordem* de que fala BOHM: não imposta verticalmente, mas uma ordem que perpassa diálogos, conferindo um sentido *uno* mesmo em meio às multiplicidades de falas.

Muito embora SÁ não utilize, neste contexto, o termo *ordem*, pode-se notar uma proximidade entre a ideia de BOHM e o conceito, extraído dos textos de SÁ, de *amadurecimento pelo diálogo*. No amadurecimento pelo diálogo, aprende-se o respeito, a escuta atenta, o valor do outro indivíduo em suas idiossincrasias. Vislumbra-se, assim, um *sentido*, ou uma ordem, que perpassa os interlocutores – e neste plano, embora a aproximação entre as teorias não seja perfeita, também não é de todo descartável.

---

[547] SÁ, Alvino Augusto. *Transdisciplinaridade e responsabilidade da academia na questão penitenciária*, op. cit., p. 24.
[548] **Categoria 5** – *ordem*: base de mediação da realidade que releva harmonia, acomodação a parâmetros já existentes ou criação de novos parâmetros. Todavia, a construção da harmonia só será possível quando o ser humano elevar a consciência para uma totalidade que faz sentido *apesar* das aparentes desordens.
[549] BOHM, David. *Diálogo: comunicação e redes de convivência*, *op. cit.*, p. 34.

Para BOHM, ordem nada tem a ver com consenso, isso seria uma falsa ordem, assim como o holismo imposto. Para ele, a ideia de ordem tem relação com o conhecimento da realidade em níveis de consciência muito mais profundos, alcançados através do diálogo.

A teoria de SÁ não apresenta uma pretensão tão ousada quanto a de BOHM. Quando se fala em ordem ou harmonia no diálogo proposto pelo GDUCC, por vezes, tem-se a ideia de silenciamento, de um diálogo que não se desenvolve em razão da falta de coragem e autenticidade dos participantes, que decidem concordar entre si pelo simples incômodo com o conflito. E essa postura, sem sombra de dúvidas, não é desejada, conforme lê-se:

> "As experiências de diálogo não têm sido fáceis, a meu ver, principalmente pela falta de autenticidade, com o que se garante uma harmonia saudável, sem nenhuma ameaça para ambas as partes. O diálogo exige muita maturidade, ou melhor, amadurecimento, coisa que se conquista com o próprio diálogo."[550]

Fica claro, de todo modo, que, em última análise, o mesmo termo – *ordem* – é utilizado, em BOHM e em SÁ, para designar realidades diferentes. Em SÁ, a ideia de *ordem* está ligada a uma imposição vertical de valores: liga-se, portanto, à hierarquia, à segurança, até mesmo à violência estatal. Para BOHM, por sua vez, a ideia de ordem emerge de uma vivência dialógica, vivência esta que permite ao indivíduo alcançar verdades mais profundas do que as expressões discursivas.

Categorias 6 e 7 – ***ordem manifesta ou explicada e ordem imanifesta ou implicada***[551].

A teoria de BOHM visa a explicar a realidade como um todo e, nesse ponto, novamente podemos afirmar que SÁ e o grupo de diálogo que desenvolveu não têm um objetivo tão ambicioso. Por isso, mais uma vez, não é possível ver uma identificação de conteúdo tão clara.

---

[550] SÁ, Alvino Augusto de. *GDUCC: uma estratégia de reintegração que visa à inclusão social, op. cit.*, p. 31.
[551] **Categoria 6** – *ordem manifesta ou explicada*: tudo aquilo que é, de alguma forma, perceptível aos sentidos. O grande erro é considerar a *ordem explicada* enquanto *realidade como um todo*.
Categoria 7 – *ordem imanifesta ou implicada*: toda realidade não perceptível por meio dos sentidos, mas que pode "vir à tona". Aqui estaria a origem da ordem manifesta e a maior parte da realidade.

Todavia, neste ponto, é possível afirmar que o diálogo desenvolvido pelo GDUCC possibilita a abertura a um conhecimento o qual, inicialmente, é oculto àquele que se propõe ao diálogo.

Em termos individuais, considerando a integralidade de cada ser humano, o diálogo proporciona uma abertura àquilo que, dentro de cada um, está implicado ou imanifesto. Levando em consideração a complexidade do ser humano e aquilo que ele conhece sobre si, é evidente que há um vasto conteúdo não manifesto, pois:

> "A validação dos sentimentos de singularidade e o reconhecimento de similaridades com situações do mundo do outro se constituem em fontes de identificação e de alívio ao sofrimento. Ouvindo as angústias e os dilemas do outro, que são semelhantes aos seus, fica mais fácil o acesso às próprias inquietações."[552]

Trazer à tona conteúdos escondidos pode sim ser considerada uma das finalidades do diálogo no GDUCC. É apenas quando o ser humano se enxerga em sua integralidade, através do reconhecimento de todos os agentes que influenciaram na sua formação, que o diálogo amadurece, pois "*A conscientização, por ter eco interior, tem a capacidade de produzir modificações verdadeiras na forma de estar no mundo*"[553].

Categoria 8 – ***realidade como um todo ou totalidade[554].***

Novamente, trata-se de um conceito não desenvolvido por SÁ. A abertura dialógica buscada no GDUCC não permite afirmar que existe uma única realidade possível de ser conhecida. O foco no indivíduo, ponto central da Criminologia Clínica de Terceira Geração, parece afastar a possibilidade do encontro de uma teoria absoluta sobre a realidade.

Mais uma vez, as teorias têm pretensões diferentes: BOHM busca, em última análise, o fim máximo da filosofia, ou seja, o conhecimento da verdade, enquanto SÁ, pode-se

---

[552] CALDERONI, Sila. *O movimento do grupo em um semestre do GDUCC: um olhar*, *op. cit.*, p. 195.
[553] Idem. Ibidem, p. 198.
[554] **Categoria 8** – *realidade como um todo ou totalidade*: movimento de dobramento e desdobramento entre a ordem implicada e explicada.

afirmar, tem como objetivo uma atuação concreta em uma realidade social extremamente cruel.

Por isso, ainda que o diálogo desenvolvido pelo GDUCC possa, de alguma forma, conduzir para os resultados pretendidos por BOHM, com certeza esse não é seu foco. O GDUCC busca, antes de tudo, um amadurecimento no diálogo que possibilite o encontro de grupos separados por litígios históricos, mas não tem como finalidade o desvendamento da realidade como um todo.

Vale, contudo, reiterar o já dito sobre a ordem: o amadurecimento do diálogo e pelo diálogo pode revelar um *sentido* maior, que transcende os discursos e as visões de mundo. Os grupos e as pessoas separadas por situações de vida ou visões de mundo podem, pelo diálogo, chegar a uma *fonte comum*, na qual o diálogo talvez revele um pouco da *totalidade* almejada por BOHM: uma totalidade transcendente às vicissitudes e aos preconceitos individuais e segregadores.

Categorias 9 e 10 – ***problema e paradoxo***[555]**.**

Apesar de usar terminologias diferentes, SÁ traz conceitos muito parecidos quando dos conflitos sociais, se abrindo a questões – por ele mesmo chamadas de – *paradoxais*.

A realidade criminal é, sem dúvidas, complexa e paradoxal. BRACCO ilustra o tema a partir da figura de um assassino:

> "Se este homicida, ludibriado por seu eu ilusório, desfere golpes violentos contra outrem e faz girar as rodas do tempo e dos conflitos, a sociedade-condenadora, igualmente ludibriada por suas pretensões de superioridade, desdenha a existência do ser humano atrás das grades e também faz girar as mesmas rodas do tempo e dos conflitos."[556]

---

[555] **Categoria 9** – *problema*: questões racionais e livres de contradições. Os problemas são resolvidos na medida em que o ser humano se debruça sobre eles e, a partir dos pressupostos, técnicas e ações conhecidas, encontra a solução.
Categoria 10 – *paradoxo*: questões que não podem ser solucionadas como os problemas, pois os paradoxos são as questões sociais e pessoais complexas. Podem ser superados (e não solucionados) por meio da atenção dada aos processos e aos padrões do pensamento.
[556] BRACCO, Bruno Amabile. *Entre o efêmero e o eterno, op. cit.*, p. 135.

Ao tentar superar violências, o sistema penal reproduz e cria violações em escalas ainda mais escandalosas, afastando-se do olhar necessariamente complexo que a questão requer, solucionando processos matematicamente, como se os artigos que preveem os delitos fossem fórmulas perfeitas a serem aplicadas ao caso concreto, não sendo possível qualquer abertura ao paradoxo e ao diálogo. É o que também constata um juiz das execuções participante do GDUCC:

> "Se a pena, no Direito Penal, já foi vista como um processo de diálogo no qual participam o Estado e o autor do delito, e diálogo é uma via de mão dupla, onde há comunicação ou troca de informações entre ambas as partes, não fica difícil imaginar a caricatura deste encontro hoje: um gigante forte e surdo que grita (o Estado) em face de um liliputiano algemado e humilhado que fala quando pode (o preso), mas não é ouvido. (...) Trazido para a realidade, nas raras ocasiões em que de fato esse encontro acontece, nada é muito diferente. Na audiência do processo penal o preso chega algemado, sujo, cheirando a Penitenciária, de cabeça baixa e senta frente ao juiz e ao promotor, que estão às vezes em um pedestal, próximos a computadores, no ar-condicionado e preocupados com suas produtividades, portanto, com pressa."[557]

O diálogo, dentro das grades de uma unidade prisional, precisa, ainda mais, se abrir ao paradoxo, de modo a não continuar a reproduzir as relações de poder opressoras. A imagem do gato, do místico Mikhail Naimy, é uma bela ilustração de como a perda de consciência da fonte dos conflitos leva à sua reprodução, nas palavras de BRACCO:

> "O gato, diz o texto místico de Mikhaïl Naimy, ao lamber vorazmente a pedra de amolar, deixa-se guiar pela vã ilusão de que aquele apetitoso sangue goteja da pedra. O mesmo acontece com o homem, ao entregar-se às malhas do tempo: lambe o sangue que ali se derrama e mastiga a carne que ali se dilacera, sem saber que é próprio o sangue que o refresca e é própria a carne que o alimenta."[558]

E continua o autor algumas páginas depois:

---

[557] VALOIS, Luís Carlos. *Conhecendo o cárcere: um depoimento de um juiz das execuções penais enquanto participante do GDUCC, op. cit.*, p. 211.
[558] BRACCO, Bruno Amabile. *Entre o efêmero e o eterno, op. cit.*, p. 131.

> "Ao lançarem-se para o lado de lá dos muros e das grades prisionais inúmeras pessoas, o homem se alimenta do sangue que daí goteja. Logicamente, insiste-se nas condenações e no desprezo pelos condenados: há uma curiosa satisfação nesse cenário. Há uma curiosa satisfação como a do gato citado no início deste artigo: o gato que lambe mais e mais decididamente a pedra de amolar, imaginando que o sangue que o satisfaz tem na lâmina, e não na própria língua felina, sua fonte."[559]

A resolução por meio do confronto, que muito se assemelha à maneira como lidamos com os problemas, na concepção de BOHM, traz consigo, de modo intrínseco, uma ideia de perdedores e vencedores. O confronto busca anular uma das partes, aquela que perdeu, para que ela se subjugue ao que a parte vencedora acredita como correto.

No confronto, é certo, usa-se das relações de poder e força entre os confrontantes. Quando se fala de comunicação, por óbvio, não se trata da força física, mas das formas como ela se manifesta no discurso, nos argumentos de autoridade, na fala exageradamente incisiva e, principalmente, na falta de abertura para escuta do outro. É muito fácil que isso aconteça entre os acadêmicos. Argumentos de autoridade podem ser utilizados para calar narrações subjetivas. Por isso, no confronto, desconsidera-se o conhecimento do outro e apenas se considera como importante o próprio ponto de vista, aquilo que se entende como correto.

No conflito é diferente. A ideia não é anular o outro, mas, reconhecendo as discordâncias, sem em nenhum momento negar as diferenças, poder crescer com os diferentes conhecimentos. Na superação dos conflitos nenhum dos polos sai vencedor ou perdedor, nenhuma das partes é subjugada. Ambos se reconhecem em uma relação conflituosa e aprendem a conviver com ela da melhor forma possível. É a partir daí que a terceira via se torna possível.

É assim que o conflito, como o paradoxo, não pode ser vencido de forma simples: não há como resolvê-los. É preciso identificar as questões conflitantes ou paradoxais e conviver com elas de forma sincera, dando a elas a atenção que merecem, mas sem tentar, por meio do pensamento racional, chegar a uma síntese simplista ou, novamente, ao holismo imposto. No mesmo sentido são as palavras de ALVARO PIRES:

---

[559] BRACCO, Bruno Amabile. *Entre o efêmero e o eterno, op. cit.*, p. 134.

> "Na terminologia comum, diz Barel, o paradoxo é entendido como aquilo que é irreconciliável, aquilo que desafia a lógica.... No plano da literalidade, não posso vislumbrar uma solução para tal paradoxo. Devemos, assim, prestar atenção especial à linguagem conceitual e rever a terminologia dentro da qual o paradoxo é apresentado. Em outras palavras, é necessário modificar a representação metateórica de nosso objeto de estudo, abrindo espaço a uma visão mais complexa do que a realidade de fato é." [560]

No processo de construção do diálogo, a realidade não deve nem pode ser negada. Isso acarretaria a construção de uma comunicação superficial, fingida e sem profundidade. Por isso, a importância do conhecimento do espaço em que se adentra, mas, ainda mais do que isso, a importância de que os integrantes do grupo se sintam livres para construir suas narrativas e expressar suas opiniões, pois, conforme a reflexão de SÁ, "*O paradoxo simetria versus autenticidade sempre será um desafio para um diálogo construtivo entre segmentos que guardam em si um conflito histórico*"[561] .

Um dos ensinamentos da Criminologia de SÁ é que o grupo não deve simplesmente entrar em um consenso sobre tudo, pois "*A pretendida simetria na relação entre pessoas que têm tido experiências muito díspares na vida – que é o que acontece entre uma parcela não encarcerada e uma parcela encarcerada da sociedade –, se não amadurecida pela autenticidade, torna-se hipocrisia. No esforço por manter a harmonia na relação, sacrifica-se a autenticidade*"[562], exatamente como afirma BOHM.

As pessoas precisam se sentir livres para serem autênticas, falarem o que realmente pensam, sem medo, pois o mais importante é amadurecer o diálogo, demonstrando, aliás, o amadurecimento do grupo, como no relato: "*O grupo como um todo, semelhantemente ao ocorrido em grupos dos semestres anteriores, passou, da fase inicial, por momentos de dúvidas, de medo, questionamentos, exame das situações, para depois começar a se soltar e mais verdadeiramente se posicionar"*[563].

---

[560] PIRES, Alvaro. *La criminologie et ses objets paradoxaux: réflexions épistémologiques sur un nouveau paradigme*, op. cit., p. 135.
[561] SÁ, Alvino Augusto de. *GDUCC: uma estratégia de reintegração que visa à inclusão social, op. cit.*, p. 28.
[562] Idem. Ibidem, p. 27.
[563] CALDERONI, Sila. *O movimento do grupo em um semestre do GDUCC: um olhar, op. cit.*, p. 189.

Mais uma vez as palavras de SÁ são esclarecedoras:

> "Minha experiência no GDUCC tem sido no sentido de que não adianta e não convém abafar, disfarçar ou negar o conflito entre os dois segmentos, a Academia e o cárcere, na medida em que a Academia não pretende e não pode reduzir-se à sua própria identidade e nem falar unicamente em nome próprio; mas pretende e deve incorporar o drama da sociedade na relação com o cárcere. E o drama da sociedade na relação entre sua parte encarcerada e sua parte não encarcerada não pode ser negado, sufocado ou disfarçado, como condição para que a relação seja minimamente autêntica."[564]

"A valorização, o respeito e a compreensão ao outro não se constituiu em pacto de aceitação de posturas. O sofrimento do próximo foi acatado, mas levado a questionamentos sem imposição de valores"[565], ensina CALDERONI. No diálogo, o importante é perceber o quanto a realidade é complexa e possibilita diferentes leituras. Acreditar que apenas uma dessas leituras equivale à realidade pode levar a mais divisões. É por isso que o grupo, apesar de não buscar um consenso, não se prende a essas questões.

No final de uma discussão, em regra, as pessoas continuam sem concordar uma com a outra, mas aprendem a conviver com as diferentes opiniões, entendem que existem muitos olhares e vivências possíveis, e, principalmente, que a discordância não impede o grupo de seguir seu propósito de amadurecimento e conhecimento mútuo entre os integrantes, de forma a superar as divisões impostas, conforme nos ensina SÁ:

> "o amadurecimento do diálogo, processado interiormente na pessoa, deu-se na relação, originou-se da relação, mas continua intrinsecamente identificado com o processo dialogal. Tento falar em termos um pouco mais concretos: com o amadurecimento do diálogo, o indivíduo amadurece no ouvir e compreender o outro, amadurece no falar com o outro, amadurece no sentir-se próximo do outro e no sentir-se incluído na relação, no grupo, no sentir-se ouvido, compreendido, aceito, no sentir-se pertencente. Portanto, o foco não está propriamente no conteúdo do que se

[564] SÁ, Alvino Augusto de. *GDUCC: uma estratégia de reintegração que visa à inclusão social, op. cit.*, p. 28.
[565] CALDERONI, Sila. *O movimento do grupo em um semestre do GDUCC: um olhar, op. cit.*, p. 191.

> fala ou do que se ouve, mas na troca, na relação, na proximidade, no sentimento de pertença."[566]

Tal ideia, sem sombra de dúvidas, concorda com o ensinado por BOHM sobre a abertura ao paradoxo. O conflito é bem-vindo, pois, a partir dele, pode-se construir algo novo, não com a sua resolução, mas com a superação.

SÁ, todavia, não traz uma forma fechada de lidar com os conflitos. Neste ponto, que será tratado nas categorias 12, 13 e 14, talvez BOHM tenha bastante a contribuir com o diálogo desenvolvido pelo GDUCC.

Categorias 11 – ***representações***[567]**.**

Conseguir perceber como as representações são criadas para o mundo, para os grupos de pessoas, para os seres individualmente considerados, para as instituições, para os locais, enfim, para toda a realidade, é um dos grandes ganhos do diálogo, seja aquele construído por BOHM, seja o proposto por SÁ.

Sem sombra de dúvidas, um ponto fundamental da experiência do GDUCC é a construção de uma nova representação do sistema prisional e da pessoa presa. O estado penal e punitivo leva a uma representação bastante distorcida do ser humano, com grandes divisões, conforme já analisado. Mas, no diálogo, "*Nem preso nem comunidade participam do GDUCC com suas fantasias, eles não são presos, nós não somos juízes, advogados, psicólogos, estudantes ou médicos, todos somos pessoas com nossas angústias e ignorâncias*"[568].

Se abrir ao diálogo com um dos grupos de pessoas mais estigmatizados na sociedade possibilita, sem dúvidas, a superação de representações arraigadas e a criação de novas,

---

[566] SÁ, Alvino Augusto de. *GDUCC: uma estratégia de reintegração que visa à inclusão social, op. cit.*, p. 34.
[567] **Categoria 11** – *representações*: criadas pelo pensamento e a memória, são as maneiras como o mundo é visto e percebido a partir da experiência de cada sujeito. As representações podem ser individuais ou coletivas, bem como podem ser corretas ou errôneas. Além disso, muitas representações são possíveis, ou seja, muitos mundos são possíveis, a depender das representações. A busca da representação correta é um passo importante para a superação das fragmentações.
[568] VALOIS, Luís Carlos. *Conhecendo o cárcere: um depoimento de um juiz das execuções penais enquanto participante do GDUCC, op. cit.*, p. 212.

sendo um dos fundamentos para se alcançar o objetivo final da Criminologia Clínica de Terceira Geração, que é a reintegração social, pois:

> "Para que a almejada reintegração social possa começar a nascer, a parcela não encarcerada do grupo estabelece relações com os presos, considerando-os como pessoas, que possuem sua própria subjetividade, valores, opiniões e histórias de vida. A intenção é de proporcionar momentos de trocas intensas, com o intuito de que os presos vivenciem momentos de autonomia em que são considerados efetivamente sujeitos de direitos, vontades, desejos, alegrias, tristezas e possuidores de uma história de vida própria, digna e singular."[569]

É claro que todas as representações são apenas uma forma de olhar para uma realidade social complexa. Não é pretensão do grupo dizer que, a partir do diálogo feito nas penitenciárias, se cria a representação correta dos grupos ali participantes. O mais importante é que se perceba, acima de tudo, que muitas representações são possíveis e que, talvez, nenhuma delas esteja completamente certa, nem totalmente errada, pelo menos no nível que se consegue alcançar.

Há, ainda, um nível mais profundo de alteração nas representações a partir do diálogo. Além daqueles estereótipos extremamente difundidos socialmente, há questões mais sutis, como os sistemas de hierarquia que não são complemente claros, os sentimentos que muitas vezes revelam crenças que tentam passar desapercebidas ou a ideia de que o consenso é o lugar mais seguro em uma relação, visto que, podemos notar:

> "As relações humanas, detecta [o filósofo Emmanuel] Lévinas, tendem a reger-se, ainda, por instintos de conservação: são choques entre diversos eus que, com a primeira letra devidamente minúscula, tentam a todo custo agarrar-se às suas próprias imagens, proteger-se, fazer-se incólumes e vitoriosos, rebaixar o outro e, assim, falsamente elevar-se."[570]

Existe, ainda, a possibilidade de representação equivocada de si mesmo. A conquista da identidade em cada ser humano é uma das conquistas mais grandiosas, todavia, pode ser distorcida através de influências recíprocas e, a pessoa presa, "*sofre um cruel ataque à sua*

---

[569] CALDERONI, Vivian. *Metodologia de trabalho adotada pelo GDUCC, no intercâmbio academia – cárcere, op. cit.*, p. 166.
[570] BRACCO, Bruno Amabile. *Entre o efêmero e o eterno, op. cit.*, p. 133.

identidade, a partir do momento em que a sociedade, as normas, o regime, os hábitos e costumes fazem dele um criminoso, um delinquente"[571]. Diante desse processo,

> "O objetivo do GDUCC é promover, em seus participantes, experiências de reencontro e diálogo entre partes historicamente litigantes, ou seja, experiência de reintegração social. Pretende-se promover, ainda que em mínima escala, experiências de reversibilidade do processo de formação do inimigo coletivo (*hostis*) e de formação da autoimagem do inimigo coletivo. Com isto, o que se busca é criar momentos propícios à vivência de superação da exclusão, ao mesmo tempo em que propícios ao reconhecimento e vivência da ruptura entre partes que não se excluem, mas que, embora litigantes, compartilham de um mesmo todo."[572]

Tudo isso pode ser trazido à tona com o diálogo, como forma de construção de uma nova representação, mais acertada ou, pelo menos, menos engessada, da realidade. "*Nos encontros, ocorreu a sensibilização para a percepção de si mesmo e do outro*", diz CALDERONI. E a autora prossegue:

> "e também abriu-se um espaço para trocas emocionais entre os participantes, onde se desnudaram sentimentos, emanaram rivalidades e discutiram-se os limites e validade de algumas regras e normas da sociedade e do cárcere. Também se questionaram e reforçaram-se as atitudes e clarearam-se os pensamentos. Criou-se a possibilidade de apoio e aceitação do outro, sem, no entanto, deixar-se de confrontar ideias e experiências."[573]

No mesmo sentido, o relato de dois presos participantes do grupo demonstra, experiencialmente, o processo de radical mudança de representações promovido pelo GDUCC:

> "Já é a quarta vez que participo e cada vez é diferente. Eles querem vir aqui e conhecer a nossa rotina, saber como convivemos, ter uma visão diferente daquela que a sociedade mostra. A sociedade acha que dentro da cadeia só tem monstro, mas aqui tem ser humano. A sociedade acha que a gente é

---

[571] SÁ, Alvino Augusto de. *Vitimização no sistema penitenciário, op. cit.*, p. 24-25.
[572] SÁ, Alvino Augusto. *Desafios da Execução Penal frente aos processos de construção da imagem do inimigo, op. cit.*, p. 235.
[573] CALDERONI, Sila. *O movimento do grupo em um semestre do GDUCC: um olhar, op. cit.*, p. 194.

> bandido, delinquente, mas aqui tem muita gente séria, muito pai de família. É preciso entender que todo mundo erra – tolice é persistir no erro. (detento W.)”[574]

> “Nós nos sentimos honrados pela visita de vocês, que são pessoas estudadas, bem-vestidas, inteligentes, que vem aqui de livre e espontânea vontade. Tem que entender que, às vezes, o cara comete crime por necessidade, às vezes, como no meu caso, por ganância. Às vezes o cara entra aqui por ter roubado um varal, mas sai daqui um terrorista. A prisão é uma faculdade do crime. (detento F.)”[575]

Fica claro, portanto, que a experiência concreta do GDUCC tem o poder de, ao menos, alterar radicalmente as representações mais comuns e “automáticas” do mundo e das pessoas ao redor. Neste novo nível representacional, se é impossível que todas as barreiras sejam derrubadas, ao menos é possível entrever novos caminhos e novos espaços, ampliando os limites da realidade convencional.

Categoria 12 – ***atos de percepção***[576]**.**

Pode-se considerar que os participantes do GDUCC vivem a experiência dos atos de percepção, apesar de tal conceito não fazer parte do arcabouço teórico do grupo.

Por meio do GDUCC e da experiência dialógica, é possível, enfim, a abertura a uma *percepção* de outra natureza, além das simplórias dicotomias habituais. Para BOHM, o *insight* ou percepção da verdade[577] não é somente um conhecimento intelectual ou inferencial, mas ocorre em uma dimensão muito profunda e sutil, *“além do que a ciência*

---

[574] CALDERONI, Sila. *O movimento do grupo em um semestre do GDUCC: um olhar, op. cit.*, p. 184.
[575] Idem. Ibidem, p. 184.
[576] **Categoria 12** – *atos de percepção*: os chamados *insights* ocorrem não apenas por uma ação dirigida do homem, mas, principalmente, por uma compreensão criativa, que brota do desconhecido na mente humana, e faz com que o ser humano possa conhecer realidades cada vez mais profundas. Importante sobre os atos de percepção é entender que eles não são resultado de uma evolução linear; pelo contrário, eles rompem a linearidade a partir da abertura real e criativa ao novo.
[577] BOHM, David. *Diálogo: comunicação e redes de convivência, op. cit.*, p. 148. A mesma ideia é encontrada em: BOHM, David. *Totalidade e a ordem implicada, op. cit.*, p. 64.

consegue rastrear".[578] Isso, segundo o autor, é a verdadeira *inteligência*: "*a base da inteligência deve estar em um fluxo indeterminado e desconhecido*"[579].

Muitas vezes, durante as reuniões do grupo, novas descobertas são feitas, não a partir do pensamento racional e linear, mas, sim, da abertura do grupo àquilo que está além do pensamento. É observável, quando o grupo caminha para o amadurecimento do diálogo, que o ganho é a nível dos relacionamentos, ou seja, as opiniões vão perdendo importância e os participantes vão se abrindo a um conhecimento novo, a partir dos significados compartilhados, deixando de lado a tentativa de convencimento do outro, conforme analisa SÁ:

> "O diálogo entre duas pessoas não é uma somatória entre elas ou uma intersecção de ambas, mas é um produto original em relação a uma e a outra. Quando alguém fala no diálogo, fala, não simplesmente, em função do que pensa, mas em função do que se passa no diálogo. No processo dialogal, não existe uma somatória de seres pensantes, mas uma espécie de segunda dimensão de produção, que é original em relação a todos os indivíduos (pessoas e segmentos) que dialogam. É por isto que eu disse acima que o amadurecimento do diálogo é diferente do amadurecimento das pessoas que nele estão envolvidas. Eu me arriscaria a dizer: trata-se de um amadurecimento que se dá numa segunda dimensão, numa dimensão relacional."[580]

Sendo os atos criativos o fim último do diálogo proposto por BOHM, pode-se considerar, portanto, que, apesar das diferenças encontradas entre as propostos ora analisadas, o resultado é o mesmo: a possibilidade de se encontrar superações inovadoras dos paradoxos/conflitos sociais que mais produzem e reproduzem o sofrimento dentro da sociedade, pois:

> "ao promover pequenos encontros e prezar o diálogo e a sinceridade, o GDUCC procura oferecer um terreno fértil àquele lampejo fora de qualquer dicotomia. Quando uma relação verdadeira se estabelece, pode-se saber que, intimamente, algo mudará. Quando, por trás das multiplicidades, das condenações, das diferenças, dos beatos e dos

---

[578] BOHM, David. *Diálogo: comunicação e redes de convivência, op. cit.*, p. 148-149.
[579] BOHM, David. *Totalidade e a ordem implicada, op. cit.*, p. 65.
[580] SÁ, Alvino Augusto de. *GDUCC: uma estratégia de reintegração que visa à inclusão social, op. cit.*, p. 32.

> pecadores, dos estigmas presentes em todos os lados das grades, dos muros e da sociedade, por trás de tudo isso se revela apenas o mais essencialmente humano, o tempo para e o discurso muda."[581]

O diálogo com os encarcerados, em última análise, visa a descoberta de uma nova maneira de se lidar com toda a complexa questão criminal, nos moldes, pode-se afirmar, da criminologia crítica, que não mais enxerga a forma de punir imposta como um modelo perfeito e insuperável, mas que deve ser revisto e, quando possível, deixado para trás. Ao mesmo tempo, é um processo que, tomando o diálogo como um fim em si mesmo, está sempre aberto a constantes mudanças, não se prendendo às conclusões da crítica.

A busca de um novo modelo passa, de acordo com a Criminologia Clínica de Inclusão Social, por um diálogo sincero e aberto entre a comunidade não presa e a comunidade encarcerada, além dos diálogos institucionais e com os trabalhadores dos grupos que formam todo aparato punitivo do Estado, na busca de terceiras vias, inovadoras, que, enfim, deixem de reproduzir a lógica de violência que tanto buscam combater.

Neste ponto culminante, as teorias de SÁ e de BOHM parecem encontrar-se de forma bem-acabada. Assim, em meio às dicotomias e às multiplicidades aparentes, *através das pessoas dialogantes*, abre-se espaço à verdadeira inteligência, que se manifesta em um *ato de percepção* de outra natureza, capaz de unificar o que parecia irremediavelmente fragmentado.

Categorias 13, 14 e 15: *pensamento, pressupostos e supressão dos pressupostos*[582].

---

[581] BRACCO, Bruno Amabile. *Entre o efêmero e o eterno, op. cit.*, p. 138.

[582] **Categoria 13** – *pensamento*: pode ser considerado como um sistema de reflexos condicionados aparentemente neutro. O pensamento também sofreu os processos de fragmentação e, por isso, é o criador e mantenedor dos paradoxos existentes em sociedade. É com o pensamento que o ser humano cria as situações problemáticas e, incoerentemente, tenta utilizar o mesmo pensamento para as solucionar. A única forma de brecar as consequências catastróficas do pensamento é entender o seu processo e capacitar-se a dar atenção a ele.

Categoria 14 – *pressupostos:* atuam como um filtro na percepção da realidade. Tais pressupostos são responsáveis pelas sensações e sentimentos que surgem em um indivíduo quando confrontado com determinadas questões. Os pressupostos são, portanto, as lentes que criam as representações.

Categoria 15 – *suspensão dos pressupostos*: processo que acontece no nível da atenção profunda e pelo qual se torna possível a autopercepção ou propriocepção do pensamento. Por meio da prática do diálogo é possível que o indivíduo se dê conta dos pensamentos, sensações e emoções que está experimentando e possa, como se contemplasse um reflexo que diante do espelho, imaginar tudo suspenso. Essa atividade pode levar à criação

Está aqui um dos grandes ensinamentos da teoria de BOHM que ainda não é aplicado ao GDUCC de forma esclarecida, mas que, sem dúvidas, traria grandes ganhos.

No GDUCC, conforme já visto, o grande objetivo é o amadurecimento no diálogo: trata-se de um grupo onde as pessoas possam se comunicar de forma clara e autêntica sobre suas vivências e opiniões, sem medo de represálias, mas também sem melindres quando há discordância.

Todavia, todo esse processo poderia ser facilitado se houvesse uma maior clareza sobre os perigos do pensamento, como eles participam do processo de criação dos pressupostos, que levam as pessoas a enxergar a realidade de forma parcial, e como o processo de *suspensão de pressupostos* pode ser um caminho para o desvendamento de algo novo, capaz de levar a uma convivência mais harmônica.

Quando se lida com uma questão conflituosa, de acordo com os ensinamentos de SÁ, não se busca a solução do conflito, mas sua superação, conforme já analisado. Há, portanto, o início de uma reflexão sobre como a racionalidade não é suficiente para superar os conflitos ou paradoxos sociais. É ela que os cria, mas não é capaz de solucioná-los.

O foco do diálogo deve ser sempre o seu amadurecimento nas relações interpessoais, que poderá conduzir a algo novo. Nesse caminho de amadurecimento do diálogo, muitas vezes o grupo vive o processo de suspensão de pressupostos, todavia, sem ter a clareza do que está acontecendo.

É possível imaginar que, se o grupo de fato entendesse e concordasse com a técnica de supressão de pressupostos, seria capaz, ao longo da prática, de perceber conscientemente o processo e, assim, tirar maior proveito dele.

Além disso, poderia, quem sabe, se aprofundar ainda mais naquilo que une todos os participantes do grupo, e avançar no entendimento de que, independentemente da realidade vivida, das condições materiais, dos discursos e das opressões, há algo em comum, que não é imposto e não cega para as diferenças concretas existentes, mas que, sobretudo, possibilita a construção de algo novo.

---

de um conteúdo comum, um significado compartilhado, à medida que todos percebem que passam pelo mesmo processo.

Neste sentido, cabe a sugestão concreta de que os participantes do GDUCC passem a ter clareza sobre a possibilidade de propriocepção dos pensamentos. Não se trata de um aprofundamento teórico sobre toda a teoria de BOHM a respeito do pensamento – aprofundamento este que apenas se pode esperar dos coordenadores do grupo. Trata-se, sim, da possiblidade de uma introdução simples e didática ao tema, seguindo-se a aplicação prática da *técnica* de suspensão dos pressupostos.

Poder-se-ia, por exemplo, pedir que, antes do início do diálogo em si, os participantes observassem por algum tempo – de três a cinco minutos, talvez – os próprios pensamentos e movimentos internos. A seguir, pode-se pedir que as pessoas permaneçam atentas às sensações e sentimentos que surgirem *ao longo do diálogo*, principalmente com o confrontamento das opiniões, e depois criassem um ambiente em que tais conteúdos internos pudessem ser externalizados.

Ter-se-iam, assim, três momentos: uma observação anterior ao diálogo; uma observação durante o diálogo; e a partilha ao final, em que, para além de descrições sobre os movimentos internos do primeiro e do segundo momento, seria possível verificar *em que medida* o diálogo trouxe impactos aos movimentos internos. Seria, neste sentido, um chamado à atenção não apenas ao diálogo em si, mas a todo o movimento interno, despertado pelo diálogo em cada participante. Haveria, enfim, um ganho em relação ao amadurecimento, pois todos poderiam perceber, em nível profundo, o quanto compartilham do mesmo processo.

III. CONCLUSÃO

BOHM, em sua teoria sobre a ordem implicada, busca uma explicação para os fenômenos físicos, mas também para os fenômenos sociais e a forma como as pessoas têm lidado com as questões complexas da existência humana.

As guerras, a fome, as destruições ambientais, as lutas entre diferentes grupos, e toda espécie de violência, segundo o autor, são advindas de uma forma de pensar que considerada *incoerente*. A incoerência surge do fato de que a ordem implicada não é levada em consideração nos diferentes âmbitos da vida humana. A realidade é narrada somente a partir dos fatos que são explicados, ou seja, aqueles que podem ser percebidos pelos sentidos.

A ciência foi uma grande contribuidora para o processo de fragmentação. Com o desenvolvimento da tecnologia, e com áreas do saber cada vez mais específicas, o ser humano foi perdendo a finalidade primeira da filosofia, a descoberta da verdade. Tal conduta, segundo BOHM, tem implicações muito sérias, pois a incoerência entre os conhecimentos adquiridos deixou de ser vista como um problema.

A importância da divisão das matérias para o conhecimento científico é evidente. Todavia, o autor argumenta que as partes separadas deveriam ter como finalidade formar um todo coerente, o que não acontece. Pelo contrário, a comunidade científica se mostra bastante fechada quanto a conhecimentos que pareçam desafiar aqueles já considerados verdadeiros. Dessa forma, cada área do conhecimento e cada vertente de pensamento se apega às suas teorias de forma inflexível, querendo atrair para si a posição de detentores da verdade.

Tanto nas ciências da natureza, quanto nas humanidades, há uma enorme disputa por narrativas, fazendo com que muitos cientistas nem mesmo consigam conviver pessoalmente, diante das discordâncias teóricas. As teorias, tomadas como verdades, impedem, então, que de fato se consiga avançar para um conhecimento total. Nesse sentido, o autor aponta para diferentes aspectos da existência, inclusive para a linguagem, pois é por meio dela que os pensamentos são construídos.

Para BOHM, há uma ideia de ordem possível, aquela que engloba tanto a realidade manifesta ou explicada, quanto a realidade imanifesta ou implícita. É preciso que se entenda que a realidade não pode ser explicada apenas por aquilo que os sentidos conseguem captar. Na analogia do autor, a realidade manifesta é apenas uma fotografia, ou seja, é apenas uma

representação de uma parcela da realidade, que, apesar de ser verdadeira, não representa a totalidade ou o holomovimento.

Na analogia do holograma, BOHM traz a ideia da totalidade: cada ponto representa não apenas uma parte, mas o todo. Em cada aspecto da realidade, há uma totalidade imanifesta. Em cada situação desafiadora da sociedade, é preciso que se busque sua verdade a partir de um olhar que, ao menos, tenha como meta a integridade.

O diálogo é o caminho proposto para o desvendamento da realidade social em sua completude. Segundo o autor, as questões desafiadoras da sociedade acontecem, principalmente, em razão das divisões dos grupos sociais. As pessoas costumam se dividir, assim como a comunidade científica, em razão de diferentes visões sobre o mundo e sobre a verdade. Raça, gênero, idade, nacionalidade, classe social e religião, por exemplo, são divisões que, quando defendidas de forma rígida, levam a mais divisões e mais caos.

Não é incomum que as pessoas defendam algumas dessas divisões, a partir de suas opiniões, de forma tão dura que se sentem pessoalmente atacadas quando outras pessoas não concordam. É como se contradizer uma opinião fosse o mesmo que insultar o interlocutor. Dessa forma, a comunicação parece se tornar cada vez mais difícil e, apesar de toda a tecnologia desenvolvida no sentido de diminuir a distância entre as pessoas, é cada vez mais comum que cada um fale apenas para si, ou para um grupo muito pequeno que consigo concorda, naquilo que BUBER considera como um monólogo disfarçado de diálogo.

Todavia, toda essa luta opinativa, toda essa disputa pela narrativa da verdade, tem causado e reproduzido todo tipo de desordem social. Uma das principais conclusões de DAVID BOHM, neste ponto, é que a sociedade não sabe, exatamente, contra o que está lutando. As pessoas conseguem ver e sentir todo o caos, as guerras e as destruições, a fome e os conflitos, mas não conhecem, profundamente, a fonte de tamanhos desarranjos. Por não conhecerem a fonte, se mantêm tentando limpar a sujeira, sem fechar a torneira da qual segue jorrando água suja.

A harmonia só poderá ser vislumbrada a partir da coerência. O caos social tem sua fonte na ausência de coerência, ou seja, por mais que o ser humano lute para a superação dos conflitos sociais, parece estar sempre reproduzindo e reforçando essas situações e, para BOHM, é o pensamento o grande responsável por essa ordem de coisas.

O pensamento parece ser um produto da realidade, ou seja, a realidade é narrada a partir do pensamento, mas ele não influencia diretamente nos fatos, apenas é influenciado por eles. Todavia, segundo BOHM, essa visão sobre o pensamento é um grande erro. O autor acredita que o pensamento é *participativo*. Isso quer dizer que o próprio pensamento é responsável pela criação das situações que tenta solucionar.

A formação do pensamento é feita a partir da memória, criando representações para o mundo. As representações são como as teorias científicas: formas fragmentadas de enxergar a realidade, podendo, até mesmo, ser falsas, criadas a partir de memórias distorcidas. O pensamento cria a realidade a partir das representações.

O paradoxo observador-observado é de extrema importância para se entender as ideias do autor sobre o pensamento. Na medida em que as fragmentações externas são internalizadas, o ser humano passa a se perceber como "vários dentro de um só". É como se seus pensamentos viessem de diferentes fontes, sendo apenas uma delas o seu verdadeiro *eu*, ou seja, o observador. BOHM argumenta que é impossível que tal divisão ocorra. Há uma mesma fonte para todos os pensamentos, e o próprio *observador*, aparentemente distante e "isento", é apenas mais um pensamento reiterado e fragmentado.

Todavia, por não entender o movimento do pensamento, a humanidade continua a utilizá-lo como se ele fosse neutro. Tal neutralidade faz com que as pessoas considerem que todos os problemas são externos a si e a sua forma de representar a realidade. É assim que, todos os dias, a humanidade tenta se utilizar de seu pensamento racional para lidar com questões sociais complexas; todavia, tais desafios não têm sido superados, e a sociedade parece viver, cada vez mais, um clima de divisões e disputas, cujo final ainda está longe de aparecer no horizonte.

Nesse aspecto, BOHM separa aquilo que chama de *problema* dos *paradoxos sociais*. Segundo o autor, os problemas podem, de fato, ser resolvidos a partir do pensamento racional, do "cérebro antigo", aquele em que as ameaças são as advindas do exterior, como a luta por sobrevivência diante de uma situação de risco com um animal selvagem, ou a caça por alimento. Todavia, com o desenvolvimento da sociedade e a complexificação das relações, não é possível que todas as questões sejam resolvidas a partir da lógica de sobrevivência externa.

A sociedade criou grandes estruturas para proteger o ser humano da própria natureza e de suas próprias mazelas. Acontece que, mesmo nesse mundo de extrema complexidade,

as pessoas continuam a tentar superar as grandes crises a partir de um pensamento racional e fragmentário, que não se abre aos paradoxos. Por isso, para o autor, os paradoxos não serão superados a partir do pensamento, já que ele é, na realidade, o grande responsável pela crise que se propõe a superar.

É aí que o diálogo entra em cena. O diálogo é a possibilidade de se entender quais são as consequências do pensamento, quais as divisões causadas e de que forma superar esse estado de coisas. A postura dialógica, a partir da técnica da *supressão dos pressupostos*, permite que todos os participantes do diálogo percebam, de forma clara, que vivem o mesmo processo psíquico-emocional ao defender suas opiniões.

Não importa de qual lado se esteja, não importa a que grupo se pertença: quando se defende uma opinião de forma inflexível, todos vivem o mesmo processo, um processo com o qual se está tão acostumado que nem se percebe que ele existe. As pessoas não são mal-intencionadas. De fato, há o desejo de se viver em um ambiente melhor, mais pacífico e harmonioso, todavia a incoerência na comunicação não tem permitido que se avance muito. Essa incoerência vem do fato de que não se dá atenção ao processo de pensamento e, assim, não se percebe a dificuldade na comunicação.

É por isso que a *autopercepção* ou *propriocepção do pensamento* permitirá que as pessoas criem, a partir de um diálogo sincero, autêntico e vertical, uma consciência participativa e, por consequência, de significados coerentes. Comunicar é fazer algo juntos, algo em comum. A possibilidade de criação de uma terceira via necessita, antes de tudo, da coerência.

É preciso entender que os conteúdos internos são muito complexos, têm fontes muitas vezes desconhecidas, e que defender as opiniões de forma rígida não faz sentido na criação de algo novo, uma realidade que permita ao ser humano caminhar em direções realmente inovadoras. BOHM afirma que, se as pessoas se abrissem para viver a experiência de atenção total ao pensamento, nos grupos de diálogo, poderiam também ter a experiência dos *atos de percepção* ou *insights*, ou seja, de viver um novo conhecimento, realmente criativo. Mas isso só é possível quando, desapegando-se das crenças arraigadas, as pessoas se permitam uma abertura verdadeira ao novo.

Desapegar das crenças, importante frisar, não quer dizer abrir mão delas, ou mudar de opinião. Se fosse assim, o diálogo seria um processo muito perturbador e impositivo. Aqui, a ideia é que cada um entenda a importância daquilo em que acredita e como suas

crenças o fazem sentir quando são desafiadas, e compreenda, nesse processo, que o *outro* também vive os mesmos desafios ao se deparar com opiniões contrárias. Em algum momento dessa percepção, as pessoas conseguirão entender que podem trabalhar juntas, mesmo discordando em suas opiniões, pois alcançarão uma terceira via.

A teoria desenvolvida por BOHM, portanto, quando se trata dos paradoxos sociais desafiadores, culmina da prática do diálogo, como caminho possível para o desvendamento de novas possibilidades e harmonização da realidade social.

E ocorre o mesmo na Criminologia Clínica de Terceira Geração, desenvolvida por SÁ.

Ao tratar do fenômeno criminal, uma das questões sociais mais desafiadoras, SÁ propõe o diálogo como caminho possível para a superação dos conflitos e construção de novas possibilidades no âmbito do sistema penal.

A realidade complexa da questão criminal necessita de um olhar ao menos pretensamente total, ou seja, uma visão que se abra aos paradoxos sociais e não se feche, de forma rígida, em representações sociais forjadas pela competição pela narrativa da realidade. O surgimento da punição tal como ela acontece, tendo a pena de prisão como principal forma de repulsa a atos considerados como criminosos, foi uma criação do pensamento humano, de forma a dividir aqueles que cumprem as leis daqueles que as violam.

O cárcere é um grande símbolo das fragmentações sociais, talvez um dos maiores. Nele, a divisão é explícita e muito concreta: há enormes muros e uma ostensiva força policial que garante a manutenção dessa divisão, fazendo com que os encarcerados sejam vistos como os grandes inimigos sociais. Nessa seara, alimentam-se discursos e opiniões extremamente duros.

E, na sociedade capitalista, como “tempo é dinheiro” e as pessoas vendem seu tempo e conhecimento para garantir seu sustento, tomam-se dos presos exatamente esses aspectos de sua vida: seu tempo e conhecimento. A pena privativa de liberdade é medida através de anos, meses e dias: quanto mais grave a conduta, mais tempo de vida se perde. Ademais, o fato de os presos irem para um local fechado, se vestirem de forma exatamente igual e obedecerem a normas absolutamente rígidas durante o cumprimento de pena, retira-lhes a possibilidade de conhecimento de si e do mundo, tornando-os, na expressão foucaultiana, corpos *dóceis*.

A Criminologia Clínica de Terceira Geração é uma teoria transdisciplinar. Conhecimentos do direito, psicologia, psiquiatria, serviço social, dentre outros, além da abertura ao conhecimento humano que se encontra entre e além das matérias formais, são utilizados para o desenvolvimento de uma teoria criminológica que visa ao entendimento da questão criminal de forma complexa, com abertura ao paradoxo.

A criminologia clínica se desenvolveu a partir de estudos do criminoso, tentando se entender aquele sujeito que cometeu o ato desviado como alguém que se diferiria dos demais. De uma abordagem psicológica a uma abordagem multifatorial, a criminologia clínica foi se desenvolvendo. Com SÁ, a Terceira Geração da Criminologia Clínica incluiu na discussão conhecimentos sociológicos, das teorias do conflito e da teoria crítica.

O olhar complexo para a questão criminal se abre ao paradoxo, de forma que os paradigmas da *passagem ao ato* – que busca explicações ontológicas e etiológicas para a ação criminosa e se firma na responsabilidade individual do sujeito – e da *reação social* – que entende o ato criminal como uma construção forjada pelos sistemas de controle (*labelling approach*), baseada nos interesses das classes dominantes, como manifestação de uma relação de poder (criminologia crítica), sem qualquer realidade ontológica – são justapostos, não de maneira simplista, a partir de um holismo imposto, mas de maneira complexa, entendendo-se a existência de fatos sociais dobrados e desdobrados.

Com o desenvolvimento da teoria, a ideia de ator situado se fez de extrema importância. Aquele que cometeu o delito não deve ser mais analisado, mas compreendido, a partir da complexidade de sua realidade, levando em consideração todos os agentes que participaram de sua formação, como a família, a escola, a condição social, o gênero, a raça, a localidade, dentre outros, além das instituições de poder, as normas e a vulnerabilidade social.

O ator situado é cada indivíduo que sofre influências externas, mas também tem, internamente, a capacidade do desenvolvimento moral rumo à sua autonomia. A criminalização cria estigmas profundos, mas, ainda assim, se acredita na possibilidade de desenvolvimento da pessoa, mesmo porque aquele que sofre a persecução penal ou é preso traz em si, assim como todos os indivíduos, a potencialidade de desenvolver e viver uma humanidade sempre mais digna.

A partir dessa crença, não se busca mais, como nas teorias *ressocializadoras*, a conformação dos sujeitos que se envolveram com a prática de delitos à moral social, na

medida em que eles deixam de ser encarados como objetos dentro do processo de criação de uma realidade mais harmônica; pelo contrário, junto com toda a sociedade, são *correponsáveis* por seus atos, pela reparação possível e pela nova direção dada à realidade.

Assim, a Criminologia Clínica de Terceira Geração propõe o processo de *reintegração social*, no qual a sociedade e o cárcere se abrem um para o outro, numa via de mão dupla, num processo dialógico, visando à desconstrução de representações falsas e à construção da possibilidade de uma nova forma de pensar o cárcere e a punição.

Tal processo acontece a partir do reconhecimento de uma história de litígios, que se dá, essencialmente, no nível do pertencimento. A partir do momento em que os grupos divididos da sociedade se propõem à abertura, por meio do diálogo, sem negar os conflitos existentes, mas acreditando ser possível fazer algo apesar das fragmentações, apesar da enorme divisão existente, materializada pelos muros da prisão, é possível se caminhar no sentido da descoberta de uma terceira via.

A experiência do GDUCC é, sem dúvidas, a concretização de todo o esforço teórico da Criminologia Clínica de Terceira Geração. A partir do diálogo desenvolvido dentro das grades das penitenciárias, seja no Estado de São Paulo, seja nas outras experiências espalhadas pelo Brasil, se busca o amadurecimento no diálogo, de forma que as representações que a sociedade cria dos presos, e os presos criam de parcela da sociedade livre, sejam superadas, sem se desconsiderarem os conflitos históricos e as relações de poder existentes.

O que se busca é que o grupo dialogue de forma cada vez mais livre, sem medo de que as opiniões contrárias desmantelem o grupo. O diálogo sincero e autêntico permite que os conflitos sejam encarados frente a frente, sem, todavia, se prender a eles, ou às opiniões divergentes.

O diálogo desenvolvido na Criminologia Clínica de Terceira Geração pode ser considerado menos pretensioso do que o proposto por BOHM – que, afinal, traça propostas destinadas à sociedade como um todo, não se limitando a uma esfera apenas, ao passo que SÁ tem os olhos voltados ao sistema criminal e, mais especificamente, ao cárcere. Todavia, quando se faz uma análise profunda de seus pressupostos teóricos e sua prática, é possível identificar os ganhos apontados pelo físico nos encontros que acontecem atrás das grades das penitenciárias. A academia e a comunidade, quando adentram o cárcere de maneira

aberta, e encontram ali pessoas presas, igualmente dispostas a dialogar, colhem os frutos do diálogo.

Conforme o grupo vai caminhando, os significados compartilhados se tornam cada vez mais claros, o companheirismo difuso é visível, de forma que a comunicação eleva seus níveis de coerência e se torna um campo fértil para novas ideias, *insights* criativos que produzem novas representações. Quando os membros do grupo realmente conseguem se enxergar participando de um mesmo processo, a história de conflitos e separações não desaparece magicamente, pois isso não é possível, mas se cria um espaço, ainda que minúsculo, para o *novo*.

Propositivamente, é possível imaginar que, por meio da incorporação, em seu arcabouço teórico, das discussões de BOHM sobre o pensamento, introduzindo, de maneira prática, o movimento de propriocepção do pensamento e supressão de pressupostos, o GDUCC teria ainda mais ganhos ou, pelo menos, ganhos mais visíveis. Neste sentido, sugere-se que, antes do diálogo, haja alguns minutos de atividade de observação dos próprios pensamentos e movimentos internos, seguindo a manutenção da atenção durante o encontro dialógico e, por fim, a criação de um espaço de compartilhamento dos movimentos interiores experienciados antes, durante e após o diálogo.

Por fim, é também possível afirmar que, como BOHM, SÁ deixou um legado de humildade e busca pelo conhecimento, sem medo de se abrir ao novo e sem a necessidade de radicalismos. Sua mais profunda mensagem segue ecoando, e suas sempre atuais palavras servem de encerramento a esta pesquisa:

> "E uma mensagem que eu diria é a seguinte: tomar cuidado para não se deixar atrair, não se deixar iludir por posições radicais, por apelos radicais, por posições teóricas que sejam excludentes. Procurem sempre ver o todo; isto é impossível, mas saber que você não está vendo o todo, reconhecer que você não está vendo o todo, você não vê a totalidade. Eu diria que a totalidade é inatingível na medida em que você reconhece que a sua visão sempre é fracionada. E é uma questão de humildade, aliás, humildade é uma das características importantes na Ciência: saber que a minha visão é fracionada e não tenho a verdade."[583]

[583] SÁ, Alvino Augusto de. *Entrevista, op. cit*.

IV. Referências Bibliográficas

ANITUA, Gabriel Ignacio. *Introdução: Histórias dos pensamentos criminológicos como histórias do presente de diversos discursos*. In: Histórias dos pensamentos criminológicos. Trad. Sérgio Lamarão. Rio de Janeiro: Revan, 2008.

ARAGÃO, Ana Lúcia Assunção; NAVARRO, Almira. *Diálogos em Diálogo: David Bohm, Paulo Freire e Mikhail Bakhtin*. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Educação em Questão, v. 19, n. 5, jan./abr. 2004, Disponível em:<https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/8646>.

ARAUJO, Fernanda Carolina de. *A teoria criminológica do labelling approach.* Disponível em: <http://www.ibccrim.org.br/novo/boletim_artigo/3468-A-teoria-criminologica-do-%3Ci%3Elabelling-approach%3C-i%3E>.

ARISTÓTELES. *Metafísica*. Livro II. Trad. Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2012.

BARATTA, Alessandro. *Funções instrumentais e simbólicas do Direito Penal: lineamentos de uma teoria do bem jurídico*. In: Revista Brasileira de Ciência Criminais. Ano 2, n. 5, São Paulo: Revista dos Tribunais, 1994.

_____. *Criminologia Crítica e Crítica do Direito Penal: introdução à sociologia do direito penal***.** Trad. Juarez Cirino dos Santos. 3ª ed. Rio de Janeiro: Revan, 2002.

_____. *Criminologia y sistema penal: compilación in memoriam*. Col. Memória Criminológica. Buenos Aires: Editorial B de F Ltda, 2004.

_____. *Ressocialização ou controle social: uma abordagem crítica da 'reintegração social' do sentenciado.* Disponível em: <http://www.egov.ufsc.br/portal/sites/default/files/anexos/13248-13249-1-PB.pdf>.

BECKER, Howard. *Outsiders: estudos de sociologia do desvio*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BETTELHEM, Bruno. *A psinálise dos contos de fadas.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2ª ed., 1979.

BIAGGIO, Angela Maria Brasil. *Kohbelg e a "comunidade justa": promovendo o senso ético e a cidadania na escola.* Revista da Universidade do Rio Grande do Sul - Psicologia e Reflexão Crítica: Porto Alegre, ano/vol. 10, nº 0001.

BISSOLI FILHO, Francisco. *Estigmas da Criminalização – dos antecedentes à reincidência criminal*. Florianópolis: Obra Jurídica, 1998.

BOHM, David. *Diálogo: comunicação e redes de convivência.* São Paulo: Palas Athena, 2005.

_____. *Totalidade e a ordem implicada.* São Paulo: Madras, 2008.

_____. *O pensamento como sistema.* São Paulo: Madras, 2007.

_____. *Sobre a criatividade.* São Paulo: Editora Unesp, 2011.

_____. *O aparente e o oculto*. Estudos Avançados, 4(8), p. 188-198. Entrevista concedida a Alberto Luiz da Rocha Barros, do Instituto de Física da USP, em 08/03/1983, no Birkbeck College, University of London. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141990000100014>.

BOHM, David; FACTOR, Daniel; GARRETT, Peter. *Dialogue: a proposal*. Disponível em: <http://www.humiliationstudies.org/documents/BohmDialogue.pdf>.

BRACCO, Bruno Amabile. *Carl Jung e o Direito Penal*. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2013.

BRAGA, Ana Gabriela Mendes; BRETAN, Maria Emília Accioli Nobre. Teoria e prática da reintegração social: o relato de um trabalho crítico no âmbito da execução penal. In: SÁ, Alvino Augusto de; SHECAIRA, Sérgio Salomão. Criminologia e os problemas da atualidade. São Paulo: Atlas, 2008.

BRAITHWAITE, John. *Crime, shame and reintegration*. New York: Cambridge University Press, 1999.

BRISOLLA, Carlos Eduardo de Barros. *Labelling e Estigmatização – novas teorias em criminologia.* São Paulo: Julgados do Tribunal de Alçada de São Paulo, out/dez, 1974.

BUBER, Martin. *Do diálogo e do dialógico.* São Paulo: Perspectiva, 2009.

_____. *Eu e Tu*. Trad. Newton Aquiles von Zuben. 5ª ed. São Paulo: Centauro, 2001.

CAMPBELL, Joseph. *O Herói de Mil Faces*. Trad. Sobral, Adail Ubirajara. São Paulo: Pensamento, 1989.

CAPRA, Fritjof. *A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos*. Trad. Newton Roberval Eichemberg. São Paulo: Editora Cultrix.

CARVALHO, Ana Cecília; ARAÚJO, Marcelo Cunha de; e outros. *A Metafísica Freudiana da Vingança e o Direito Penal – uma interseção reveladora dos fundamentos necessários de uma teoria do crime adequada.* Revista Jurídica do Ministério Público do Rio de Janeiro – De Jure, n. 9, jul/dez, 2007.

CARVALHO, Rodrigo França. *Além das nuvens e dos relógios: a percepção da realidade em David Bohm.* SCIENTLE STUDIA, São Paulo. V. 14, n. 2, p. 409-433, 2016.

CHIBENI, S. *A Interpretação da Mecânica Quântica*. Disponível em <http://www.comciencia.br/reportagens/fisica/fisica04.htm>.

COULIANO, Ioan. *Introdução*. In: ELIADE, Mircea; COULIANO, Ioan P. Dicionário das Religiões. Trad. Ivone Castilho Benedetti. 2ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

COVOLAN, F.C.; GONZALEZ, E.T.Q. *O culturalismo jurídico de Goffredo Silva Telles Junior.* Disponível em: <http://www.conpedi.org.br/manaus/arquivos/anais/bh/everaldo.pdf>.

CYMROT, Danilo. *As origens da pena privativa de liberdade e o seu significado na estrutura social brasileira*. In: SÁ, Alvino Augusto de; TANGERINO, Davi de Paiva Costa; SHECAIRA, Sérgio Salomão (coord.). *Criminologia no Brasil: história e aplicações clínicas e sociológicas.* Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

DIAS, Jorge de Figueiredo; ANDRADE, Manuel da Costa. *O homem delinquente e a sociedade criminógena.* Coimbra: Coimbra, 1997.

DEMO, Pedro. *Metodologia Científica em Ciências Sociais*. 3ª ed. revista e ampliada. São Paulo: Atlas, 1995.

SANTOS, Mario Ferreira dos. *Filosofia da crise*. São Paulo: É Realizações, 2017.

FRANCO, Juan Carlos Ruiz. Disponível em: <http://www.monografias.com/trabajos99/david-bohm-fisico-heterodoxo/david-bohm-fisico-heterodoxo2.shtml>.

FREIRE JR, Olival; PATY, Michel; ROCHA BARROS, Alberto Luiz da. *David Bohm, sua estada no Brasil e a Teoria Quântica*. Estudos Avançados, 8(20), 1994, p. 53-82, p. 53. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141994000100012>.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da Liberdade.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

_____. *Pedagogia da autonomia.* 25ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. *Pedagogia do oprimido.* 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FROMM, Erich. *The art of loving.* New York: Harper, 1956.

_____. *O coração do homem: seu gênio para o bem e para o mal.* Trad. Octavio Alves Filho. 6ª ed. Rio de Janeiro: Zohar, 1977.

GADOTTI, Moacir; FREIRE, Paulo; e GUIMARÃES, Sérgio. *Pedagogia: diálogo e conflito.* 4ª ed. São Paulo: Cortez, 1995.

GIRARD, René. *Eu via Satanás cair como um relâmpago*. Trad. Martha Gambini. São Paulo: Paz e Terra, 2012.

GOFFMAN, Erving. *Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.

GUÉNON, René. *O Reino da Quantidade e os sinais dos tempos*. Trad. Luiz Pontual. São Paulo: Irget, 2015.

HULSMAN, Louk; CELIS, J. B. *Penas perdidas*. Niterói: Luam, 1993.

HUSSERL, Edmund. *A crise das ciências modernas como expressão da crise radical da vida da humanidade europeia*. In: A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental. Trad. Diogo Falcão Ferrer. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

KRISHNAMURTI, J; BOHM, David. *A eliminação do tempo psicológico.* Diálogos entre J. Krsihnamurti e David Bohm. Trad. Claudia Gerpe Duarte. São Paulo: Cultrix, 1985.

LA TAILLE, Yves de. *Desenvolvimento humano: contribuições da psicologia moral.* São Paulo: Psicologia USP, 2007, v. 18, n. 1.

LA TAILLE, Yves de; CORTELLA, Mario Sergio. *Nos labirintos da moral*. Campinas: Papirus 7 Mares, 2013.

LEHNER, Christoph. *Parte II – Implicações filosóficas da teoria quântica: o realismo de Einstein e sua crítica da mecânica quântica*. In: FREIRE JR, O., PESSOA JR, O., e BROMBERG, JL., orgs. Teoria Quântica: estudos históricos e implicações culturais [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2011, p. 187. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/xwhf5/pdf/freire-9788578791261-09.pdf >.

LOIOLA, Sérgio Almeida. RESENHA: *BOHM, David. A totalidade e a ordem implicada: uma nova percepção da realidade.* Boletim Goiano de Geografia, Instituto de estudos sócio-ambientais: Goiás, 2004, v. 24, n. 1-2, p. 107-113. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/bgg/article/viewFile/4137/3640>.

LOPES, Ricardo Ferraz Braida. *O estigma social da perpetuidade dos antecedentes criminais*. Disponível em: <http://www.ibccrim.org.br/novo/artigo/10609-O-estigma-social-da-perpetuidade-dos-antecedentes-criminais>.

MARTINS, Isabela do Rosário Lisboa. *Labelling Approach Tupiniquim: uma análise compensatória à compreensão criminológico-radical.* Disponível em: <http://www.ibccrim.org.br/novo/artigo/10707-Do-%C2%93Labeling-Approach-Tupiniquim%C2%94-%C2%96-uma-analise-compensatoria-a-compreensao-criminologico-radical>.

MORIN, Edgar. *Da necessidade de um pensamento complexo.* Trad. Juremir Machado da Silva. Disponível em: <http://www.rogerioa.com/resources/Cult1/necessidade.pdf>.

NICOLAU, M. *As metáforas quânticas aplicadas às organizações*. Revista eletrônica Temática. Disponível em <http://www.insite.pro.br/2005/33AsmetAforasquanticas.pdf>.

NUCCI, Larry. *Psicologia moral e educação: para além de crianças "boazinhas".* University of Illinois at Chicago - Educação e Pesquisa: São Paulo, v.26, n.2, p. 81, jul./dez. 2000.

OLIVEIRA, Cínthia Roso. *A importância da percepção total para David Bohm*. Disponível em <http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/semanadefilosofia/XI/4.pdf>.

ORTEGA Y GASSET, José. *A rebelião das massas*. Trad. Felipe Denardi. Campinas: Vide, 2016.

PENNA, Eloisa M. D. *O Paradigma Junguiano no Contexto da Metodologia Qualitativa de Pesquisa*. São Paulo: Psicologia USP, 2004.

PETER FILHO, Jovacy. *Coculpabilidade e vulnerabilidade: considerações a partir de um realismo jurídico-penal*. In: SÁ, Alvino Augusto de; TANGERINO, Davi de Paiva Costa; SHECAIRA, Sérgio Salomão (coord.). *Criminologia no Brasil: história e aplicações clínicas e sociológicas.* Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

PIRES, Álvaro Penna. *A racionalidade penal moderna, o público e os direitos humanos.* Novos Estudos – CEBRAP. N. 68, março de 2004.

_____. *La criminologie et ses objets paradoxaux: réflexions épistémologiques sur un nouveau paradigme*. In: Revue Déviance et Société, 17(2), 1993.

_____. *Sobre algumas questões epistemológicas de uma metodologia geral para as ciências sociais*. In: PIRES, Alvaro et. al. *Pesquisa Qualitativa. Enfoques epistemológicos em etodológicos*. Petrópolis: Vozes, 2008.

_____. *Introduction. Les peines radicales: construction et 'invisibilisation' d'un paradoxe*. In: MEREU, Italo. *La Mort comme Peine*. Trad. Madaleine Rossi. Bruxelles: Larcier, 2012.

PIRES, Álvaro; CAUCHIE, Jean-François. *Um caso de inovação "acidental" em matéria de penas: a lei brasileira de drogas.* São Paulo: Revista Direito GV, jan-jun 2011, n. 13.

PONCZEK, Robert Leon. *Os grandes paradoxos da teoria quântica*. In.: Deus ou seja a natureza: Spinoza e os novos paradigmas da física [online]. Salvador: EDUFBA, 2009. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/3bm/pdf/ponczek-9788523209049.pdf>.

PRADO, Lídia Reis Almeida. *O juiz e a emoção: aspectos da lógica da decisão judicial*. 2ª. ed. Campinas: Millenium, 2003.

QUIRINO, Mateus Catriani. *O mesmo discurso de sempre.* Disponível em: <http://www.ibccrim.org.br/novo/boletim_artigo/3425-O-mesmo-discurso-de-sempre>.

REBOUÇAS, Fernando. *Estigma e identidade social.* Disponível em: <http://www.infoescola.com/sociologia/estigma-e-identidade-social/>.

ROCHA, J B. Resenha do livro *O Ser Quântico: uma visão revolucionária da natureza humana e da consciência, baseada na nova física*. Pesquisa Psicológica (Online), Maceió, ano 2, n. 1, julho de 2008. Disponível em <http://www.pesquisapsicologica.pro.br>.

RODRIGUES, Maria Lúcia. *Caminhos da transdisciplinaridade – fugindo a injunções lineares*. Disponível em: < http://www.nemesscomplex.com.br/conteudos?id=22/caminhos_da_transdisciplinaridade_-_fugindo_a_injuncoes_lineares>.

RONDON FILHO, Edson Benedito. *Polícia e minorias: estigmatização, desvio e discriminação.* Dilema*:* Revista de Estudos de Conflito e Controle Social, vol. 6, n. 2, abril/jun 2013.

SAAVEDRA, Giovani Agostini; RIPOLL, Joana Cavedon. *Espaço social e estigmatização: um estudo de criminologia do reconhecimento.* In: Ciências penais: perspectivas e tendências da contemporaneidade. Curitiba: Juruá Editora, 2011.

SÁ, Alvino Augusto de. *Algumas questões polêmicas relativas à psicologia da violência*. Rio de Janeiro: Revista Ultima Ratio, ano 1, n. 0, 2006.

_____. *A reintegração social dos encarcerados: construção de um diálogo em meio às contradições.* Boletim IBCCrim, ano 19, n. 223, p. 7-8, Junho/2011.

_____. *Crimes Ambientais: ensaiando algumas reflexões clínico criminológicas*. In: SÁ, Alvino Augusto de; SHECAIRA, Sérgio Salomão. *Criminologia e os problemas da atualidade*. São Paulo: Atlas, 2008.

_____. *Criminologia Clínica e Execução Penal – proposta de um modelo de terceira geração.* São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2015.

_____. *Criminologia Clínica e Psicologia Criminal.* 2ª ed. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2010.

_____. *Desafios da Execução Penal frente aos processos de construção da imagem do inimigo.* Revista Brasileira de Ciências Criminais, n. 99, p. 215-238, 2012.

_____. *Do viés médico-psicológico ao viés crítico da Criminologia Clínica: mudanças no enforque interpretativo dos fatores apontados nos exames criminológicos*. In: SÁ, Alvino Augusto de; TANGERINO, Davi de Paiva Costa; SHECAIRA, Sérgio Salomão (coord.). *Criminologia no Brasil: história e aplicações clínicas e sociológicas.* Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

_____ et. al (org). *GDUCC – Grupo de Diálogo Universidade-Cárcere-Comunidade*. Brasília: Ministério da Justiça, 2013.

_____. *O conversador da Praça da Sé*. Boletim Instituto Brasileiro de Ciências Criminais, ano 21, n. 244, março/2013.

_____. *Transdisciplinaridade e responsabilidade da academia na questão penitenciária*. Revista Transdisciplinar de Ciências Penitenciárias, 2(1):15-32, Jan-Dez/2003.

_____. *Vitimização no sistema penitenciário*. Revista Conselho Nacional de Política Criminal e Penitenciária, Brasília, *I*(8):15-32, jul/dez, 1996.

_____. *Entrevista*. Revista Liberdades. Edição n. 22, maio/agosto de 2016. Entrevista concedida a Jéssica Pascoal e Natália Macedo Sanzovo.

SÁ, Alvino Augusto de; SHECAIRA, Sergio Salomão; TANGERINO, Davi de Paiva Costa (coord.), *Criminologia no Brasil: história e aplicações clínicas e sociológicas.* Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

SANTOS, Juarez Cirino. *A Criminologia Radical*. Curitiba: ICPC: Lúmen Júris, 2008.

SALVADOR NETTO, Alamiro Velludo. *Criminalidade Moderna versus Criminalidade de Massa*. In: SÁ, Alvino Augusto de; SHECAIRA, Sérgio Salomão. *Criminologia e os problemas da atualidade*. São Paulo: Atlas, 2008.

SCHMIDT, Patrick. *What we hear is meaning too: deconstruction, dialogue and music*. Indiana University Press: Philosophy of Music Education Review, Vol. 20, No. 1 (Spring 2012), pp. 3-24. Disponível em <http://www.jstor.org/stable/10.2979/philmusieducrevi.20.1.3>.

SHECAIRA, Sergio Salomão. *Criminologia*. 2ª. ed. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2008.

_____. *Exclusão moderna e prisão antiga*. In: SÁ, Alvino Augusto de; TANGERINO, Davi de Paiva Costa; SHECAIRA, Sérgio Salomão (coord.). *Criminologia no Brasil: história e aplicações clínicas e sociológicas.* Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

_____. *Pena e política criminal. A experiência brasileira.* In: SÁ, Alvino Augusto de; SHECAIRA, Sérgio Salomão. *Criminologia e os problemas da atualidade*. São Paulo: Atlas, 2008.

SHIMIZU, Bruno. *Um panorama crítico sobre o pensamento criminológico clínico no Brasil*. In: SÁ, Alvino Augusto de; TANGERINO, Davi de Paiva Costa; SHECAIRA, Sérgio Salomão (coord.). *Criminologia no Brasil: história e aplicações clínicas e sociológicas.* Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

SIQUEIRA-BATISTA, Rodrigo; HELAYËL-NETO, José Abdalla. *A mecânica quântica de David Bohm*. Vértices: 2008, v. 10, n. 1/3, jan/dez, p. 57-62. Disponível em <http://www.essentiaeditora.iff.edu.br/index.php/vertices/article/view/1809-2667.20080005>.

SMITH, Wolfgang. *Ciência e mito*. Trad. Pedro Cava. São Paulo: CEDET, 2014.

SUPPE, F. A. *Busca por uma Compreensão Filosófica de Teorias Científicas.* Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/df/opessoa/Suppe-Resumo.pdf>.

TESSER, GELSON JOÃO. *Principais linhas epistemológicas contemporâneas.* Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40601994000100012>.

VILAÇA, Márcio Luiz Corrêa. *Pesquisa e ensino: considerações e reflexões.* Revista do Curso de Letras da UNIABEU, Nilópolis, v. I, Número2, Mai/Ago, 2010. Disponível em <http://www.uniabeu.edu.br/publica/index.php/RE/article/viewFile/26/pdf_23>.

VITORINO, Gilvan. *A estética da criminalização.* Disponível em: <http://www.ibccrim.org.br/novo/artigo/10703-A-estetica-da-criminalizacao>.

WAKING Life. Direção: Richard Linklater. Taxas, EUA: 2002. Longa-metragem.

ZAFFARONI, Eugenio Raul. *El enemigo en el derecho penal*. Rio de Janeiro: Editora Revan, 2007.

ZAMPRONIO, Adriano Varella. *Prisão: a estigmatização humana.* Disponível em: <http://www.jurisway.org.br/v2/dhall.asp?id_dh=4871>.